

DAN KROKOS

LADRÕES DE PLANETA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LADRÕES DE PLANETA

DAN KROKOS





Editora: Flavia Lago
Assistente editorial: Natália Chagas Máximo
Tradução: Augusto Calil
Preparação: Trisco Comunicação
Revisão: Alessandra Miranda de Sá
Diagramação: Ana Solt
Ilustração de capa: Eduardo Schaal

Ladrões de planeta
Título original: The Planet Thieves
© 2013 Dan Krokos
© 2013 Vergara & Riba Editoras S/A
www.vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO

LIVRO, SP, BRASIL)

S928c

Krokos, Dan

Ladrões de planeta [livro eletrônico] / Dan Krokos; [tradução Augusto Calil]. -- São Paulo : V&R Editoras, 2013.

713 Kb; ePUB

Título original: Planet thieves.

ISBN 978-85-7683-594-3

1. Ficção científica -

Literatura juvenil 2.
Ficção norte-americana
I. Título.

13-
11152 028.5

CDD.

Rua Cel. Lisboa, 989 – V. Mariana
CEP 04020-041 – São Paulo / SP
Tel./Fax: (55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

O TROTE QUE MASON STARK aplicou na irmã estava destinado ao fracasso desde o início. Para começar, ele nem deveria estar na ponte de comando. Os cadetes de treze anos ou menos eram proibidos de frequentar quaisquer seções da nave consideradas “importantes para o combate”. Com isso, restavam apenas os alojamentos da tripulação, refeitório, sala de ginástica e certos corredores: esses eram os únicos espaços que tinham permissão para frequentar. Às vezes, a tenente-comandante Susan Stark, irmã de Mason, levava-o para visitar os andares que abrigavam a seção de engenharia, mas nada além disso.

Os trotes eram uma novidade, nascida do mais puro tédio. O mais recente deles, envolvendo o cadete Tom Renner, um colega que, de acordo com Mason, precisava experimentar aquilo que a Academia I chamava de “humildade diante da glória”, tinha terminado mal. O lábio de Mason já estava quase cicatrizado, mas o olho esquerdo de Tom ainda se mostrava um pouco amarelado por causa da pancada.

Em sua defesa, Mason podia alegar que não havia muito que os dezoito cadetes pudessem fazer numa nave em cuja maior parte das dependências eles eram proibidos de circular. É claro que, quando não tinha ninguém olhando, apostavam corridas nos corredores ou inventavam batalhas de mentira entre si, mas eles já estavam cansados daquilo. E Mason não aguentava mais a tripulação, que caçoava dos cadetes e os mandava parar com as brincadeiras. Ele já tinha anos de treinamento, mas era obrigado a posar de estátua apenas para acumular as horas necessárias de voo espacial exigidas para o trimestre do verão.

Outro motivo pelo qual seu trote só poderia dar errado: Mason não sabia que, de sua cabine pessoal, a capitã Renner iria disparar um alerta amarelo em plena madrugada. Ecoando por toda a nave, a voz dela fez com que ele derrubasse o último parafuso que tinha removido da cadeira de Susan. A forte luz branca na ponte de comando mudara para um amarelo piscante. Em circunstâncias normais, a ponte ficava sob o controle do computador das três às seis horas. Mas, com o alerta, receberia todos os oficiais e imediatos em questão de minutos –

uma hora antes do horário habitual.

É claro que isso fez Mason imaginar o que poderia ter perturbado a capitã – e a nave – no meio da madrugada.

Ele sabia que não poderia ser algo bom.

O último motivo do fracasso certo de seu trote: Susan costumava ser a primeira pessoa a chegar à ponte de comando todas as manhãs. Ela gostava de configurar seu console de engenharia e beber uma xícara de café sintético logo cedo, enquanto olhava pela grande redoma transparente que separava a ponte do vazio gelado do espaço.

Ela acabaria caindo da cadeira enquanto estivesse sozinha. Não haveria ninguém presenciando a cena. Mais tarde, talvez ela risse, talvez prendesse Mason em algum lugar e esfregasse os nós dos dedos no couro cabeludo dele até fazê-lo arder.

Em vez disso, os oficiais correram para a ponte de comando ainda com as marcas do travesseiro no rosto, e Mason se jogou atrás do console de pilotagem à esquerda da parte frontal da redoma. Era o melhor lugar para se esconder – na verdade, o único disponível. Mas, agora, ele estava o mais longe possível das duas saídas.

– Qual é a proximidade da nave tremista? – perguntou a capitã Renner. O cabelo castanho, normalmente penteado, estava bagunçado. Os olhos pareciam um pouco inchados de sono, mas mantinham o brilho firme e calculista, sem perder nenhum detalhe. – Quanto tempo temos?

A poucos passos de Mason, o imediato Chung pressionou alguns botões no console dos sensores. Mason só conseguia ver as costas do imediato e uma sombra do holograma que havia à frente dele.

– A trajetória anterior era paralela à nossa, mas eles desviaram, aproximando-se trezentos quilômetros, capitã. Agora estão a apenas quarenta mil quilômetros de nós. Recomendo alerta vermelho.

Agachado atrás do console grande como uma mesa, Mason começou a suar frio, por mais que a ponte de comando mantivesse constante a temperatura de 22 graus. O alerta vermelho era disparado apenas quando se esperava que uma nave entrasse em contato com os tremistas. Contato *direto*.

A respeito dos tremistas, Mason tinha uma certeza, e duas dúvidas.

A certeza: os tremistas eram alienígenas determinados a aniquilar a raça humana.

As dúvidas: a tecnologia deles parecia superior e, dependendo da pessoa com quem você conversasse a esse respeito, eles provavelmente venceriam a guerra.

Eram vampiros que usavam uniformes de astronauta com formato humano parecidos com as armaduras dos antigos cavaleiros terrestres. E queriam beber seu sangue. Um colega dele, o cadete Mical, tinha dito que os tremistas também se transformavam em lobisomens, mas Mason duvidava que aquilo fosse verdade.

O imediato Chung pareceu engasgar.

– Estão acelerando. Posição: 35 mil quilômetros e se aproximando. Capitã?

Um bom cadete se levantaria, anunciaria sua presença e seguiria para a prisão da nave, acomodando-se numa cela. Ele não queria distrair a tripulação, já que muito provavelmente poucos sobreviveriam ao ataque tremista – era o que a história indicava. Mas o medo o manteve preso atrás do console. O monitor de sinais vitais incorporado a seu uniforme vibrou junto ao antebraço, um lembrete idiota pedindo a ele que mantivesse a frequência cardíaca mais baixa. “Você está nervoso demais”, dizia a campainha, prestativa. Ele pôs a mão sobre o mecanismo para abafar o som, torcendo para que a tripulação não escutasse.

– Dispare o alerta vermelho – disse a capitã.

A fraca luz amarela foi substituída por um vermelho piscante. A redoma transparente sobre a ponte de comando continuou límpida, mas agora palavras e números furiosos começaram a percorrer seu interior em todas as direções, tendo como fundo a escuridão do espaço.

Mason pressionou o rosto contra o console. O tenente Hill estava sentado ali agora, com poucos passos de plástico e metal a separá-los. Mason olhou para os lados com o canto do olho esquerdo. Susan estava perto da parte de trás da redoma, numa posição diagonal àquela em que ele se encontrava, manuseando o console que ligava a ponte de comando à seção de engenharia.

“Não se sente”, pensou Mason. “Sinto muito, desculpe!”

Susan se sentou na cadeira, que imediatamente desabou de costas, lançando-a para trás numa cambalhota. O café sintético se esparramou por toda parte, manchando o uniforme dela do ombro até a manga.

Todas as quinze pessoas presentes na ponte de comando congelaram onde estavam. Susan se levantou prontamente, piscando os olhos para tirar o café de dentro deles.

– Distância? – perguntou a capitã, obrigando a tripulação a voltar a atenção para as telas.

– Trinta mil quilômetros agora – informou o imediato Chung. – Estão se aproximando, mas sem pressa.

De trás do console, Mason espiou a ponte de comando outra vez. De alguma

maneira, Susan sabia exatamente onde ele estava, encarando-o do outro extremo da ponte. O rosto dela estava vermelho, e não apenas por causa das luzes que piscavam.

– Capitã – disse ela, ajeitando o uniforme ao redor da cintura. Era o mesmo uniforme que todos usavam, incluindo Mason: calças pretas simples, botas pretas de cano alto e uma camisa de manga comprida, também preta. Tecido fino e justo, mas capaz de manter um soldado aquecido ou arejado, dependendo do clima. O símbolo do Comando Espacial Terrestre, um pequeno anel azul dentro de um anel prateado, sempre ficava na altura do coração. O uniforme de Susan tinha também dois círculos azuis no pescoço, indicando sua patente. No de Mason, não havia nenhum.

– Sim? – respondeu a capitã.

Ela não chegou a tirar os olhos de Mason, que nem se mexeu.

– Solicito permissão para retirar meu irmão da ponte de comando e acompanhá-lo até a prisão.

A brincadeira dele tinha chateado a irmã e, pior ainda, a havia distraído num momento em que ela precisaria de todo o seu espírito de luta. Que irmão companheiro ele era.

– Permissão concedida – disse a capitã Renner, sem sequer uma única vez voltar para Mason os olhos frios como aço. Já os outros oficiais trocavam expressões de indignação. Qualquer eventual respeito que os cadetes esperavam conquistar naquela viagem tinha acabado de ser desperdiçado por Mason. – Mas seja rápida – acrescentou.

Mason não estava mais preocupado com a encrenca em que tinha se metido. Um alerta vermelho colocava tudo sob nova perspectiva. Tentando manter o controle, ele recordou os fatos, pois era isso que um soldado faria. Os fatos ajudavam a conservar a calma, dissera a instrutora Bazell. “A lógica é o remédio contra a infestação do medo”, ela gostava de acrescentar. Seja lá qual fosse o significado daquilo. Mas valia a pena tentar.

Então, os fatos:

A *SS Egitó* era a nave almirante da frota, a mais importante delas, ainda que não trouxesse um almirante a bordo. Tinha 745 metros de comprimento, com a forma de um gigantesco H. A perna esquerda desse H era um imenso cilindro contínuo composto por vinte andares, onde a tripulação habitava e trabalhava (e onde ficava a prisão para aqueles que constrangiam a irmã diante dos demais oficiais). A perna direita do H, que também tinha 745 metros, um cilindro idêntico ao do lado esquerdo, abrigava o motor que eles usavam para a viagem

espacial normal. A parte que ligava uma perna do H à outra unia os dois cilindros, e, bem no meio dela, ficava a redoma transparente que cobria a ponte de comando. Ao olhar para fora da redoma, era possível ver os dois cilindros da *SS Egitó* projetando-se no espaço como canhões gêmeos. Canhões do tamanho de arranha-céus.

Era a *SS Egitó*, e ela se mostrava pronta para a batalha. A tripulação não estava passeando pelos corredores como num transporte civil qualquer. No caso de um alerta vermelho, não havia nave melhor do que aquela para se estar a bordo.

Mason chegou à conclusão de que a instrutora Bazell não tinha nenhuma noção do que costumava dizer: os fatos não o fizeram se sentir melhor. Provavelmente porque a irmã tinha cruzado a ponte de comando e agora estava bem diante dele.

Susan agarrou o braço de Mason e o arrastou para longe do console. Todos os olhares se voltaram para ele, até a capitã Renner gritar:

– Quero um teste dos escudos enquanto os tremistas estão fora de alcance!

Susan tirou Mason da ponte de comando e puxou-o pelo corredor, chegando a uma escadaria que os levou ao andar inferior. Uma placa na parede indicava que o alojamento da tripulação ficava à esquerda e a seção de engenharia à direita.

Quando Mason ergueu o rosto, reparou que os olhos da irmã estavam úmidos por causa das lágrimas e do café.

– Sinto muito, Susan. Não era minha intenção atrapalhá-la.

– E qual era a sua intenção? – disse ela com uma voz calma que era pior do que um grito.

Susan o puxou para a esquerda, na direção dos alojamentos. As luzes no teto piscavam num intervalo de poucos segundos, pintando as paredes de vermelho-sangue. Era como se a nave estivesse mostrando à tripulação o que aconteceria se eles falhassem.

– Imaginei que você fosse cair quando não houvesse ninguém olhando. Não sabia que ia pintar um alerta amarelo.

A irmã era tudo que Mason tinha e, se ele pregasse uma peça nela, precisava ser algo que fizesse os dois rirem depois, e não algo que levasse os outros a rir dela. De qualquer maneira, era assim que ele tinha imaginado o Grande Tombo da Cadeira de 2800. Susan era parecida com a mãe, e ele, com o pai: o cabelo e os olhos dela eram tão escuros que pareciam quase pretos, enquanto o cabelo de Mason era castanho-claro, e seus olhos eram tão azuis e brilhantes quanto os

motores da *Egito* em potência máxima.

– Como você poderia ter adivinhado? – comentou ela. – Seja como for, você aprontou uma grande maldade comigo. Sorte que prefiro café morno.

Mason não imaginou que aquilo fosse possível, mas sentiu-se ainda pior: lá estava ela, desperdiçando seu tempo arrastando-o até a prisão. Ela devia estar na ponte de comando, concentrada na vinda dos tremistas.

Um alarme começou a soar no corredor, sincronizado com o piscar das luzes vermelhas.

A voz da capitã se fez ouvir no sistema de comunicação da nave:

– Todos aqueles que não estiverem em suas posições encontrem um lugar para apertar os cintos.

Mason sentiu no braço a mão da irmã ficando tensa.

Susan nunca demonstrava medo nem se deixava abalar. Mason não conhecia direito o significado daquele alarme, mas, se ele tinha provocado uma reação física na irmã, imaginou que a reação dele seria começar a chorar.

– Temos de ficar juntos, não é? – disse Susan em meio ao ruído. Ela o levou a um elevador, que os transportou até a prisão, dois andares abaixo. – Por isso, quero que pense no que fez.

– Susie... – começou Mason. Ele nunca a tinha chamado assim. Jamais.

Susan piscou, mas não sorriu.

– Não se preocupe comigo. Vou ficar bem.

Mason não disse nada. Em poucas horas, Susan o perdoaria com um sorriso e quem sabe encontraria até um jeito de revidar a brincadeira. Não por desejar fazê-lo, mas sim por saber que, se os dois ficassem quites, Mason entenderia que não havia ressentimento entre eles.

Subitamente, as luzes começaram a piscar mais rápido: um alarme vermelho nível dois, significando contato direto em trinta segundos. O coração de Mason batia tão forte que chegava a doer. Ele queria estar em qualquer outro lugar, numa posição em que pudesse ser útil. “Pode me castigar. Coloque-me num canhão.” Aquilo que ele mais temia estava acontecendo agora: esperava pelo momento em que seria jogado no espaço por uma explosão, sem ter a chance de pôr em prática todo o treinamento.

– Temos de nos apressar – disse Susan. Ela soltou o braço dele e os dois começaram a correr pelo corredor. – Você estará a salvo na prisão.

– A salvo?

– É um alerta vermelho, seu tonto. A área é segura – disse a irmã com objetividade.

– Vamos explodi-los em mil pedacinhos? – indagou ele. Era a pergunta de um menino que procura as palavras da irmã para ganhar confiança. Trincou os dentes de vergonha: os recrutas do último ano do nível A1 já eram grandes demais para precisar de palavras de consolo.

Então, a irmã sorriu, com a expressão mais triste que ele já tinha visto no rosto dela. Aquilo o fez sentir um calafrio pelo corpo, especialmente por ela não ter respondido logo dizendo que eles venceriam. Continuaram a correr.

A prisão estava vazia, como sempre, pois os soldados numa nave comandada pela capitã Renner conheciam a importância do respeito às regras. Havia uma pequena mesa vazia para o carcereiro e um longo e estreito corredor com três celas apertadas à esquerda e à direita. Susan pressionou uma rápida sequência numérica nas teclas da tranca e a primeira porta de plástico se abriu à direita, deslizando para o teto. Mason fez menção de entrar, mas Susan agarrou seu braço e o fez girar o corpo para encará-la. Ela era poucos centímetros mais alta que o irmão, que já chegara à marca de 1,65 metro.

– Não quero que se sinta mal – falou ela. Não era algo que Susan dizia com frequência. Normalmente, ela deixava que o irmão se preocupasse por algum tempo antes de desculpá-lo.

– A situação é muito grave? – Mason prendeu a respiração. – Pode falar.

– Ouça bem. Fique aqui e espere até que alguém venha buscá-lo. – Ela pôs as duas mãos nos ombros dele e apertou com mais força do que o esperado. – Você estará em segurança aqui.

– Não quero estar em segurança. – Embora temesse querer de fato estar em segurança, e talvez estivesse até um pouco contente por evitar sua primeira situação de combate. – Susan, o que está havendo?

Mason sentiu a nave acelerar, um zumbido grave que veio do chão e subiu por suas pernas. Percebeu que o corpo se inclinava um pouco para o lado e apoiou o braço na parede.

Susan deu um beijo em sua testa e o empurrou para dentro da cela antes que a porta de plástico deslizesse de volta ao lugar. Lançou para ele um último olhar antes de sair correndo da área da prisão, o mesmo olhar de seis anos antes. Os dois estavam num transporte, e Mason seria deixado na Academia I pela primeira vez. Susan iria um pouco mais longe, para começar o quarto ano na Academia II. Ela tinha 16 anos, e tinha olhado para Mason como se nunca mais fosse vê-lo. Na época, ele não pensara muito naquele momento; estava animado demais para começar a Academia. Mas, agora, o mesmo olhar o fez se sentir ansioso e com frio. As palmas das mãos suavam.

Não havia bancos na cela e, por isso, Mason permaneceu de pé.

Isso mudou poucos segundos mais tarde, quando uma explosão sacudiu a *Egito* e apagou todas as luzes.

AS LUZES DE EMERGÊNCIA FORAM acionadas poucos segundos mais tarde, mas proporcionavam uma iluminação fria e fraca. Mason se levantou, cambaleante, tocando no inchaço cada vez maior que surgira acima da orelha. Um novo alarme ecoou pelos corredores e a *Egito* pareceu inclinar-se sob seus pés, numa forte guinada à direita. Dessa vez, ele estava preparado e usou ambas as mãos para evitar a queda.

Agora que estava “a salvo”, Mason percebeu que não era aquilo o que desejava, algo que lhe deu certo alívio: ninguém gosta de se descobrir um covarde. Em vez de seguro, ele se sentiu preso, e esperar pela morte seria pior do que enfrentá-la diretamente. Com os outros cadetes, se pudesse. A adrenalina percorria seu corpo, quente, sufocando o medo e substituindo-o por uma sensação que os soldados chamavam de “As coisas estão acontecendo!” Então era disso que os instrutores tinham falado todo aquele tempo. Depois de meses de inatividade e tédio, uma súbita ameaça era quase bem-vinda para o soldado. Quase bem-vinda.

Mason deu um tapinha na pele logo abaixo da orelha esquerda para ativar o pequeno comunicador implantado bem ali. Tratava-se de um equipamento padrão, e todos os membros do Comando Espacial Terrestre eram obrigados a ter um. Ele pensou em Tom enquanto ativava o comunicador, abrindo um canal de voz para falar com ele. Tom entendia de computadores mais do que a maioria dos cadetes prontos para deixar a Academia II, e mais do que a maior parte dos membros da tripulação, coisa que Mason não podia negar. Era a última pessoa que ele queria chamar, mas também o único capaz de tirá-lo dali.

Um leve zumbido no ouvido significava que o comunicador estava tocando do outro lado da linha; Mason mordeu o lábio, imaginando se Tom atenderia. Ele só viria até ali se fosse para lhe dar uma bronca sobre os perigos de mexer no equipamento de maneira irresponsável. Com 12 anos, Tom era, tecnicamente, mais novo do que Mason, mas a verdade é que os dois tinham nascido no mesmo hospital com uma diferença de poucas semanas. Os pais de Mason haviam

morrido no primeiro ataque, mas os de Tom, não. Sua mãe era capitã da *Egito*, e o pai era vice-almirante na estação espacial *Olimpo*.

Mason e Tom não conversavam muito, a não ser quando necessário. Tom parecia pensar que sabia tudo porque sua mãe era capitã. Mason discordava. O problema é que o mesmo não acontecia com os demais cadetes. “Eu devia ter ligado para a Merrin”, pensou Mason enquanto o comunicador seguia chamando. Talvez Merrin tivesse dificuldade em tirá-lo dali, mas, ao menos, ela ficaria feliz em vê-lo.

Mason tinha entrado em contato com Tom e os demais cadetes anos antes na Academia I, mas a maioria deles ficava em unidades diferentes e, por isso, ele não chegou a conhecê-los a fundo. Agora que estava se formando na Academia I, fora escolhido para acumular horas de voo espacial a bordo da *SS Egito*, junto com dezessete outros cadetes de anos diferentes. Duas semanas antes, a *Egito* tinha deixado a estação espacial *Olimpo* com dezoito cadetes a bordo, para realizar uma patrulha de rotina que chegaria ao fim com os cadetes desembarcando para outro ano na Academia I. Ou, no caso de Mason, Merrin, Tom, Jeremy e Stellan, a Academia II. E o espetáculo ficava ainda melhor com o treinamento se tornando realidade.

Dez dias atrás tinha acontecido um incidente no qual Tom havia perdido uma corrida porque Mason ativara a magnetização da superfície do corredor no lugar em que ele estava. Os cadetes sentiam-se entediados no meio da noite, e Jeremy tinha dito que era bom em corridas, ao que Tom respondera com algo do tipo:

– Aposto que sou mais rápido.

E Jeremy devolvera:

– Aposto que não é.

Durante a corrida, Mason usou um terminal na parede para ativar a magnetização, sem saber nem mesmo por que fazia aquilo. A magnetização ficou ligada apenas por uma fração de segundo, dando a impressão de que Tom tropeçara sozinho. “Humildade diante da glória.”

Tom se levantou e olhou para as palmas esfoladas, esfregando-as depois contra o uniforme.

– Quem fez isso?

Mason ergueu a mão.

– Fui eu.

Tom acenou com a cabeça enquanto franzia o cenho, como se estivesse avaliando com cuidado a informação. Então, deu um passo adiante e aplicou um soco direto no queixo de Mason. Obviamente, Tom tinha prestado bastante

atenção nas sessões de treinamento de combate corpo a corpo. Mason recebeu o soco porque sabia que todos olhavam e, em seguida, acertou o cotovelo no rosto de Tom.

Depois disso, Jeremy segurou a cabeça de ambos com força suficiente para fazê-los parar.

– Vão acabar metendo todos nós em encrenca – disse.

– Está bem – respondeu Tom. – Mason só está aqui porque os pais dele morreram e não havia nenhum lugar para onde ele ir.

Alguns cadetes ficaram boquiabertos. Mason sentiu algo gelado abrindo-se em seu peito.

Tom respirou fundo, uma expressão atordoada no rosto.

– Não queria ter dito isso – falou ele. – Ei, me desculpe. Fiquei nervoso.

Mason fez um gesto positivo com a cabeça e se esforçou para manter os olhos no rosto de Tom, e não no chão.

– Cumprimentem-se e façam as pazes – ordenou Jeremy.

Eles trocaram um firme aperto de mão. Mason conhecia a sensação de dizer coisas sem pensar, de simplesmente vomitar as palavras e, em seguida, sentir a pesada dor de saber que jamais seria possível retirar o comentário feito.

Apenas dois anos haviam se passado desde que Susan tinha vindo visitá-lo na Academia I e tentado oferecer conselhos úteis, ao que Mason respondera:

– Você não é minha mãe, entendeu?

Os olhos de Susan tinham se enchido de lágrimas, e Mason já havia pedido desculpas mais de mil vezes desde então, mas ainda engasgava com as palavras quando se lembrava do que tinha falado.

De qualquer modo, Tom parara de agir com superioridade após aquela pequena briga seguida pelo aperto de mão. Aquilo não era justamente um exemplo do tipo de aprimoramento pessoal que o ComET tanto incentivava?

DEPOIS DE NOVE CHAMADAS DO comunicador, Tom finalmente atendeu.

– Cadete Stark – disse num tom de voz frio que parecia transmitir toda a irritação que Mason já tinha causado às pessoas durante sua vida inteira. A irritação de toda uma galáxia.

– Oi, Tom. Preciso que venha me tirar da prisão da nave. Por favor. – Ele sentiu o peso do corpo cada vez mais leve sobre as pernas conforme a *Egito* começou um mergulho, até a gravidade artificial compensar o efeito. Se

estavam mergulhando, será que tentavam escapar dos tremistas? Por que não abrir um portal de hiperespaço e desaparecer de uma vez? Mas, pensando bem, não havia nada que impedisse os tremistas de segui-los pelo portal, se já estavam tão perto. E parecia óbvio que tinham se aproximado bastante.

– O que está fazendo na prisão? – A voz de Tom revelava impaciência, como se Mason o tivesse interrompido no meio de um grande projeto que exigisse toda a sua atenção.

– Minha irmã me pôs aqui.

– Então, acho melhor ficar aí até que sua irmã ou minha mãe possam ir libertá-lo. Duvido que tenham lhe concedido permissão para usar o comunicador.

Uma resposta típica de Tom. Mason teve vontade de dar um soco na parede. Seis dias após o início da viagem, Mason e alguns colegas conversaram sobre fazer uma visita noturna a uma das cozinhas, pois o cozinheiro tinha preparado um bolo de verdade naquele dia, com ovos e açúcar e tudo o mais. Tom fez uma cara de entediado e, em seguida, recitou todas as regras que eles violariam se fossem adiante com aquele plano. Ninguém comeu bolo. Depois, como se quisesse provar que não se importava apenas com regras e códigos de conduta, Tom foi buscar o bolo ele próprio. Imaginando tal reviravolta, Mason fora mais rápido e buscara o bolo primeiro. Aquilo fez com que ganhasse alguns pontos com os demais cadetes. Mas Mason ainda tinha dificuldade em dizer se Tom era um cadete certinho e frio, ou alguém capaz de relaxar um pouco e se divertir.

Devia ter imaginado que de nada adiantaria pedir ajuda ao filho da capitã.

– Por favor, Tom. E se formos abordados? Os tremistas me matariam sem pensar duas vezes – disse, na tentativa de convencê-lo.

Mas provavelmente era a verdade. A não ser que os tremistas pensassem que um jovem cadete seria útil como refém, eles transformariam Mason num lanche saboroso. Só de pensar em ver um daqueles alienígenas de perto, Mason sentia um calafrio que era uma mistura de fascínio e medo. Ele imaginava qual seria a aparência deles por trás das máscaras espelhadas. Dizia-se que o ComET sabia exatamente como era o rosto deles, mas não compartilhava essa informação com ninguém. Não parecia justo fazer segredo de um inimigo que, se os boatos fossem verdadeiros, queria beber o sangue de Mason ou assumir a forma de lobisomens, ou seja lá qual fosse a fofoca mais recente.

– Eles me matariam, Tom. – Mason acrescentou um pouco de desespero à própria voz.

Tom disse:

– A *Egito* tem apenas duas portas de acesso, ambas fortemente defendi...

– Tom.

– Só se me chamar de Thomas. Eu vivo pedindo isso.

As palavras dele pareciam se misturar aos gritos de outros cadetes: “Cuidado! As garras estão se abrindo! Não, procure um ângulo diferente!” Agora, Mason estava desesperado para ver o que estava ocorrendo.

– Está bem, Thomas! Tire-me daqui!

A linha de comunicação foi cortada. Mason se perguntou se Tom viria mesmo buscá-lo, mas ele chegou trinta segundos mais tarde, acompanhado por Merrin Solace. Bastou vê-la para que Mason sentisse um alívio interior. Merrin era sua única amiga de verdade, a única cadete a bordo que ele conhecia de fato.

Os dois se conheciam desde antes da Academia I. Mason tinha embarcado clandestinamente num cruzeiro para chegar à Academia um ano antes do programado; como membro de uma família de militares, ele tinha vaga garantida. Ficar na Terra para frequentar a escola comum não era uma opção: Mason queria aprender sobre o espaço e ser um soldado como a irmã. Susan já tinha avançado para a Academia II, e Mason estava cansado de esperar pela sua vez. Mas o plano não deu certo: o ComET o mandou de volta para casa, cobrando dele uma multa simbólica, já que ele não tinha pais que pudessem pagar a quantia. Mas Mason e Merrin combinaram de se encontrar no ano seguinte, quando começariam a Academia I para valer. E foi o que fizeram. Desde então, sempre tinham sido amigos.

Merrin era... diferente. O cabelo comprido tinha sido pintado de violeta, para combinar com os olhos, e a pele era tão branca que às vezes Mason conseguia ver os vasos sanguíneos logo abaixo da epiderme. Dependendo da luz, o sangue dela parecia ter a mesma cor de seus cabelos e olhos. Certa vez, Mason perguntou se ela tinha alguma doença, e se esse seria o motivo de sua pele ser tão clara e de seu sangue ter uma cor diferente.

Ela arregalou os olhos. Então, franziu o cenho.

– Não – disse. – E você, tem alguma doença?

E assim terminou a conversa.

Tom, por outro lado, era mais parecido com Susan do que o próprio Mason, seu irmão. Tinha cabelos e olhos escuros, e sempre parecia estar estudando o que quer que tivesse diante de si. Para Mason, aquilo dava a ele a aparência de uma pessoa pouco confiável. Calculista, como a mãe. Na verdade, aquela não era uma característica ruim para um soldado do ComET e, por isso, Mason não podia culpá-lo. Mas nunca tinha visto Tom sorrir, ou melhor, nunca com uma expressão que não fosse sarcástica.

Mason fez um gesto com a cabeça na direção deles.

– Olá, pessoal.

As luzes de emergência enfraqueceram subitamente e, em seguida, voltaram ao normal. Em alguma parte da nave ouviu-se um rangido metálico, um som que fez Mason lembrar-se do canto das baleias que ele escutara enquanto estudava os animais da Terra.

– Então... você foi preso – disse Merrin. – Eu sabia que era apenas uma questão de tempo.

– Tenho certeza de que esse não é o acontecimento mais interessante do momento – respondeu Mason.

Tom os ignorou, dirigindo-se diretamente para o terminal na parede, no qual inseriu seu cartão pessoal de dados.

– Espero que me conte a história inteira mais tarde – disse Merrin, balançando a cabeça.

Mas ela parecia estar se divertindo com a situação. A nave estava sob ameaça, mas Merrin Solace se divertia.

Tom pigarreou.

– Que fique registrado que só estou violando o regulamento do ComET porque sua vida pode estar em risco.

– Que fique registrado – ecoou Mason, com as pernas prontas para andar, correr e sair dali.

Ele imaginou os tremistas invadindo a nave, para que tivesse assim uma oportunidade de usar alguns dos golpes que aprendera nas aulas de combate corpo a corpo do quinto e do sexto anos. Assim que imaginou aquela situação, quis voltar atrás: se os tremistas abordassem a *Egito*, significaria que eles estavam perdendo.

Já fazia um minuto que a nave acelerava, mas agora ela parecia diminuir de velocidade, e Mason teve de se apoiar na parede à sua esquerda. Tom quase perdeu o equilíbrio, mas a mão de Merrin rapidamente o agarrou pela manga da camisa, mantendo-o no lugar.

– Obrigado, Merrin – disse ele.

Mason reparou que ele não a chamara de “cadete Solace”. “Quando os dois se tornaram amigos?”

– Não foi nada. – Ela se virou para observar o movimento no corredor.

Tom pressionou alguns símbolos no painel de dados e a porta da cela de Mason se abriu. Ele saiu e pôs a mão sobre o ombro de Tom. Este olhou para a mão de Mason como se estivesse coberta de vômito.

– Obrigado – disse Mason, retirando logo a mão.

– Você me deve uma.

– Eu sei.

Em seguida, deixaram a área da prisão, e Mason respirou como um cadete livre. Havia um cheiro estranho no ar da nave. Parecia o de algo queimando.

– Vamos voltar para junto dos outros – sugeriu Merrin.

Eles dobraram a um canto e atravessaram a passagem que ligava uma perna da nave à outra, um grande corredor estreito bem no meio da *Egito*.

– Cadetes, aonde pensam que estão indo? – O comandante Lockwood corria na direção deles.

Mason congelou onde estava, reagindo por reflexo. Os outros fizeram o mesmo.

– Agora estamos enrascados. – sussurrou Merrin.

Lockwood era um homem magricela, quase careca, restando-lhe apenas um anel de cabelo escuro em torno da cabeça. Mason o achava parecido com uma águia, o nariz adunco lembrando um bico e olhos ferozes que reparavam em tudo. Mas, apesar da intensidade de sua aparência, o comandante Lockwood pelo menos olhava nos olhos dos cadetes quando passava por eles no corredor, diferentemente de outros oficiais, que pareciam ignorar a existência deles.

Tom sentiu o corpo ficar tenso, e oscilou o peso do corpo entre um pé e outro.

– Tentem não parecer culpados – sussurrou Mason.

Lockwood parou perto deles e estreitou os olhos.

– Aonde estavam indo? Stark, você deveria estar na prisão.

– Estávamos... – começou Tom.

Mason o interrompeu, dizendo:

– Eu os enganei e fiz com que me ajudassem. Não queria ficar lá.

Lockwood suspirou.

– Bem, isso não é importante no momento. Venham comigo.

Ele marchou pelo corredor até a parte dianteira da nave, seguido pelos três cadetes. Uma porta se abriu à direita de Mason, e três tripulantes em trajes de combate, empunhando rifles, saíram em velocidade na direção oposta, para o corredor de ligação e a ponte de comando.

Os rifles eram um mau sinal. Os soldados esperavam dispará-los dentro da *Egito*, ou ao menos preparavam-se para fazê-lo.

Tom abriu a boca para esboçar uma pergunta, e chegou até a emitir um som, mas Lockwood rosnou:

– Continuem andando!

– O que pode nos dizer sobre a situação, comandante? – perguntou Mason rapidamente, enquanto todos começavam a correr.

– No momento, nada – respondeu Lockwood. Mason percebeu que a cabeça dele reluzia por causa do suor, refletindo a luz vermelha sempre que esta piscava. – Preciso que façam algo especial para mim, cadetes. Podem me ajudar?

– Sim, senhor – responderam os três ao mesmo tempo.

Responder a uma ordem era a parte fácil; cumpri-la era a parte que Mason achava mais desafiadora.

Lockwood não contou a eles imediatamente do que se tratava o "algo especial". Primeiro, entraram no elevador e desceram dois andares, desembarcando numa esteira longa e estreita, que os impulsionou para frente a trinta quilômetros por hora. Foram levados até a parte dianteira da extremidade esquerda da nave.

A esteira diminuiu de velocidade até que eles pudessem descer com segurança ao alojamento dos cadetes. A porta se abriu automaticamente, e Lockwood os empurrou para dentro. Os cadetes habitavam uma sala de oficiais que fora especialmente convertida: toda a mobília de luxo fora substituída por fileiras de beliches simples. Até que a *Egito* os trouxesse de volta a Marte para que retomassem a Academia I e II, aquele era o lar deles.

Como o espaço tinha pertencido aos oficiais, havia uma janela do chão ao teto na parte dianteira, que proporcionava uma visão clara do espaço. O problema era a fila formada pelos quinze outros cadetes, de idades entre sete e treze anos, todos reunidos diante do vidro. Estavam olhando para algo do lado de fora, e a janela era grande o bastante para todos saberem do que se tratava.

A nave tremista avançava rapidamente na direção deles, viva e reluzente contra a escuridão total do espaço.

Merrin inspirou suavemente, e Tom deixou o painel de dados escorregar de seus dedos. Mason não conseguia tirar os olhos daquilo. Era uma nave modelo *Falcão*, de um tipo que ele tinha estudado por dentro e por fora na Academia I. Asas amplas e abertas eram ligadas por um corpo estreito, cuja extremidade era uma ponta, afiada como o bico de uma ave de rapina. As asas tinham a espessura de doze andares. Os motores logo abaixo eram semelhantes às garras de um falcão encolhidas sob o corpo. No momento, brilhavam com uma luz arroxeadada de energia, impulsionando a nave tremista numa trajetória circular acima da *Egito*. Como um predador rondando sua presa.

– Não tenham medo – disse Lockwood atrás deles em voz baixa. – Nossa nave sabe se defender.

– Não estou com medo – respondeu Mason.

Uma mentira, ainda que medo não fosse seu único sentimento: ele também estava maravilhado. Já tinha visto vídeos de naves *Falcão*, é claro, mas ver uma delas movendo-se diante de seus olhos, pulsando com energia, voando com facilidade, fazendo a *Egito* parecer tão desajeitada quanto uma banheira boiando num lago... era mesmo uma cena impressionante. A nave era menor do que a *Egito*, mas as asas abertas e os canhões presos sob elas eram ameaçadores, compensando a diferença de tamanho.

Tom perguntou:

– Comandante? Por que não estamos disparando?

Lockwood esteve prestes a dizer algo (os lábios se moveram e um som foi emitido de sua garganta), o início de uma palavra, e Mason percebeu imediatamente que seria uma mentira, não importando o que dissesse.

Merrin olhou para Mason: “Ele está prestes a mentir, sem dúvida”. Merrin sabia ler as expressões dos outros como ninguém, mas Mason tinha aprendido um pouco com ela também durante os anos de convivência.

Em vez de mentir, Lockwood simplesmente gritou:

– Cadetes! Atenção!

Os cadetes deram meia-volta e assumiram posição de sentido diante das camas, formando duas fileiras de cada lado, sete à esquerda e oito à direita. Mason, Merrin e Tom se juntaram a eles.

– À vontade – disse Lockwood. Os cadetes relaxaram, mas não se mexeram. – Não quero que se preocupem. A capitã Renner acredita que a nave tremista esteja tentando fazer contato. Gostaria de poder dizer mais, mas quero que fiquem aqui até que um oficial venha buscá-los. Entendido?

– Sim, comandante – responderam os cadetes.

Mason estava com os dedos cruzados, percebendo que a tarefa “especial” de Lockwood consistia em ficarem parados no lugar. Ao lado dele, Merrin bateu em sua coxa com os próprios dedos cruzados.

– Ótimo. O cadete que desobedecer a essa ordem será mandado para a prisão da nave e, possivelmente, obrigado a repetir um ano da escola.

Após dizer isso, ele deixou o alojamento, fechando a porta manualmente atrás de si.

Todos ouviram a tranca sendo ativada do outro lado.

– Filho de Zeus – resmungou um cadete, um xingamento que poderia ser punido com cinco voltas para cima e para baixo pela nave.

Outro cadete riu e, poucos segundos mais tarde, todos estavam amontoados

perto da janela novamente, procurando a *Falcão*.

Ainda que não fosse mais possível enxergar a nave *Falcão* daquele ângulo, uma luz esquisita preenchia o alojamento, tingindo o rosto dos cadetes com um estranho tom de verde. A luz ficava cada vez mais forte.

Mason soube instantaneamente o que significava aquilo: os canhões sob as asas estavam se preparando para disparar. Alguns dos cadetes que tinham prestado atenção à aula daquele dia pareciam ter chegado à mesma conclusão: estavam se afastando, procurando instintivamente por algo a que pudessem se agarrar.

– Segur...! – Mason começou a gritar.

Mal teve tempo de se agarrar a uma das camas antes de a *Egito* emitir um ruído terrível, algo entre um rugido e um grito, e o chão sumir sob os pés deles.

DE ACORDO COM O QUE haviam ensinado a Mason, a guerra começara porque duas raças tinham muita dificuldade em tomar conta do que possuíam.

O que ambas as raças desejavam era um planeta: Nori-Azul. Tratava-se de um dos três planetas conhecidos em toda a galáxia nos quais os humanos poderiam habitar. Nori-Azul era coberto de florestas de polo a polo, tendo também um único oceano, menor do que o Atlântico da Terra. A temperatura se mantinha entre 10 e 20 graus durante o ano todo, pois o eixo do planeta guardava sempre a mesma inclinação. Havia criaturas vivendo na superfície, mas nenhuma como os humanos e, certamente, nenhuma como os tremistas. Tudo isso fazia daquele planeta um lugar perfeito para os humanos, que precisavam de espaço agora que a população tinha ultrapassado a marca dos dezoito bilhões de pessoas: a Terra estava simplesmente ficando pequena demais para tanta gente, mesmo com as dúzias de colônias menores espalhadas pela galáxia.

Nori-Azul tinha rios e lagos, e também plantas comestíveis que davam frutos mais saborosos do que os da Terra. O ar era composto por 19% de oxigênio, perfeitamente respirável. E as dimensões do planeta eram pouco menores do que as da Terra, de modo que sua gravidade era propícia. Dizia-se que os saltos alcançavam o dobro da altura normal em Nori-Azul, mas Mason fizera os cálculos na aula de matemática avançada, chegando à conclusão de que seriam cerca de uma vez e meia mais altos.

Nori-Azul era perfeito para uma raça que não cabia mais no próprio planeta. E era exatamente isso que tinha ocorrido também com os tremistas.

Pouco se sabia a respeito deles. O primeiro contato com os tremistas ocorrera em 2640, há exatamente 160 anos. Uma versão anterior das naves modelo *Falcão* fora avistada circundando uma estação do ComET na estratosfera de Netuno: a primeira vez que uma nave alienígena foi vista. A estação enviou uma mensagem de rádio para a *Falcão*, uma simples chamada, na esperança de dizer: “Ei! Estamos vendo vocês! Querem conversar?”. A *Falcão* não quis conversar: a nave acelerou e desapareceu.

Então veio o segundo contato, quatro anos mais tarde, quando três *Falcões* bombardearam a Academia I em Marte. Trinta e oito cadetes foram expostos à atmosfera e morreram.

Imediatamente, os tremistas foram considerados hostis.

Mas cem anos se passaram até que eles fossem vistos novamente.

Isso aconteceu apenas quando Nori-Azul (ou Terra II, como alguns o chamavam) foi descoberto. O ComET construiu um imenso portal hiperespacial a uma altitude baixa naquele planeta. As pessoas atravessariam um portal na Terra e se veriam em seguida numa plataforma um quilômetro e meio acima da superfície de Nori-Azul. Uma cidade estava sendo construída perto da água. Eles a chamaram de Esperança. Tudo nela funcionava à base de uma forma de energia que não afetava negativamente o planeta nem sua atmosfera. Dessa vez, os humanos fariam tudo direito.

Em 2740, quando o portal estava quase pronto, os tremistas chegaram em 286 naves individuais. Esperança foi completamente destruída, assim como a esperança – o sentimento – em si. O portal foi vaporizado, tal como a perspectiva da construção de uma colônia. A *SS Noruega* recebeu um chamado e, na tela, a tripulação assistiu enquanto um tremista vestindo uma armadura reluzente e uma máscara espelhada no lugar do rosto declarava que Nori-Azul agora pertencia a eles.

“Que todos saibam disso”, disse o tremista.

A tripulação da *SS Noruega* fez sua última transmissão à Terra e, em seguida, foi destruída também.

Depois disso, houve apenas guerra.

Nas décadas seguintes, após incontáveis ataques, uma única nave modelo *Falcão* foi capturada. O ComET ficou animadíssimo com a possibilidade de finalmente aprender a respeito da biologia do inimigo. Mas todos os tremistas a bordo tinham morrido num tipo de explosão superaquecida, o que destruiu todos os vestígios de seu DNA, acabando dessa forma com qualquer esperança de se descobrir qual era a aparência deles sob a enorme armadura.

Susan se recusava a dar mais detalhes a Mason. Certa noite, ela o assustou dizendo que poderia ser levada à corte marcial simplesmente por partilhar com ele tais informações. A versão *oficial* dizia que a *Falcão* estivera vazia desde o início.

O planeta natal dos tremistas era outro mistério, embora os cientistas do ComET afirmassem que este deveria ser semelhante ao nosso, simplesmente porque a evolução dos tremistas parecia ter seguido um rumo quase igual ao da

Terra. Eles tinham duas pernas e dois braços e, provavelmente, dois olhos atrás das máscaras ovais. Mas quem poderia saber ao certo?

A *Egito* estava sob ataque; não restava mais dúvida quanto a isso. Subitamente, o alojamento pareceu muito pequeno, com muitos corpos ofegantes consumindo oxigênio demais. Mason não tinha deixado a prisão da nave para se tornar novamente um prisioneiro ali.

Claro que o comandante não tivera a intenção de dizer que eles tinham de ficar lá independentemente do que acontecesse: seria até perigoso levar aquilo ao pé da letra. Sem dúvida, o comandante teria feito essa ressalva, se não estivesse tão distraído.

Mason foi o primeiro a se levantar. Merrin estava sentada no chão, pressionando a palma da mão contra o roxo de uma pancada que recebera na testa.

– Como eu queria que eles parassem de nos derrubar – disse ela.

A garota se levantou de um salto antes que Mason pudesse ajudá-la e, juntos, os dois correram para a porta. Estava trancada, como esperado. Ao lado dela havia um terminal de computador ligado ao núcleo da nave. Ele poderia acessar o sistema e navegar pelos menus de comandos até encontrar uma maneira de desativar a tranca, mas Tom o faria mais rápido e Mason sabia disso.

Merrin pôs uma das mãos no ombro dele.

– Lembre-se do que Lockwood disse. Tenho certeza de que você não quer perder um ano de escola.

– Eu sei – disse Mason.

Mas nada daquilo parecia importar naquele momento.

Os cadetes mais jovens se levantaram e voltaram a olhar pela janela quase sem dizer nada. Tom se juntou a eles perto da porta, seguido por Jeremy e Stellan. Este último era o mais alto deles, magro, de rosto chupado, como se nunca se alimentasse direito na hora das refeições. O cabelo era tão loiro que mais parecia branco. Era de um país chamado Suécia (a *SS Suécia*, outra nave do ComET da mesma classe da *Egito*, fora destruída por uma nave tremista modelo *Isolator* dois meses antes), e Mason se perguntava se todo mundo naquele país era parecido com o amigo. Na Academia I, todos tinham aparência diferente, mas raramente conversavam a respeito do país de onde seus ancestrais tinham vindo. A milhões de quilômetros de distância, aquilo não parecia importar.

Depois da briga com Tom, Stellan tinha levado Mason para um canto e passado um pouco de fluido antibacteriológico no lábio cortado dele para evitar infecções. Mason fizera uma careta ao sentir o gosto amargo, e Stellan dissera:

– Da próxima vez, tente usar palavras.

Mason imaginou que a silhueta magra de Stellan era um indício de que ele se mostrava mais inclinado a usar as palavras do que os punhos em se tratando de discussões entre os cadetes. Era algo que Mason admirava; todos tinham que se valer dos próprios pontos fortes.

Na época, Mason quis chamar a atenção para o fato de que Tom tinha desferido o primeiro golpe, mas disse apenas:

– Vou tentar.

Jeremy era baixinho e atarracado, e gostava de se gabar do fato de que podia deixar a barba crescer. Mason tinha acompanhado a tentativa dele de cultivar uma barba ao longo de duas semanas na Academia I, mas esta tinha crescido apenas em alguns pontos do rosto dele e, depois de poucos dias, um instrutor o obrigou a barbear-se.

Mason e Jeremy eram unidos por uma briga da qual ambos tinham participado. Dois anos antes, Mason estava enfrentando quatro cadetes da Academia II. Eles provocavam um aluno magricela do segundo ano da Academia I no ginásio, empurrando-o na direção dos aparelhos de ginástica. Mason dissera ao grupo:

– Parem com isso.

Pedi apenas uma vez, pois queria dar uma chance a eles.

O grupo não parou. O maior dos garotos simplesmente acertou o aluno do segundo ano com as costas da mão, fazendo-o cair no chão. Então, Mason interveio, golpeando com braços e pernas os pontos fracos dos cadetes mais velhos, mas ainda assim eram quatro contra um. Jeremy apareceu bem na hora, e a fúria combinada dos dois afastou os quatro cadetes, que tinham os joelhos machucados e os olhos roxos.

Depois, enquanto ajudavam o jovem cadete a se levantar, Jeremy tinha dito:

– Não parecia ser uma briga justa.

Ele apertou a mão de ambos e, em seguida, foi embora.

O cadete disse a Mason:

– Você não devia ter feito isso. Agradeço, mas você os deixou envergonhados. Isso só fará com que venham atrás de mim com mais força da próxima vez. Preferia ter levado a surra.

Mason ficou perplexo diante dessa ideia; não tinha parado para pensar que sua ajuda poderia ser mal recebida.

Ele relatou a conversa com o cadete numa mensagem a Jeremy, e os dois visitaram os quatro agressores no alojamento naquela mesma noite, para se

assegurar de que eles sabiam o que lhes aconteceria se pensassem numa retaliação contra o aluno do segundo ano. Quando estavam partindo, Jeremy disse:

– Nada mal. Nem precisamos bater neles.

– Às vezes, basta falar com as pessoas – disse Mason. – Talvez eles estejam apenas com medo de nós.

Mason só via Jeremy quando as unidades de ambos se reuniam para fazer exercícios em conjunto, mas a amizade entre eles parecia automaticamente selada.

– Já tentaram abrir a porta? – perguntou Jeremy, estalando os dedos.

– Be... bem... o comandante Lockwood acabou de nos dizer para ficarmos aqui não faz nem cinco segundos – disse Stellan.

Ele pairava atrás de Jeremy e Tom, esfregando as mãos uma na outra, nervoso.

– Relaxe – falou Mason. – Ninguém vai sair daqui. Só queremos ter certeza de que, se for necessário, conseguiremos abrir a porta. Para o caso de os tremistas se aproximarem, por exemplo.

Merrin sorriu com o canto da boca.

– Quase acreditei nessa.

– Silêncio! – falou Tom. Seus dedos dançavam sobre o terminal. A tela piscou por um segundo e, em seguida, ficou vermelha. – O sistema não me deixa abrir a porta. O que não é tão mau, pois significa que teremos de obedecer às ordens, para variar.

– Veja o que a nave está fazendo – comentou Mason, olhando por cima do ombro de Tom.

– Isso é uma ordem, capitão Stark? – perguntou Tom, arqueando uma das sobrancelhas.

– Você também deseja ver; não se faça de difícil.

Aparentemente, Tom também queria ver o que estava havendo com a nave: ele abriu uma nova tela, exibindo uma imagem da *Egito* vista de cima. Um pequeno ponto vermelho bem na parte dianteira de um dos cilindros mostrava a localização deles. No lado mais distante, perto dos andares da engenharia, era possível ver que a nave tremista tinha se acoplado à escotilha principal da *Egito*.

– Isso não é nada bom – disse Jeremy. – Devíamos estar lá fora abrindo a cabeça de alguns tremistas.

– Não devíamos, não – disse Tom. – O certo é seguirmos as ordens como soldados *de verdade*.

Mason pôs uma das mãos no ombro de Jeremy.

– Relaxe, Jeremy. Não temos armas, e não sabemos para onde os defensores estão...

– Ficaríamos no caminho – disse Tom, curto e grosso.

– Então, vamos ficar apenas esperando aqui? – perguntou Merrin, as mãos apoiadas no quadril. – E se eles assumirem o controle da nave?

– Esperar aqui me parece uma ideia fantástica – respondeu Stellan.

Ele não parecia estar com medo; apenas respeitava as figuras de autoridade. Entendia que o rumo mais rápido ao posto de capitão consistia em seguir ordens.

Mason respeitava a posição dele. Tentava agir da mesma maneira, mas, às vezes, seguir ordens lhe parecia algo quase impossível. Na verdade, ele se via questionando cada ordem, e achava difícil seguir aquelas que lhe pareciam pouco inteligentes. Ele se perguntava: “Por quê?”. E, se não houvesse um motivo óbvio, era preciso trincar os dentes para obedecer. Por que limpar os mictórios do banheiro masculino? Eles tinham acabado de ser limpos por outro cadete menos de doze horas atrás, e ainda estavam limpíssimos. Mason sabia que era uma questão de disciplina: estavam tentando ensinar disciplina a eles. Mas tinha de haver outra maneira de fazê-lo.

Certa vez, o instrutor White flagrou Mason rindo de uma piada durante a aula e ordenou que ele permanecesse num mesmo lugar por seis horas, no meio do corredor e com as mãos erguidas acima da cabeça, para que todos que passassem soubessem por que ele estava ali. Ele aguentou trinta minutos antes de ir embora, porque aquela era uma ordem estúpida. Mas sua recusa em obedecer fez com que ele fosse enviado ao diretor Oleg, que deu a ele uma ordem diferente: organizar a biblioteca do diretor, composta por livros de papel de verdade. Mason tirou centenas das capas encadernadas e as colocou em livros diferentes, de modo que nenhuma delas correspondesse ao conteúdo. Aquilo acontecera havia três anos e, ainda assim, o diretor nunca mais o chamara para voltar lá. E Mason não esperava ser chamado novamente: os livros estavam cobertos por uma camada de pó tão grossa que era óbvio que nunca eram lidos. Ordens idiotas.

Pequenos pontos azuis começaram a piscar na parte da *Egito* à qual a *Falcão* dos tremistas tinha se acoplado.

– O que significa isso? – perguntou Merrin. Estavam todos reunidos em torno da tela.

Tom empalideceu perceptivelmente e ficou boquiaberto.

– Estão disparando armas dentro da nave.

– Atenção, tripulação – disse alguém pelo sistema de comunicação da nave.
– Todos em condição de agir sigam para a sala de armas. Os tremistas abordaram a nave.

Ninguém disse nada durante alguns segundos. A cabeça de Mason pareceu girar enquanto o coração martelava dentro do peito: enfrentar o inimigo dentro da nave era muito diferente de combatê-lo na superfície de um planeta. Ali havia metal envolvendo-os, como uma jaula. Não tinham para onde fugir. E se uma das armas de energia conseguisse derreter o casco...

– Temos condição de agir – disse Jeremy. – A mensagem é para nós.

– Fomos treinados – acrescentou Mason imediatamente, torcendo para que essa ideia os contagiasse.

Stellan deu um passo para trás.

– As ordens de Lockwood prevalecem sobre quaisquer noções de heroísmo que vocês possam ter. Viram o rosto dele: o comandante não estava brincando.

Tom acenou com a cabeça, indiferente.

– Tem razão. Não vou nem mesmo me dar o trabalho de citar o regulamento para essa situação.

Mason cerrou os dentes. Tinha de haver alguma brecha no código, alguma maneira que lhes permitisse evitar um castigo sério.

– Consegue descobrir quem está vencendo? – perguntou Jeremy em voz baixa, um indício de que estava frustrado.

Jeremy só ficava quieto quando as coisas não saíam como ele queria.

Tom balançou a cabeça negativamente.

– Não, mas tenho certeza de que estamos vencendo. A seção de engenharia é um labirinto de andares e corredores que somente *nós* conhecemos. Estamos em vantagem.

Ele tocou na tela novamente e um vídeo foi aberto com imagens de uma das câmeras de segurança. Era possível ver uma passarela envolta num vapor que emanava de baixo, luzes vermelhas refletidas pelo metal. Era o nível de refrigeração da seção de engenharia, no qual ficavam as bombas hidráulicas da *Egito*. Susan tinha mostrado o lugar a Mason certa vez, indicando os imensos tubos que acompanhavam o formato do motor, que o impediam de derreter o restante da nave.

Bem no centro da tela, dois tremistas estavam agachados em sua impressionante armadura. Esta mais parecia a usada pelos cavaleiros de antigamente na Europa, mas não era feita de metal simples: sua superfície tinha um brilho estranho, como se fosse coberta de óleo, e mudava de cor dependendo

do ângulo. Às vezes, ela parecia um verdadeiro espelho de prata, mas, em geral, oscilava entre tonalidades de roxo e negro. Os tremistas eram tão altos e largos quanto homens, tinham braços e pernas como homens, e usavam capacetes que cobriam toda a cabeça. Os capacetes eram a pior parte: o rosto parecia um oval perfeito, o mesmo formato que um rosto de verdade teria, mas era apenas um espelho, de modo que, pelo que diziam, ao encarar diretamente um tremista a pessoa só via o próprio rosto. Uma imagem perfeita da própria cabeça, flutuando sobre um corpo tremista.

Ao vê-los ajoelhados, Mason teve certeza de que não havia homens sob aquelas armaduras. Seus movimentos eram graciosos demais, quase etéreos. A armadura não parecia pesada, e era como se cada peça tivesse sido forjada e ajustada para o tremista que a usava. As leves vestes blindadas se moviam com facilidade e leveza, como se auxiliadas por delicadas máquinas instaladas sob elas.

– Os tremistas estão... – era a mesma voz no sistema de comunicação da nave, mas foi interrompida antes de concluir a frase.

Os cinco cadetes do último ano observaram enquanto os dois tremistas erguiam longos e elegantes rifles, apoiando-os nos ombros e disparando lasers verdes contra alguns dos tripulantes da *Egito*, que se escondiam atrás de um imenso tanque preso à passarela oposta. Mason podia ver os fortes feixes de luz refletidos no rosto espelhado do tremista mais próximo. A capitã Renner estava lá, ao lado de dois outros tripulantes, respondendo aos disparos com rajadas curtas de luz esférica dos canhões fotônicos. A câmera parecia se ofuscar com a troca de lampejos verdes e brancos.

Mason entendeu o que os tremistas tentavam fazer antes dos demais; imediatamente, procurou Susan na tela.

Os lasers cortaram a passarela bem diante dos tripulantes, rasgando o metal em meio a faíscas brilhantes. Não estavam mais atirando contra a capitã Renner, nem contra os defensores ao lado dela.

Os tremistas estavam atirando nos suportes de metal que mantinham a estrutura no lugar. A passarela derreteu e oscilou sob o ataque, finalmente desabando numa queda de dez andares até o fundo da nave.

TOM NÃO DISSE NADA, MANTENDO os olhos fixos na tela no ponto em que a passarela estava antes. A passarela em que sua mãe estivera há pouco. Era impossível sobreviver a uma queda como aquela. A câmera não se moveu; mostrava apenas o espaço agora vazio no nível do sistema de refrigeração; mostrava os tremistas avançando pela área danificada como fantasmas, até desaparecerem da tela.

Agora, Tom tinha algo em comum com Mason. Segundos atrás, ele não tinha. Subitamente, Mason ficou feliz pelo fato de seus pais terem morrido quando ele ainda era pequeno, antes de poder formar o tipo de lembrança que dura para sempre. Mason tinha principalmente imagens e sensações, talvez um cheiro aqui e ali, o toque suave de sua mãe ao pegá-lo no colo. O som do riso do pai.

Era 2792, oito anos atrás, quando uma única nave tremista invadira a atmosfera da Terra, lançando uma única bomba no quartel-general do Comando Espacial Terrestre no centro de Manhattan. Os pais dele estavam no meio de uma apresentação aos almirantes, tentando convencê-los de que seria possível estabelecer a paz com os tremistas.

A bomba vaporizou tudo que estava em seu alcance. O chão foi transformado numa camada de vidro.

Mason estava a sete quilômetros dali, na escola preparatória. Os pelos em seu braço ficaram de pé quando a eletricidade estática varreu a cidade. Passaram-se apenas cinco minutos até que ele soubesse que uma bomba fora jogada na superfície, e outras duas horas até ele receber a notícia de que os pais tinham morrido.

Na época, faltavam dois anos para que Mason pudesse ingressar na Academia I, mas Susan, já com catorze, estava no primeiro ano da Academia II. Eles a deixaram tomar o transporte de Marte até o Upper East Side, em Manhattan. Mason a encontrou no velório, vendo a irmã pela primeira vez em um ano. Ela parecia ter uma aparência mais velha do que tinha agora. Havia

olheiras sob seus olhos e a boca só se mexia na hora de dizer algo.

A cerimônia ocorreu na rua, ao lado do terreno onde antes ficava o quartel-general. A bomba tremista não tinha deixado uma cratera; em vez disso, simplesmente desintegrara tudo num raio de alguns quarteirões. No local em que Mason estava, os edifícios tinham sido fatiados como se uma lâmina os tivesse atravessado, com as paredes arrancadas feito camadas, mantendo sua estrutura intacta à espera das equipes que viriam repará-los. No limite do alcance da explosão, era possível ver sofás e mesas, fios e tubos, e até mesmo o sistema de calefação dos prédios. Havia um vazio de quase quinhentos metros até que os edifícios surgissem novamente, um vasto terreno coberto pela camada de vidro. Os pais tinham morrido ali em algum lugar, dissolvidos em átomos.

Ele não conseguia sequer imaginar aquilo. Sua consciência parecia sair de sintonia, e Mason pensava: “Como é possível que eles tenham se tornado apenas átomos?”.

Mason quis odiar os tremistas, e se sentiu culpado por não conseguir fazê-lo. Em vez de ódio, havia apenas confusão.

Por que eles haviam atacado?, ele se perguntava. Que motivos teriam para isso?

Susan segurou a mão suada dele, e Mason observou enquanto o presidente dizia palavras que ele não escutava. Mais tarde, Susan se ajoelhou na frente dele e disse:

– Não sei o que vão fazer com você. Sou jovem demais para ser a responsável pela sua guarda, e não permitirão que eu interrompa os estudos.

– Não quero que pare de estudar – respondeu Mason.

Ele queria que a irmã se tornasse um soldado, que combatesse o inimigo. Os tremistas tinham transformado a guerra numa questão pessoal. Agora ele sentia algo. Estava quase tremendo. Não podia esperar até que tivesse idade o bastante para se juntar a ela. Não por desejar lutar e matar alguém, e sim porque seus pais defendiam a Terra. Era naquilo que acreditavam. Servir a raça humana protegendo os demais era a maior das vocações, dissera sua mãe certa vez, quando Mason perguntara sobre o que seria um bom trabalho.

Nos dois anos seguintes, Mason morou num lar coletivo cheio de órfãos do ComET. Ele assistia à televisão e se exercitava como o pai gostava de fazer, às vezes saindo à noite para correr pelas ruas vazias. Depois de um ano, ele se cansou de esperar: embarcou clandestinamente numa nave, conheceu Merrin, e foi mandado de volta para casa, onde passou um doloroso e solitário último ano. Mas então voltou para a Academia I. Lá, aprendeu a lutar, e bem.

A SALA ESTAVA SILENCIOSA. OS demais cadetes não tinham reparado; estavam ocupados junto da janela, inclinando o pescoço na tentativa de ver o que acontecia do lado de fora.

Lentamente, Mason estendeu o braço para colocar a mão sobre o ombro de Tom, mas hesitou, parando a poucos centímetros do colega. Quase tinha medo de tocá-lo, vendo Tom imóvel como se fosse uma escultura de vidro. Mason teve a sensação de que ele poderia quebrar.

Merrin não sentiu o mesmo medo; puxou Tom num abraço, que ele aceitou por três segundos antes de começar a se desvencilhar, delicadamente. Os olhos estavam vermelhos e ele respirava fundo, devagar.

– Vou acabar com essas *aberrações* alienígenas – rosnou ele, com uma voz que Mason nunca tinha ouvido antes.

Finalmente, eles concordavam em relação a algo. A fúria que Tom estava sentindo faria cinzas do seu medo, e era sempre melhor estar furioso do que amedrontado.

– Então vamos sair logo daqui. – Mason apontou na direção do terminal.

Os dedos de Tom dançaram sobre a tela, abrindo uma complexa série de menus que podiam ser acessados *exclusivamente* pelos programadores e engenheiros da *Egito*. Tecnicamente, os cadetes estavam trancados do lado de dentro, mas, se Tom pudesse convencer o computador de que se tratava de uma emergência, a porta se abriria. Mason pensou em apenas pedir à inteligência artificial da nave, Elizabeth, que os deixasse sair, mas ela tinha ouvidos por toda parte e, provavelmente, sabia que eles tinham ordens de não sair do lugar.

Enquanto observava Tom digitando comandos estranhos, Mason pensou em Susan. Ela estava lá fora, talvez lutando, talvez morta. A nave já teria um novo capitão, promovido automaticamente, mas Mason não sabia ao certo quem poderia ser. Talvez o comandante Lockwood.

Metade da tela revezou entre as imagens de diferentes câmeras e mostrou os tremistas invadindo a nave em grande número, marchando pelas passarelas em fileiras organizadas, empunhando os rifles a laser (que alguns soldados do ComET chamavam de “garras”) em posição de prontidão. Tom fechou as janelas que exibiam as imagens das câmeras e substituiu-as por mais menus.

– Vamos usar a inteligência – disse Stellan. – Se formos lá fora desarmados, eles vão nos matar ou nos transformar em reféns.

– Ninguém vai me impedir de sair – falou Tom, limpando o nariz com a manga do uniforme. – Nem tentem me deter.

Mason não queria detê-lo, e sim estar a seu lado. Ainda que não fossem

exatamente amigos, ao menos eles tinham um inimigo em comum.

Merrin estava beliscando o osso do nariz, bem entre os olhos, algo que fazia quando se concentrava muito num pensamento. Subitamente, ela abaixou a mão, e seu olhar demonstrou clareza e determinação.

– Também vou com vocês. Vamos encontrar armas. Se pudermos ajudá-los de alguma maneira, o castigo valerá a pena. Se perdermos... bem, não vai mais importar.

Aquilo fazia muito sentido. Assim, ficou decidido. Tom fez com a cabeça um aceno positivo e grato na direção dela, e então fingiu coçar o rosto, para poder enxugar discretamente uma lágrima.

Mason disse:

– Jeremy e Stellan, preciso que fiquem aqui e vigiem o restante dos cadetes.

– De jeito nenhum! – Jeremy olhou para Mason como se ele tivesse sugerido que os dois saíssem pela escotilha mais próxima rumo ao espaço.

– Quem vai protegê-los? – Ele piscou para Stellan. – Será que Stellan consegue cuidar disso sozinho?

Jeremy pensou naquilo por apenas dois segundos.

– É... entendendo seu ponto de vista.

Stellan sorriu secretamente, sem se ofender com o comentário, Mason tinha certeza disso.

Mason se aproximou e sussurrou direto no ouvido de Jeremy:

– Se não voltarmos mais, ou se parecer que estamos perdendo, leve todos para as cápsulas de fuga. Certo?

Mason se afastou, e Jeremy confirmou a instrução com um soturno gesto de cabeça. Ele cumpriria a missão recebida.

O computador respondeu com bipes aos comandos de Tom, que chegou a rosnar.

Merrin disse:

– Temos que usar a cabeça. Onde fica a sala de armas mais próxima?

– Dois andares abaixo, a duzentos metros de nossa posição – respondeu Tom imediatamente.

– Conseguiremos as armas e, em seguida, descobriremos como ajudar – disse Mason.

– Grande plano. Pensou em tudo isso sozinho? – perguntou Tom, sem tirar os olhos da tela.

Mason se esforçou para manter a boca fechada; Tom tinha o direito de estar furioso e sarcástico após a morte da mãe, desde que não perdesse o controle de si

mesmo.

Merrin começou a bater o pé perto do console; agora que tinham um plano, Mason sabia que ela estava louca para sair dali.

– Está progredindo, Thomas? – perguntou ela.

– Só mais alguns segundos.

Com um gesto da cabeça, Mason indicou os jovens cadetes perto da janela, e Jeremy e Stellan entenderam que aquela era a deixa para começarem a tarefa de babás. Os cadetes mais novos não pareciam assustados; estavam todos disputando um lugar melhor, ainda que a nave tremista estivesse escondida do outro lado da *Egito*. Mason não sabia dizer se eram corajosos ou burros. Na verdade, não sabia se *ele próprio* era corajoso ou burro. O mais inteligente a se fazer, aquilo que sua irmã gostaria que ele fizesse, era ficar naquele lugar. Esperar até que um soldado viesse buscá-los.

Mas, se esperassem, talvez os tremistas chegassem a eles em vez dos soldados.

A nave rangeu ao redor deles, e Mason sentiu o chão girar sob os pés: a nave estava virando. As estrelas se deslocaram lateralmente até um sol azul e brilhante aparecer na janela, não muito distante.

– Quase lá – disse Tom. O suor escorreu de seu rosto, e talvez algumas lágrimas também. Merrin não parava de oscilar o peso do corpo entre uma perna e outra, mordendo o lábio inferior. Tom digitou outro comando e as palavras TRANCAR e DESTANCAR apareceram na tela. Ele pressionou o dedo sobre DESTANCAR e a porta fez um barulho. – Pronto!

Mason agarrou a porta e a abriu de uma só vez.

Os três saíram para o corredor e se agacharam, transformando-se em alvos menores. A iluminação de emergência era fraca; no teto, painéis piscavam com as cores branca e vermelha. Os olhos de Mason percorriam a escuridão parcial, em busca de algum perigo imediato. Ele esperava ouvir gritos, mas havia apenas o silêncio, só interrompido pelo zumbido onipresente da própria nave. Enquanto o alojamento dos cadetes estava cheio de vida, com corpos se movimentando e vozes abafadas, aquilo mais parecia um túmulo.

“Volte”, sussurrou uma voz dentro dele. “Você não é um soldado de verdade, vai apenas atrapalhar; não está seguro aqui fora, onde há monstros vagando pelos corredores.”

Ele cerrou os dentes com força, esmagando aqueles pensamentos entre os molares.

À esquerda, o corredor terminava num elevador. À direita, acabava numa

curva acentuada para a esquerda. Aquele caminho os levaria de volta ao meio da nave e à ponte de comando.

Do fim da curva que conduzia ao meio da nave, Mason ouviu passos golpeando o chão acarpetado.

– Recuar! – gritou alguém. – Recua... – A voz foi interrompida quando um feixe de luz verde deixou sua marca na parede perto deles, no fim da curva.

Era possível ouvir o raio da garra cortando os gritos, bem como o revestimento da parede. A arma zumbia como milhares de vespas furiosas, mas Mason ainda conseguia ouvir os corpos caindo no chão.

Fugir do inimigo não passava de covardia quando se tinha uma chance de combater: esse ensinamento ecoava agora em seu cérebro, embora parecesse difícil recuar diante daqueles gritos. “Use a cabeça”, disse a si mesmo.

Merrin o puxou pela manga na direção do elevador.

– Vamos!

Mason começou a se mover, mas a voz de Susan ecoou pela nave:

– Aqui é a capitã Susan Stark.

Apesar do perigo de estar desprotegido, Mason sorriu. Susan estava viva. Não havia dor em sua voz; ela não estava ferida. No final das contas, o trote dele não tinha acabado com a concentração dela, afinal.

O microfone dela voltou a soar.

– Atenção, tripula...

A voz de Susan foi interrompida pelo conhecido zumbido de uma garra a laser.

MASON CONGELOU ONDE ESTAVA, ESPERANDO a voz da irmã voltar a soar. A morte era um assunto sobre o qual eles tinham falado na Academia, mas até ali tudo não passava de conversa, e aquilo mais parecia um balde de água fria no rosto. Um segundo se passou, depois outro, e ela não voltou a falar, deixando Mason paralisado, lembrando-se da imagem da capitã Renner caindo no abismo. “É assim que Tom está se sentindo”, pensou ele.

Susan não o deixaria; sabia que ela era tudo o que ele tinha. Sem a irmã, ele era apenas uma pessoa, e não parte de uma família. Sem ela, Mason não significava nada para ninguém, com exceção de Merrin, é claro, mas isso era diferente. Susan era a única parente que ainda tinha, e ele seria capaz de fazer qualquer coisa para ajudá-la.

Merrin agarrou a mão dele e puxou gentilmente, aplicando mais força ao perceber que ele não se mexia.

– Vamos – sussurrou ela. – Susan está bem. Tenho certeza de que eles só atingiram o sistema de comunicação.

Mason queria se mexer, mas achou que ia vomitar. Já sentia o gosto ácido do medo no fundo da garganta, e não sabia como fazer para se livrar daquela sensação. Susan tinha lhe contado a respeito de um truque certa vez, mas era algo que ela raramente usava. Às vezes, quando sentia medo, ela juntava todo o pavor do corpo e o transformava em raiva. A raiva não paralisava como o medo fazia. Era o oposto de se sentir impotente. Mas também era perigoso, pois existia o risco de se ver com raiva o tempo todo.

Mason ficou com raiva.

Deixou que ela fluísse através dele, sem se importar em amenizá-la com um pouco de lógica e bom senso. Sentiu a raiva arrancando dele a fraqueza, dando-lhe a força necessária para prosseguir.

Tom esperava por eles no elevador, segurando a porta aberta com as mãos.

– Entrem logo! – disparou ele.

Foi então que a garra a laser parou de cortar a parede.

– Shh, silêncio – falou uma voz masculina vinda do corredor. – Ouçam.

Mas Mason sabia que não poderia haver mais nenhum homem vivo; o ruído característico dos canhões fotônicos tinha acabado. Então, quem tinha dito aquilo? Não importava: enfrentar os tremistas sem arma nenhuma não ajudaria ninguém. Mason e Merrin avançaram devagar para o elevador, tão silenciosamente quanto possível. Agora, ele queria correr, mas o barulho dos passos revelaria sua presença ao inimigo.

Então, Elizabeth, o computador da nave, disse:

– Cadete Renner, por favor, pare de impedir o fechamento da porta do elevador.

Mason e Merrin saltaram para dentro do elevador e deram meia-volta a tempo de ver três tremistas vindo correndo pela curva. Eles avançavam tão rápido quanto podiam, mais velozes do que os humanos seriam capazes. A armadura deles reluzia como se estivesse úmida, mudando de cor entre o roxo e o negro, absorvendo a luz estéril da nave e dando a ela uma aparência alienígena. Mason viu seu próprio rosto na superfície espelhada que protegia a cabeça do tremista mais próximo deles.

Tom tinha tirado a mão da frente da porta, mas ela continuava aberta. Os inimigos estavam agora a apenas dez metros.

– Feche a porta! – gritou Mason, pressionando o corpo contra a parede.

– Obrigada – respondeu Elizabeth com uma voz impessoal, e a porta começou a se fechar.

Os três tremistas pararam ao perceber que não os alcançariam a tempo, então ergueram as garras a laser até os ombros. A parte do cérebro de Mason que funcionava como a de um soldado, a parte que não ficava com medo, reparou no ângulo com que os tremistas apontavam as armas, percebendo que, no segundo seguinte, seus raios iriam atingi-los na altura do peito.

A porta se fechou; Mason arrastou Merrin e Tom para o chão no momento em que os raios verdes das garras cortaram o metal e aqueceram o ar acima deles até este começar a estalar. Em seguida, o elevador desceu, dando a impressão de que os feixes luminosos se erguiam pela porta até desaparecerem pelo teto.

O ar estava quente e abafado, com o cheiro acre de eletricidade.

A porta se abriu no andar de baixo, revelando um corredor idêntico ao que eles tinham acabado de deixar para trás. Tom estava com o painel de dados plugado a uma entrada no elevador.

– Apagando nosso histórico de andares... pronto! Ganhamos alguns minutos.

Merrin tirou os controles do elevador da mão dele. Os dedos dela dançaram pela tela até esta exibir uma luz vermelha.

– Pronto: elevador travado.

Tom fez uma cara de surpresa.

– Como você...?

Mason já tinha saído do elevador, esforçando-se para ouvir algo em meio ao ruído de fundo. Tudo se mostrava calmo, e a nave dava a impressão de não estar mais se movendo. Eles caminharam pelo corredor e passaram por uma porta à direita, chegando a um corredor paralelo que os levaria a uma das salas secundárias de armas. Mason torcia para que seu treinamento com armamentos lhe fosse útil: uma de suas aulas favoritas era a de armas e táticas. Era hora de ver como todo aquele treinamento funcionaria numa situação de combate real. Uma instrução simples lhe veio à cabeça: “Relaxe, respire, faça pontaria”.

Todo o lado esquerdo da nave era composto por corredores daquele tipo empilhados uns sobre os outros, com salas espremidas entre eles. Um número pintado na parede mostrava que eles estavam no sexto andar. O segundo andar era onde funcionava o cinema. No quarto e no quinto ficavam as salas de ginástica. Mas a maior parte do espaço era ocupada pelo alojamento da tripulação: a *Egito* estava equipada para a batalha, mas era também a nave usada para transportar um grande número de soldados do ComET de um lugar para outro. Embora houvesse apenas umas centenas de tripulantes no momento, a nave tinha espaço para dois mil deles.

Os três passaram por um corredor adjacente, vazio, e Mason ouviu o zumbido distante das garras a laser. Ordens eram dadas aos gritos. A batalha estava em curso. Assim que tivesse uma arma, ele poderia abrir caminho a tiros até a ponte de comando e... Susan ainda estaria viva. Tinha de estar, e ele precisava salvá-la.

A sala de armas ficava logo adiante; a porta estava aberta. Uma forte luz branca piscava do lado de dentro.

Tudo estava calmo e silencioso. Mason ergueu uma das mãos, e eles diminuíram a velocidade de sua aproximação com passos silenciosos sobre o carpete. Ele sentiu o cheiro de metal queimado e de algo que o lembrou do Churrasco de Terça-Feira no refeitório. Cheiro de carne queimada. Seu estômago embrulhou.

Tom estava atordoado demais para ser cauteloso, entrando na sala sem hesitar nem se importar com a mão erguida de Mason, como se não se ligasse para o perigo que poderia aguardá-los. Então, Mason e Merrin tiveram de segui-

lo.

A sala de armas estava destruída. As paredes, o chão e o teto outrora tinham sido painéis que emitiam uma fraca luz branca. Agora estavam rachados. Havia soldados do ComET no chão, oito deles, imóveis, com fumaça saindo do uniforme. As paredes, antes cheias de armas de todo tipo, estavam quase vazias. As armas se espalhavam pelo chão.

Tom cuspiu no chão e dobrou o corpo, como se estivesse prestes a vomitar. Merrin pôs as mãos sobre a boca. Mason queria fazer o mesmo que os dois, mas lembrou-se da voz da irmã ao ser interrompida e se conteve. Em vez disso, agachou-se e começou a mexer nas armas em busca de uma que ainda estivesse funcionando. Não poderiam estar todas quebradas. Os arsenais mais próximos eram salas de armas menores, meros armários escondidos nas paredes, e Mason duvidava de que até mesmo Tom fosse capaz de acessá-los.

– O que estão fazendo aqui? – perguntou uma calma voz masculina atrás deles.

Mason girou o corpo rapidamente, quase tropeçando num dos cadáveres.

O imediato Michael D., um corpulento recruta de pouco mais de vinte anos, estava na porta, franzindo o cenho para eles. Mason lembrava-se dele de uma reunião de confraternização de tripulantes organizada quando a *Egito* iniciara sua viagem duas semanas atrás. Ele tinha os dois olhos roxos e uma queimadura no pescoço.

– Tenho certeza de que vocês não deveriam estar vagando pelos corredores – disse ele, com tanta calma que Mason se perguntou se o imediato não estaria em estado de choque.

– Somos cadetes do último ano – respondeu Mason. – Minha irmã... – ele estava prestes a dizer que a irmã era capitã agora, e que pretendia ajudá-la a todo custo, mas esse comentário soaria horrível com Tom bem a seu lado. – Precisamos de armas.

O imediato Michael fez um aceno positivo com a cabeça e entrou na sala de armas, tomando cuidado para não pisar nos soldados caídos; Mason não tinha olhado direito para eles, nem pretendia fazê-lo. O imediato Michael destrancou um dos painéis que ainda brilhavam na parede e o abriu. Havia mais armas ali dentro, intactas.

– Canhões fotônicos de mão – disse ele, sacando três armas de pequeno porte semelhantes a antigas pistolas, como as da época em que os humanos criavam suas armas com pólvora explosiva e projéteis. Os canos de plástico brilhavam com uma mistura dentro deles que alternava entre verde, branco, azul e amarelo.

– São relativamente poderosos. Mas quero que prometam uma coisa: se eu lhes der essas armas, vão escondê-las e usá-las somente para se defenderem. Vamos acabar com esses cães tremistas em breve. – A voz dele parecia gelatinosa e o suor manchava seu uniforme. O tecido escuro tinha manchas nas axilas e ao redor do pescoço.

Mason torcia para que ele tivesse razão, mas não via mais ninguém por perto capaz de ajudá-lo a concretizar aquela ameaça. Eles pareciam estar por conta própria.

– Prometam que farão isso – disse o imediato Michael.

– Prometemos – respondeu Tom.

A mentira veio tão facilmente que Mason se perguntou se ele tinha prática naquilo.

– Ótimo. Agora, escondam-se. – Ele olhou para o chão. – Tenho que cuidar disso.

Mason pegou seu canhão fotônico e partiu depois de um aceno de cabeça para o imediato. Ele tinha de encontrar a irmã. E logo. Tom e Merrin o seguiram, ativando seus canhões fotônicos. As pequenas armas zumbiram e, em seguida, aquietaram-se. Mason podia sentir o calor dos fótons nas mãos. O gatilho era sensível ao toque, e bastava pressionar um pouco para produzir um disparo de energia mais intenso. Ele planejava apertá-lo com toda a sua força.

No caminho de volta, eles passaram por janelas, mas estas mostravam apenas a escuridão do espaço. Era impossível ver a nave tremista daquele ângulo. Mason avançava para a ponte de comando, já que aquele seria o lugar mais lógico para procurar a irmã. Merrin e Tom pareciam ter o mesmo objetivo, pois nem perguntaram para onde ele os levava. Aquela parte da nave estava calma, mas era possível ouvir gritos vindos de corredores distantes, e também o constante zumbido abafado de armas. O ar se moveu com força, brevemente, agitando seu cabelo; era provável que uma arma de energia tivesse perfurado o casco da *Egito*, criando um buraco que sugaria todo o ar até que a função de reparo automático pudesse fechá-lo. Desde o primeiro dia, eles tinham sido ensinados a não entrar em pânico se sentissem um vento forte e súbito.

No elevador, Merrin assumiu a dianteira.

– É melhor eu ir na frente. Sou a mais habilidosa com os canhões fotônicos – disse ela. – Ganhei a competição no ano passado.

Era verdade, mas Mason tinha ficado em segundo lugar, perdendo por apenas um ponto e meio, e imaginou que suas habilidades fossem praticamente equivalentes. Na véspera da competição, ele não tinha dormido bem, porque o

cadete David Schatz, que ocupava a cama logo acima da de Mason, tinha roncado tão alto a ponto de fazer vibrar a água no copo que Mason deixara na prateleira. Ele queria ir na frente, mas, se ela fosse mesmo melhor na pontaria, aquilo não faria sentido.

– Seremos objetivos – disse Mason. – Assim que entrarmos, derrubem os alvos o mais rápido que puderem. Não hesitem.

Não chegava a ser um grande plano, mas Mason não tinha nenhuma ideia melhor a não ser atacar a ponte de comando enquanto eles ainda contavam com a vantagem do elemento surpresa.

– Preocupe-se consigo mesmo – disse Tom.

A porta do corredor se abriu, garantindo o acesso à ponte de comando. Era o mesmo caminho pelo qual Susan tinha arrastado o irmão pouco tempo atrás. A primeira porta para a ponte estava a apenas seis metros deles, logo à esquerda. Era impossível ver o interior da ponte do lugar em que estavam. Mason segurou a respiração, aguçando os ouvidos. Escutou uma voz masculina dentro da ponte, sem conseguir entender o que dizia. Era impossível saber quantos tremistas e soldados do ComET havia lá dentro.

Merrin foi a primeira a avançar pelo corredor, mas Mason ficou perto dela; poderiam entrar juntos. Ele chegou primeiro à parede oposta, encostando o corpo contra ela, e depois se aproximou lentamente da porta. A voz masculina falou de novo:

– Quem é o capitão agora?

– Sou eu – disse Susan.

Mason esticou o pescoço para ver o que havia além da porta...

Ele viu a irmã, o rosto ferido, ajoelhada ao lado de outros oficiais que ele vira antes na ponte.

O olho da irmã (o que não estava inchado) o encontrou do outro lado, e a tristeza e a sensação de fracasso que ele viu na expressão dela seriam o bastante para desanimar o mais feroz dos soldados do ComET.

Mas não foi isso que fez seu sangue gelar.

Entre os muitos inimigos, todos com garras a laser de prontidão, estava o próprio rei tremista.

A RESPEITO DO REI TREMISTA, Mason sabia apenas que este usava uma longa capa preta e que sua máscara oval não era espelhada como a dos outros, e sim de uma tonalidade preta perfeita. Era como olhar para um buraco negro. A armadura dele não era do mesmo negro-arroxeadado reluzente usado pelos demais, e sim vermelho-escuro, como se tivesse sido mergulhada em sangue e deixada para secar. Uma imagem dele tinha circulado pelo ComET acompanhada de uma direttriz de atirar para matar. Havia um boato de que ele teria certa vez abordado a *SS Itália* e assassinado cada um dos tripulantes com as próprias mãos. Quando Mason estava no primeiro ano, um cadete mais velho dissera a ele que o rei gostava de comer pele humana para se tornar mais forte, mas Mason não tinha acreditado nele. A pele humana não parecia ser mais nutritiva do que qualquer outro alimento.

Ele ali estava o rei, bem na frente dele, em carne e osso, ou seja lá do que quer que os tremistas fossem feitos por baixo da armadura. Mason voltou a se agachar rapidamente antes que o rei o visse.

– O que está vendo? – sussurrou Tom, tão baixo que quase não deu para ouvi-lo.

Os três estavam agachados no corredor, desprotegidos.

Mason balançou a cabeça de um lado para o outro. Ele tinha diante de si uma difícil escolha. Se conseguisse matar o rei, isso poderia alterar o rumo da guerra. Seria como decepar a cabeça de uma serpente. Mas, nos anos anteriores, soldados melhores do que ele tinham tentado fazê-lo e fracassado. Será que o elemento surpresa seria suficiente para garantir seu sucesso? Sem dúvida, os demais tremistas matariam Mason logo em seguida, mas não teria valido a pena?

No ComET, eles sempre falavam em se sacrificar pela causa da Terra, mas ele nunca tinha pensado muito no significado daquilo até aquele momento. Susan tinha lhe dito certa vez que coragem era ter vontade de fazer xixi nas calças e continuar lutando mesmo assim. Saber que tinha feito a coisa certa, não importando o quanto suas mãos tremessem.

Mason poderia se sacrificar. Poderia tentar fazer isso. Esgueirando-se pela parede outra vez, viu que ninguém tinha se mexido. O rei havia voltado as costas para ele, mostrando-lhe a capa.

Merrin e Tom se apoiaram na parede logo acima dele e, se alguém olhasse em sua direção, veria três cabeças, uma em cima da outra. Quando voltaram a se agachar, Merrin e Tom mais pareciam estátuas, gárgulas de pedra com os olhos arregalados.

“O rei!”, Tom pareceu dizer, mexendo os lábios sem emitir nenhum som.

– O plano é o seguinte – sussurrou Mason. – Vocês correm de volta ao alojamento e levam os demais cadetes para as cápsulas de fuga.

– Você não vem conosco? – perguntou Merrin, descuidando um pouco do volume da voz, antes de levar a mão à boca, fazendo ainda mais barulho.

Mason fez uma careta, mas não ouviram nenhum passo vindo na direção deles; ele agradeceu pelo zumbido contínuo que todas as naves do ComET faziam quanto estavam com os motores ligados.

– Não faz sentido sermos todos capturados. – Deixou de complementar com “ou mortos”.

Merrin balançou a cabeça negativamente.

– Se não formos todos juntos, ficaremos aqui os três.

Então, da ponte, Mason ouviu alguém dizer:

– Capitã, eu lhe dei três minutos para confessar.

– Não importa quanto tempo você me dê – falou Susan.

– Diga-me para onde a arma foi levada.

Era o rei, Mason não tinha dúvida disso. Sua voz parecia estranhamente fria e ríspida, como se fosse gerada por computador; talvez ele falasse no idioma tremista, e a máscara tivesse um mecanismo de tradução. Dois segundos mais tarde, Mason se deu conta do que o rei tinha dito de fato. A julgar somente por aquela frase, o rei procurava uma arma a bordo da *Egito*. Mas Mason não tinha ideia de que tipo de arma seria.

– Que se dane – retrucou Susan.

– Se me obrigar a procurar, vou espalhar seus átomos de tal maneira que será como se você nunca tivesse existido.

Assim como ocorrera quando seus pais tinham morrido. “Não.”

Mason começou a avançar para a porta, mas Merrin o agarrou. Ela era forte, e sua mão tinha um toque firme.

– Espere – sussurrou ela em seu ouvido.

– Não sei do que está falando – disse Susan ao rei.

Mason ouviu uma pancada, e Susan soltou um gemido de dor. Ele estava desesperado para se mexer, mas tinha de aguardar o momento certo. Saberia quando a hora chegasse. Tinha de saber.

Lentamente, Mason se esgueirou pela parede mais uma vez e viu o rei perto da irmã. Ele falava a língua deles perfeitamente, com um leve sotaque. O idioma dos tremistas era cheio de sons guturais, semelhante aos idiomas humanos pré-históricos.

– Que seja – respondeu o rei, como que resignado. – Perguntarei ao próximo capitão depois que estiver morta.

Mason viu o rei erguendo a garra a laser, apontando-a para o rosto de Susan.

MASON NEM PENSOU NO QUE faria a seguir; tudo aconteceu automaticamente. Ele entrou na ponte de comando e ergueu o canhão fotônico com ambas as mãos. Nem prestou atenção nos outros tremistas presentes na nave, que montavam guarda atrás dos soldados ajoelhados do ComET.

Nenhum deles importava. Mason só enxergava o rei.

“Relaxe, respire, faça pontaria.”

Ele apertou o gatilho e uma esfera de luz quente e esverdeada foi disparada pela arma, atingindo o centro da capa do rei e fazendo-a soltar fumaça.

O rei nem se mexeu, virando lentamente a cabeça até que Mason pudesse ver o vazio profundo de seu rosto. Era impossível encontrar seus olhos, mas Mason podia “senti-los” em sua pele.

Ele atirou de novo; dessa vez, a esfera esverdeada sibilou pela ponte de comando. O rei desviou com um passo lateral, e a esfera se dissipou contra a redoma, sem causar estrago.

– E o que é isso? – disse o rei, parecendo se divertir.

Ele abaixou a garra a laser apontada para Susan, que gritou:

– CORRA, MASON!

Ele atirou mais uma vez com as mãos trêmulas, esforçando-se ao máximo para atingir o centro de seu alvo. Mas o rei parecia saber exatamente quando ele ia disparar, pois apenas se inclinou para o lado. A esfera passou perto de seu braço, quase atingindo um tremista atrás dele.

Antes que Mason pudesse dar outro tiro, duas esferas amareladas voaram do vão da porta. Merrin e Tom estavam ali, com os canhões fotônicos erguidos. Os dois atingiram o rei em cheio, mas este pareceu nem reparar. Era como se sua armadura vermelha absorvesse a energia; o resto da carga percorreu seus braços e pernas antes de se desvanecer.

O rei tremista era imenso, com mais de dois metros de altura, mas ágil, como os grandes felinos que um dia tinham habitado as selvas da Terra. Ele estendeu o braço por cima do ombro e agarrou a capa, tirando-a das costas e

acenando com ela diante de si. Ela pegou fogo ao ser atingida por outras duas esferas de fótons que se espatifaram contra o tecido.

– Peguem-nos! – gritou o rei.

Dois tremistas vieram correndo das laterais e arrancaram as armas das mãos de Tom e Merrin, empurrando-os para o chão.

Mason disparou outra vez, e o rei voltou a desviar, dando mais um passo e se aproximando. O canhão fotônico estava ficando quente agora. Mason esperou, deixando a arma esfriar para que o tiro seguinte tivesse força máxima. Sentiu a vibração cada vez mais forte em sua mão: “Quase lá”.

– Deve ser isso que eles chamam de soldado no Comando Espacial Terrestre – comentou o rei, dando mais um passo.

Ele voltou a cabeça na direção de Merrin e Tom, que tentavam se levantar. O que era bastante difícil, pois cada um deles tinha a bota de um tremista nas costas.

Assim, Mason disparou pela última vez..

E acertou o rei bem no meio dos olhos. A forma oval escura engoliu a esfera inteira, sem devolver nem uma faísca. Assim como ocorrera com os disparos anteriores, aquele não pareceu causar nenhum mal. A armadura continuava com sede de energia. Então, o rei se colocou bem atrás de Mason, torcendo o canhão fotônico na mão dele e esmagando-o entre os dedos. A arma soltou um pequeno espasmo de luz azul-esverdeada que deixou marcas na retina de Mason. O cheiro da capa queimada do rei encheu a sala, como o de metal derretido e plástico carbonizado. Ele agarrou o ombro de Mason e cravou os dedos nele até o jovem cadete sentir pontadas de dor no braço.

A extremidade quente da garra a laser se aproximou da orelha de Mason.

– Capitã – disse o rei por trás dele, a voz calma –, se não quiser ser a responsável pela morte deste jovem cadete, diga-me onde a arma está. Você tem três segundos.

– Está no compartimento de carga principal – disse Susan imediatamente. – Posso levá-lo até lá. – O lábio inferior dela tremia um pouco, mas logo ela transformou o rosto numa máscara de pedra.

Uma lágrima escorreu do canto de seu olho, a única lágrima que Mason vira desde o velório das vítimas do Primeiro Ataque.

Mason queria morrer. Onde quer que a arma estivesse, Susan só tinha contado ao rei porque ele fora burro o suficiente a ponto de se deixar apanhar. Agora, a culpa era toda dele.

Tentou imaginar de que arma se tratava, mas seria como tentar adivinhar

quantas estrelas havia num quadrante. Um exercício inútil. Ainda assim, aquilo o fez sentir um calafrio. Era importante o bastante para que o rei tremista a desejasse, para que estivesse ali *pessoalmente*. Importante para que Susan não a tivesse mencionado. Importante o bastante para ser chamada ap>arma, em lugar de ter um nome específico.

E agora Susan a entregava ao inimigo. Mason não podia deixar aquilo acontecer, de jeito nenhum.

Todos os olhos estavam voltados para o rei, e Mason não pôde evitar aquela figura imponente. Ele se desvencilhou das mãos do rei e olhou para seu rosto. De perto, esperava ver algum tipo de estrago na máscara, alguma queimadura ou vestígio de fumaça, mas não havia nada. Era impossível dizer se se tratava de uma superfície negra ou de um buraco. Mason imaginou que o rei fosse agarrá-lo de novo, mas o monarca não estava prestando atenção nele.

Ele olhava fixamente para Merrin Solace.

Como se a conhecesse.

– Não acredito – falou o rei.

– AJUEDEM-NA A SE LEVANTAR – ordenou o rei.

Os tremistas obedeceram, mas mantiveram-se próximos. Merrin ajeitou o corpo e encarou o rei com ódio, desafiando-o com os olhos roxos. Parecia não haver medo nela, apenas raiva. Mas seus ombros estavam encolhidos, e Mason sabia o motivo: dois tremistas tão próximos, logo às suas costas... ele imaginou um deles tirando a máscara espelhada e cravando os dentes pontiagudos no pescoço de Merrin.

– Seu nome – exigiu o rei.

– Merrin Solace, e o seu?

Ela tentava soar descontraída, mas dava para perceber o tremor em sua voz. Mason sabia que aquilo era um efeito principalmente da adrenalina, e não do medo.

Certa vez, durante um exercício de combate corpo a corpo, um cadete confundira as lágrimas de frustração dela com lágrimas de medo, e a provocara diante de toda a classe. “Merrin Solace é uma chorona!”, dissera ele. “A fantasma está com medo!” “Fantasma” era o apelido que tinham dado a ela por causa da pele quase translúcida. Merrin pediu que ele fosse seu parceiro durante o resto daquele dia. O cadete se arrependeu amargamente dos comentários que fizera.

O rei soltou um suspiro; a máscara fazia a respiração dele soar abafada. Com tamanha proximidade, era impossível não imaginar o que haveria por trás dela.

– Será que alguém pode me ajudar a levantar? – perguntou Tom, sem erguer muito a voz.

O rei disse ao tremista atrás de Merrin:

– Leve-a aos meus aposentos. Deixe três guardas na porta. Vá.

Merrin ficou boquiaberta. Seus olhos procuraram os de Mason, arregalados, e ela quase gritou por ajuda. Mason viu que ela estava prestes a fazer isso: começou a se formar uma palavra em seus lábios; um breve som escapou de sua

garganta. Os dois tremistas a puxaram para trás e a levaram porta afora. Mason quase disse “não” em voz alta, quase avançou na direção deles, mas engoliu a palavra e manteve-se imóvel. O treinamento o manteve no lugar, por mais que seu corpo ansiasse por uma luta. De nada adiantaria ser morto agora, quando poderia ter a chance de ajudar Merrin e o restante da tripulação mais tarde. Que motivo o rei teria para querer Merrin não apenas em sua nave, mas em seus aposentos particulares?

– É sério, eu gostaria de ficar de pé – disse Tom.

Para Susan, o rei falou:

– Capitã, leve meus homens até a arma. – Ele deu um tapinha no ombro de Mason. – Ou este aqui será o primeiro a morrer.

O rei apanhou a capa do chão e vestiu-a sobre os ombros, apesar do imenso rombo que havia nela. “Homens”, dissera ele, referindo-se aos tremistas. Aqueles seres não eram homens. Mason teve vontade de cuspir ao pensar nisso. Homens jamais ameaçariam um soldado desarmado.

– Entendido – disse Susan, enquanto os tremistas a colocavam de pé.

Certificando-se de que não estava prestes a receber outra bota nas costas, Tom também se levantou, lentamente.

Susan deixou a ponte com seus acompanhantes, logo atrás de Merrin e dos tremistas que a escoltavam, mas não sem antes fixar os olhos em Mason pela última vez. Aquele olhar dizia: “Não faça nada mais idiota do que já fez”.

O rei deu alguns passos ao redor de Mason e se ajoelhou diante de Tom, de modo que os rostos dos dois ficaram quase na mesma altura. Ele deixou a garra a laser no chão, ao lado dos pés, dando as costas a Mason. Obviamente, ele não era considerado uma ameaça.

– E você deve ser o filho da antiga capitã. É uma pena que ela tenha morrido antes de ter me dado o código de acesso ao computador principal da *Egito*. Você vai me ajudar com isso. – Agarrou Tom pelos braços e os apertou. – E não vai me obrigar a feri-lo. Não perca tempo negando: sei que todos os tripulantes têm autorização de acesso no caso de uma emergência.

A voz dele era agradável. Era como se estivesse perguntando a Tom como fazer para ativar um dos micro-ondas nos alojamentos.

O soldado que havia em Mason, a parte dele que ele esperava ver crescer conforme se tornasse mais velho, estava pensando na situação em termos táticos. Com três tremistas indo com a irmã até o compartimento de carga e outros dois acompanhando Merrin, havia agora apenas dois tremistas na ponte de comando, além do próprio rei. Mason sabia que nada poderia fazer contra o rei apenas com

as mãos, mas talvez ele conseguisse apanhar a garra a laser no chão a tempo de efetuar outro disparo enquanto o rei estivesse distraído. Talvez a garra a laser pudesse perfurar a armadura de uma forma que os canhões fotônicos não eram capazes de fazer.

– Posso ajudá-lo com isso – disse Tom. – Mas, primeiro, vá para o inferno.

O rei chegou a dar uma gargalhada, mas, por trás da máscara, o som era mais parecido com uma tosse.

– Muito bom, muito bom. Você é um soldado corajoso.

Mason se aproximou lentamente. A garra a laser estava bem ao lado do joelho do rei. Será que ele conseguiria ser rápido o bastante? Seria aquela a melhor investida? Ele tentou imaginar o que Susan faria. Ter coragem era uma coisa, mas tomar uma decisão que prejudicaria os outros era algo bem diferente. O problema era o que aconteceria se ele *fracassasse*.

Precisava de uma distração para melhorar suas chances, algo que lhe permitisse escapar com Tom.

Era tarde demais para salvar Merrin: ela já tinha deixado a ponte de comando. Fora levada aos aposentos particulares do rei, onde era impossível saber o que aconteceria com ela. Susan também precisava de sua ajuda, mas tinha mais chances de cuidar de si mesma. E a irmã sem dúvida diria a ele para resgatar Merrin primeiro, pois era isso que sua personalidade ditava.

Tom não acompanhou a gargalhada do rei.

– Você matou minha mãe.

O rei acenou com a cabeça, solene.

– Já assassinei muitas mães.

A garra a laser continuava no chão. A menos de um metro de distância. Mason imaginou o que faria. Bastaria um passo largo para agarrar a arma com as duas mãos, afastando-se em seguida, antes que o rei pudesse impedi-lo. Teria de apontar a garra para o rei e apertar o botão certo, torcendo para que a arma não estivesse programada para ser usada apenas por uma pessoa específica, coisa que acontecia com algumas das armas do ComET. Um disparo da garra a laser poderia matá-lo imediatamente.

Então, Mason se lembrou daquilo que o rei dissera: no caso de os tremistas abordarem a nave, esta era instruída a liberar suas funções para todos os tripulantes. Normalmente, Mason não teria acesso aos comandos da nave, mas agora torcia para que as coisas tivessem mudado. A capitã Renner deveria ter ativado essa função de imediato e, ainda que ela não o tivesse feito, Elizabeth havia sido programada para aceitar comandos de outros tripulantes se

identificasse um risco suficientemente grande. Para Mason, ficava difícil imaginar uma situação de risco maior do que a atual.

O momento era aquele. O próprio rei tinha dado a eles uma rota de fuga.

– Elizabeth – chamou Mason.

Ouviu-se um ruído eletrônico, seguido pela voz de Elizabeth dizendo:

– Sim, cadete Stark?

O rei olhou por sobre o ombro lentamente, como um leão divertindo-se com o fato de sua presa ter se aproximado o bastante para uma caçada rápida e fácil.

– Apague as luzes – falou Mason.

Todas as luzes na ponte de comando se apagaram, e a escuridão os envolveu. Subitamente, as estrelas se mostraram brilhantes e vivas acima deles, misturadas aos feixes roxos de uma antiga nebulosa. Cada um dos painéis de comando continava iluminado, mas, fora isso, Mason estava escondido no escuro.

Até que o ar foi iluminado por feixes verdes disparados por diferentes garras a laser.

– A escotilha! – gritou Tom para Mason.

Mason já estava indo naquela direção. Cada sala da *Egito* tinha dois pontos de entrada, para o caso de a porta normal dar para uma área danificada ou desprovida de oxigênio. Se o corredor do lado de fora da ponte de comando estivesse danificado e não houvesse meio de a tripulação escapar por ali, a escotilha na ponte permitia que eles descessem para um andar intacto.

– Detenham-nos! – rosnou o rei em meio à escuridão.

Mason ouviu a capa dele se agitando no ar e pensou nos dedos de aço do rei apertando-o novamente. A escotilha ficava no fundo da ponte de comando, perto da saída. Mason tentou imaginar a disposição do cômodo quando as luzes estavam acesas, mas sentiu-se desorientado, quase tonto por causa da adrenalina. Tinha de atravessar a escuridão sabendo que estava cercado por inimigos.

– Elizabeth, abra a escotilha! – gritou Mason, correndo cegamente na direção que julgava ser a correta.

Um buraco luminoso se abriu no chão, e Mason mergulhou nele de cabeça. Ouviu Tom entrando pela tubulação atrás de si e gritando alguma ordem a Elizabeth. A escotilha descia diretamente ao andar inferior, virando em seguida para levá-los a um dos muitos corredores que ligavam as duas metades da nave. Eles despencaram sobre uma uma esteira rolante, como a que havia do lado de fora do alojamento dos cadetes.

Mason caiu com força sobre a esteira, dando uma cambalhota quando esta se moveu sob seus pés, como se tivesse saltado de um objeto em movimento.

Tom caiu com força ainda maior alguns passos atrás; Mason ouviu sua respiração ofegante, como a de quem fica sem fôlego num tombo, e, ao olhar para trás, viu Tom deitado de costas, agitando os braços e as pernas como uma tartaruga virada sobre o próprio casco. Depois de recuperar o equilíbrio, Mason percebeu que a esteira os levava para a seção de engenharia, e não para o espaço da tripulação. Justamente o lado da nave em que Merrin e Susan estariam. Perfeito.

– A escotilha se fechou depois que passamos? – perguntou Mason, sem fôlego.

Ele se levantou e agarrou o corrimão da esteira sentindo o vento nos ouvidos, e então ajudou Tom a se erguer.

Tom estava sorrindo.

– A porta de cima não se fechou. Mas pedi a Elizabeth que fechasse a de baixo, de modo que, se alguém tentou nos seguir, ficou preso na tubulação.

Ao ouvir isso, Mason também sorriu.

As janelas passavam por eles rápido demais para que Mason pudesse ver algo do lado de fora, mas os dois estavam se aproximando da extremidade da nave, onde as partes segmentadas da esteira diminuíam de velocidade até que pudessem descer confortavelmente para a seção de engenharia.

– Precisamos pegar a esteira e voltar ao alojamento da tripulação – disse Tom, indicando com um gesto de cabeça a esteira paralela que se movia no sentido oposto. – Minha mãe disse que, se algo ocorresse... – ele engoliu em seco – ... com ela, e com a tripulação... Se acontecesse algo assim, seria minha responsabilidade conduzir os cadetes às cápsulas de fuga e tirá-los da nave.

“Se acontecesse algo...” Seria apenas uma precaução, ou será que ela esperava alguma complicação durante a viagem?

Mason pensou em dizer: “Mas sua mãe não é mais a capitã”. Mas não falou nada.

– Eles estão bem – comentou.

– *Não quero saber* se estão bem: ainda estão na nave e, por isso, logo estarão em perigo – falou Tom. – E como pode dizer que estão bem se não tem a menor ideia do que está acontecendo com eles?

A esteira começou a desacelerar.

– É verdade, não tenho. Mas não podemos deixar que minha irmã entregue a arma para eles. Isso é o mais importante. Você sabe disso.

– Do que o rei estava falando? – indagou Tom. – Que arma é essa? *A Egito* é uma nave diplomática que viaja entre bases rivais do ComET. Não deveria estar transportando algo chamado “a arma”.

– Então, você não sabe de tudo, pelo visto. – Mason não pôde evitar um sorriso.

Tom nada disse. Apenas arqueou uma das sobrancelhas.

– Você sabe o que é mais importante – disse Mason. – Use a lógica. Não é esse o seu ponto forte? Vamos atrás da arma.

A passarela diminuiu de velocidade, até que os dois pudessem pisar no chão firme perto do acesso principal à seção de engenharia. A porta tinha a altura de um andar inteiro, quase três metros, e entrar por ela seria óbvio demais. Mason correu até uma porta de acesso que, depois de aberta, permitiria que chegassem aos estreitos corredores nas paredes, usados pelos engenheiros que reparavam equipamentos elétricos difíceis de alcançar.

– E se eu me recusar a acompanhá-lo? – perguntou Tom. – E se eu voltar sozinho e me juntar aos outros?

Mason tentou pensar no que seria a coisa certa a se dizer naquela situação. Depois de seis anos tentando manipular os professores, ele sabia que resultados melhores podiam ser produzidos com sutileza. Então, apenas disse:

– Não vou conseguir sem você. – Estava apelando para o orgulho de Tom.

A resposta de Tom foi um suspiro.

– Bem, acho que não posso permitir que você seja morto.

Mason agradeceu com um gesto da cabeça, mas, por dentro, sorria. Stellan tinha dito a ele para usar palavras, e fora exatamente o que ele fizera, obtendo um resultado muito melhor do que se tivesse recorrido à violência. Não era uma ideia à qual o ComET dava muito destaque nas aulas aos cadetes.

Tom se ajoelhou perto da parede e abriu a porta de acesso com sua ferramenta polivalente, uma fina barra metálica cuja ponta podia assumir uma série de formatos diferentes, dependendo da habilidade do usuário. “Manipulação molecular e suas aplicações práticas” não era um dos cursos mais populares da Academia I.

– Aonde está pensando em ir? – perguntou Tom, quando já estavam na escuridão de um túnel.

O cheiro no ar era de equipamento eletrônico aquecido. Tão perto do casco da nave, Mason sentia o calor elétrico lutando contra o frio do espaço.

– Não sei. Precisamos de um plano.

– Só estou seguindo você porque pensei que *tivesse* um plano.

– Pode fazer o que quiser. Não posso ficar parado enquanto os tremistas roubam a nave de nós. Acho que sua mãe concordaria comigo.

Tom ficou em silêncio por uns dois segundos.

– Não me diga o que minha mãe faria. Não fale... nela.

Tom não disse mais nada, mas era óbvio que ele não achava boa ideia vagar pela nave sem rumo. E talvez estivesse certo. Porém, Mason precisava salvar Merrin. Eles tinham um acordo, um pacto que haviam feito quando ainda estavam no primeiro ano. Se um dos dois fosse capturado, o outro não deixaria que nada o impedisse de salvar o parceiro. O pacto fora firmado com um aperto de mão muito formal, mas Mason tinha se esquecido daquilo completamente com o passar dos anos. Imaginou que muito tempo se passaria até que eles se deparassem com os tremistas, muito depois de terem deixado de ser cadetes. Era uma ideia que agora lhe parecia ridícula e ingênua: afinal, estavam numa nave do ComET numa época de guerra, e não era a primeira vez.

Agora, o pacto entre eles parecia urgente, ardendo em sua cabeça como uma estrela. Naquele momento, não havia dúvida que Merrin era uma prisioneira de guerra. Mason estava determinado a mudar essa situação.

O túnel os levou a uma pequena porta, que Mason abriu pelo lado de dentro. Deixou uma fresta mínima, observando o que havia do outro lado. Percebeu que estavam na seção de engenharia, provavelmente no quinto andar. O túnel os levava a uma das plataformas que acompanhavam as paredes da seção, todas voltadas para os dez andares de tubos verticais que bombeavam água e fluido de refrigeração por toda a nave. Havia grades para impedir que as pessoas caíssem das plataformas acidentalmente, mas nada impediria alguém de saltar naquele vazio. Mason não sabia o que havia no fundo; nunca estivera lá embaixo.

Abriu a fresta um pouco mais e a dobradiça fez um ruído. Não parecia ter sido lubrificada desde que a *Egito* se juntara à frota, muitos anos atrás.

O rangido foi alto o bastante para fazer com que os tremistas que montavam guarda na plataforma dessem meia-volta.

MASON NÃO HESITOU. FALTAVA MUITO para concluir seu treinamento, mas uma das primeiras coisas que a Academia I faz é arrancar dos cadetes o instinto que os leva a ficarem congelados diante do perigo. Ele saiu em alta velocidade do túnel enquanto o tremista ainda estava girando o corpo na direção do ruído. Para sua idade, Mason não era pequeno, mas o tremista tinha cerca de um metro e oitenta.

O que significava que seu centro de gravidade era mais alto que o de Mason.

Mason acertou o tremista nas pernas, correndo a toda velocidade. Não sabia se tentava jogá-lo da plataforma por cima da proteção; sua única certeza era a de que permitir que o inimigo tivesse tempo de fazer pontaria com a garra a laser levaria o conflito a um final abrupto. O tremista perdeu o equilíbrio, cambaleando e agitando os braços, sem conseguir endireitar o corpo. Caiu para trás e sua cabeça se chocou contra a grade de proteção, com força o bastante para fazer vibrar toda a estrutura metálica. Então, ele desabou no chão e ficou inerte.

– Você o matou? – perguntou Tom, os olhos arregalados.

Era difícil saber se ele estava feliz ou horrorizado com aquilo. Mason sentia o mesmo: a empolgação da vitória e o amargor do arrependimento, depois de fazer algo que jamais poderia ser revertido.

Mason olhou ao redor rapidamente: estavam sozinhos. O andar era iluminado por uma luz alaranjada que se refletia na verdadeira floresta de tubos metálicos que havia diante deles. Ele se ajoelhou ao lado do tremista e tocou o pescoço dele, procurando sinais de sua pulsação e perguntando a si mesmo se o procedimento que se aplicava aos humanos valeria também para os alienígenas. Não sentiu nada por sobre a armadura e, por isso, agarrou a parte de baixo da máscara do tremista.

– Espere! – disse Tom.

– O que foi?

– Não sei. Vai mesmo tirar a máscara dele?

– Acha que não devo?

– E se houver alguma armadilha? Talvez ela solte um choque elétrico ou dispare um gás venenoso.

Mason se esforçou para ignorar as imagens suscitadas por aquelas palavras.

– Só existe um jeito de saber.

– Esse é um péssimo raciocínio, até mesmo em se tratando de você.

– Talvez seja. – Mason não se deixou perturbar pelo comentário; considerava-se sujeito de sorte por não ter sido abandonado por Tom na esteira. – Temos de saber se ele está vivo. Consegue pensar num jeito melhor de descobrir isso?

Tom não disse nada. O coração de Mason batia com força. É claro que havia histórias sobre os tremistas serem répteis ocultos por máscaras, ou pálidos fantasmas espaciais que preenchiam a armadura com sua energia ectoplásmica, ou até mesmo ciborgues descendentes de uma raça alienígena há muito já extinta. Um trêmulo cadete dissera a ele certa vez que os cientistas do ComET tinham descoberto que os dentes dos tremistas eram do tamanho de dedos indicadores, além de ocos, cheios de um veneno que levava os humanos a fazer xixi nas calças antes de terem os pulmões preenchidos com sangue. Era difícil decidir qual das alternativas era pior: répteis, fantasmas ou ciborgues. Alguns soldados os chamavam de vampiros espaciais, mas nunca ficara claro se aquele nome não seria apenas uma maneira de assustar os cadetes ou se os tremistas de fato bebiam sangue.

“Só existe um jeito de saber”, Mason voltou a dizer a si mesmo.

Ele tirou a máscara, lentamente.

Mason quase engasgou com o que viu: “Não posso acreditar”.

Ao lado dele, Tom teve uma reação parecida:

– Como é possível...?

Os tremistas não eram muito diferentes dos humanos. Na verdade, o rosto que Mason viu era familiar. Ele não se permitiu sentir alívio: poderia ser algum tipo de truque, alguma camada externa que ocultasse a pele de monstro por baixo.

O tremista era magro, o rosto chupado, quase como se a pele tivesse sido colada sobre o crânio. Mas não deixava de ser um rosto humano. Olhos, nariz, boca. O longo cabelo roxo se estendia para dentro da roupa. E a pele era muito clara. Ao erguer uma das pálpebras com o dedão, Mason viu que os olhos tinham a mesma cor do cabelo. Roxos, cor de violeta, algo assim.

Mason aproximou a mão da boca do tremista e sentiu uma respiração úmida

contra sua palma. Tocou a pele com cuidado, tateando os ossos no formato de crânio logo abaixo da epiderme – uma testa sólida, maçãs do rosto... Prendeu a respiração e beliscou o lábio inferior do tremista. Abriu a boca dele um pouco. Viu dentro dela dentes de tamanho normal. Simples dentes. Nem pareciam tão afiados.

“Pode ser um truque!”, parecia gritar o soldado treinado dentro de sua cabeça. Não baixe a guarda. Porém, a cada segundo que passava, Mason acreditava cada vez mais que a biologia daquele alienígena não era muito diferente assim da sua. Se o inimigo tinha ossos, pele e sangue, poderia também ser morto.

– Ainda está vivo – disse Mason, um pouco aliviado.

Era diferente pensar em matar tremistas quando os tinha imaginado estes como monstros por trás das armaduras, mas, depois de ver que tinham olhos, nariz, orelhas... pareciam demasiadamente humanos.

– Está vendo o mesmo que eu? – perguntou Tom.

Mason sabia exatamente do que Tom estava falando; tinha percebido a mesma coisa desde o início, mas queria ignorar aquilo. A ideia fazia seu estômago embrulhar.

Eram os cabelos e os olhos roxos, a pele quase translúcida.

– Merrin – disse Mason com a voz trêmula.

– Não é possível – disse Tom. – Todos conhecem a família Solace. A mãe dela é uma comandante do ComET e seu pai é o encarregado da Agência de Controle de Doenças na Terra e em Marte. Ele deteve a praga marciana e salvou milhões de vidas.

– Não disse que acredito nisso. Pode ser só uma coincidência.

Mason ouviu o quanto suas palavras soavam ocas. Havia um gosto estranho no fundo de sua garganta e uma vontade incontrolável de se esconder.

Tom apontou para o rosto do tremista.

– Veja só.

A pele clara era exatamente como a de Merrin, cheia de veias roxas. Fazia anos que Mason se indagava a respeito da pele dela, mas Merrin nunca dera nenhuma explicação. Muitos cadetes tinham a pele extremamente clara por causa da falta da luz do sol. E ele sempre imaginara que ela tingia o cabelo: muitas pessoas faziam isso na Terra, e o ComET permitia essa prática, acreditando que a individualidade era algo a se valorizar num soldado.

Se Merrin fosse de fato uma tremista, qual seria o significado disso? Faria alguma diferença?

“Não. Sei como ela é”, pensou Mason.

Tom desferiu um chute contra o chão metálico, produzindo um som que ecoou no vazio. No entanto, Mason não reclamou com ele por ter feito barulho porque estava ocupado demais pensando em alternativas.

– Pode ser um truque. Soube que eles são transmorfos.

– E eu ouvi dizer que sabem fazer mágicas – resmungou Tom. – Não se pode confiar em boatos.

Mason não respondeu. O rei tinha reconhecido Merrin, disso não havia dúvida. Mas talvez ele não tivesse reconhecido especificamente *Merrin*, e sim aquilo que ela *era*. A cor de seus olhos e cabelos não poderia ser apenas uma coincidência. Ela não poderia ter pintado o cabelo e mudado a cor dos olhos para se parecer mais com uma tremista: ninguém no ComET sabia qual era a aparência deles.

– Não sei se deveríamos fazer isso – disse Tom, como se estivesse falando sozinho. – Acho que o mais lógico seria encontrar uma cápsula de fuga e atravessar um portal até chegar à estação *Olimpo*. Poderíamos tentar fazer com que a frota viesse até aqui.

– Pensei que estivesse preocupado em voltar para buscar os cadetes.

Tom riu.

– Pense bem. Que chance uma nave *Falcão* sozinha teria contra todo o nosso poderio? Se Elizabeth conseguir mantê-los longe do seu núcleo de comando, a *Egito* não vai a parte nenhuma. Posso até anotar nossas coordenadas antes de partirmos.

Ele tinha razão: seria melhor tentar a fuga. Mas Mason não iria a lugar nenhum. Não que ele não quisesse, mas sim porque, se os dois partissem, talvez nunca mais ninguém ouvisse falar da *Egito* e de sua tripulação.

Mason se levantou e endireitou o corpo.

– Para mim, não há escolha. Até avisarmos os outros e recebermos a aprovação para uma missão de resgate, já será tarde demais. A frota ainda terá de se reunir. Você sabe disso. Talvez *nem haja* naves na *Olimpo*. Não podemos correr o risco de perder a *Egito* enquanto isso. Se quiser, pode ir, mas eu vou ficar.

– Não sou covarde – respondeu Tom. – E sempre há naves na *Olimpo*. Sempre há pelo menos duas na estação.

Mason respondeu com um gesto de cabeça. O ComET poderia ser cuidadoso demais. Se não houvesse naves em número suficiente, poderiam optar por não enviar nave nenhuma.

– O que fazemos com esse sujeito? – perguntou Tom, indicando com o pé o tremista caído.

Mason estudou a armadura do inimigo, analisando o tamanho e o formato, e então teve uma ideia.

– Vamos usá-lo – disse Mason.

TOM NÃO VIU PROBLEMA EM usar o tremista até Mason lhe contar o que tinha em mente.

– Não. Não, não. Só pode estar louco. E se ele acordar?

O tremista continuava desmaiado, com a respiração num ritmo constante.

– Aponte o canhão para ele – disse Mason. E em seguida murmurou: – E tente não me acertar por engano.

– Como assim? *Não tenho* canhão. Eles o levaram.

Mason se esforçou para manter a voz baixa.

– Então use a garra a laser!

Tom apanhou a garra e a estudou.

Mason começou a tirar a armadura do tremista. Era como tirar um tigre ferido de uma armadilha: a qualquer instante, o tremista poderia acordar, agarrar Mason e arremessá-lo por cima da grade de proteção.

A armadura saiu, pedaço por pedaço. Os braços e as pernas se ligavam à peça principal do tronco. O metal parecia frio e duro em seus dedos, e não oleoso. As superfícies mudavam de aparência sob a luz, alternando entre tonalidades de roxo e preto. Tom apontava a garra a laser para o rosto do tremista, trêmulo, com os lábios apertados numa linha fina e pequena.

– Ande logo – sussurrou Tom.

Os dois braços da armadura já tinham saído, assim como uma das pernas. Por baixo, o tremista usava uma roupa mais fina, feita de um tecido elástico.

Mason tentava tirar a última perna, atento ao menor movimento no rosto do tremista.

– Acha que essa é a coisa certa a fazer? – perguntou Tom, enquanto Mason colocava o tremista de bruços para tirar a parte do tronco da armadura.

Ele ficou surpreso ao ver Tom lhe fazendo uma pergunta em vez de simplesmente discordar.

– Acho que alguém precisa descobrir o que está havendo. – Sua voz soava mais confiante do que ele de fato se sentia.

– E esse alguém é um cadete do último ano... – completou Tom.

– Ainda dá tempo de procurar uma cápsula de fuga. – Isso fez Tom se calar.

Depois de tirar toda a armadura do tremista, Mason agarrou as pernas dele e o puxou até o túnel de acesso por onde eles tinham vindo. Tom manteve a garra a laser apontada para ele o tempo todo, até Mason terminar de colocar o inimigo lá dentro. Então, Tom trancou a porta usando a pequena tela incorporada à parede, ativando as trancas na primeira porta, pela qual tinham passado. Quando acordasse, o tremista se veria preso num túnel escuro.

– Será que ele consegue fazer algum estrago na nave dali? – perguntou Mason, enquanto tentava vestir as pernas da armadura.

Ele sabia que a roupa seria muito grande, mas agora temia que o disfarce fosse óbvio demais.

Tom abriu uma planta detalhada do túnel.

– Talvez consiga, mas nada que possa nos prejudicar de fato. Não há como acessar diretamente o computador lá de dentro. E, ao que parece, também não é possível acessar o sistema de suporte vital.

– *Ao que parece?*

– Ao que parece – repetiu Tom.

Tom vigiou os arredores enquanto Mason terminava de se vestir. A proteção do tronco era grande demais e ficava engraçada nele. Mason estava prestes a arrancar toda a armadura e desistir da ideia quando a roupa começou a se contrair em torno do seu corpo. Ele ficou perplexo, temendo que se tratasse de um mecanismo de defesa projetado para esmagar aquele que vestisse a armadura sem autorização. Mas logo a roupa parou de encolher. Agora, ela parecia vestir bem, perfeitamente ajustada a seu corpo menor. Então era assim que as armaduras dos tremistas pareciam ter sido feitas sob medida para eles. Mason continuava sendo pequeno demais para um tremista, mas lembrou-se de ter visto na ponte de comando um inimigo que não era muito mais alto do que ele. Se não chamasse muita atenção para si, o plano poderia dar certo. Ao menos era o que ele esperava.

Por fim, Mason vestiu o capacete, sentindo um leve perfume deixado pelo cabelo do tremista. Um ajuste foi feito à sua nuca, com o material (que, apesar das aparências, não era um metal, obviamente) se comprimindo até se moldar

perfeitamente.

Ele abriu os olhos e olhou por dentro da máscara espelhada... e viu uma interface visual ganhar vida diante de seus olhos, de uma maneira semelhante àquela pela qual o sistema da ponte de comando da nave exibia informações sobre a superfície transparente da redoma. Símbolos estranhos passaram no canto direito inferior do seu campo de visão, às vezes repetindo a mesma sequência de duas ou três imagens iguais. Talvez fossem os sinais vitais de Mason. Tom aparecia em destaque, com uma janela ao lado dele mostrando outros símbolos que Mason nunca vira antes. O ComET tinha traduções aproximadas de algumas inscrições encontradas no interior da nave *Falcão* capturada, mas a maior parte do idioma tremista não tinha sido traduzida.

– O que está vendo? – perguntou Tom, erguendo uma das sobrancelhas.

– É uma interface visual.

Na parte direita superior do campo visual, um círculo piscava a cada segundo, mostrando a localização de vários pequenos pontos brancos. Alguns eram roxos. Ele imaginou que os pontos roxos fossem tremistas de armadura, e os brancos fossem os humanos, mas era impossível saber ao certo. E, bem no centro do campo visual, uma pequena janela tinha uma flecha apontada para a extremidade direita da nave, onde Mason sabia que a *Falcão* estava ligada à *Egito*. Era como se alguém tivesse acendido um sinalizador que ele poderia ver mesmo através das paredes, com uma flecha tridimensional. Perfeito.

Quando olhou para o cinto, a interface visual mostrou as granadas presas a ele, de dois tipos diferentes. Ele tinha três de cada. Aquilo seria muito útil assim que ele descobrisse o que eram. Não eram granadas de fragmentação, é claro; ninguém usaria algo assim num espaço tão apertado e pressurizado.

– Não posso acompanhá-lo – disse Tom. – Obviamente.

Mason confirmou com um gesto de cabeça.

– Eu sei. Agradeço pela ajuda. Sei que nem sempre concordamos em tudo.

Tom balançou a cabeça.

– Não concordo com esse plano.

Mason estendeu a mão. Tom a apertou com força, mas sem olhar diretamente para o espelho diante do rosto de Mason.

– Espero que... – começou Tom.

– Eu também – respondeu Mason, abrindo um breve sorriso por trás da máscara.

– Não morra, está bem? – acrescentou Tom.

– Mais algum conselho de importância vital?

Tom chegou a rir com aquele comentário, e Mason o acompanhou, num momento agradável entre ambos. Fazia tempo que nenhum deles ria, e Mason pensou que muito tempo poderia se passar até a próxima risada.

– Tem um plano? – indagou Mason.

– Chegar a salvo até os outros – respondeu Tom. – Depois disso, não sei. Depende de como estiver o lado da nave que contém as cápsulas de fuga. Se não for possível chegar até elas... – Ele olhou para o chão.

Mason sentiu um aperto na garganta, mas disse:

– Não hesite. Vou encontrar uma maneira de escapar se for necessário.

– Sei que vai. Desculpe pelo soco.

Mason quase tinha se esquecido do golpe que Tom lhe dera após a brincadeira com o sistema magnético. Fora um soco que atingira o alvo em cheio. Eles não haviam falado sobre o episódio depois que Jeremy os separara.

– Desculpe pelo olho – respondeu Mason.

Com isso, Tom Renner, filho da ex-capitã Joy Renner, desapareceu num túnel de acesso diferente, trancando a porta atrás de si.

Mason percorreu a nave com o olhar, e partes dela foram destacadas pela interface visual do capacete. Os pontos roxos e brancos brilhavam no canto. Ele estendeu os dedos e quis apagar tudo aquilo da vista, desejando apenas estar na sala de treinamento com a irmã, aprendendo um novo golpe, ou até na escola, aprendendo a respeito da revolução marciana. Quando viu que nenhum de seus desejos se tornaria realidade, começou a caminhar na direção dos pontos brancos e roxos, parando para apanhar a garra a laser.

OS PONTOS CONDUZIRAM MASON POR trezentos metros ao longo da seção de engenharia, passando por labirintos de tubos que se entrelaçavam pela nave como as raízes de uma árvore. Era impossível não se preocupar com o fato de que, se *ele* podia ver aqueles pontos luminosos, os outros também podiam vê-lo, um ponto solitário avançando na direção dos demais. Talvez aquele tremista em especial tivesse ordens para permanecer em seu posto.

Mason caminhava com passos leves, mas as botas da armadura faziam barulho ao se chocar contra o chão metálico. Ele suava dentro da roupa, porém recusava-se a permitir que o medo o controlasse, pensando que havia muitos tripulantes numa posição mais desfavorável do que a dele. O destino de Merrin e Susan estava por um fio. Enquanto ele continuava vivo e em liberdade, e um verdadeiro soldado do ComET usaria essas vantagens em vez de se esconder.

Depois de passar por um túnel estreito que levava a uma área adjacente, ele entrou no setor de carga principal. Era a maior área aberta da nave, com vinte andares de altura, usada para guardar naves menores, entre elas os caças *Raposa*, que poderiam ser enviados à batalha se os canhões da *Egito* não fossem suficientes para repelir um ataque. O grande espaço aberto na parte do meio servia para manobras, e os andares tinham sido construídos em torno daquele vão, de modo que uma nave poderia entrar voando e pousar no andar designado dentro daquele perímetro, podendo ser consertada ou guardada conforme necessário. À direita de Mason havia grandes portas que se abriam para o espaço, e um campo de força permitia a entrada e saída de naves sem perder a pressão atmosférica interior.

Dessa vez, não havia naves ali.

Não havia espaço aberto para que naves pudessem manobrar. Cada centímetro do setor de carga era ocupado por um único e imenso cubo de metal prateado. Parecia ser sólido, mas de onde na galáxia seria possível extrair e esculpir um pedaço de metal tão grande? O setor de carga tinha vinte andares de altura, e o cubo preenchia todo aquele espaço, fazendo sombra nas luzes presas

ao teto e deixando os andares adjacentes na penumbra.

A arma tinha de ser aquilo. Tinha de ser. Ele nunca havia visto nada igual e não conseguia compreender o que era o imenso objeto nem o que ele fazia.

Quando Mason olhou novamente para a interface visual do capacete, seu coração deu um salto: os pontos estavam do outro lado do setor de carga, bem próximos, avançando na direção para a qual a flecha apontava, onde a nave *Falcão* estava atracada à *Egito*. Havia apenas o estranho cubo entre eles. Mason repassou os detalhes do seu disfarce, mas era difícil manter a concentração. Se fosse obrigado a falar, sua voz colocaria tudo a perder. Era visivelmente baixo, e movimentava-se como um humano, sem aquela graciosidade animal que os tremistas possuíam; não entendia a tecnologia deles; ainda que estivesse de armadura, não seria difícil perceber que se tratava de um impostor.

Sua pulsação parecia martelar dentro do peito, mas ele seguiu andando. Um passo de cada vez, circundando o cubo pelo lado esquerdo, acompanhando o perímetro dos andares. Os caracteres exibidos pela interface visual seguiam mudando conforme os pontos se aproximavam cada vez mais.

Os pontos começaram a se mover da esquerda para a direita, perto da extremidade do cubo que ficava a “noroeste” do setor de carga; fossem quem fossem, estavam vindo pelo túnel que chegava àquela área e, se ele diminuísse a velocidade, passariam bem na sua frente. O cubo envolvia o setor de carga nas sombras. Mas se esconder não era uma opção quando eles provavelmente o estavam vendo em suas próprias interfaces visuais. Assim, com as mãos molhadas de suor, ele empunhou a garra a laser da mesma maneira que vira os outros tremistas fazerem, apoiada no peito, com a ponta virada para cima na altura do ombro esquerdo.

Os pontos estavam muito perto agora, entrando finalmente no setor de carga. E ele viu que cada ponto representava coisas muito diferentes.

Alguns eram tremistas (os pontos roxos) e outros eram soldados do ComET capturados (os pontos brancos).

Um dos pontos brancos era sua irmã.

Um dos pontos roxos era o rei.

O RITMO DA CAMINHADA DO rei diminuiu de velocidade conforme eles se aproximaram. Todos olharam para o cubo, claramente perplexos diante do seu tamanho, o que significava que seus olhos não estavam em Mason, o qual

continuava a andar na direção deles como se estivesse numa patrulha. Com um aceno, um dos tremistas mostrou que reparava na aproximação dele.

O rei pôs a mão no cubo, os dedos abertos, e inclinou a cabeça para baixo, como se estivesse ouvindo algo. Mason sabia que um soldado deveria manter os olhos no inimigo o tempo todo, mas era difícil tirá-los do cubo. O metal parecia emitir um brilho fugaz quando banhado pela luz.

Mason estava agora a apenas dez passos de distância, perto o bastante para ver os fios de cabelo na cabeça de Susan, e não tinha ideia do que deveria fazer ao alcançar o grupo. Parar? Pedir para se juntar a eles? Tentar atingir apenas os vilões com a garra a laser?

Além de Susan e do rei, três tremistas andavam com três oficiais do alto escalão do ComET diante de si. As mãos dos oficiais estavam atadas às costas, e as cabeças pendiam para a frente. O número de círculos nas golas dos uniformes tinha revelado aos tremistas sua importância dentro da hierarquia do ComET. Mason achava estúpidez mostrar o próprio valor como prisioneiro de guerra.

– Quero os protocolos para transportar a arma em segurança – disse o rei a Susan, quase sussurrando. – Quero todas as informações que vocês têm sobre ela. Imediatamente.

Ele começou a andar pelo lado norte do cubo, e Mason se juntou ao grupo, acompanhando o ritmo deles. Ficou tão aliviado que quase desabou no chão; até o momento, nada tinha estragado seu disfarce.

Mas a alegria não durou e ele não sabia o que fazer em seguida.

– Não tenho acesso a essas informações – disse Susan.

Ela olhou para Mason e seus lábios esboçaram uma expressão ridícula. Ele queria gritar e avisá-la de que era ele quem estava ali, e a vontade era tão forte que teve de apertar os lábios com força para se manter quieto. O rei lhes deu as costas, exibindo a capa furada. Mason não pôde deixar de imaginar se o cabelo dele era roxo por baixo da armadura escarlate; se sua pele era tão clara quanto a de Merrin; se as veias eram fáceis de ver por sob a pele, como tatuagens.

– Quem teria acesso a esses dados no caso da morte da capitã? – perguntou o rei.

– Não sei. Maldito.

O rei girou o corpo, erguendo o braço, e acertou Susan com as costas da mão, usando tanta força que ela tombou de joelhos. Uma única gota de sangue respingou no chão. O cabelo dela parecia uma cortina sobre seu rosto, ocultando-o. As mãos de Mason apertaram com força a garra a laser, mas ele não agiu. Não ainda. Não quando a armadura do rei poderia simplesmente absorver o

disparo, como ocorrera com o canhão fotônico. Ele tinha de ter certeza, mesmo sentindo o sangue ferver enquanto Susan se levantava, cambaleante.

– Descubra – disse o rei.

– Então é assim que as coisas são feitas no mundo tremista – replicou Susan.

O rei pareceu prestes a acertá-la outra vez. Sua mão se mexeu como se preparasse um novo golpe. Mas ele apenas lhe deu as costas, e o grupo seguiu andando.

– Jamais vou ajudá-lo – disse Susan, depois de outros vinte passos.

Ela não afirmou isso com brutalidade nem usou um tom desafiador. Era apenas um fato.

– Vamos obrigá-la. E, se você se recusar, vamos obrigar outra pessoa. Enquanto você assiste.

Susan não respondeu, mas Mason reparou na tensão em seus ombros.

O grupo deixou o cubo para trás e entrou num túnel que levava ao atracadouro de naves. O coração de Mason começou a bater cada vez mais rápido na interface visual do capacete: ele tinha quase certeza de quais símbolos representavam essa informação, mas não sabia quais números eram exibidos. Sem dúvida, seria um número alto. E isso era péssimo: ele precisava manter a calma para evitar reações impulsivas. O segredo era manter-se calmo, a pulsação constante. Respirar fundo. Nada de medo. Depois do breve túnel, ele estaria na nave *Falcão*. Território inimigo, do qual não haveria fuga fácil.

Mason tivera de estudar o modelo *Falcão* quando estava no primeiro ano. Era o único tipo de nave tremista que o ComET fora capaz de capturar e, portanto, aquele sobre o qual eles conheciam mais detalhes. Ele tinha ultrapassado sua cota de problemas naquele primeiro ano e, para deixar Susan orgulhosa, memorizara a planta da nave e tirara uma das notas mais altas naquela prova. Como recompensa, Susan o levava para visitar a nave capturada. Algo que poderia ser muito conveniente agora, pois, se cada nave *Falcão* fosse idêntica às demais, ele *deveria* se lembrar de onde ficava cada divisão e cada compartimento. A sala maior perto da ponte de comando deveria ser os aposentos particulares do capitão. Ele esperava que, naquele caso, o capitão fosse o rei. Ainda assim, a nave *Falcão* que Mason visitara não se encontrava repleta de tremistas. E ele estava agora sob intensa pressão, o que o levava a se sentir inseguro, pensando que talvez estivesse enganado quanto à posição das salas na nave. Mason tinha memorizado tudo aquilo anos atrás – fazia tanto tempo que a melhor alternativa era confiar nos próprios olhos...

O rei se voltou para um de seus guardas.

– Depois que rompermos o lacre, inicie a extração. Não espere pelos protocolos. Se não tivermos partido em dez minutos, cada minuto adicional vai lhe custar caro. Entendido?

– Sim, senhor – respondeu o tremista, entregando seu prisioneiro a outro colega antes de seguir o próprio rumo.

Mason tinha de se apressar. Se eles fossem abrir o compartimento de carga principal para tirar de lá o imenso cubo, a nave *Falcão* teria de se afastar para que as portas do compartimento pudessem se abrir. Ele ficaria preso na nave inimiga com Merrin e Susan. O cubo era gigantesco: era *impossível* fazê-lo caber na *Falcão*. O que significava que eles teriam de rebocá-lo, se é que isso podia ser feito.

Dois guardas estavam postados na entrada da nave *Falcão*, na extremidade mais distante do túnel. Mason esperou que eles o chamassem, que apontassem as garras a laser para ele, mas os dois permaneceram imóveis, olhando para a frente. O grupo seguiu adiante, aproximando-se da entrada, e o impostor (Mason) vinha na retaguarda. Mason prendeu a respiração ao finalmente entrar na nave inimiga, passando do metal prateado da *Egito* para a superfície rochosa da *Falcão*.

Tudo parecia fácil demais. Mason tinha acabado de abordar secretamente a nave inimiga. Ele esperou, esperou e esperou, os músculos tensos, imaginando que alguém o agarraria nas sombras. Que seria arrastado até um tipo de câmara de tortura tremista.

Então, o rei parou subitamente. O grupo parou com ele.

O monarca girou o corpo devagar, e Mason sentiu os olhos do rei sobre si, embora a máscara do tremista fosse apenas um buraco escuro.

– Você – disse o rei.

MASON CONGELOU ONDE ESTAVA. ERA o fim. Ele tinha se esforçado, mas precisaria de mais sorte na próxima vez. Uma tristeza fria o preencheu; ele era a última esperança de todos, e fracassara. Seu único consolo consistia em pensar que tinha tentado, e não fugido.

Susan também o olhava. Mason estava preparado para fugir, ou se lançar a um ataque final, mas obrigou-se a manter a calma. Não poderia agir até ter certeza de que não haveria maneira de salvar a situação.

O rei agarrou o braço de Susan e a empurrou para frente.

– Leve-a para uma cela.

E, sem dizer mais nada, continuou a caminhar, virando num corredor que Mason sabia levar ao compartimento de carga da própria nave tremista.

A sensação de alívio amorteceu seus músculos. Cada centímetro dele queria abraçar Susan e fazê-la retribuir o abraço, talvez acariciando seu cabelo como ela costumava fazer quando Mason era pequeno, quando os pais partiam em alguma missão demorada e ele sentia saudade dos dois.

Mas ainda havia trabalho a fazer.

Mason estava sozinho com a irmã, a não ser pelos dois guardas que estavam de costas para eles, sem lhes dar atenção. Ele agarrou o braço dela e começou a levá-la para longe. Susan não disse nada. Não resistiu, parecendo derrotada nas mãos dele. Se ao menos Mason pudesse lhe dizer que tudo não estava definitivamente acabado, que ainda havia esperança. Mas, primeiro, tinha de ficar a sós com a irmã.

Eles marcharam em silêncio por alguns momentos, lado a lado. Até que Mason não conseguiu mais esperar.

– Sou eu – disse Mason. – Eu... seu irmão.

A boca de Susan se abriu um pouco, enquanto uma mistura de surpresa e incredulidade lhe percorria o rosto. Mason entendia a descrença dela: ele próprio tinha dificuldade em aceitar que tinha chegado tão longe.

– Seu idiota – disse ela em voz baixa. – E se eles o descobrirem?

Susan esboçou um sorriso que logo se perdeu, como se pesasse toneladas. Ela olhava para uma série de janelas na parede à sua direita. Mason se aproximou e viu o que acabara com o sorriso dela...

A janela dava para um imenso espaço aberto bem no centro da nave *Falcão*. Mason logo percebeu que aquele era o compartimento de carga principal.

Estava repleto de tripulantes da *Egito*. Eles formavam colunas, esfarrapados, ensanguentados e feridos, mal se aguentando de pé. Mason calculou que havia quase duzentos deles, quase a tripulação completa da nave, com exceção dos mortos. As portas que levavam ao compartimento eram guardadas por vários tremistas, todos eles armados. Não havia como chegar à tripulação, e era impossível libertá-los sem ajuda. Mason sabia que Susan estava pensando a mesma coisa.

Mas ainda era possível salvar Merrin. Os aposentos do rei ficavam perto. Mason agarrou Susan pelo braço e começou a arrastá-la para longe da janela.

– Não podemos parar.

– Eu sei – disse Susan. Seus olhos estavam arregalados, com as pupilas dilatadas, como se ela estivesse em estado de choque. – Preciso incapacitar a nave. Tenho de salvá-los.

– É impossível – disse Mason. – Pare de falar.

Ele se sentia constrangido por dizer aquilo à irmã: quem era ele para dar ordens a Susan? Mas era impossível saber quem mais poderia escutá-los.

– Quero que dê meia-volta e saia da nave – disse Susan, ignorando-o. – Isso é uma *ordem*.

– Sou um tremista, não sigo as ordens do ComET – disse Mason. Susan não riu da piada dele. – Merrin está logo ali – implorou ele. – Podemos salvá-la.

Susan não contestou, e eles seguiram andando. Talvez, se Mason salvasse Merrin, ele pudesse convencer Susan de que precisava da ajuda dela para sair da nave. Ele jamais aceitaria ter chegado tão longe apenas para deixá-la para trás.

As dimensões do corredor eram semelhantes às encontradas na *Egito*, talvez um pouco mais estreitas. As paredes pareciam pulsar com uma luz estranha; Mason se sentia tonto ao olhar para elas. Mas não deixava de ser um corredor, com duas paredes formando um ângulo reto em relação ao teto, o mesmo corredor pelo qual ele andara com Susan quando ela lhe mostrara a *Falcão* capturada na Academia I. A lembrança parecia se misturar com aquilo que ele via agora. Tinha caminhado por aqueles corredores cheio de reverência, maravilhado, compreendendo que se tratava de uma máquina criada por alienígenas. À sua maneira, era linda. Mas agora ele enxergava apenas o perigo.

Diferentemente da nave capturada, estéril e vazia, essa estava viva. Essa nave *Falcão* poderia matá-lo.

Susan permitiu que Mason a conduzisse, parecendo ser exatamente uma prisioneira em estado de choque.

Dois tremistas se aproximavam deles agora, marchando em sua direção e empunhando as garras a laser em prontidão. Mason ficou tenso, mas obrigou-se a manter o ritmo dos passos. Estudou-os com o olhar, em busca de algum sinal de que o teriam identificado. Seus instintos lhe diziam para ser rápido com a garra a laser e derrubá-los antes que tivessem uma chance contra ele. Mas o barulho acabaria certamente atraindo todos os inimigos das imediações. A nave detectaria os disparos de energia e soaria um alerta para a tripulação. Ao lado dele, Susan deixou a cabeça pender, caminhando agora com mais dificuldade. Mason seguiu a deixa dela, puxando-a com mais força. Para um observador, os dois eram apenas um tremista e sua prisioneira.

E os dois tremistas que vinham na direção oposta ainda não tinham erguido as armas.

Passaram pelos dois irmãos.

Mason quase cedeu à tentação de ver para onde estavam indo, mas conteve-se. Os passos dos dois tremistas ecoaram cada vez mais distantes, afastando-se em ritmo constante.

O corredor fez uma curva à direita, rumando para a parte da frente da nave. “Três guardas na porta”, dissera o rei. Por sorte, Mason tinha a vantagem do elemento-surpresa.

Mason estava prestes a fazer uma nova tentativa de convencer Susan a ficar com ele, mas logo os dois chegaram à porta.

– É aqui – disse ele.

Susan tocou nas granadas presas ao cinto dele.

– Estas são para atordoar – disse ela, tocando nas que ficavam do lado esquerdo de seu quadril. – E estas emitem um pulso eletromagnético – falou, tocando nas que estavam do lado direito.

– Como sabe? – disse Mason.

Ele tirou duas granadas atordoantes do cinto e entregou uma delas à irmã.

– Academia II – disse ela, dando uma piscadela. – Você ainda tem *muito* a aprender na escola.

– Nem me lembre disso.

Quando se aproximaram o bastante, a porta se abriu automaticamente, revelando uma rica área de estar. Tudo era roxo, e Mason se perguntou mais

uma vez qual seria o motivo da obsessão dos alienígenas por aquela cor. A cama estava coberta com tecidos claros. Das paredes pendiam tapeçarias que mostravam florestas e animais estranhos, que ele não soube identificar.

O cômodo parecia vazio. Mason e Susan pararam no lugar, sem ouvir nada. Era impossível que os aposentos não tivessem ninguém. Deram dois passos adiante e viram que a sala continuava à esquerda. Havia naqueles aposentos uma cozinha particular e uma área para fazer refeições, uma escrivaninha e uma cadeira na qual Merrin estava agora sentada.

Cercada por três tremistas armados.

– Agora! – disse Susan.

Eles arremessaram as granadas ao mesmo tempo, bem aos pés dos tremistas.

– Cubra as orelhas! – gritou Mason.

Merrin foi rápida. Pôs as mãos sobre os ouvidos e fechou os olhos com força. Mason virou de costas, fazendo o mesmo. As duas explosões simultâneas ainda produziram desconforto com seu brilho e barulho, uma onda de choque que ele sentiu através da armadura como um tapa atingindo seu corpo inteiro. Ele se agachou, apoiado num dos joelhos, sem poder enxergar em meio à estática, que interferia nos sensores da máscara. Seu corpo se preparou para o pior quando o ruído de garras a laser preencheu a sala. Sua visão clareou depois de momentos que mais pareceram horas, e ele viu os tremistas cambaleando, mais atordoados do que ele, arranhando as paredes com as garras. Bastava um daqueles disparos para acabar com eles. As coisas não estavam saindo como Mason havia planejado: deviam ter esperado do lado de fora, para garantir que os tremistas estivessem rendidos. Os raios verdes cortavam o ar sobre sua cabeça. Um deles resvalou no braço direito de sua armadura, queimando a pele por baixo. Ele soltou um grito, que saiu distorcido por sob a máscara.

Então, uma silhueta partiu em alta velocidade à sua direita, e Susan passou entre eles feito fumaça. Com a mão, acertou um golpe no pescoço de um dos tremistas e, em seguida, jogou outro contra a parede com tanta força que sua máscara espelhada rachou. O último tremista se afastou dela, sem perceber que quase trombava com Mason. Quando o inimigo se preparava para apontar a garra a laser para ela, Mason deu um passo e aplicou-lhe uma rasteira, caindo com os dois joelhos sobre o peito dele.

– A explosão vai atraí-los! – disse Susan. – Vá!

– Não sem você! – retrucou Mason.

– Mason? – perguntou Merrin.

Ela tinha saído da cadeira, as mãos sobre os ouvidos.

O tremista que Susan tinha acertado no pescoço se levantou e saltou na direção de Mason, mas ele desviou com um passo lateral e acertou o inimigo nas costas com ambos os punhos, imaginando atingir os rins do alienígena.

– Pois é, sou eu – ele disse a Merrin.

– Onde encontrou uma armadura tremista?

– Tem certeza de que quer me perguntar isso *agora*?

O tremista se apoiou na parede e voltou a atacar, mas Susan estava atenta. Mason se agachou e Susan saltou por cima do irmão, acertando um chute na garganta do tremista.

Porém, a armadura era forte demais. Seria preciso muito mais para nocautear todos eles. Susan tentou alcançar uma garra a laser, mas um dos tremistas afastou a arma com um chute, jogando-a para baixo da cama. Mason ainda estava atordoado por causa da granada, e sabia que a irmã e Merrin também deviam estar se sentindo assim. Ele atravessou a sala e puxou Merrin pela mão, desviando de um tremista que ainda tentava se levantar. Susan acertou um chute na cabeça do inimigo. Havia no chão outra garra, destruída, que soltava fumaça.

Eles fugiram.

Voltaram pelo caminho de onde tinham vindo, percorrendo centenas de metros que mais pareciam quilômetros. As luzes nas paredes estavam agora pulsando mais rápido – seria algum tipo de alarme? Mason respirava pesado, escutando o som do ar nos próprios pulmões. Passos soavam no corredor atrás deles, mostrando que os tremistas os seguiam.

– Não parem de correr! – disse Susan. – Mais rápido!

O corredor ficava mais reto depois da curva, e Mason conseguia enxergar a *Egito* logo após a passagem da porta. Seis tremistas corriam na direção deles, vindos de trás, as garras em prontidão e o reflexo dos três refletido nas próprias máscaras em meio à luz fraca. Mason tinha acabado de vencer a curva do trajeto, Susan e Merrin, logo atrás dele, mergulharam no chão para escapar do laser verde das garras disparadas às suas costas.

Os dois guardas no atracadouro estavam prontos para atacar, não mais agindo feito estátuas. Mas Mason já esperava pela movimentação deles: lançou duas granadas eletromagnéticas na direção da dupla. Estas quicaram no chão, estalando, e a interface visual do capacete de Mason se apagou. Havia sido destruída.

O mesmo tinha acontecido com as garras a laser que os tremistas

pretendiam usar para matá-los. Os dois apertaram o gatilho, sem produzir nenhum resultado, e Merrin conseguiu passar à esquerda deles, pousando os pés no chão metálico da nave do ComET. Ela girou o corpo para ajudar os demais, mas Mason a perdeu de vista quando o tremista da esquerda o acertou com um soco tão poderoso que o fez desabar contra a parede do túnel, ainda dentro da nave *Falcão*. Mal conseguia ver Susan lutando contra o outro guarda, um redemoinho de socos e chutes, devido à dor latejante em sua cabeça, que borrava sua visão. Ele sabia que nada daquilo importava, pois os seis tremistas deviam estar agora a poucos segundos deles. Logo os três seriam dominados. Se Merrin conseguisse fechar a porta, ao menos ela poderia se salvar.

O tremista se aproximou dele, olhando para baixo, a cabeça inclinada para o lado como se estivesse diante de algo muito curioso. Então, ergueu a garra destruída por sobre a cabeça, uma arma avançada que tinha sido reduzida a um porrete, porém poderoso o bastante para esmagar a cabeça de Mason...

Mason fechou os olhos por reflexo, mas estes se abriram um segundo mais tarde, quando Susan o agarrou e o arremessou para dentro da *Egito*. Um segundo do mais puro alívio enquanto voava apelos ares: sua cabeça estava inteira. Poderia retomar a batalha.

Ele caiu pesadamente na superfície da nave do ComET e ficou sem fôlego, apoiando-se em seguida nas pernas e mãos, e levantando a cabeça para ver Susan, que agora lutava sozinha contra os dois tremistas. Ele estava prestes a se lançar no embate, mas Susan acertou os controles da porta com uma cotovelada.

Não podia ser. Ela jamais se trancaria lá dentro. Mason quis gritar, mas ainda não havia ar suficiente em seus pulmões.

Observou enquanto a imensa porta se fechou entre eles, sem nada poder fazer.

A luz verde das garras a laser pôde ser vista pela janela na pesada porta. Pela última vez, um rápido vislumbre do cabelo escuro de Susan sumindo de vista.

Silêncio.

COM UM TREMOR SURDO, A nave *Falcão* se soltou da *Egito* e começou a se afastar.

– Não! – gritou Mason, golpeando a porta. – Não, NÃO!

Ele entendeu tudo. O pulso eletromagnético das granadas tinha salvo a vida deles, mas tinha também desativado os controles eletrônicos da porta. O botão que Susan acertara com o cotovelo era a trava mecânica que prendia uma nave à outra. Mas a trava ficava do lado de *fora* da *Egito*. Alguém teria de ficar para trás, e ele selara o destino da irmã no momento em que lançara as granadas.

Susan tinha ficado presa na nave inimiga por culpa dele.

O brilho da luz verde ainda dançava em suas retinas, e ele não podia acreditar na situação. Os tremistas não a matariam. *Não*. Ela estava apenas presa. O rei ainda desejaria falar com ela. Sim, eles a manteriam viva. Iriam obrigá-la a se juntar aos demais prisioneiros. Talvez os disparos das garras a laser fossem para subjuguá-la, ou assustá-la.

Ele tinha trancado a própria irmã na nave tremista.

– Mason, temos que ir. Mason!

Merrin o puxava, mas ele insistia em se desvencilhar das mãos dela e se aproximar da janela da escotilha. Mason tinha que ver. Embora não houvesse nada visível do outro lado da escotilha: a nave *Falcão* já tinha sumido de vista.

– Ela se foi – disse Merrin. – Está cumprindo seu dever.

A amiga tentou puxar Mason outra vez, mas ele afastou sua mão com um safanão. Agarrou o capacete e o arrancou da cabeça.

– *Dever?* – rosnou dele. – Qual dever? O de ser presa? O que é que ela pode fazer lá?

– Talvez consiga fugir...

Os dois sabiam o quanto aquela possibilidade era remota. Merrin desejou poder voltar atrás no que tinha dito.

Os olhos roxos dela brilhavam, aflitos. Mason sabia que ela queria confortá-lo como pudesse, mas a cor daqueles olhos o lembrou de algo crucial. Era

possível ver as discretas linhas de veias roxas no pescoço e no rosto dela.

Mason respirou fundo. Não importava o quanto fossem amigos, ele tinha de descobrir tudo o que Merrin sabia.

– Você é uma tremista? – perguntou.

“Você sabe muito bem o que ela é: sua amiga. Sua única amiga.”

– Por que você acha que...?

– Eu vi um deles sem a máscara. Têm o cabelo e os olhos da mesma cor que os seus. O mesmo tipo de pele. – Ele tentou engolir, mas sua garganta estava seca demais. – Você pinta o cabelo? Mudou a cor dos olhos?

– Não, eu...

– Então, é uma tremista?

Ela apertou os lábios e olhou furiosa para Mason. Ele sentiu o estômago embrulhar com o arrependimento: não queria ter sido tão cruel. Mas, se Susan tinha acabado de ficar para trás para que Merrin pudesse ser salva, ele queria ter certeza de que a amiga era mesmo totalmente leal ao ComET. Especialmente levando-se em consideração o fato de que os dois ainda teriam de lidar com os tremistas que controlavam a *Egito*. Ele precisava confiar cegamente nela. “Você já confia nela, idiota”, pensou Mason. “Tanto quanto confia em Susan. O que está fazendo?”

– Não sou uma tremista – disse ela finalmente. – Fico surpresa com uma pergunta dessas vinda de você, Stark. Somos amigos desde *antes* de nos tronarmos cadetes, e você ainda me pergunta isso?

Mason sentiu uma pontada no peito. Tentou suavizar a voz para não dar a impressão de que a acusava de algo.

– Eu vi um deles de perto, Merrin, só isso. Tirei a armadura dele e vi seu rosto.

Sem pensar no que fazia, Mason ergueu a mão para tocar o rosto dela, mas a garota se afastou antes que sua mão a alcançasse. Mason sentiu o rosto arder.

– Meu nome é Merrin Solace. Minha mãe é uma comandante do ComET. Meu pai é médico. Nasci em Marte em 2787. Se não confia em mim, problema seu.

Ela começou a se afastar. Mason a agarrou pelo pulso.

Merrin olhou para a mão dele, depois ergueu lentamente os olhos até encontrar os de Mason, quase com preguiça. Perigo.

– Solte-me – disse ela, a voz fria como gelo.

Ele obedeceu.

– Vou atrás dos outros. Eles precisam de nós.

Ele não podia esquecer o que tinha visto. A parte de seu cérebro que seguia a lógica das coisas dizia que não podia ser uma coincidência. Mas seus instintos diziam: “Confie nela”. Independentemente de qual fosse o sangue nas veias dela, ela pertencia ao ComET, assim como ele. Mas como poderia ter certeza disso? Seria preciso esperar e ver, sem nunca baixar a guarda.

“Tremista ou não, ela está na sua equipe, e você na dela.”

Mason estendeu a mão para a garota, que o encarou durante algum tempo.

– Sinto muito – disse ele. – Você sabe que eu faria qualquer coisa por você.

Ela respondeu com um aceno frio da cabeça e apertou a mão dele, rapidamente.

Pela janela, viram a nave *Falcão* assumindo posição do lado de fora do compartimento de carga da *Egito*. Não pareciam dispostos a voltar para buscar Merrin.

A arma parecia ter mais importância para eles.

– Vai me ajudar a encontrar os outros cadetes? – ela perguntou.

– Sim – disse Mason. – Mas, primeiro, há algo que preciso ver.

ELA O SEGUIU ENQUANTO MASON refazia o caminho até o compartimento de carga.

A porta de acesso estava trancada.

As portas principais estavam abertas para o espaço; não havia no compartimento um átomo de oxigênio. Pela janela, era possível ver o cubo se movimentando lateralmente ao sair do compartimento, em total silêncio. A nave *Falcão* rebocava o gigantesco objeto, provavelmente usando um raio trator duplo que havia sob o sistema de propulsão.

Agora, os tremistas tinham a arma. Não importava o significado disso; era certo que a missão fracassara. Mason falhara em deter o inimigo. O soldado que existia dentro dele sentia-se envergonhado por ter escolhido se dedicar a Merrin e à irmã em vez de se voltar para o objetivo que qualquer oficial superior lhe teria designado: impedir que os tremistas pusessem as mãos na arma.

Mas o amigo leal e o irmão que haviam dentro dele não se arrependiam.

– O que é aquilo? – perguntou Merrin, a voz cheia de espanto.

O tamanho ainda impressionava Mason. Uma coisa era ver algo imenso feito pelo homem, mas a sensação era bem diferente quando não se sabia a origem do objeto. A questão era o mistério que envolvia aquele cubo. Ele não tinha a menor

ideia de como havia sido construído, nem de onde viera.

– Seja o que for, é o motivo de os tremistas terem nos abordado. Disso tenho certeza. – Ele se voltou para a amiga. – Devemos ser cuidadosos.

Os dois se afastaram da porta, avançando para o elevador que os levaria a andar mais baixo da seção intermediária da nave. Ali, Mason apertou o botão que os faria descer. Tocou o espaço sob sua orelha.

– Elizabeth?

– Pois não, cadete Stark – disse ela dentro de seu ouvido.

– Quantas pessoas há na nave? Membros do ComET e tremistas?

– Há dezenove membros do ComET na nave. E doze tremistas, sem contar o que está inconsciente no túnel de engenharia.

Aquilo deixou Mason surpreso. Havia dezoito cadetes ao todo. Tinha de haver algum engano e, por isso, ele perguntou:

– Quantos... quantos oficiais do ComET?

– O comandante Lockwood é o único oficial presente na nave. Duzentos e noventa e seis oficiais foram capturados e estão na nave tremista. Treze foram mortos. O comandante Lockwood encontra-se em condição crítica na enfermaria, junto com os cadetes.

Mason voltou a respirar. Os cadetes estavam bem, e juntos. Um breve injeção de orgulho deu-lhe energia: seus colegas cadetes tinham evitado ser capturados.

– E quanto aos tremistas? – perguntou ele.

O alívio não durou muito: havia doze tremistas a bordo da nave. Os cadetes eram mais numerosos que os tremistas, mas ele já tinha visto o inimigo de perto, em ação. Enfrentá-los diretamente jamais funcionaria. Eles precisavam de um plano, algo que empregasse a astúcia e a vantagem da surpresa.

– Há seis na ponte de comando. Cinco se movendo pela nave. E um no banheiro. Além daquele que você prendeu no túnel de acesso da engenharia.

O elevador parou e os dois desceram. O caminho estava livre, e os dois subiram na esteira e foram levados na direção do alojamento da tripulação. Elizabeth teria de ser a aliada deles, desequilibrando a luta em seu favor: Mason sabia onde os tremistas estavam, mas eles não sabiam onde *ele* estava. Já era alguma coisa.

– Consegue isolá-los? – perguntou Mason. – Pode trancar aquele que está no banheiro?

– Feito – respondeu Elizabeth.

Agora, ele podia se preocupar com onze apenas.

– Perfeito. E quanto aos outros? – perguntou Mason.

– Os cinco não estão perto de sua posição, mas podem circular por determinadas áreas. Não tenho condições de evitar que os seis tremistas na ponte de comando acessem os controles da nave, nem posso impedi-los de sair de lá. Estão tentando obter acesso ao meu terminal principal, e não serei capaz de detê-los por muito tempo.

Se perdesse Elizabeth, estaria tudo acabado. Além de terem total controle sobre a *Egito*, os tremistas conseguiriam encontrar os cadetes sem ter que procurar em cada ambiente da nave. Poderiam ejetar as cápsulas de fuga antes que os cadetes as usassem para fugir.

– Quanto tempo temos?

Eles chegaram a uma parte da esteira que se movimentava mais rapidamente. Mason equilibrou o corpo, sentindo o vento rugir nos ouvidos.

– Calculo que poderei me manter leal ao ComET por mais uma hora, ou cerca de 68 minutos.

Mason e Merrin quase tombaram para o lado quando a nave começou a acelerar. O cubo deveria estar agora fora da *Egito*, puxado pelo raio trator da nave *Falcão*. Ele imaginou o imenso objeto flutuando no espaço.

E a nave agora se movia. Mau sinal.

– Conte-me a respeito da arma – exigiu Mason.

– Por favor, seja mais específico na sua solicitação.

– O grande cubo no compartimento de carga!

– Essa informação é confidencial.

– Conte-me *alguma coisa*. Quem o criou?

Uma pausa.

– Não tenho informações sobre sua criação. Não poderia lhe contar nada, mesmo que tivesse ordens para fazê-lo.

– Não há nada que possa me dizer?

– Aguarde. Vou tentar reunir informações para apresentar um relatório mais completo.

A esteira os deixou diante do elevador do lado esquerdo da nave. A enfermaria ficava quatro andares acima, a cerca de cinquenta metros da posição deles. Os demais cadetes não estavam longe. *Pareciam* estar a salvo, mas, assim que os tremistas assumissem o controle de Elizabeth, todos se tornariam alvos fáceis. Ou melhor, praticamente patos em fuga, fáceis de localizar. Além disso, os tremistas podiam deixar a ponte de comando e começar uma busca por conta própria a qualquer momento.

Mason e Merrin entraram no elevador e depois avançaram velozmente pelo silencioso corredor do andar da enfermaria.

– Ainda estamos longe dos inimigos? – Mason perguntou a Elizabeth.

– Dois tremistas começaram uma busca e avançam para o alojamento da tripulação. Vão demorar pelo menos três minutos para chegar à sua posição. Vou informar vocês conforme eles se aproximarem. É provável que entrem no alojamento da tripulação, mas não devem se afastar muito da ponte de comando.

Mason voltou a suar. Não era ruim receber as informações de Elizabeth, mas ele queria alguém que estivesse de olho no inimigo, que soubesse exatamente onde ele estava e para onde iria. Havia partes da nave que ele ainda não conhecia bem. Parecia que o inimigo estaria à sua espera depois de cada curva e atrás de cada porta.

A nave estava silenciosa, com exceção do zumbido constante dos motores. Não era um silêncio agradável: mais parecia o de um túmulo. Um silêncio sem vida. A tripulação era composta por centenas de pessoas quando deixara a base espacial duas semanas atrás. Em geral, era difícil encontrar um corredor vazio, e sempre havia alguém caminhando de um lado ou de outro. Agora, todos os tripulantes estavam mortos, ou pior: a bordo da nave *Falcão*.

Avançaram mais um pouco e deram na enfermaria. Foi então que Mason viu o quanto eles estavam realmente sozinhos.

A ENFERMARIA ABRIGAVA DEZOITO CADETES, entre eles Mason, Merrin, Stellan, Jeremy e Tom. As idades iam de sete a treze anos. Todos estavam reunidos a um lado da enfermaria, esforçando-se para manter a posição de sentido, mas sem conseguir esconder o nervosismo. Os mais jovens estavam de olhos arregalados; os mais velhos suavam dentro do uniforme. Viram Mason de armadura e alguns deles pareceram engasgar, embora ele estivesse sem o capacete. Ele pensou em tirar imediatamente o restante da roupa, mas concluiu que seria bobagem abrir mão da proteção que ela proporcionava.

Com a careca reluzindo por causa do suor, o comandante Lockwood estava deitado numa maca. Queimaduras cobriam seu pescoço e a lateral do rosto. O uniforme do ComET que ele vestia estava chamuscado em certas partes, mas tinha sido completamente queimado no lado direito do tronco. Naquele ponto, sua pele estava escura e avermelhada. Logo estaria morto se não o levassem para um hospital de verdade, disso não restava dúvida. Mason sentiu um vazio dentro de si, pois conhecia bem Lockwood – ele às vezes era o encarregado de arregimentar os cadetes. Também sentiu um peso sobre os ombros, pois sabia que, quando Lockwood morresse, eles estariam de fato sozinhos. Só restaria Elizabeth para lhes fazer companhia numa nave controlada pelo inimigo.

Os cadetes esperavam em silêncio, mantendo certa distância, enquanto Stellan injetava medicamentos no comandante pelo duto intravenoso. Os olhos de Jeremy estavam vermelhos e cheios de lágrimas. Tom se mantinha silencioso, cabisbaixo. Mason se aproximou lentamente da cama. Não queria ver os ferimentos de perto, mas não podia mostrar aos outros o quanto estava aflito diante da situação.

Lockwood mal se movia; apenas rolou os olhos na direção de Mason.

– Cadete Stark – disse ele com a voz fraca. – Relatório da situação.

– Sim, senhor – disse Mason. – Somos os últimos que restaram, senhor. Há seis tremistas na ponte de comando e cinco vasculhando os corredores, além de um outro que pedi a Elizabeth que trancasse no banheiro.

– É uma pena – disse ele. – Esteve na nave *Falcão*?

– Sim, senhor.

– Impressionante. – Ele soltou uma tosse carregada e cavernosa. – Viu nossa tripulação?

– Sim, senhor. Estão vivos. São prisioneiros.

Mason sentiu uma pressão atrás dos olhos e um nó na garganta. “Não vou chorar.” Ele tinha de ser forte. Se eram os últimos que haviam restado, alguém teria de ser forte. Se Susan estivesse ali, tal responsabilidade caberia a ela, mas a irmã não estava. “Os Stark são líderes”, dissera a irmã inúmeras vezes. “Nossos pais eram líderes. Liderar é uma responsabilidade, e não uma honra. É um dever.”

Dever. Naquele momento, Mason detestava o gosto daquela palavra.

– Está prestando atenção, Mason? – perguntou Lockwood. O cabelo do lado direito da cabeça havia sido todo queimado. Sua voz era fraca e trêmula.

– Sim, senhor – respondeu Mason.

– Sua irmã era a capitã incumbente antes de deixar a nave, correto?

– Sim, senhor.

– Estou ferido, filho. Muito ferido.

Mason olhou para os ferimentos.

– Não parece tão mau, senhor. Não para um comandante do ComET.

Lockwood esboçou um sorriso, mas este se converteu numa careta.

– Jeremy, prepare mais dez mililitros – disse Stellan.

– Não! Não... – protestou Lockwood. – Preciso manter a lucidez. A dor não é problema, rapazes. A dor pode ser a amiga do soldado, se a usarmos para manter o foco.

– Senhor – disse Mason –, o que havia no compartimento de carga? O cubo.

Os olhos dele ganharam vida, livres da dor por um momento.

– Eles o levaram, não?

– Sim, senhor.

– Sabe o que era?

– Não, senhor.

– É o fim do mundo, rapaz. Fomos gananciosos. O ComET, os mundos unidos... Este será nosso fim. Fomos gananciosos demais.

O suor sob a armadura de Mason ficou frio. Se fosse mesmo uma arma, os tremistas a tinham agora, e não havia ninguém para trazê-la de volta.

– O que é?

– É um portal hiperespacial. O maior já construído.

No começo, Mason pensou que ele estivesse delirando. Um portal hiperespacial era exatamente isto: um portal. Uma nave o lançaria, normalmente sob supervisão de engenheiros. Era um grande pedaço de metal que se abriria no espaço, com as partes metálicas se movendo até que houvesse um círculo tão espesso quanto o pulso de Mason. O círculo seria grande o bastante para ser atravessado por uma nave. O portal seria capaz de dobrar o espaço até que algum local distante estivesse dentro dos limites do círculo. Era uma forma de viajar instantaneamente pela galáxia, desde que se soubesse o que havia do outro lado.

Mas o que Mason tinha visto não era um portal. Era um imenso objeto metálico a partir do qual seria possível construir milhares de portais.

– Como, senhor?

– É um portal, cadete. Um único portal.

Mason pensou mais uma vez no tamanho, no comprimento e na largura. Tentou visualizar o objeto se desdobrando no espaço. Seu cérebro era simplesmente incapaz de imaginar aquilo, assim como era difícil imaginar a distância entre as estrelas.

– Vimos aqui... – a voz de Lockwood pareceu falhar, ficando rouca, até finalmente se tornar uma tossidela. – Vimos aqui para negociar um tratado com os tremistas. Para dividir Nori-Azul.

A ideia de um tratado o chocou. A guerra chegaria ao fim, e ambas as espécies poderiam prosperar no planeta. Parecia bom demais para ser verdade, ainda que soasse muito simples.

O olhar de Lockwood indicava que *era* bom demais para ser verdade.

Ele prosseguiu.

– Em tese, era isso que viemos fazer aqui. Mas esse nunca foi o real objetivo. O ComET nunca vai entregar o controle, nem mesmo de uma parte, de Nori-Azul. Por sinal, tudo isso é confidencial.

Mason apenas confirmou com um gesto da cabeça. Ele sentiu Merrin pegar sua mão e apertá-la. Do outro lado da cama, Tom observava o comandante com o olhar grave. E os outros quinze cadetes continuavam em silêncio, ouvindo, como tinham sido treinados a fazer.

– Em vez disso, íamos abrir o maior portal hiperespacial já criado. O cubo se desdobra. É na verdade feito de centenas de milhares de peças que... se prolongam, se estendem.

Mason começou a compreender a verdade, a intenção, antes de o comandante concluir a ideia, mas tinha de ouvir aquilo da boca dele. Tinha de

ouvir para acreditar.

– Grande o bastante para um planeta passar... – disse Lockwood.

– Senhor...

– Íamos trazer Nori-Azul para a órbita terrestre. Ele partilharia sua órbita com a Terra, ficando do outro lado do Sol. Depois que Nori-Azul se ajustasse, teríamos um planeta habitável bem no nosso quintal. Com o planeta tão perto das bases principais do ComET, os tremistas não teriam mais chance. Não haveria como vencer.

Era brilhante e, ao mesmo tempo, horrível. Roubar um planeta de sua órbita natural e trazê-lo para o nosso sistema solar. Mason não conseguia entender como o ComET concebera aquele plano e o colocara em ação. Nori-Azul não *pertencia* ao sistema solar da Terra; aquilo não era natural. Como poderiam saber ao certo o efeito que aquilo teria? O equilíbrio de gravidade no sistema solar seria abalado. A não ser que tivessem pensado numa forma de compensar esse efeito.

Lockwood pareceu ler os pensamentos dele.

– É melhor do que o primeiro plano. Íamos destruir Nori-Azul para que os tremistas não ficassem com ele se fôssemos derrotados. Mas nada disso importa agora. Nada. A única coisa que importa é que eles têm o portal que criamos e sabem o que pretendíamos fazer com ele. Não sei o que *eles* vão fazer com ele, mas não pode ser nada bom. Não há como... entende? *Entende?*

Mason sentiu o coração bater acelerado, fazer uma pausa, e então acelerar novamente. Suas entranhas estavam tão geladas quanto o próprio espaço. Não era difícil imaginar o que os tremistas fariam com o portal. Se o ComET planejava roubar Nori-Azul, os tremistas tentariam roubá-lo primeiro.

Lockwood ergueu a mão e apertou o braço de Mason com tanta força, que ele chegou a sentir o toque apesar da armadura. Agora, o comandante tremia.

As palavras de Mason saíram todas de uma vez.

– Ficaremos bem, senhor. Fiz com que Elizabeth trancasse um tremista no banheiro. E Tom trancou outro deles num túnel. Há apenas onze agora. E Merrin e eu saímos da nave *Falcão*. Podemos levar a *Egito* de volta a uma base e reunir uma equipe para ir em busca do portal.

Ele dizia aquilo pelo bem de Lockwood, tentando confortar o homem. Sabia que aquela era a pior maneira de morrer, deixando dezoito cadetes que teriam de sobreviver sozinhos. Mas talvez ele fosse forte o bastante; talvez resistisse mais um pouco.

– Consegue fazer isso? – Lockwood parecia perguntar com sinceridade.

– Prometo que o farei, senhor.

Lockwood fez um gesto afirmativo e solene com a cabeça.

– Cadete Stark, eu o nomeio capitão da *SS Egito*. Leve-a de volta... e impeça esses desgraçados de usarem o portal.

O COMANDANTE LOCKWOOD AFUNDOU NA cama quando Stellan lhe deu uma nova injeção de analgésico. Seus olhos ficaram distantes antes de se fecharem.

– Ele precisa de repouso – disse Stellan. – Ainda há esperança para ele se chegarmos a uma base equipada com um hospital adequado.

A mente de Mason estava paralisada, como um motor movido a combustível fóssil de tanque vazio. Ele tentou obrigá-la a funcionar novamente, repassando as palavras de Lockwood. Tinha acabado de ser nomeado capitão. Ele era o capitão da *Egito*, responsável pelos cadetes e também por recuperar a nave das garras dos tremistas.

Mason queria ignorar suas emoções, mas não sabia como fazer isso. Desejava ser frio e calculista, tal qual os capitães que entravam para os livros de história, como certamente ocorreria com a capitã Renner. Mas isso era impossível, por isso decidiu fingir frieza. Havia lido certa vez num manual uma citação do famoso capitão Reynolds: “Não sou um homem corajoso. Mas a coragem, como a maioria dos sentimentos, pode ser fingida. E, às vezes, em casos raros, a coragem fingida pode levar à coragem real”.

– Preciso que venha comigo se pretendemos retomar a nave – disse Mason a Stellan.

Outra pessoa teria de cuidar do comandante. O estado de Lockwood era certamente péssimo, mas o homem tinha dado uma ordem a Mason. Era hora de parar de pensar na saúde dele e começar a se concentrar na missão.

– Um momento – disse Tom, torcendo o nariz. – Ele realmente nomeou você como capitão?

– Você o ouviu – disse Merrin.

Tom olhou para Merrin pelo que pareceu ser a primeira vez, como que se lembrasse do tremista sem capacete na seção de engenharia naquele exato momento. Felizmente, não tocou no assunto nem quis comentar a semelhança diante dos outros cadetes.

– E nós vamos seguir suas ordens? – perguntou Tom.

– Se quiserem continuar no ComET, sim.

Mason não queria agir daquela maneira, não desde o início. Valer-se da patente de oficial não era algo que ele achasse bonito. Mas Susan já tinha lhe falado sobre isso quando ele estava no curso Futuros Comandantes, no quarto ano. A necessidade de manter a disciplina para não demonstrar fraqueza. Uma coisa que poderia ser contagiosa. Estar no comando significava que às vezes era necessário sacrificar uma amizade. Não que Tom fosse seu amigo. Ao menos, não era um grande amigo. Mason não sabia ao certo.

– E qual é o seu plano, capitão? – indagou Tom.

Mason se voltou para todos na sala, dirigindo-se aos cadetes. Conhecia a maioria deles pelo nome, mas não todos, algo que o envergonhava. Tinha passado duas semanas morando no mesmo alojamento e nem se importara em conhecer cada um deles. Porém, depois que o tempo de sua missão espacial conjunta chegasse ao fim, era improvável que voltassem a se encontrar. Ficava sempre mais fácil despedir-se de uma pessoa que mal conhecíamos.

– Nenhum de vocês pediu por isso – disse Mason –, mas a Terra conta conosco agora. Temos uma missão. Alguns de vocês treinam há um ano, outros há seis. Seja como for, foi para isso que nos alistamos. Vamos retomar esta nave, por isso precisarei de cada um de vocês na ponte de comando. Se cursaram alguma especialidade na Academia, assumam essa função na ponte. Vamos aprender fora das simulações, mas todos temos uma ideia do funcionamento básico de uma nave, certo? Isso é algo que se ensina no primeiro ano.

Alguns deles sorriram.

– Ótimo, capitão – disse Tom –, mas e quanto a retomar a nave? Como vamos enfrentar os tremistas que a controlam agora?

Mason apertou as pálpebras; torceu para que ninguém tivesse reparado. Tom queria um plano naquele exato segundo, mas Mason ainda não tinha pensado em nada. Longe disso. Eles tinham de neutralizar cada tremista, de preferência um por vez. Bastariam uns poucos disparos da garra a laser para acabar com todos os cadetes. Um ataque metódico daria mais resultado do que recorrer à força bruta. Mason ainda podia contar com seu treinamento, e ficou contente por isso. Mas usar as habilidades num treinamento era muito diferente de empregá-las numa situação hostil.

Eles estavam em desvantagem, talvez até demais. As cápsulas de fuga continuavam sob seu controle por enquanto. Poderiam salvar a si mesmos e abandonar a nave nas mãos dos tremistas. “Não existe essa opção”, Mason

lembrou a si mesmo. Eles tinham ordens, e o rei havia capturado o portal planetário. Se não alertassem o restante da frota, ninguém o faria.

Assim sendo, em se tratando de coragem, Mason teria de fingir.

O jovem capitão tocou a pele logo abaixo da orelha.

– Elizabeth, onde estão os tremistas agora?

Quando ela falou, sua voz preencheu a sala, e não o ouvido dele.

– Os seis tremistas continuam na ponte de comando, e outros dois se juntaram a eles. Com isso, resta um trancado no banheiro, um no túnel de engenharia, três vagando pela nave. Esses três estão rumando para o compartimento de gravidade zero a estibordo, senhor.

Mason tentou se lembrar das funções do compartimento de gravidade zero. Era menor do que o compartimento de carga, mas podia servir para o mesmo fim. As portas se abriam para o espaço, e havia um campo de força para manter o ar dentro da nave. E cada superfície tinha propriedades magnéticas, que podiam ser ativadas e desativadas conforme a necessidade, assim como Mason fizera quando Tom perdera a corrida. Além disso, campos magnéticos costumavam interferir em armas de energia, dependendo do tipo...

Mason perguntou:

– Se o campo magnético estiver ligado, as garras a laser deles vão funcionar?

Uma pausa.

– Não. Mas os canhões fotônicos não serão afetados.

– Perfeito – falou Mason com um sorriso. Aos cadetes, o capitão disse: – Espero que se lembrem do treinamento com gravidade zero.

DOIS CADETES (UM GAROTO DO primeiro ano e uma menina treinada em medicina) ficaram para trás com o comandante Lockwood. Merrin os trancou do lado de dentro para o caso de os tremistas vencerem, mas os dois poderiam chegar a uma cápsula de fuga antes que os inimigos obtivessem controle total sobre a nave. Tom deu-lhes acesso às câmeras do circuito interno e, com isso, caberia a eles decidir quando partir.

Os dezesseis cadetes restantes marcharam silenciosamente pela nave, chegando à antessala de armas dois andares abaixo. Lá, Tom e Jeremy assumiram uma expressão austera, distribuindo canhões fotônicos individuais aos cadetes, o mesmo modelo que o imediato Michael tinha lhes dado anteriormente. As armas brilhavam com as mesmas cores oscilantes de antes, um efeito

semelhante ao da armadura tremista. Mason se perguntou onde estaria o imediato Michael, e se continuava vivo ou não.

Jeremy suave. Mason também, mas manteve-se de lado, fazendo um aceno positivo com a cabeça sempre que um cadete olhava em sua direção. Alguns devolveram o aceno. O lábio inferior de um garoto estava tremendo, e Mason se lembrou novamente de quem eram aqueles jovens. Não eram soldados de verdade. Mason quase puxou o garoto de lado para mandá-lo junto dos outros na enfermaria, mas o menino respirou fundo e cerrou o maxilar. Aquilo o inspirou. Deu a ele uma injeção de esperança, levando-o a pensar que não estavam realmente perdidos, independente do que fizessem.

Num certo momento, Merrin se aproximou dele.

– Sei que está sendo forte por todos nós. – Ela sempre conseguia enxergar dentro dele. – Mas saiba que não precisa ser forte por mim.

Ela tocou o dorso da mão dele, e em seguida se afastou, antes que Mason pudesse dizer algo. Ele sentiu o coração aquecer ao pensar em Merrin, e uma raiva gelada e venenosa ao se lembrar de como a tinha tratado pouco antes.

No corredor, viu Tom acessando um terminal de computador na parede. Longe o bastante para estar fora do grupo principal.

– Elizabeth – sussurrou Mason –, mostre-me o áudio do terminal de Tom.

– Eu disse ao cadete Renner que ele tinha uma mensagem da capitã Renner, para o caso de ela morrer.

– Espere... – começou Mason.

Ouviu-se um clique e, em seguida, a voz da capitã Renner no meio de uma frase:

– ... vendo isso, significa que algo aconteceu comigo. Sinto muito. Desde o momento em que fiquei grávida de você, soube que seria difícil. Quis lhe dar a vida confortável que merecia. Sabe, com o dinheiro de sua avó, poderíamos morar numa daquelas casas enormes na Terra, com gramado e tudo.

“Desligue o áudio”, pensou Mason, sem dizê-lo. Sentiu-se envergonhado por estar invadindo um momento particular, mas não pôde se conter. De longe, viu o rosto da capitã Renner na tela de Tom.

– Era o que eu queria para nós. Mas a ameaça que nossa espécie enfrenta é grande demais, e tive esperança de que você entendesse por que eu e seu pai escolhemos essa vida. Creio que entende. Por isso, estou aqui para dizer que sinto muito por não ter lhe dado uma vida normal. Sinto muito por termos exigido tanto de você. Sinto por às vezes termos parecido frios. Mas eu queria que você fosse durão, querido. “Um soldado durão é um soldado forte, um soldado vivo.” Seu

avô me ensinou isso quando eu ainda era pequena, dizendo que foi assim que se manteve vivo durante aquelas noites geladas em Titã. Torci para que pudesse viver o bastante para testemunhar o fim da guerra a seu lado, mas parece que as coisas não foram assim. Quando tudo acabasse, eu queria lhe dar a vida com a qual sonhei. Uma vida segura. Agora seu pai terá de lhe dar isso e, se ele não estiver por perto, sei que você encontrará essa vida sozinho. Porque você é forte. Você me carrega e também seu pai, dentro de si mesmo, e sei que será forte demais para qualquer tremista. Sinto muito, querido. Torci para que nunca tivesse que ver isso.

Tom estava diante do terminal, imóvel, de cabeça baixa.

Mason sentiu uma pressão atrás dos olhos, e desejou que ainda estivesse usando o capacete. Pensou na própria mãe, no dia do Primeiro Ataque. Os pais saíam de casa com pressa, atrasados para a reunião. A mãe lhe deu um rápido beijo na bochecha e então partiu. Apareceu pela porta pouco depois e disse:

– Eu te amo – depois, sorriu.

Mason respondeu:

– Também te amo.

Então a porta se fechou. E ele nunca mais viu os pais.

“Não pense nisso agora. Lidere. Lidere seus soldados. Eles precisam de você.”

Ele afastou a lembrança, sentindo-se vazio.

No terminal, Tom esfregou os olhos com a palma das mãos e, quando retornou ao grupo, não havia mais lágrimas em seu rosto. Era como se a mensagem tivesse libertado algo dentro dele. Ele não parecia arrasado, e sim mais leve.

Mason desviou o olhar dele rapidamente e ordenou que todos ajustassem a potência dos canhões fotônicos em “paralisar”. Queria os tremistas vivos. Era improvável que o rei tremista aceitasse reféns em troca de alguns prisioneiros da tripulação do ComET, mas talvez os cadetes pudessem aprender algo sobre a arma e as intenções do rei ao interrogá-los.

Os cadetes seguiram a ordem, e seus canhões fotônicos zumbiram, assumindo uma coloração verde e leitosa.

– Capitão – chamou Elizabeth dentro de sua orelha, enquanto os cadetes mexiam nas novas armas.

Alguns treinavam posições de tiro; Tom mostrou a eles como examinar a arma para garantir que esta operasse no máximo de sua capacidade; Merrin fazia exercícios com os demais.

– O que foi?

– Parece que calculei errado o número de tremistas a bordo da nave.

Mason sentiu a garganta apertar. Havia na verdade cinquenta deles na *Egito*. Ou uma centena. Quinhentos. Mais naves tremistas se aproximavam. “Pare”, pensou ele. “Espere a análise.”

– Ah, é? – disse ele.

– Há outro tremista na nave além daqueles que detectei, mas este parece estar se escondendo de mim.

Nada de alívio. Um tremista a mais não era nenhuma tragédia, mas era preocupante pensar que ele teria conseguido se esconder de Elizabeth.

– Como... Como isso é possível?

O computador hesitou. O que não era bom sinal.

– É um Rhadgast, senhor.

Ela falava diretamente dentro do seu canal auditivo, e ninguém mais escutava a conversa.

– Como é?

– Um Rhadgast.

Mason teve vontade de fugir. Aquela palavra fez seu sangue gelar.

– Eles são reais?

Os Rhadgasts eram um mito, algo que os soldados diziam ter visto, mas que nunca ninguém podia confirmar. Imaginava-se que fossem tremistas, mas de um tipo diferente. Alguns diziam que tais seres eram capazes de controlar a magia. Supostamente, Rhadgast queria dizer *feiticeiro* na língua dos tremistas, porém *nem isso* era possível confirmar. Mason sabia apenas que se tratava de criaturas das sombras, que se moviam como aranhas e controlavam relâmpagos com as mãos. Algo muito perigoso dentro de uma nave.

– São reais? – repetiu Mason.

Jeremy o observava agora, mas fingiu estudar o canhão fotônico quando Mason olhou para ele.

– Creio que sim. Ele se encaixa em todas as descrições.

– Onde ele está agora?

– Não consigo detectar exatamente. Ele está interferindo nos meus sensores. Creio que se encontra perto do compartimento de gravidade zero, dois ou três andares acima.

Então, ele teve uma ideia de como seria possível lidar com tal criatura. Se conseguisse atrair o bruxo. Mason se voltou para Tom, que demonstrava a um cadete do primeiro ano a maneira correta de segurar um canhão fotônico.

– Consegue ligar e desligar a gravidade do compartimento de gravidade zero? Quando eu mandar? – Ele apontou para o painel de dados preso ao cinto de Tom. – Usando isso?

Tom olhou irritado para ele durante alguns segundos, e Mason já estava prestes a repetir a pergunta. Então, ele respondeu:

– Seria necessário um segundo após a ordem, mas, fora isso, sem problema. *Usando isso...* Chama-se painel de dados, por sinal.

Merrin quis ajudar.

– Na verdade, sou mais rápida do que Thomas *usando isso*.

Tom ergueu uma das sobrancelhas.

Merrin deu um sorriso seco e balançou o painel de dados.

– “Tenha orgulho do uniforme, mas não de suas habilidades.” Manual do ComET, página 37, seção “Orientações para os cadetes”.

– Talvez... ela seja mais rápida – disse Tom. – Mas isso nunca foi comprovado.

Mason não podia sorrir, não quando havia tantas vidas em jogo. Mas, em seu íntimo, era isso que estava fazendo.

– Perfeito. Deem cobertura uns aos outros. Esperem a minha ordem. – Era incrível como a semente de um plano era capaz de ocupar seu pensamento, mesmo que ele conseguisse enxergar apenas seus contornos agora. A Elizabeth, falou: – O que os tremistas estão fazendo agora?

– Estão transportando os membros caídos do ComET para o compartimento de carga. Imagino que planejem lançá-los no espaço.

A raiva súbita, mais ardente do que o motor principal da *Egito*, queimou o medo. Ele ficou grato por aquele sentimento, e torceu para que durasse.

Os cadetes estavam armados e à espera. Mason pensou em contar a eles a respeito do Rhadgast, mas sabia que o medo provocado por aquela informação poderia fazê-los perder a autoconfiança imediatamente. E em nada contribuiria para prepará-los, pois ninguém tinha sido treinado para lidar com tal ameaça. Parecia estar contando uma mentira, mas aquela continuava sendo a melhor opção.

– Estamos prontos, capitão – disse Stellan, a voz calma.

Ele acenou com a cabeça, e Mason percebeu que o fato de tê-lo chamado de capitão era na verdade uma tentativa de apresentar uma atmosfera de união sob seu comando. Ele valorizou o gesto mais do que pôde demonstrar no momento.

Mason mostrou a eles um esboço bastante básico do plano, torcendo para que os detalhes lhe viessem à cabeça em seguida.

– Fiquem atentos à minha voz – disse ele. – Façam o que eu disser, quando eu disser, e vamos todos chegar em casa inteiros. Entendido?

– Sim, senhor – responderam os demais em uníssono.

Merrin abriu um sorriso maroto e Tom acenou com a cabeça, demonstrando aprovação.

Então, eles saíram juntos e seguiram para a parte central da nave, para um confronto direto com o inimigo.

MASON IA À FRENTE DOS quinze cadetes (dez rapazes e cinco garotas) organizados em duas filas, seguindo o perímetro do compartimento de carga, agora vazio. Aquele espaço parecia ainda maior sem nada para ocupá-lo, e Mason observou o lugar que antes era totalmente preenchido pelo cubo. Agora que o imenso objeto fora levado, todos os andares que davam para o compartimento eram visíveis acima e abaixo de onde eles estavam, repletos de sombras e cantos escuros.

Lugares em que o Rhadgast poderia se esconder facilmente.

Os olhos dele corriam de espaço em espaço, à procura de um fantasma, mas havia apenas caças *Raposa* dormentes. Os caças eram naves pilotadas por uma única pessoa, com propulsores em todas as superfícies, o que permitia manobras rápidas e fáceis. Tinham o formato de uma ponta de flecha, com as armas instaladas na parte inferior, quase como a nave *Falcão*. Ele registrou mentalmente sua localização, caso precisasse deles mais tarde. Nunca tinha pilotado um antes, mas havia estudado seu funcionamento básico nas aulas do curso Naves do Comando Espacial Terrestre II.

Durante o percurso de bombordo a estibordo, Elizabeth não conseguiu localizar o Rhadgast novamente. Então, recusou-se até mesmo a confirmar que o tinha de fato visto. Disse que seus sistemas podiam ter sido danificados, e era possível que ela nem soubesse disso. O que significava que Mason precisaria confiar totalmente em Tom e Merrin para fazer alterações no computador, se quisesse ter certeza de que surtiriam efeito. Por enquanto, a nave estava assombrada, e Mason era o único que sabia disso.

Quando chegaram à porta que levava ao compartimento de gravidade zero, Mason ordenou que parassem. Era preciso reconhecer até que ponto os cadetes continuariam firmes. Nenhum deles demonstrava medo nem deixava os lábios tremerem, por mais que pudessem estar aterrorizados por dentro. Mason certamente estava. Um instrutor certa vez lhe dissera que, se não pudesse chamar o sentimento de medo, então a sensação não seria de medo. Aquilo

soava como uma grande bobagem. Ainda assim, todos estavam escondendo bem o temor, e Mason torcia para que aquilo se traduzisse numa pontaria firme e em reflexos ágeis.

Mason percebeu que devia dizer algo. Então, tentou:

– Capriche na mira. Esperem um segundo em vez de dispararem para todo lado. Não acertem uns aos outros. – Fez uma pausa.

Jeremy se aproximou.

– Se um dos tremistas estiver recebendo muitos disparos, apontem para outro. Não percam tempo, nem se empolguem demais.

Merrin deu sua contribuição.

– Um lembrete – disse ela, esforçando-se para mostrar seu melhor sorriso. Mason tinha de admitir que aquele era mesmo o melhor sorriso que já vira no rosto dela. – Quando acabarmos com esses sujeitos, faltarão apenas os tremistas na ponte de comando. Depois disso, entraremos para a história do ComET.

Mason lutou para esconder o sorriso que teve vontade de abrir. Capitães não sorriam antes do combate. Mas ele se permitiu demonstrar sua aprovação diante de seus homens.

– Vamos mostrar a eles do que são feitos os cadetes do ComET.

Em circunstâncias normais, aquele seria o momento de alguns vivas. Mas eles estavam numa batalha. Em vez disso, os cadetes que eram amigos entre si deram tapas nas costas uns dos outros, acenando com a cabeça e, em certos casos, sorrindo. Eles tinham seus canhões fotônicos. Estavam mais prontos do que poderiam pensar em estar.

Sem aviso, a nave acelerou. Com força. Ela já estava em movimento, mas agora a velocidade fez com que todos perdessem o equilíbrio. Aonde estavam indo? Mason disse:

– Elizabeth? Localização.

– Estamos no sistema Coffey, capitão Stark – disse a voz dentro de seu ouvido.

O sistema de Nori-Azul. 302 anos-luz longe da Terra. Os tremistas tinham o portal e pretendiam usá-lo. Tudo estava acontecendo depressa demais. Mason precisava retomar a ponte de comando *agora*.

– A nave *Falcão* do rei continua por perto?

Outra pausa.

– Capitão, eles desativaram meus sensores de longa distância. Estou cega.

Ao que parecia, os tremistas na ponte de comando estavam despedaçando Elizabeth aos poucos. Logo ela estaria totalmente sob controle deles.

“Hora de agir.”

– Alguma pergunta? – disse ele, dirigindo-se ao grupo.

– E quanto ao Rhadgast? – perguntou Jeremy.

Mason trincou os dentes.

– O que foi? – disse Jeremy, olhando ao redor. – Ouvi Elizabeth falando a respeito dele.

Instantaneamente, os cadetes pareceram abalados, oscilando o peso do corpo entre um pé e outro, sussurrando a palavra como um boato nefasto.

– Desculpe – disse Elizabeth.

Mason ergueu as mãos: os cadetes fizeram silêncio.

– Se houver um Rhadgast, vamos enfrentá-lo juntos. Ele é feito da mesma matéria que nós.

– Isso nós não sabemos – disse Stellan em um esforço.

– Tudo é feito de átomos – retrucou Merrin.

– Soube que eles roubam nossa alma – falou um cadete magricela de cabelos castanhos.

– É! E também que bebem sangue, como vampiros – disse uma garota que parecia ser do segundo ano.

– Vampiros do espaço – completou outro.

– Chega – disse Mason. – Se preferem correr para as cápsulas de fuga e tentar a sorte na escuridão gelada, não vou impedi-los. – Ele olhou nos olhos de cada um, até ter o máximo possível de certeza de que não entrariam em pânico.

– São membros do ComET?

– Somos, senhor – disse Merrin.

Ela piscou, pois ambos sabiam o quanto era engraçado que ela o chamasse de *senhor* depois de tudo que já tinham passado juntos.

– Então, vamos – respondeu Mason.

Havia quatro botões ao lado da porta, três verdes e um vermelho. Ele apertou os três verdes ao mesmo tempo, e a porta se abriu com uma lufada de ar. Foi necessária certa dose de fé para entrar numa sala quase tão grande quanto o compartimento de carga principal. A porta dava para um imenso vazio, e para uma queda de vários andares. Eles estavam tão alto que as empilhadeiras magnéticas no chão logo abaixo pareciam brinquedos de tão pequenas. E, no ponto em que ele estava, a gravidade era uma força real. Era impossível ver os andares superiores sem se inclinar no vazio – havia uma proteção acima da porta que impedia sua visão.

Mas um capitão tinha de ser o primeiro. Respirando fundo, Mason agarrou

ambos os lados do batente da porta e lançou-se no espaço vazio.

AO SE LANÇAR NO COMPARTIMENTO, o coração de Mason parou de bater com tanta força, em parte porque não tinha de lutar contra a força da gravidade e, em parte, por causa do alívio. Ele não caiu: flutuou.

O andar em que os cadetes estavam ficava mais ou menos na metade da altura total do compartimento, que chegava a vinte andares, como a seção de carga. Mas essa parte da nave era mais estreita, como um retângulo posto de pé, e, em vez de andares abertos, havia apenas portas nas paredes, além de corrimões entre elas para facilitar os movimentos. Os corrimões pareciam centenas de cicatrizes nas paredes, e não havia nada além deles para que as pessoas se segurassem caso a gravidade fosse subitamente restaurada no compartimento. Um número na parede bem diante de Mason indicava que estavam no décimo primeiro piso, onze andares acima do chão.

Mason estava voando mais rápido do que tinha esperado, mas não seria problema; apenas girou o corpo para que os pés tocassem a parede em cuja direção avançava. Flexionou os joelhos e absorveu o impacto, buscando o corrimão mais próximo. Segurou-se perto da porta que ficava bem diante de onde os cadetes estavam reunidos, com dez andares de espaço vazio abaixo deles e outros nove acima de suas cabeças.

Agarrado à parede, olhou diretamente para cima.

No alto do compartimento, os três tremistas estavam reunindo os tripulantes mortos numa fila, perto de uma porta vertical de acesso instalada no teto. Não tinham reparado na chegada deles. Mason engoliu em seco, sentindo-se desorientado, pois os tremistas estavam *de pé* no teto, como se aquele fosse o chão. Suas cabeças eram a parte do corpo mais próxima de Mason. Aquilo deu a ele a breve sensação de estar de ponta-cabeça. Como se o chão com as empilhadeiras magnéticas abaixo dele fosse na verdade o teto. Tentou afastar o máximo possível essa ilusão e lembrou que poderia usar qualquer superfície como chão, dependendo de qual fosse seu ponto de vista mental.

Os soldados mortos estavam presos ao teto, e os sacos presos com os

cadáveres dos membros do ComET tinham sido afixados de alguma maneira imperceptível. Mason tocou a pele sob a orelha.

– Elizabeth?

– Sim, capitão.

Mason acenou para os cadetes, que começaram a entrar pela porta, lançando-se no compartimento uns atrás dos outros.

– Eles ativaram a gravidade ou estão apenas usando botas magnéticas?

Os tremistas ainda tinham os pés presos ao teto. Um deles olhava em sua direção, e, enquanto este o observava, os outros dois repararam nos cadetes que voavam pelo compartimento e quicavam nas paredes. Tinha chegado a hora. Os tremistas não deixariam um bando de cadetes voando à vontade pelo compartimento.

– Escolham seus alvos! – anunciou Tom.

Os três tremistas sacaram as garras a laser das costas, num movimento que parecia ser em câmera lenta. Mason rezou para que as armas não funcionassem. Ele tinha de acreditar nisso. Se funcionassem, bastariam segundos para cortar os cadetes ao meio enquanto estes seguiam avançando, saltando de parede em parede entre o nono e o 13º andares, parecidos com moscas presas num cilindro de vidro.

– Estão usando a gravidade para se manterem presos ao teto, e grampos magnéticos para segurar os corpos – disse Elizabeth. – Senhor! As garras estão modulando. Se eles encontrarem uma frequência aberta para as armas, conseguirão disparar dentro do compartimento!

– Mas pensei que você tinha dito que... – Ele interrompeu a si mesmo. “Ajuste-se. Adapte-se... Não perca tempo.” – Tom! Merrin!

Os dois estavam do outro lado do compartimento. Merrin acenou para Tom, que saltou na direção de Mason. O capitão deu uma rápida olhada para cima: os tremistas tentavam descobrir por que as armas não estavam funcionando.

– Modulando! – disse Elizabeth. – As armas estarão prontas entre seis e nove segundos!

Tom chegou à parede ao lado de Mason, com o painel de dados nas mãos.

– O que foi?

– Desligue a gravidade do teto!

– Corrimões! – gritou Jeremy para todos.

Os cadetes interromperam seu avanço circular de uma parede à outra e se agarraram ao corrimão mais próximo. Mantiveram algum espaço entre si para que não houvesse muitos alvos juntos.

Tom já tinha aberto os controles do compartimento e de gravidade zero no painel de dados, e pressionara alguns ícones. Dois segundos mais tarde, os tremistas estavam flutuando pelo compartimento, mas os corpos continuavam presos ao teto, graças aos grampos magnéticos.

– Fogo! – gritou Merrin.

Percebendo o quanto seriam alvos fáceis ao flutuar pelo espaço aberto, os três tremistas tomaram impulso no teto ao mesmo tempo, lançando-se para *baixo* num mergulho direto rumo aos cadetes.

Agarrados aos corrimões com os dois pés e uma das mãos, os cadetes abriram fogo usando os canhões fotônicos. As esferas luminosas produzidas pelas armas eram agora de um branco esverdeado. Avançaram em alta velocidade pelo compartimento na direção do teto, chocando-se contra as paredes e deixando em seu rastro marcas de queimadura do tamanho de punhos cerrados. Mas os tremistas estavam mergulhando muito rápido, vindo velozmente na direção deles. Mason observou enquanto alguns dos cadetes mais corajosos e fortes colidiam com dois deles em pleno ar, trocando socos e pontapés. Apontou a arma para o terceiro, mas não quis correr o risco de atingir um dos cadetes; agora os tremistas estavam misturados a eles, espalhados pelas paredes entre o nono e 13º andares.

Tarde demais. Eles tinham desperdiçado a chance, quando os tremistas ainda estavam a uma distância segura. E Mason não aceitaria nenhuma baixa. Era preciso um novo plano.

– Não! – gritou ele. – Afastem-se! Separem-se! Fiquem nas paredes! Cessar fogo!

Eles não hesitaram. Os cadetes que ainda não estavam nas paredes empurraram os tremistas com quem lutavam e se agarraram a um corrimão. Um cadete trombou acidentalmente com Tom, fazendo seu painel de dados escapar das mãos, e Tom tentou desesperadamente recuperá-lo.

Os tremistas agora flutuavam no espaço, à deriva. Dois deles pareciam não ter sido atingidos, mas a máscara do terceiro estava rachada perto do queixo.

E os três ainda tinham suas garras a laser.

– Modulação das armas concluída! – alertou Elizabeth. – Eles já podem disparar!

Mason observou as garras dos três faiscando com energia verde, ganhando vida.

– Segurem-se! – gritou ele. Ao ver cada um dos cadetes agarrado à parede, alguns acima dele e outros abaixo, ele disse:

– Merrin! Gravidade!

Merrin usou seu painel de dados, os lábios cerrados, enquanto o laser verde de uma garra atingia a parede perto da cabeça de Mason. O capitão se afastou, agarrando o corrimão com força, sem ter coragem de tentar trocar de posição.

– Quando estiver pronta! – Todo o seu corpo estava tenso, esperando a queimadura mortal a qualquer segundo.

Em vez disso, a gravidade voltou ao compartimento.

O sangue em seu corpo, antes sem peso nenhum, foi novamente puxado para baixo, e agora ele estava pendurado num dos corrimões das paredes, assim como os demais cadetes.

Mas os tremistas não tinham como se segurar. Despencaram dez andares até o chão, sem gritar nem agitar os braços, caindo como pedras. Mason os acompanhou com o olhar até se espatifarem entre as empilhadeiras, sentindo o impacto de cada um reverberar pelas paredes. Uma comemoração ofegante percorreu os cadetes, agarrados às paredes para salvar a vida.

– Desative a gravidade – disse Mason –, mas conserve os tremistas presos com grampos magnéticos.

Ele manteve os olhos nos inimigos, esperando que se movessem, mas nada aconteceu. Ninguém poderia sobreviver a uma queda de dez andares. Nem mesmo vampiros espaciais.

Merrin acenou com a cabeça.

– Feito.

Um segundo mais tarde, Mason deu um impulso, apoiando-se na parede. Os outros fizeram o mesmo, girando os corpos, tropeçando e dando cambalhotas de todo tipo. Ainda tinham que retomar a ponte de comando, no momento ocupada por oito tremistas, mas a vitória trouxe uma sensação boa. Ele fez uma rápida contagem: todos os cadetes estavam ali.

Depois de alguns segundos, as comemorações se converteram em expressões de espanto. Mason apoiou-se na parede e deu um impulso em diagonal, sem cruzar o compartimento, aterrissando na parede adjacente, onde se encontravam Merrin e Tom. A cabeça de ambos estava inclinada para trás, os olhos no teto.

Mason seguiu o olhar deles.

E viu o Rhadgast mergulhando pela porta do teto e entrando no compartimento.

– AGARREM-SE À PAREDE! – gritou Mason, ouvindo o alerta ecoar entre os recrutas: “Agarrem-se à parede, agarrem-se à parede!”. Eles se espalharam pelo compartimento, procurando o corrimão mais próximo. Mason mal reparou no movimento ao redor. Seus olhos estavam fixos no Rhadgast, que avançava na direção deles.

O feiticeiro tremista pareceu perder velocidade com influência dos próprios poderes, pairando cada vez mais baixo e endireitando-se no ar para aterrissar de pé. Estava envolvido por um grande manto negro que flutuava longe do seu corpo, abrindo-se feito asas. A máscara era como a dos demais tremistas, mas, em lugar da superfície espelhada, o rosto oval pulsava com uma luz violeta. Ao olhar diretamente para a máscara, Mason sentiu um calor invadir o seu corpo. Era como olhar para o rosto de um demônio. Mason não se sentia mais como o capitão da *SS Egito*; ele era apenas outro cadete metido numa enrascada muito pior do que seria capaz de enfrentar.

O Rhadgast usava luvas roxas que chegavam aos cotovelos. Luvas que faiscavam com energia violeta. Tentáculos de luz brilhante percorriam as mangas. Enquanto ele flutuava cada vez mais baixo num pouso controlado, uma súbita explosão de luz encheu o compartimento, emanando das luvas. A eletricidade se expandiu, estalando pelo espaço, dando ao cadete mais próximo um poderoso choque que lhe provocou convulsões. Alguém gritou; Mason torceu para não ter sido ele. Foi apenas um segundo, mas, quando piscou os olhos, o cadete atingido pela descarga estava chorando, o uniforme chamuscado. Aquilo fez Mason voltar à realidade, e o fato de um de seus soldados estar ferido fez seus sentidos se aguçarem, transformando a raiva em algo que ele pudesse usar.

– Soltem as armas! – disparou o Rhadgast, parecendo parte máquina, parte serpente com seus tentáculos.

– Até parece – murmurou Merrin.

– Fogo! – gritou Mason em resposta.

De uma só vez, os disparos dos canhões fotônicos iluminaram o

compartimento. O Rhadgast voou fazendo manobras inacreditáveis, curvas fechadas, subindo e descendo em ângulos extremos, como um tubarão nadando no ar, evitando as esferas fotônicas que pareciam lentas se comparadas a ele.

O Rhadgast acertou outro cadete com seus raios. A perna deste pegou fogo. Mason não parou de atirar, mas viu com o canto dos olhos enquanto o garoto tentava desesperadamente extinguir as chamas. Por sorte, Stellan estava por perto e ajudou a abafar o fogo. Ele tentou se antecipar aos movimentos do Rhadgast, mas nenhum dos disparos fotônicos chegou perto do alvo. Era inútil, e logo as armas estariam superaquecidas, o que deixaria todos à mercê do monstro.

Mason sabia o que tinha de fazer. O Rhadgast iria matá-los ou desarmá-los, e nenhuma dessas alternativas era aceitável.

“O que Susan faria? O que ela já teria feito por nós?”

– Em posição, Tom! – disse ele.

Era impossível dizer mais, ou o Rhadgast conheceria seu plano. Mason só esperava que Tom fosse tão rápido quanto todos pensavam. Não pediria a Merrin porque ela jamais aceitaria. Sem chance.

Tom entendeu. Havia respeito em seu olhar, por Mason e pelo sacrifício que ele faria.

– Sim, capitão... – respondeu Tom.

– Ei! – gritou Mason.

O Rhadgast girou no espaço. Mason se perguntou se ele não teria algum tipo de sistema de propulsão preso ao manto, talvez um cinto que lhe permitisse controlar a gravidade quando esta era inexistente. Ou talvez fosse tudo magia negra: talvez ele fosse um fantasma. Vendo a máscara dele brilhar como uma supernova, o movimento do manto, que parecia vivo, agitando-se como um tecido feito de serpentes, Mason temeu que aquela última possibilidade fosse a mais provável.

As luvas do Rhadgast zumbiram com a eletricidade, o mesmo som que tinham feito segundos antes de disparar. Mason encolheu o corpo e, em seguida, deu um forte impulso com ambas as pernas, subindo ao andar de cima e escapando do raio que atingiu a parede bem onde ele estava antes. Sentiu a eletricidade estática percorrer seu corpo, eriçando sua pele sob a armadura.

Seu coração comemorou a agilidade defensiva, mas ele tinha que manter o Rhadgast concentrado em si.

– Belo tiro! – gritou ele de onde estava, na parede oposta.

Afinal, não havia tempo para uma provocação melhor.

Mason estava ganhando tempo, pois ainda era cedo demais para fazer o que ele tinha de fazer. A decisão lhe pesava, pois não queria deixar ninguém para trás. Mas, ao mesmo tempo, talvez ele voltasse a ver a mãe e o pai, que se lembrariam dele. Talvez visse a irmã. E, não importava o que acontecesse, ele nunca mais teria que sentir medo.

Aquela altura, a maioria dos cadetes já tinha encontrado algo para se segurar nas paredes. Restavam poucos, mas mesmo estes logo estariam apoiados em alguma coisa em poucos segundos. Seu coração batia tão forte que parecia doer. Se ele pudesse derrubar o Rhadgast, Tom e Merrin conseguiriam retomar a ponte. Ele tinha certeza de que conseguiriam. Eram corajosos, e sabiam o que estava em jogo. Sua morte valeria a pena.

Agora, o Rhadgast o estudava, como se estivesse impressionado por ver que Mason havia se esquivado do seu ataque. O que era bom, afinal. Mas Mason tinha que se mover *imediatamente*. Podia apenas torcer para que todos estivessem se segurando com firmeza.

– O que está fazendo? – disse Merrin. – Mason, não!

Ele encolheu as pernas e, em seguida, lançou-se horizontalmente da parede.

O Rhadgast estava prestes a atingi-lo, mas teve que erguer as mãos antes de disparar para agarrar Mason quando os dois colidiram.

– Agora, Tom!

Tom sabia o que fazer. A gravidade voltou, e os dois se viram não mais fluando lateralmente, e sim caindo, assim como ocorrera com os três tremistas pouco antes. O Rhadgast grunhiu e tentou afastar Mason, mas ele se agarrou ao manto escuro, fechando os olhos. Torceu para que o choque com a superfície não fosse tão doloroso.

O ar assoviava em seus ouvidos e ele escutou Merrin gritar “Mason!” com toda a força de sua voz.

O Rhadgast começou a aplicar nele uma descarga elétrica com ambas as mãos, e a eletricidade fez Mason cerrar o maxilar. Sua pele parecia viva, com milhares de abelhas quentes rastejando por cima dele e picando cada milímetro do seu corpo. A língua foi parar entre os dentes, e sua boca se encheu de sangue. Reunindo toda a sua força, ele girou o corpo enquanto o Rhadgast o agarrava até conseguir colocar os joelhos no peito do inimigo. Os números de cada andar passavam rapidamente por eles. Mason viu o “6”, depois o “5”. Poucos momentos de vida lhe restavam. Quase dois segundos se passaram, talvez pouco mais, mas a sensação era a de que aquele era todo o tempo de sua vida. A calma o tomou enquanto o quarto andar passava rapidamente a seu lado, e Mason a rejeitou.

Naquele instante, não era calma que queria sentir. Não queria aceitar nada com calma, e não queria morrer nas mãos do inimigo.

Mason gritou, golpeando o Rhadgast com os punhos e os joelhos, tentando se desvencilhar dele. Conseguiu se libertar com um chute, como se estivesse tomando impulso no fundo de uma piscina para chegar à superfície. Estava caindo rápido demais para reparar nos números, mas o quarto andar parecia ser coisa de um passado distante.

No instante seguinte, ouviu o Rhadgast se chocar contra o chão...

E a gravidade desapareceu.

O chão continuava avançando para ele rapidamente, mas Mason já estava com as pernas para baixo. Ele caiu de joelhos e cambaleou pelo chão até as costas baterem numa das empilhadeiras magnéticas. Voltou a subir pelo ar, abalado e ferido, mas o impacto tinha sido apenas uma fração do que ele esperava.

– De nada! – veio uma voz lá de cima.

Mason piscou rapidamente, afastando a confusão da cabeça, e olhou para o alto. Tom continuava agarrado à parede, mostrando o painel de dados. Ele tinha desativado a gravidade no instante em que o Rhadgast se espatifara no chão. Um intervalo de menos de um segundo. Tom havia salvo sua vida.

Mason não sabia se ria ou chorava. Estava vivo. Continuava lá, capaz de lutar. E os demais cadetes também.

A dor da queda estava diminuindo, mas não desaparecera por completo. Ele conferiu se não havia nenhum osso quebrado.

– Relatório... – disse Mason com a voz fraca.

Próximo do chão, ele olhou para os quatro tremistas caídos. Suas máscaras refletiam a luz de uma forma estranha, mas nenhum deles se mexia. Seu plano de interrogar um inimigo teria de esperar. Com sorte, conseguiriam retomar a ponte de comando sem matar o restante deles. Mason percebeu que aquilo não lhe dava nenhuma satisfação, apenas um frio no peito. Uma voz terrível que dizia: “Era você ou eles”.

– A nave está segura a bombordo – disse Elizabeth, sem parecer notar o quanto ele tinha chegado perto da morte. – Os oito tremistas na ponte de comando sabem agora da presença de vocês, mas não calculo que saiam de lá para perseguir-los, pois a ponte é uma excelente posição defensiva.

No alto, os cadetes começaram a descer pelas paredes. Já tinham aprendido a não comemorar e parabenizar uns aos outros, pois da última vez um Rhadgast os tinha interrompido. Porém, se permitiram sorrir. E Mason respondeu sorrindo

também. Uma gota de sangue flutuou de sua boca.

Tom foi o primeiro a se aproximar dele, estendendo a mão à espera do seu cumprimento.

– Bom trabalho, Stark – disse ele.

Os cadetes estavam agora no chão, e Tom ativou novamente a gravidade, tirando os grampos magnéticos dos corpos dos tremistas. Mason caiu alguns centímetros, de pé. Os cadetes que tinham sido eletrocutados pelo Rhadgast estavam abalados e frustrados, mas não tinham ficado feridos. Ao que parecia, o Rhadgast não queria matá-los, e sim capturá-los.

Merrin se aproximou e deu um forte safanão em Mason, com as duas mãos.

Ele cambaleou para trás, batendo o ombro numa empilhadeira.

– Ei!

– *Nunca mais* pense em...

Ela nem precisou concluir. Estava balançando a cabeça negativamente, os lábios apertados.

– Sinto muito... – começou Mason, mas Merrin o puxou para um abraço.

Mason nem teve chance de retribuir antes de ela o empurrar de novo e se juntar aos cadetes reunidos em torno do Rhadgast morto. Agora que não estava flutuando pelo compartimento, o Rhadgast não parecia tão assustador. Não passava de um tremista com capa. Tinha caído bem no meio dos outros, de costas. Não fosse pela rapidez de Tom, Mason estaria entre eles.

– E agora, capitão? – perguntou Jeremy ao terminar de conferir as garras a laser dos inimigos: todas pareciam ter sido danificadas pela queda.

Mason estava prestes a dizer: “Agora vamos tomar a ponte de comando”, mas os quatro tremistas no chão começaram a se agitar.

– EI... CAPITÃO? – DISSE um cadete.

Os tremistas grunhiam, deitados no chão e contorcendo os membros, como se despertassem de um sono particularmente profundo. A armadura deles arranhava o metal da nave.

– Impossível... – disse Tom quase sussurrando.

O tremista mais próximo agarrou a perna de Merrin, fazendo a garota dar um grito. Ela o afastou aos pontapés.

O rosto do Rhadgast, de um roxo profundo, começou a brilhar mais forte.

Eles tinham que sair dali. Agora.

Mason mergulhou na direção do Rhadgast e agarrou seu braço direito. A eletricidade estática cada vez mais intensa fez suas mãos formigarem, mas Mason se esforçou para tirar a luva do inimigo. Tom percebeu o que o amigo tentava fazer e se ajoelhou a seu lado, mexendo na outra mão da luva. O Rhadgast tentou se afastar deles, mas ainda estava fraco, enquanto Mason e Tom eram impulsionados pelo medo.

– Consegue trancá-los aqui? – Mason perguntou a Tom.

– Eu consigo! – respondeu Jeremy.

– Atirem para atordoar! – ordenou Merrin aos cadetes.

Eles dispararam seus canhões fotônicos contra os tremistas, mas isso pareceu fazê-los despertar *mais rápido*.

– Elizabeth, como é possível que ainda estejam vivos? – indagou Mason, lutando para manter as mãos firmes.

Já tinha quase conseguido tirar a luva. Era mais fina do que ele pensara, macia. Sentia dores pelo corpo todo, e a súbita injeção de adrenalina fez os ferimentos doerem de maneiras diversas.

– Não posso responder à pergunta. Talvez a armadura seja dotada de habilidades que desconheço.

– Talvez! – retrucou Mason.

Jeremy estava mexendo num dos terminais das paredes.

– Posso trancá-los aqui, mas, quando os tremistas obtiverem o controle total da ponte de comando, eles ficarão livres!

Quando conseguiram tirar ambas as luvas, Mason e Tom se levantaram. O Rhadgast já tinha despertado, e agarrou Mason pelo tornozelo.

– *Menino!* – sibilou o bruxo.

Mason respondeu com um chute na cara dele.

– Vamos! – gritou Mason.

A gravidade desapareceu mais uma vez, e Mason encolheu as pernas para dar o maior impulso que conseguisse, lançando-se no ar. Os cadetes flutuaram a seu lado, subindo em direção ao teto. Mason tirou a luva blindada da mão direita de sua armadura, substituindo-a pela do Rhadgast. Sentiu a peça se ajustar a seu corpo, como ocorrera com o uniforme tremista, encolhendo até ficar do tamanho perfeito para sua mão. A peça o cobria da ponta dos dedos até o ombro, juntando-se à blindagem da parte principal da armadura. No segundo seguinte, ele sentiu a luva ligar-se a seu cérebro de uma maneira que não compreendia direito. Era agora como uma segunda pele. Ele não chegou a testar suas capacidades, mas tinha a sensação de que a eletricidade estava ao seu alcance, à espera dos seus comandos.

Logo a seu lado, viu que Tom tinha dado a outra luva a Merrin. A moça a colocava na mão esquerda, já que Mason ficara com a da mão direita.

– A guerreira é ela – disse Tom, sorrindo.

Abaixo, os tremistas estavam quase recuperados. Um deles tinha usado o chão para ganhar impulso e perseguiu-os. Mason mal podia acreditar: como era possível que a queda os tivesse deixado apenas desacordados? A armadura devia ser mais resistente do que ele pensara. Ou talvez os inimigos fossem mesmo lobisomens-vampiros-fantasmas-zumbis espaciais.

No alto, os cadetes flutuavam lado a lado passando pela porta e chegando ao corredor acima, onde imediatamente desabavam no chão. Os tripulantes mortos continuavam presos ao teto, e Mason odiou ter que deixá-los ali, mas a hora do luto viria mais tarde, quando todos estivessem em segurança. Os tripulantes concordariam com a avaliação dele.

Mason trancou a porta às costas deles e pediu a Merrin que ligasse a gravidade, lançando os tremistas mais uma vez contra o chão. Foi o que ela fez.

retomar a ponte de comando, mas sabia que as chances de sucesso ainda eram pequenas. Os tremistas estavam em boa posição defensiva, e não havia maneira de os cadetes empregarem a gravidade contra eles dessa vez. Além disso, agora eram oito inimigos, e não apenas três. Parecia impossível. Melhor seria salvar os sobreviventes, colocá-los numa cápsula de fuga e explodir a nave. Se não fizessem isso e os tremistas assumissem o controle, não seria apenas o fim *deles*, mas também o de incontáveis outros. Seria muito fácil para o inimigo usar a *Egito* para entrar no território do ComET, ignorar as tentativas iniciais de comunicação e lançar um ataque-surpresa contra uma base desavisada. Ou até contra a *Olimpo*.

Mas o imenso portal hiperespacial ainda estava nas mãos dos tremistas, e ninguém sabia disso.

Desistir não era uma opção.

– Se fracassarmos... – sussurrou Mason a Tom enquanto caminhavam.

Ele esperava que Tom pensasse o mesmo. E pensava.

– Os tremistas não ficarão com a nave por muito tempo – respondeu ele com outro sussurro, erguendo o painel de dados.

Mason viu na tela uma contagem regressiva para a autodestruição da nave, marcada para dali a dezenove minutos. Passado esse tempo, a nave estaria sob o controle dos cadetes, ou explodiria.

Mason respondeu com um aceno de cabeça, incapaz de falar. Em dezenove minutos, talvez todos não passassem de partículas vagando pelo espaço. Tal ideia provocou ao mesmo tempo um calafrio profundo e uma determinação indestrutível. Ser vaporizado pela própria nave não era uma boa maneira para um soldado morrer. Assim, sua mente se voltou para a missão que tinham diante de si.

Ele ainda estava surpreso por descobrir que a eletricidade vinha das luvas, e não do Rhadgast em si. Afinal, não eram bruxos, e sim um tipo especial de tremistas, com armas diferentes. Mason imaginou que houvesse mais deles, caso contrário a lenda não seria tão assustadora e conhecida. Seriam apenas homens, e não mitos. Ele imaginou o que teria acontecido se o Rhadgast os tivesse interceptado no chão, onde os cadetes não teriam onde se esconder nem disporiam de nenhuma cartada extra.

No caminho, Merrin e Mason pensaram num plano. Pararam na prisão da nave e pegaram braceletes imobilizadores, para prender os tremistas depois de neutralizá-los.

Mason tocou na pele logo abaixo da orelha.

– Já descobriu como os tremistas conseguiram sobreviver à queda?

– Ainda não – respondeu Elizabeth. – No momento anterior, todos os sinais vitais deles tinham desaparecido. Reparei num aumento súbito na leitura de energia de suas armaduras. Senhor, imagino que a armadura seja a responsável por trazê-los de volta. O campo energético pode ter reavivado os corações e estimulado o sistema nervoso central.

Mason estremeceu. “Tomara que não precise testar essa função em mim mesmo.”

– ELES AINDA ESTÃO NO compartimento de gravidade zero? – perguntou Mason.

– Afirmativo.

– Ótimo. Continue ligando e desligando a gravidade se perceber que eles pretendem sair de lá.

– Sim, senhor.

Mason sorriu.

– O que eu faria sem você, Liz?

– O senhor estaria em desvantagem.

– Em grande desvantagem. Os tremistas na ponte de comando sabem que seus amigos foram neutralizados?

– Instalei um bloqueio na comunicação entre a ponte e os compartimentos da nave. Nenhuma transmissão consegue passar. Talvez eles tenham reparado nisso, mas não sabem o que houve.

Eles chegaram à escadaria que os levaria ao andar de cima, imediatamente à porta da ponte de comando. Mason repassou o plano outra vez. Willa, uma cadete magricela do quinto ano, começou a bocejar e a esfregar os olhos, que se encheram de lágrimas. O olho direito era azul, e o outro, verde.

– Estou pronta – disse ela, enrolando nos dedos o cabelo avermelhado.

– A ponte de comando continua trancada – disse Elizabeth dentro do ouvido dele. – Os oito tremistas estão lá dentro.

– Perfeito – respondeu Mason.

Eles subiram as escadas lentamente, mas seus passos ainda ecoaram nos degraus metálicos. No alto, Mason abriu a porta e esticou o pescoço, para se certificar: tudo livre, dois espaços idênticos em cada lado do corredor, pontuados por elevadores e portas que conduziam a diferentes lugares. O corredor era bem

iluminado por lâmpadas brancas. Na parede oposta a ele, ficava uma das entradas da ponte de comando: uma porta automática larga que se abria no meio.

Mason deu um passo na direção do corredor, com o canhão fotônico na mão esquerda e a luva do Rhadgast na direita. A porta à esquerda da ponte dava para algum escritório, e era perfeita para proporcionar proteção. Ele se encolheu ali e fez um sinal para Merrin e Willa. Merrin se encolheu ao lado dele e disse:

– Oi – com a voz doce.

– Me perdoa? – sussurrou Mason.

– Um dia desses – respondeu Merrin com um sorriso.

Aquilo foi o bastante para ele.

Mason fez um sinal para Willa, que se sentou bem no meio do corredor, agarrando o próprio tornozelo...

Em seguida, ela começou a gritar com todas as suas forças.

GRITOS LONGOS E AGUDOS QUE martelavam nos tímpanos de Mason. Lágrimas de verdade se acumulavam nos olhos dela, escorrendo pelo rosto, enquanto a jovem balançava o corpo de um lado para o outro, sacudindo a cabeça.

– Minha perna! – gritava ela. – MINHA PERNA! SOCOORRO!

Foram necessários dez segundos, mas a porta que levava à ponte de comando se abriu. Dois tremistas passaram marchando por ela, empunhando suas garras a laser. Mason voltou a se encostar à porta, assistindo a tudo com o canto dos olhos.

– Quieta! – berrou um deles. – Fique quieta ou vamos atirar!

Willa parou de gritar e rolou o corpo até ficar de lado.

– Está doendo! Eles me deixaram para trás, me deixaram para trás!

– Onde estão os outros? – disse um deles.

Mason quis gritar “Bem aqui!”, mas os inimigos estavam de costas para eles, e seria tolice desperdiçar essa vantagem. Então, ele se afastou o suficiente da porta, ergueu as mãos e disparou uma saraivada com ambas as armas. A luva era ativada com o pensamento, e o canhão fotônico tinha um gatilho sensível. Merrin estava bem a seu lado, fazendo o mesmo. Uma luz violeta faiscou pelo corredor, estreita e precisa, até os tremistas desabarem no chão em espasmos, ao lado de Willa.

– Agora! – disse Mason.

Willa se levantou e, atrás dela, os treze cadetes restantes passaram pela porta, os canhões fotônicos prontos para serem usados. Mason liderou o ataque à ponte de comando, onde restavam seis tremistas. Eles congelaram onde estavam. Mason sentiu vontade de rir. Ao se depararem com tantos cadetes do ComET entrando na ponte, usando automaticamente os painéis de comando para se protegerem, os alienígenas ficaram sem reação. Em quatro segundos, os cadetes estavam todos entrincheirados, apontando dezesseis armas contra os tremistas, sem contar as duas luvas do Rhadgast.

Nenhum disparo foi feito. Vendo-se diante de tamanho poder de fogo, os tremistas nem ergueram as garras a laser, e os cadetes não queriam correr o risco de danificar o equipamento da nave. Pela maneira como se mostravam surpresos e inquietos, Mason percebeu o quanto os tremistas temiam as luvas do Rhadgast. Sem dúvida, as garras a laser eram mais poderosas do que os canhões fotônicos, mas os cadetes os tinham na mira. Do lado de fora da redoma, o espaço deslizava, uma imensidão escura pontuada de pequenas luzes. O sol do sistema Coffrey brilhava como uma bola de gude quente a milhões de quilômetros de distância, e o imenso e verdejante Nori-Azul dominava a paisagem. Era uma cena tão bonita que Mason precisou lutar para manter a concentração nos alvos.

– Mãos onde eu possa vê-las – disse Mason, tentando esconder a satisfação em sua voz.

Coisa que deixou de ser difícil quando ele lembrou que aquele era apenas o começo.

Mason e Merrin mantiveram as palmas das luvas apontadas para os tremistas, enquanto os cadetes se aproximavam deles por trás. Mason observava tudo atentamente, tenso, enquanto os cadetes fechavam as algemas em torno dos pulsos de todos os tremistas, fazendo com que estes se ajoelhassem.

Will e outro cadete do quinto ano, Terrence, estavam prestes a arrancar os capacetes dos inimigos, mas Mason os impediu. Não queria que a tripulação visse o cabelo roxo e a pele claríssima. Merrin não merecia ser alvo da desconfiança deles, e isso só deixaria tudo mais difícil. Ela pareceu perceber o risco de ser identificada, e começou a morder o lábio inferior. Com um movimento dos lábios, agradeceu a Mason sem nada dizer, ao que ele respondeu com um discreto gesto de cabeça.

– Todos os tremistas foram neutralizados pelas próximas três horas, no mínimo – disse Elizabeth no sistema de som da nave.

Uma ensurdecidora comemoração ecoou pela ponte de comando. Os cadetes agitaram as armas no ar, pulando e celebrando. Mason ficou contente; aquele sentimento seria necessário para chegarem à vitória. Ele queria que os jovens se agarrassem à sensação e a usassem como uma armadura.

Um dos tremistas começou a rir. Uma longa e alta gargalhada que Mason logo percebeu ser forçada.

– Do que está rindo? – disse Jeremy, aproximando-se para chutar o tremista no peito.

Mason o deteve com uma das mãos e deu um passo adiante. Estendeu a mão

com a luva e deixou a eletricidade estalar em seus dedos.

– Conte-nos a piada, para que todos possamos rir com você – falou ele.

O tremista balançou a cabeça e controlou seus impulsos.

– Estou apenas imaginando o rei arrancando a carne dos seus ossos... quando descobrir que ainda estão com a filha dele.

POR SORTE, APENAS MASON E Merrin entenderam o comentário. Os demais cadetes não tinham ideia do que os tremistas diziam. Assim, Mason, Stellan, Jeremy, Tom e mais quatro cadetes do quinto ano fizeram o grupo de tremistas se levantar, conduzindo-os para longe da ponte de comando antes que alguém pudesse fazer perguntas. Merrin os acompanhou, já que a ameaça representada pela luva que ela usava era importante para manter os tremistas na linha.

– Mantenham distância – disse-lhes Mason.

Suas mãos estavam atadas, mas os pés não. Atrás dele, os cadetes do quinto ano arrastavam os dois tremistas inconscientes.

Mason se dirigiu a um cadete de cabelos encaracolados chamado Andrew, que arrastava um tremista pela perna:

– Depois que terminar, assuma a posição dos dois cadetes na enfermaria e me informe sobre o estado de saúde do comandante Lockwood.

Andrew deixou cair a perna do tremista e estava prestes a se queixar, mas Mason simplesmente ergueu uma das sobancelhas.

– Senhor, prefiro não fazê-lo – disse Andrew mesmo assim.

Mason baixou a voz.

– Posso ver a queimadura no seu pescoço. Vá cuidar disso.

Andrew tentou usar a gola para esconder a queimadura, fazendo uma careta de dor.

– Estou bem o bastante para ajudar – disse ele.

– Sei disso. Vamos tomar cuidado para que continue assim.

Andrew respondeu com um movimento de cabeça que demonstrava ao mesmo tempo contrariedade e gratidão. Mason pôs a mão no ombro dele e, em seguida, voltou à ponte de comando.

Restaram-lhe sete cadetes, que olhavam diretamente para ele. Mason subiu na plataforma um pouco mais alta no meio da ponte, onde ficava o assento do capitão, mas ainda não tinha se acomodado ali. Aquilo parecia errado. A ponte tinha o formato de um círculo com um X no meio. No centro do X ficava o

assento do capitão. À frente, do lado esquerdo, situavam-se os controles de pilotagem. À direita, os controles do sistema de armas. Na parte de trás, à esquerda, localizava-se o sistema de comunicações. À direita, estava o contato com a seção de engenharia, onde Susan costumava sentar.

Ao longo de todo o perímetro do círculo, havia consoles baixos e compridos que monitoravam cada um dos demais sistemas da nave. Os visores do suporte vital, da gravidade artificial, dos portais hiperespaciais.

– Logo estarei de volta – disse ele. – Encontrem um painel que saibam manusear. Sem brigas. Quem não se sentir à vontade na ponte de comando pode cuidar do suporte vital ou da seção de engenharia. Estamos em número suficiente para ocupar todas as funções.

Todos continuavam olhando-o fixamente.

– Podem começar – disse ele.

Foi o que fizeram.

Mason observou por um instante, em seguida deixou a ponte de comando e desceu pelo meio da nave até alcançar os outros.

– Ela é uma de nós, sabiam? – dizia um tremista a Stellan e Jeremy. – Não confiem nela. Basta tirar meu capacete e ver com os próprios olhos.

Mason tocou nele com a luva, deixando a eletricidade vir à superfície. O tremista deu um grito, seguido por um salto.

– Pare de falar – avisou Mason.

Quando chegaram à prisão da nave, Mason pôs cada tremista numa cela e pediu a Tom que ativasse o abafador sonoro, impedindo que eles conversassem entre si. Então, mandou os cadetes do quinto ano de volta à ponte de comando, com exceção de Andrew. Stellan e Jeremy, que não conheciam o segredo de Merrin, ficaram para trás.

Mason entrou na primeira cela e arrancou o capacete daquele que parecia ser o líder dos tremistas com um único movimento. O cabelo violeta estava molhado e os olhos roxos estavam semicerrados, numa expressão de ódio, estudando os cadetes diante de si. Até se fixarem em Merrin.

– Como podem ver, Merrin se parece um pouco com os tremistas. Ainda não sabemos o que isso significa, mas sabemos que não importa. Merrin é uma de nós. Por enquanto, essa informação ficará restrita a nós. Se tiverem algum problema com isso, podem me avisar, e encontro uma cela para vocês.

Havia apenas seis celas, todas cheias, e, por isso, Mason imaginou que aquela opção não pareceria muito atraente.

– Entendido – disseram Stellan e Jeremy ao mesmo tempo.

Merrin olhava fixamente para o tremista com a boca aberta, balançando a cabeça de forma tão discreta que o movimento mais parecia um tremor.

– Não...

– Não sabemos o que isso significa – disse Mason rapidamente. – *E nada disso importa agora.*

– Mas a semelhança existe – acrescentou Tom.

– Eles têm olhos e cabelos da mesma cor, mas e daí?

– Pode ser apenas um truque – disse Stellan. – Dizem que eles são transmorfos. Lembram-se de como *voltaram à vida* no compartimento de gravidade zero? Não sabemos o suficiente para chegar a uma conclusão.

Mason gostou da abordagem lógica de Stellan para aquele momento delicado. Graças a Zeus, ninguém parecia incomodado com aquilo.

Merrin agora olhava para o chão; o tremista continuava a encará-la, como se caçoasse dela, pensando: “Rá! Agora eu meti você numa encrenca”. Mason teve vontade de apagar as luzes da cela, para que ninguém pudesse enxergar nada lá dentro, mas não quis dar a impressão de que Merrin estava com dificuldades para lidar com a situação.

– Tudo bem? – perguntou Mason, sendo obrigado a fazê-lo.

Após um breve momento, Merrin respondeu com um gesto afirmativo de cabeça.

– Obrigada. Eu só... quero saber o que isso significa.

– Logo descobriremos – disse Tom, como se aquilo fosse a coisa mais fácil da galáxia.

– A moça não é apenas uma de nós – disse o líder tremista. – É uma princesa. Roubada de seus pais pela escória humana. – Merrin agora estava de pé, enfrentando o olhar dele. – Lembre-se de sua vida anterior, princesa. Seu pai sente sua falta.

Mason não queria acreditar, mas então se lembrou do momento em que o rei a havia reconhecido friamente na ponte de comando. Se Merrin fosse mesmo uma princesa, Mason tinha o pressentimento de que eles voltariam a ver o rei e sua nave *Falcão*. Algo que, se eles agissem com inteligência, poderia funcionar a favor deles. Mason tentou imaginar sua melhor amiga como parte da realeza alienígena... mas não conseguiu. Não que Merrin carecesse de ares de princesa: sem dúvida, havia nela algo de especial, algo que ele ainda não tinha entendido direito. Mas aquela ideia era louca demais.

Merrin cerrou o maxilar.

– Vi meu pai duas semanas atrás. Poupem-nos das suas mentiras.

Com isso, ela ativou os abafadores sonoros na potência máxima. Atrás do plástico, o tremista gargalhava em silêncio. Sem pensar, Mason apagou as luzes nas celas. “Que fiquem no escuro.”

Os cinco caminharam em silêncio até a ponte de comando. Mason estava pronto para uma refeição quente seguida de uma cama aconchegante, mas tudo isso nunca lhe pareceu tão distante. Passou pelo corredor que os levaria à enfermaria; Mason queria desesperadamente falar com o comandante Lockwood, contar a ele tudo que tinha ocorrido, porém isso seria perda de tempo. Eles tinham de abrir um portal e rumar para a Terra, certificar-se de que o planeta estava a salvo e então abrir um portal para a estação *Olimpo*, onde seria emitido um alerta a todas as naves da galáxia. Nenhum planeta estaria em segurança enquanto os tremistas possuísem o portal gigante. Era simples assim. Estavam finalmente em posição de fazer soar o alarme. E, quem sabe, se tudo ficasse em segurança, poderiam ir atrás da nave do rei e resgatar a tripulação.

E a irmã dele.

Mason voltou à ponte de comando e a encontrou... em funcionamento.

As posições no perímetro do círculo tinham sido assumidas, e os cadetes se comunicavam uns com os outros, informando o estado em que a nave se encontrava, preparando a exibição de dados na redoma superior, letras e números brilhantes contra a escuridão do espaço.

Tom assumiu o controle do sistema de armas à direita da parte dianteira e Stellan se encaminhou para o painel da seção de engenharia, à direita da parte de trás. Jeremy passou a cuidar das comunicações, atrás de Mason, à esquerda. Diante do capitão, Merrin se sentou na cadeira do piloto, à esquerda, desligando o piloto automático e deixando a *Egito* avançar pelo espaço graças à inércia. Mason sabia que cada um deles tinha se especializado naquelas funções durante as simulações de batalha. Agora, tinham diante de si seu maior teste.

– Tudo pronto para a checagem de sistemas, capitão – disse Elizabeth.

Um a um, os cadetes de cada painel anunciaram seus nomes e posições. Cada um deles se voltou para o capitão, identificou o painel que estava sob sua responsabilidade (gravidade, atmosfera, suporte vital, sensores, escudos, radiação) e disse “A postos”. Ele ouviu, mas não desviou os olhos do que havia à sua frente. Nori-Azul estava diante da nave, um mundo tão parecido com o seu, azul e verde, e cheio de vida em meio à noite. Os sensores da nave ainda identificavam o planeta na tela, caso alguém não tivesse reparado nele.

Mason suspirou lentamente. Inspirou e expirou.

Ou era tarde demais para alertar a humanidade, ou ainda havia tempo. Ou

seu instinto estava correto, ou estava errado. Seriam vitoriosos, ou perderiam tudo. Mason viu que estava preparado. Sentia-se numa posição que não lhe pertencia, e tinha medos que nunca imaginara que teria, mas considerava-se pronto para realizar seu dever da melhor maneira possível. Susan não esperaria dele nada menos que isso. Assim como seus pais.

Tom foi o último a girar na cadeira. Ele sorriu.

– Todas as armas funcionando, capitão, e prontas para uso.

Mason olhou para o assento do capitão. Era imenso, projetado para um adulto. Os braços tinham dois painéis repletos de controles. Podiam se abrir para revelar controles de navegação direta, caso o capitão decidisse pilotar ele mesmo a nave.

A tripulação toda observava enquanto ele subia na plataforma e se sentava na cadeira. O estofamento o recebeu, confortável, e Mason não se sentiu tão estranho quanto pensara. Merrin sorriu discretamente para ele e girou a cadeira para manusear os controles de pilotagem. Tom acenou com a cabeça e fez o mesmo.

– Portal de hiperespaço – falou Mason.

À sua esquerda, um corpulento cadete do segundo ano respondeu:

– Portal pronto, senhor.

– Lançar portal – disse Mason. – Trace nosso curso para a Terra.

O CADETE DO SEGUNDO ANO se voltou para o painel de controle e executou uma série de comandos. Dois segundos mais tarde, a ponte de comando foi banhada brevemente por uma fraca luz verde, que em seguida se tornou branca mais uma vez.

– Portal aberto, senhor – disse o cadete do segundo ano.

A estibordo, diante da seção de engenharia, Mason podia ver um anel metálico flutuando diante da *Egito*. Lentamente, este começou a se expandir conforme os tubos de metal dentro da estrutura se estendiam mais e mais. Aquilo que começara como um pequeno aro do tamanho de uma pequena nave cresceu até ser capaz de envolver toda a parte direita da nave deles. O objeto continuou a se afastar, expandindo-se, até haver no espaço um imenso círculo prateado, grande o bastante para ser atravessado pela *Egito*.

– Ativar portal – disse Mason.

Suas mãos suavam, e a boca parecia seca. Se o cadete tivesse feito as contas direito, o portal os levaria através do espaço até as imediações da Terra, e eles teriam uma visão perfeita do próprio planeta natal. A ponte de comando encontrava-se num silêncio profundo, quase imóvel, como se todos os cadetes estivessem prendendo a respiração. Era o caso de Mason, sem dúvida.

Seriam necessários poucos segundos para ativar o portal. E o que viria a seguir? O que ele deveria fazer? Tudo dependeria do que eles vissem do outro lado do portal, mas nem Mason sabia ao certo como proceder. Se o caminho estivesse livre e a *Egito* chegasse intacta ao planeta, ele ainda não sabia a quem deveria dar as notícias. Pensou em fazer um comunicado em frequência aberta, algo reservado apenas para as patentes mais elevadas e para as piores emergências, e sentiu vontade de vomitar. “Controle-se”, disse a si mesmo. Aquela *era* uma emergência, e das piores. Ninguém o criticaria por usar a frequência. O fato de eles terem retomado a nave deveria receber mais atenção do que qualquer outro.

Mason torceu para que a estação *Olimpo* estivesse esperando por eles bem

ali, para que ele só precisasse abrir um canal de comunicação e informar tudo o que sabia, deixando sua tripulação em segurança. Desejou aquilo com tanta força que quase ficou atordoado com tal fantasia, percebendo instantaneamente o óbvio: era apenas um sonho. “Quero apenas que a gente possa voltar à Academia.” Ele nunca imaginou que fosse desejar tanto voltar às aulas.

– Portal carregado – disse o cadete do segundo ano.

Do lado de fora da *Egito*, o portal hiperespacial girava lentamente no sentido horário.

O espaço dentro do portal começou a se distorcer, e os pontos brancos das estrelas oscilavam, como se embriagados, até sumirem de um instante para o outro, substituídos por uma visão clara da Terra. O planeta azulado cheio de nuvens pairava no espaço, com o tamanho de uma grande laranja.

– O que são aquelas... – balbuciou um cadete.

– Por Zeus! – exclamou outro.

O espaço ao redor da Terra não estava vazio.

Havia nele mais naves tremistas do que seria possível contar.

Mas não foi isso que deixou Mason atordoado, sentindo-se preso à cadeira. O problema maior era o gigantesco portal de hiperespaço que se desdobrava no vazio, bem diante dos olhos de todos. Embora o portal roubado ainda tivesse a forma de um cubo, o processo de expansão já tinha sido iniciado.

Mason não conseguiria trazer sua tripulação de volta à Academia. Não poderia abrir um simples canal de comunicação e em seguida voltar a ser um estudante. O doce sonho que ele tivera momentos atrás se dissipou de uma vez, e o capitão teve vontade de gritar diante de tamanha injustiça.

Afinal, a situação era pior do que ele tinha ousado imaginar.

Os tremistas pretendiam roubar a Terra.

OS CADETES PARECERAM PERCEBER TUDO ao mesmo tempo que ele. A ponte de comando foi tomada pela troca de informações enquanto eles checavam de novo e de novo seus sistemas, preparando-se para uma batalha. Mason quase não os ouvia. Seus ouvidos zumbiam por algum motivo, e ele se sentia distante, os olhos um pouco marejados.

A *Egito* ainda não tinha atravessado o portal; não era tarde demais para permanecer daquele lado, perto de Nori-Azul. Ele imaginou um rápido desfecho: a nuvem de naves tremistas avançando em alta velocidade pelo espaço e apontando suas armas para a *Egito*. Se os sensores tremistas fossem tão bons quanto os das naves do ComET (e por que não seriam?), estes detectariam a presença da nave deles quase imediatamente.

Mason podia apertar alguns botões e o portal da *Egito* seria desativado, interrompendo sua rotação e começando a se contrair. Eles ainda podiam fugir.

Mas ainda podiam, também, tentar salvar o mundo.

Com uma clareza gélida, ele viu então qual era a pior parte da responsabilidade de comandar. A glória vinha por acaso, após se tomar as decisões mais difíceis. Depois de fazer num instante escolhas que envolviam *vidas* alheias.

Ele tinha de tomar uma decisão, ainda que aquela fosse a última coisa que quisesse fazer.

– Quantas naves? – sussurrou Mason para Elizabeth.

– 97 – respondeu Elizabeth, sem emoção na voz.

Naquele momento, Mason foi tomado por uma pontada de inveja. Elizabeth não sentia nada. Para ela, 97 naves eram apenas uma informação, e não um sinal de morte certa. E, ainda que compreendesse o significado daquilo, ela provavelmente não seria capaz de se importar.

– A nave *Falcão* do rei está entre elas – acrescentou Elizabeth, liberando uma nuvem de borboletas nas entranhas de Mason.

Em meio à cacofonia, Tom falou:

– Quantas naves do ComET na área, Elizabeth? Quantas naves aliadas?

Merrin esperava pacientemente diante dos controles de pilotagem, e as mãos prontas para agir e levar a nave na direção que Mason ordenasse. Ela não solicitou nenhuma instrução, contente em apenas esperar. Mason quase torceu para que a decisão fosse tomada por ela em seu lugar.

– Aguarde – disse Elizabeth.

O portal, antes um imenso cubo, parecia agora uma aranha acordando de uma soneca. A ponte de comando exibiu uma imagem ampliada do objeto, e Mason pôde ver as finas extensões se alongando e se subdividindo, voltando a se ligar com outras peças. Era como uma nuvem de metal, crescendo em todas as direções, e pequenos vislumbres do azul da Terra já podiam ser vistos em meio a essa teia.

– Três naves do ComET na área – disse Elizabeth. – Nenhuma delas está atacando. Uma delas é turística, e duas são de transporte. A trajetória das três indica que estão deixando o sistema. Para todos os efeitos, estamos sozinhos.

Todos na ponte de comando se calaram diante daquelas palavras.

Tom girou a cadeira.

– Não podemos atravessar – disse ele. – Seremos destruídos.

A nave continuava pairando diante do portal, vendo 97 pequenos pontos escuros diante da Terra, como a imagem de uma tela suja... Como se Mason pudesse limpar tantas naves inimigas com um simples gesto da mão. O útil sistema automático da ponte de comando começou a mostrar as diferentes naves tremistas em torno do cubo, que não parava de se desdobrar. Havia os imensos e compridos Isoladores, muito maiores do que a própria *Egito*. Não se assemelhavam a animais, e sim a um retângulo maciço e horizontal, com a parte do meio mais fina e dois motores de brilho avermelhado na parte de trás, um sobre o outro.

Também estavam presentes naves cujos nomes Mason não conhecia, de diferentes tamanhos. Algumas tinham motores de brilho roxo, e outras de brilho azul, como a *Egito*. A artilharia pesada instalada na Lua deveria ter dado cabo de todas. A informação deveria ser confidencial, mas Susan certa vez lhe dissera que havia na Lua um canhão capaz de criar um feixe de partículas tão grosso quanto seu braço. Um raio de energia pura projetado para empalar naves e fatiá-las como uma maçã.

Mas a Lua estava escura e silenciosa, como se todos os membros do ComET a tivessem evacuado.

– Está me ouvindo? – insistiu Tom. – Capitão? – acrescentou ele.

– Estou ouvindo – respondeu Mason. – Mas temos de ir mesmo assim.

Alguns dos cadetes manifestaram seu descontentamento em voz baixa (Mason não viu quem eram, pois não tirou os olhos de Tom). Um deles até chegou a dizer:

– Ele não pode estar falando sério.

Outro disse:

– Fique quieto, ele foi nomeado capitão da nave.

Mason queria desativar o portal, mas será que ele poderia mesmo deixar a Terra à mercê dos tremistas? Por mais que a possibilidade de eles ajudarem fosse de fato pequena, ainda havia a chance de retardarem o avanço inimigo e ganharem tempo para a chegada de reforços. E isso já seria o bastante.

Tom se levantou da cadeira num salto.

– Seu *idiota*. Eles vão nos destruir assim que chegarmos. Temos que alertar a frota.

– Tenho certeza de que a frota já foi alertada – disse Mason. – Acha que a Terra não enviou uma transmissão, ou até duas, assim que os inimigos cercaram o planeta?

Kellan, o cadete do segundo ano que operava os controles do portal hiperespacial (foi só então que Mason se lembrou do nome dele), disse:

– Senhor, o portal está ficando quente. Precisamos tomar uma decisão.

– Só um segundo – respondeu Mason com um gesto da cabeça. Ele desejou ter mil segundos para decidir. Dez mil, até.

– Elizabeth – disse Merrin –, onde está o restante da frota?

Elizabeth permaneceu em silêncio por cinco segundos inteiros. Então, disse:

– As forças principais do ComET estão se reunindo atrás de Saturno. No momento, há doze naves no ponto de encontro. Dentro da próxima hora, esse número deve chegar a 47. Em 78 minutos, as naves vão chegar ao espaço terrestre para combater os tremistas.

– E quanto à estação *Olimpo*? – disse Tom. – Onde está a *Olimpo*?

Elizabeth ficou em silêncio por dez segundos, provavelmente reunindo dados das redes de informação de todo o sistema.

– A estação *Olimpo* estará indisponível por mais duas horas. Seu sistema de portais hiperespaciais foi sabotado.

Era muito conveniente que o sistema de transporte hiperespacial da estação ficasse fora do ar *bem agora*.

“Esse é um ataque coordenado”, pensou Mason.

Elizabeth falou novamente:

– Atualizando: parece que o ComET pode esperar pelo poder de fogo da *Olimpo* antes de contra-atacar. Novas ordens serão dadas dentro de nove minutos. Temos ordem de usar o portal para encontrar o restante da frota em Saturno imediatamente, assumindo formação de batalha.

Ali estava: uma ordem clara.

Seriam necessários mais 78 minutos, ou até mais, caso o ComET decidisse atacar sem a *Olimpo*. O portal já tinha três vezes o tamanho anterior, uma gigantesca esfera de tubos emaranhados que, àquela distância, pareciam finos como uma teia de aranha. Agora, havia apenas uma pergunta a ser feita. Era a pergunta cuja resposta determinaria se Mason e sua tripulação poderiam se juntar à relativa segurança da frota, ou se ele teria de ignorar as ordens de novo. Mas, dessa vez, a ordem não seria nada agradável. Se ignorassem o comando central, todos poderiam ser destruídos. Levando-se em consideração a quantidade de tremistas no sistema, *poderiam* talvez fosse a palavra errada.

Assim, ele respirou fundo e se preparou para fazer a fatídica pergunta, tentando evitar uma reação emocional à resposta, fosse ela qual fosse.

– Liz – disse Mason. Ele engoliu em seco. – No ritmo atual, quanto tempo será necessário até que o portal se desdobre inteiramente e entre em ação?

Elizabeth esperou mais três segundos. Quando falou, sua voz parecia triste, ainda que Mason soubesse que aquilo era impossível.

– 32 minutos – disse ela.

A ponte de comando pareceu ficar sem ar. Ninguém disse nada. Mason se esforçou para não gritar.

– Será que eles *não sabem* disso? – perguntou o capitão. – Será tarde demais, será que não percebem?

– Estou dizendo isso a eles – informou Elizabeth. – Estão todos muito ocupados. Estão ignorando meu canal de Prioridade Um. Estão...

– O que foi? – indagou Mason.

– Os tremistas chegaram à órbita de Saturno. A frota está tentando usar os portais para fugir, mas os tremistas estão utilizando caças. As naves *Andorinha* destroem os portais conforme estes são lançados pelas naves maiores.

Mason imaginou as pequenas naves cruzando o espaço em alta velocidade, atacando os portais de hiperespaço como um enxame de abelhas.

Ele sentiu um calafrio percorrer seu corpo. O mundo estava acabando bem diante dos seus olhos. O fato de eles terem retomado a ponte de comando agora parecia não ter significado nenhum. Absolutamente nenhum. E o portal de hiperespaço continuava flutuando diante da *Egito*, esperando pela passagem da

nave. Primeiro, as defesas da Lua tinham sido inutilizadas de alguma maneira, e agora, Saturno: os tremistas haviam pensado em tudo para garantir sua vitória.

Mas será que haviam pensado em dezoito cadetes a bordo da *SS Egito*?

– É com a frota que teremos uma chance! – disse Tom. – Sozinhos, jamais chegaremos perto o bastante.

– Se sairmos daqui, a Terra estará condenada – ponderou Mason.

Tom deu um passo adiante.

– Não vou deixar que você mate todos nós numa jogada insana pensando que é uma demonstração de coragem.

Merrin falou com a voz bem calma:

– A frota não vai chegar a tempo. Somos a única resposta.

– Isso é suicídio – disse Tom.

Mason se levantou com as pernas um pouco bambas.

– Prepare todas as armas que temos, Renner. Isso é uma ordem.

Ele tentou usar o tom de voz de um capitão. Tinha de parecer convicto da própria decisão, para que os demais não reparassem na sua insegurança.

– Prepare-as você mesmo – disse Tom, prestes a deixar a ponte de comando.

Ele deu três passos, mas Mason o agarrou pelo braço, obrigando-o a permanecer onde estava.

– Volte a seu posto.

Os olhos de Tom estavam marejados e vermelhos.

– Tente me obrigar.

Mason estava prestes a empurrá-lo na direção do controle de armas, mas Tom se desvencilhou e passou uma rasteira nele. Uma jogada rápida e brutal, que o capitão não tinha esperado. Ele caiu de costas, com força, e Merrin deixou escapar um grito de surpresa.

– Thomas! – gritou Jeremy.

– Estou assumindo o controle dessa...

Tom começou a gritar para todos na ponte, mas Mason girou o corpo e lhe devolveu a rasteira que tinha recebido. Tom caiu com força ao lado de Mason e os dois rolaram juntos, trocando socos e cotoveladas, perto demais para se machucarem muito. A luva de Mason parecia formigar em sua pele, como se ela mesma *quisesse* aplicar em Tom uma descarga elétrica, mas Mason pensou “Não!”, e o formigamento diminuiu.

– Parem com isso! – disse Merrin. – Agora não é hora para brigas.

– Não posso deixar que ele nos conduza numa missão suicida! – falou Tom entredentes.

Ele tentava empurrar Mason para longe.

O rosto de Mason doía por causa dos golpes recebidos; a armadura protegia o resto do corpo. Mas era o tipo de dor que ajudava, que o mantinha alerta, dando-lhe força para despertar do torpor de ter visto tantas naves tremistas numa única área, tão perto do seu lar.

Mason bateu a cabeça de Tom contra o chão, usando mais força do que gostaria. Os olhos de Tom pareceram perder o foco por um momento, mas logo recuperou a determinação.

– Escute! – bradou Mason. – Somos a única esperança da Terra! – Tom se aquietou um pouco; Mason estava em cima dele, segurando seus braços contra o chão. – Não há mais ninguém.

Silêncio. O portal continuava ali, esperando. Do outro lado, um pequeno ponto amarelo aumentou de tamanho perto do planeta. Demorou um pouco até que todos percebessem que se tratava de uma explosão distante.

– Há agora somente uma nave do ComET na área – disse Elizabeth. – A nave turística é a última que resta.

– Deixe-me levantar – disse Tom.

– Você acha que vai... – começou Mason

– Deixe-me *levantar*, já disse.

Lentamente, Mason saiu de cima de Tom Renner.

Tom se levantou e passou a mão sobre o corte em seu lábio inferior, que sangrava. Em seguida, ajeitou o uniforme. Então, foi até os controles do sistema de armas e se sentou.

– Vamos nessa – disse Tom.

Merrin olhou para Mason: os luminosos olhos roxos estavam arregalados, e não era por causa do medo. Mason ficou momentaneamente perplexo com a beleza dela. “Isso é algo que você sempre pensou.” Agora que sabia que ela não era humana, Mason se perguntou como podia ter passado tanto tempo achando que fosse. A garota era muito mais do que humana.

Ela desviou o olhar quando Mason começou a encará-la fixamente, e as bochechas ficaram um pouco arroxeadas. Subitamente, a realidade desabou sobre seus ombros. Ele tinha de se sentar. Obrigou-se a olhar para cada um dos cadetes, compreendendo que a vida deles estava em suas mãos. Era aquela a sensação de ser capitão. Era o pior sentimento que ele poderia imaginar, e Mason não via a hora de largar aquela função.

Mas então pensou num plano, uma ideia que poderia satisfazer a Tom e a si mesmo.

- Estamos prontos? – perguntou Merrin, a mão nos controles de velocidade.
Será que estavam?
Mason não sabia responder.
Mas não importava, pois era chegada a hora de reagir.
– Conduza-nos através do portal – disse ele.

TODOS SENTIRAM ESTRANHAS CÓCEGAS DE eletricidade estática quando passaram pelo portal. Antes, estavam a 302 anos-luz da Terra e, no instante seguinte, já se aproximavam de sua órbita. Uma órbita que, naquele momento, era disputada por um grande número de naves.

Por isso, era melhor não perder tempo.

– Todas as armas prontas – disse Tom, inclinado sobre sua tela. – Feixes de partículas em alcance máximo.

– Mire no centro de massa do cubo – falou Mason.

Mais de metade do gigantesco objeto já tinha se desdobrado em tentáculos longuíssimos, mas a outra metade continuava sólida, num formato ainda semelhante ao do cubo. Era como um novelo de lã metálico do qual se puxavam centenas de fios, todos eles entrelaçados como camadas de teias de aranha.

– Alvo travado! – disse Tom.

– Disparar todos os feixes regulares de partículas.

Quatro raios finos de luz branca foram disparados pela *Egito*, aos pares, a partir da seção dianteira da nave. Estes atingiram o cubo imediatamente, quatro linhas paralelas estendendo-se por centenas de quilômetros. Na distância, o cubo parecia absorver a luz, assumindo um brilho azul-esverdeado.

– Há um escudo de proteção – comentou um cadete atrás dele.

– Resultado nulo – disse Tom, mostrando desânimo na voz.

– Dispare também os feixes de elétrons! – falou Mason.

Outros dois raios de luz superfinos partiram da nave, com uma cor amarelada, sem serem exatamente lasers, já que eram feitos de matéria, e não de luz. O cubo pareceu brilhar mais forte por um instante.

– Os tremistas detectaram nossa presença – disse Elizabeth, a voz calma, como se aquilo fosse meramente uma notícia. – Interceptadores a caminho.

Tom girou na cadeira mais uma vez.

– Não temos poder de fogo suficiente para romper os escudos do cubo. É hora de partir.

- Espere – disse Mason.
- Você *teve* sua *chance* – retrucou Tom.
- *Espere!* – vociferou Mason.

A ponte de comando ficou em silêncio. Na distância, algumas das naves começaram a apresentar brilho mais forte, azuis, vermelhos e roxos, conforme seus motores aceleravam e elas avançavam na direção da *Egito*.

- Stellan – disse Mason.
- Sim, capitão – respondeu o cadete atrás dele.

Stellan tinha frequentado um curso especial do ComET de táticas com escudos, pois sua área de estudo principal era a engenharia.

– Consegue analisar o escudo e me dizer se objetos mais lentos podem passar por ele? Objetos com mais massa, mas que se movimentam muito lentamente. – “Como uma pessoa”, ele pensou, mas não disse; não ainda.

Um instante se passou.

- Sim... Sim, um objeto desse tipo atravessaria o escudo.

Mason suspirou, aliviado, algo que quase lhe pareceu engraçado, levando-se em consideração o número de naves inimigas que voavam na direção deles naquele momento.

- Ótimo – disse Mason. – Preciso de voluntários.

– JEREMY, VOCÊ ESTÁ NO comando – disse Mason.

Já fazia algum tempo que Mason pensava no assunto, e Jeremy seria o melhor indicado a se tornar responsável pelas decisões difíceis. Provavelmente, ele faria isso melhor do que o próprio Mason. Na Academia, era Stellan quem estava estudando para se tornar capitão, mas ele ainda demonstrava medo na voz, algo que simplesmente não existia em Jeremy. Mason pensou em quando Jeremy batera a cabeça dele contra a de Tom apenas para fazer os dois pararem de agir feito idiotas. Jeremy era a melhor escolha, por mais que Mason soubesse com certeza o quanto ele preferia lutar ao lado deles a ser o responsável por dar ordens.

O rosto de Jeremy pareceu esverdear um pouco, mas ele respondeu com um aceno positivo de cabeça.

– Sim, senhor.

Se aquilo fez Stellan sentir-se preterido, ele não o demonstrou. Mason imaginou que Stellan conhecesse as próprias limitações e, portanto, entendesse que ainda não estava pronto para aquela função. Não deixaria o ego interferir.

Mason falou a todos na ponte de comando:

– Estou pensando em pousar naquele cubo e destruí-lo antes que ele possa roubar nosso lar. Se alguém quiser...

– Eu quero – ofereceu-se Merrin, levantando a mão.

– Vou junto – falou Tom, tentando esconder um sorriso. – Não sei se confio em vocês para fazer um trabalho bem-feito.

Mason acenou com a cabeça para ambos. Esperava que todos soubessem o quanto era improvável que o grupo voltasse daquela missão. Tinham de saber disso.

Jeremy se aproximou da cadeira do capitão.

– Três ordens – disse-lhe Mason. – Deixe-nos no cubo, e saia daqui antes que os tremistas os destruam.

– E a terceira? – perguntou Jeremy.

– Se puderem voltar para nos buscar, seria ótimo. – Mason quase sorriu.

Jeremy fez um aceno positivo com a cabeça.

– Considere-as cumpridas.

– Não tão rápido, senhor Otimista – disse Tom. – Há muito o que fazer antes de ficarmos livres.

– Abram outro portal para um salto curto – disse Mason aos presentes na ponte de comando. – Quando os tremistas chegarem perto demais, passem pelo portal. Depois que terminarmos, fujam daqui.

Então, Mason partiu com Merrin e Tom a seu lado.

OS TRÊS VESTIRAM ROUPAS ESPACIAIS numa sala localizada nos dois andares mais baixos da parte intermediária da nave, exatamente sob a ponte de comando, onde os terminais de embarque nos transportes ficavam enfileirados. Era uma sala projetada especialmente para facilitar o acesso ao espaço. Atrás de paredes translúcidas à esquerda e à direita, o pequeno acervo de transportes da *Egito* esperava em terminais distintos, refletindo a iluminação superior.

As roupas espaciais que eles usavam eram semelhantes à armadura dos tremistas e igualmente pretas, para se camuflar no espaço. Também tinham quase o mesmo tamanho e formato da armadura que ele roubara, porém eram equipadas com jatos ultraleves nas costas para facilitar a locomoção pelo espaço. Mason e os outros já tinham acumulado cem horas de treino com essas roupas durante o segundo e o quinto anos da Academia I. Mason não gostou de tirar a armadura tremista, mas não havia tempo para achar uma maneira de acoplar a ela um dos jatos ultraleves. Deixou-a sob uma porção de roupas num dos armários.

Mason sentia muito calor dentro da roupa, até o sistema atmosférico interno ser ativado e começar a regular a temperatura. Tentou vestir a luva do Rhadgast por cima da roupa espacial e percebeu quando esta restabeleceu a conexão com ele. “Ótimo.” Mason imaginou que a luva precisasse estar em contato direto com a pele para funcionar.

A seu lado, Merrin e Tom terminaram de se vestir. Puseram os capacetes ao mesmo tempo. Estes se encaixaram perfeitamente, protegidos por um visor translúcido que ia da testa ao queixo. As roupas emitiram um silvo ao selarem os encaixes. Merrin fez um sinal de positivo, assim como Tom.

Só faltava a bomba. Esta ficava no subcompartimento de armas atrás da

parede. Elizabeth teve de destravar a porta para eles. O explosivo parecia formado por dois cilindros curtos presos um ao outro e tinha propriedades magnéticas, permitindo que Mason o prendesse à roupa. Eles jogaram pedrapapel-tesoura para decidir quem seria o responsável por levar a bomba, e Mason ganhou, em parte porque mostrara a mão uma fração de segundo depois dos dois, em parte porque sabia que ambos escolheriam a tesoura. Ao mostrar uma pedra, ele acabou se definindo como aquele que levaria o explosivo. Prendeu a bomba à lateral da perna. O artefato ia do quadril ao joelho.

Mason estudou a junção sob seus pés, onde o chão se abriria para o espaço e as duas metades da porta se recolheriam dentro das paredes.

– Remover gravidade – disse ele.

A ausência de peso fez seu estômago embrulhar, e ele deu um leve impulso, fluando até o teto.

– Por que aceitei vir junto? – murmurou Tom, a voz facilmente audível no sistema de autofalantes do capacete de Mason.

– Porque é um cadete corajoso – respondeu Mason.

– Ah, é mesmo, sou sim.

– Já fizemos isso antes – disse Merrin. – Não é nada de mais. Só que, desta vez, é...

– O espaço é de verdade – completou Tom. – E é infinito, provavelmente. O que significa que podemos vagar por ele por toda a eternidade.

– Obrigada, Thomas – falou Merrin.

Eles estavam agarrados a puxadores no teto, dos quais pareciam pender.

A voz de Jeremy foi ouvida no sistema de som da nave:

– Preparem-se para o salto. Estamos prestes a atravessar o portal.

Vinte segundos se passaram, durante os quais Mason pôde ouvir apenas a própria respiração.

– Qual é o plano? – perguntou Tom finalmente.

– Vamos explodir o portal – disse Mason.

– Dez segundos – falou Jeremy. – A coisa está feia lá fora!

O coração de Mason martelou dentro do peito. O monitor de sinais vitais preso a seu braço começou a zumbir, alertando-o para que se acalmasse. Aquilo quase o fez rir. Ele trocou um olhar com Merrin e Tom, que responderam com um aceno da cabeça.

– Cinco, quatro... – disse Jeremy.

No chão, o mecanismo de trava fez um grande barulho ao se abrir. Mason sentiu o foguete ultraleve em suas costas emitindo uma leve vibração.

– Três, dois...

Mason encolheu as pernas sob o corpo até ficar praticamente de pé no teto, enrolado como uma bola, pronto para saltar no vazio; Merrin e Tom fizeram o mesmo.

Então, a porta se abriu, e cada metade se recolheu rapidamente dentro do compartimento. Num breve instante, antes de serem lançados para fora da *Egito*, Mason viu tudo. A vastidão do espaço escuro a seu redor, tão imensa que era difícil de compreender. Um espaço sem limites, além do entendimento humano. Ali no meio reluzia a esfera azul e branca da Terra e, diante dela, a máquina que os humanos tinham criado e que poderia agora representar seu fim. O tamanho do portal também desafiava a compreensão e, imediatamente, Mason percebeu quanto tempo e esforço haviam sido investidos nele. Ele tinha diante de si um produto que era mais que alguns anos de trabalho.

Na frente de tudo aquilo, as naves tremistas estavam muito próximas. Silenciosos veículos espaciais. As nuvens da Terra eram iluminadas por explosões sem som, transportes que acabavam sendo destruídos antes de poderem deixar o planeta. Era uma cena ao mesmo tempo bela e apavorante. Mason teve a certeza de que tudo dependia dele e que, àquela altura, a única coisa que poderia fazer era dar o melhor de si mesmo.

A atmosfera da sala explodiu no espaço, e os três cadetes se lançaram do teto para fora da nave.

O ESPAÇO SE ABRIU AO REDOR deles enquanto se afastavam da *Egito*, e Mason percebeu o quanto aquilo estava errado. O lugar dos humanos não era o espaço, dentro de pequenas roupas que guardavam ar e calor. A sensação era diferente de qualquer outra que ele conhecesse. Havia literalmente anos-luz de vazio em quase todas as direções.

Mas nada daquilo importava, porque o portal estava diante dele. Tão grande que encobria a Terra quase totalmente, e continuava a crescer. Os três seguiam bem na direção dele. Mason arriscou olhar para trás e viu a *Egito* avançando pela escuridão, os motores emitindo um forte brilho azul, perseguida pelos tremistas. Mas o inimigo ainda estava longe, e a nave já rumava para o portal que a levaria de volta a Saturno.

Dentro do capacete, Merrin quase engasgou conforme se aproximavam, e Tom disse com voz calma:

– Não acredito que estamos fazendo isso...

Novas partes do portal começaram a se desdobrar: não era exatamente uma forma, mas sim um padrão geométrico. Eles voaram naquela direção, e os propulsores começaram a compensar o impulso para freá-los antes que virassem uma massa esparramada na superfície do portal.

As naves tremistas ao redor deles pareciam não detectá-los. Elas flutuavam lentamente, como barcos se aproximando do porto, esperando para ver quem seria o primeiro tolo o bastante para avançar para o portal roubado. Refletiam o brilho amarelo-alaranjado do Sol, que era uma esfera quente e luminosa a 145 milhões de quilômetros de distância. Mason sorriu dentro do capacete; os tremistas teriam uma surpresa inesquecível.

– Uuuuoooooooouuuuu! – gritou Tom subitamente, e Mason também sentiu a empolgação aumentando dentro de si.

Estavam perto do alvo, e o portal continuava a crescer, obrigando Mason a girar a cabeça 180 graus para vê-lo de ponta a ponta. O que ainda restava do cubo estava bem à sua frente, e faltavam poucos quilômetros. Pousariam na

lateral: a parte superior era um emaranhado de hastes metálicas em constante expansão, avançando até a parte inferior. Mason tentou calcular quanto tempo eles teriam para agir assim que chegassem ao cubo, mas era impossível saber: era tanta adrenalina que ele não conseguia se concentrar. Ouvia a própria respiração ecoando nos ouvidos, e percebeu que, apesar da velocidade extrema com a qual avançava, a sensação era de normalidade. Como flutuar pelo compartimento de gravidade zero ou boiar numa piscina. Os trajés pareciam protegê-los do acúmulo de forças gravitacionais.

Eles estavam prontos.

Pousariam no tubo, com facilidade, e instalariam os explosivos. Então, sairiam dali e ficariam à espera do resgate da nave. A destruição do portal certamente afastaria todos os tremistas da órbita da Terra. Mason já estava sorrindo, esquecendo-se do medo.

Até perceber que os propulsores individuais não estavam fazendo com que desacelerassem a tempo. O portal se aproximava em alta velocidade.

– Controle manual! – gritou Mason. – Desacelerar!

Ele cerrou os punhos e jogou os braços para trás, como se estivesse dando cotoveladas em alguém atrás de si, sentindo a velocidade reduzir. O portal estava bem diante deles, e sua superfície reluzia de maneira estranha. Mason sentiu o escudo de energia quando eles atravessaram a barreira invisível: parecia um tipo de resistência, como se passassem por uma parede vertical de água, mas conseguiram chegar ao outro lado. Stellan tinha razão.

– Não consigo diminuir a velocidade! – gritou Merrin.

Ela agitava os braços, mas seus propulsores pareciam não responder, diferentemente dos de Mason e Tom.

Mason ainda estava a trinta metros do cubo quando Merrin atingiu a superfície. O propulsor dela emitiu um clarão vermelho, e a garota começou a rodopiar, afastando-se do cubo e mergulhando no espaço.

– NÃO! – GRITOU TOM.

– Fique calma, Merrin! – disse Mason, aterrissando de pé.

Ele sentiu o poder do cubo sob os pés, as vibrações provocadas por milhares de partes móveis que cumpriam a função para a qual haviam sido projetadas.

Merrin não gritou nem se desesperou. Voou descontrolada sobre a superfície do cubo, com os propulsores funcionando a toda potência, afastando-a da lateral do cubo e jogando-a na direção da floresta de metal em movimento. A qualquer momento, uma daquelas hastes poderia chocar-se contra ela e jogá-la no espaço, ou rasgar seu traje espacial, ou mesmo matá-la com a força do próprio impacto.

Mason deu um impulso vertical no cubo, seguindo a trajetória dela.

Tom gritou às costas dele:

– Eu vou! Você precisa plantar os explosivos!

Mas não havia tempo. Mason viu a velocidade com a qual ela se movia, e sabia que conseguiria alcançá-la, mas só o faria se fosse agora, se saltasse naquele exato instante. Tom grunhiu, frustrado, e Mason percebeu que o colega o seguia.

– Preocupem-se com a bomba! – disse Merrin a ambos. Uma parte do portal se expandiu embaixo dela, arremessando-a para o lado, e a garota quicou na parte superior do cubo, onde era grande o número de pedaços que se expandiam e se abriam para cima.

Mason voou por sobre a parte superior do cubo, controlando os propulsores com o máximo de foco de que era capaz. Era um pesadelo: hastes finas se agitavam por todos os lados, expandindo-se, ligando-se umas às outras. Merrin se chocou contra muitas delas, mas nenhuma a fez parar nem a ajudou a diminuir sua velocidade. Mason estendeu as mãos para ganhar mais força, voando rente à superfície e torcendo para que o chão em movimento sob seu corpo não se abrisse subitamente para revelar novas hastes. Era como nadar sobre milhares de tubarões, sabendo que um deles poderia morder a qualquer momento. Ele alcançou Merrin no meio do caminho, agarrando-a pelo pulso, onde o traje era

mais fino e mais fácil de segurar.

– Peguei você! – gritou ele, sentindo-se bobo em seguida. Mas Merrin estava rindo. A moça ria com o labirinto de metal voando ao redor deles, como se aquilo fosse uma brincadeira, ou talvez um treino.

– Achei que não fosse chegar nunca – disse ela, a voz simulando frieza.

– Tive alguns contratemplos – respondeu Mason.

Tom chegou em alta velocidade por trás deles e desacelerou até parar, abaixando a cabeça para evitar uma parte do portal que se movia em sua direção. Mason não conseguia mais ver a circunferência do portal. O contorno se estendia em todas as direções, agora com centenas de quilômetros de raio, ou até milhares. Mas as dúzias de naves tremistas ao redor deles eram fáceis de detectar, tão próximas que era possível enxergar as luzes em seu interior: se alguma delas tinha reparado nos três cadetes, Mason imaginou que estariam em segurança naquela posição. Se disparassem contra eles, era grande o risco de atingirem o portal, imaginando-se que as armas tremistas pudessem vencer o escudo.

Tom segurou Merrin para que Mason pudesse preparar a bomba. Ele tirou o artefato que trazia preso à coxa e se ajoelhou no portal. Agora, tinha de ser rápido: as peças se moviam com tamanha rapidez que seria difícil armar a bomba antes que esta fosse levada para longe pela expansão de alguma haste. Mesmo enquanto estava ali no alto do cubo, ele sentia como se despencasse alguns centímetros, conforme as peças deslizavam, escapando sob seus pés. O cubo encolhia rapidamente.

– Rápido! – insistiu Tom.

A voz dele revelava a empolgação que Mason também sentia, resultado da proximidade da vitória. Bastava armar a bomba e o planeta *inteiro* seria salvo. Sem dúvida, eles receberiam medalhas pelo sucesso na missão.

Mason estava de joelhos, prestes a fixar a bomba no cubo, mas algo se movendo chamou sua atenção. Acima deles, uma nave *Falcão* se aproximava a apenas cem metros de distância. Cinquenta metros. A nave parou, tapando metade do Sol. Era a nave *Falcão* do rei, sem dúvida. Se não fosse a temperatura regulada pelo traje espacial, o sangue de Mason teria congelado nas veias.

– Quan... quanto tempo falta? – disse Tom.

– Sem querer pressionar nem nada! – acrescentou Merrin com um riso nervoso.

Mason deixou escapar um grunhido de frustração e se preparou para ativar os grampos magnéticos da bomba.

Mas então uma porta se abriu na parte inferior da nave *Falcão* e, pela passagem, quatro Rhadgasts desceram como estrelas cadentes.

OS TRÊS CADETES ERAM COMO cervos numa floresta da Terra, fugindo dos lobos. Mason segurou a mão de Merrin, talvez com força demais, mas não queria correr o risco de soltá-la, ainda mais pensando no defeito em seus propulsores.

– Solte-me, sou um peso morto! – disse Merrin, a voz áspera dentro do capacete dele. – Eles não vão me ferir!

– Claro, eles *nunca* a machucariam – respondeu Tom.

– Parecem muito amigáveis – acrescentou Mason.

Ao redor deles, raios de eletricidade roxa estalavam pela superfície do cubo, perseguindo-os. Por um breve instante, Mason torceu para que as descargas fossem capazes de interferir no funcionamento do cubo, mas em seguida se deu conta de que os engenheiros do ComET teriam pensado em proteger sua grande obra de algo tão simples quanto um ataque com eletricidade.

Os raios também atingiram Mason, mas sua roupa tinha isolamento elétrico. Isso não impediu que ele sentisse o calor de cada rajada, e que os pelos de seu corpo ficassem eriçados. Dentro do capacete, um alerta de calor começou a soar, e ele percebeu que o visor começava a embaçar. Mason sentia o corpo se mexendo para os lados, por cima e por baixo de hastes metálicas, enquanto o chão encolhia constantemente sob os pés deles. Dispunham de duas luvas, mas como isso poderia bastar contra quatro Rhadgasts?

Merrin ia de braço dado com Mason, e o propulsor danificado tornava ainda mais difícil a tarefa de puxá-la.

– Sinto muito – disse ela em voz baixa. – Não posso controlar isso!

Mason arriscou olhar para trás e foi recompensado: enquanto ele observava, um Rhadgast foi atingido em cheio pela extensão de uma das hastes, que o pegou por trás. Aquilo lançou o inimigo longe, com o corpo rodopiando em seguidas cambalhotas. Depois, outro Rhadgast ficou preso entre duas hastes que se moviam. O silêncio era total, mas Mason conseguia imaginar o grito do Rhadgast enquanto este arqueava as costas de um jeito sobrenatural, agitando os braços. As duas hastes se afastaram uma da outra, e o Rhadgast ficou flutuando como lixo

espacial.

Com isso, restavam dois, o que ainda era demais para eles.

Os três se aproximavam do fim do cubo, pelo outro lado. Não havia mais para onde correr.

– Arme a bomba! – disse Merrin. – Vou tentar mantê-los afastados.

– Ela tem razão – falou Tom, passando por eles em alta velocidade, desviando de um monte de metal emaranhado e, em seguida, de uma haste que subia. – Temos de... – ele foi interrompido quando uma haste se levantou de repente, lançando-o no espaço, como ocorrera com o primeiro Rhadgast.

O golpe contra seu peito o deixou sem fôlego, e a súbita expiração fez os ouvidos de Mason zumbirem. Tom rodopiava pelo espaço, enquanto os propulsores tentavam equilibrar aquela trajetória errática.

– Vamos, arme a bomba! – exclamou Tom. – Instale os explosivos no portal, Stark! Posso recuperar o controle sozinho!

Foi o que Mason fez. Ele diminuiu de velocidade e girou o corpo com força, estendendo a mão e disparando com a luva contra os dois Rhadgasts que ainda os perseguiram. Mas os bruxos tremistas estavam atentos e responderam com a própria saraivada de descargas, enquanto Merrin entrava na briga. Lampejos roxos dançaram sobre a superfície do cubo, subindo e descendo, espessas e tortuosas veias violeta que estalavam em silêncio. Os tentáculos se encontravam e se entrecruzavam, construindo uma espécie de muro entre eles, escondendo os Rhadgasts por trás de uma teia de luz brilhante.

Mason pôs a bomba no chão e apertou o botão que a fazia grudar na superfície, mantendo a luva erguida. O calor começou a aumentar na sua mão, e ele viu Merrin a seu lado, meio agachada, protegendo-se dos lampejos. Mason se preparou para armar a bomba diante de si: bastava apertar um botão que, com um pouco de sorte, estaria devidamente identificado. Mas, antes que ele pudesse fazer isso, a parte do cubo à qual ele tinha afixado a bomba se desdobrou e se perdeu na escuridão, levando consigo o explosivo.

A bomba se perdeu.

AGORA NÃO HAVIA MAIS NADA a fazer senão lutar. Mason e Merrin continuaram a trocar raios com os dois Rhadgasts, que não paravam de se aproximar deles. O chão seguia afundando, até ficar fino o bastante para que eles vissem o que havia do outro lado, mostrando quanto o objeto tinha se tornado plano. Logo não haveria mais onde ficar em pé, e o cubo teria se transformado num círculo.

A floresta de metal também tinha quase sumido, conforme as hastes encontravam seus encaixes e formavam o desenho programado. O portal se expandia e se curvava de todos os lados ao redor deles; muitas das naves tremistas estavam agora dentro da gigantesca circunferência.

Mason suava dentro da roupa, sem intenção de desistir. Mas não havia muito tempo. Logo os Rhadgasts os derrotariam, e a luta chegaria ao fim. Os pedaços deslizavam sob seus pés, de novo e de novo, até estarem todos sobre um quadrado fino e plano. E este se fragmentou em seguida, antes que os Rhadgasts pudessem alcançá-los: dividiu-se ao meio, jogando os combatentes em direções opostas. O muro de eletricidade oscilou e se desfez, e seus restos pipocaram pelo traje de Mason. Ele perdeu o equilíbrio e deu alguns passos para trás, agarrando o braço de Merrin enquanto via a Terra, tão grande e azul, passando diante de seus olhos atordoados.

– Peguei você! – disse Merrin dessa vez, agarrando o braço de Mason com as duas mãos.

Os Rhadgasts flutuavam ao longe. Na metade da distância entre eles, o portal terminou de ser montado, tornando-se cada vez mais fino conforme as peças de estendiam. Agora, o cubo não passava de uma linha plana, tão grande que era impossível ver seu contorno, ainda que Mason soubesse que ele existia. O portal era agora um aro tão grande quanto o planeta. Mason assistiu enquanto o gigantesco objeto terminava de se completar, finalmente parando de se mover.

Eles flutuavam no espaço; agora que o portal estava completo, os Rhadgasts não pareciam mais interessados neles. Os dois bruxos se afastaram para

recuperar os companheiros caídos. Mason e Merrin passaram pelo escudo mais uma vez, a mesma sensação de atravessar uma parede de água, chegando ao espaço aberto.

– Tudo bem – disse Merrin, a voz chorosa. – Nós tentamos.

Mason não conseguia encará-la. Tentar não era o bastante. Ninguém era celebrado por ter tentado, mas sim por ter vencido. Eles tinham fracassado e, agora, bilhões pagariam por isso.

– Tudo bem... – disse Merrin novamente, mais para si mesma, ao que parecia.

Tom se aproximou deles por cima, após ter recuperado o controle sobre seus propulsores. Juntos, os três se seguraram um no outro, sem nada dizer. Depois de mais ou menos um minuto, a nave *Falcão* retornou, pairando sobre eles, e Mason teve a certeza de que logo seriam capturados; eles se juntariam aos prisioneiros de guerra que eles mesmos pretendiam libertar. Talvez Susan ainda estivesse na nave *Falcão*, viva, esperando por ele.

O portal começou a girar, lentamente a princípio, tão fino que era difícil vê-lo, como se tivesse sido desenhado com um antigo lápis apontado. O aro passou a emitir um fraco brilho azul e branco. E Mason reparou que o gigantesco objeto não estava apenas girando e sim avançando, quase intencionalmente, na direção da Terra.

A nave *Falcão* ia apanhá-los, mas Mason se perguntou se não seria melhor morrer asfixiado. E então percebeu que nenhuma dessas alternativas parecia provável, ao menos não naquele momento.

Enquanto olhava para a Lua, ele teve a impressão de que esta adquiria uma estranha textura: pontos escuros contra uma superfície cinzenta. No momento seguinte, compreendeu o que estava vendo.

O ComET tinha vindo para a órbita da Terra de uma só vez. Meia centena de naves, com motores e armas preparados para a ação.

A frota inteira estava lá, pronta para a batalha.

A ESCURIDÃO DO ESPAÇO FOI iluminada pela luz incandescente de centenas de feixes de partículas, todos apontados para a parte inferior do portal hiperespacial rodopiante. Mas o ComET tinha caprichado na sua construção: obviamente, haviam aprendido a lição desde a última em vez que os tremistas tinham explodido um de seus portais, muitos anos atrás. Aquele era o escudo mais poderoso que Mason já havia visto ou de que já tinha ouvido falar. Mas as naves eram tripuladas por soldados, e soldados não desistiam: eles mantinham os feixes de partículas apontados, provavelmente sem dar ouvidos aos inúmeros alarmes internos de suas naves. “Alerta, alerta, o superaquecimento pode levar ao rompimento do casco, que pode resultar na perda de vidas.”

Longos segundos se passaram, e o escudo pareceu engasgar e piscar, sem no entanto ceder. Era tudo tão brilhante que Mason teve de desviar os olhos. Os dispositivos de segurança que o ComET tinha incluído nele haviam sido desativados; *deveria* ser possível desligá-lo com um comando, mas o portal parecia agora pertencer totalmente aos tremistas.

Enquanto os três cadetes ilhados assistiam, a primeira das naves do ComET foi destruída numa nuvem de luz azul e branca. Era uma nave da classe país, como a *Egito*. Então, outra nave foi destruída, dessa vez numa faísca laranja e amarela, com uma bola de fogo que permaneceu no espaço apesar da falta de oxigênio. E o ComET mantinha seus feixes de partículas concentrados no portal, ignorando as naves tremistas que enxameavam a seu redor feito abelhas. Ou melhor, como um tubarão, com duas mandíbulas poderosíssimas se fechando em torno da frota.

Mason assistia a tudo impassível, e o peso do desfecho esmagava seus sentimentos até que ele simplesmente... os desligou. O ComET venceria ou seria derrotado, e não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Em meio às naves do ComET, ele viu a *SS Egito* se afastar do grupo e se aproximar deles. Provavelmente, Jeremy tinha travado os sensores nos três; havia voltado para salvá-los.

Tom deixou escapar um grito de vitória, mas não conseguiu reunir muita animação. O portal continuava aberto. A vitória só viria quando este fosse feito em pedaços, espalhando-se pelo espaço numa trajetória indefinida.

– Será que conseguirão ultrapassar o escudo? – perguntou Merrin, embora aquela não fosse exatamente uma pergunta.

– Não sei – respondeu Mason automaticamente.

A *Egito* desviou de algumas naves *Falcão* que a perseguiram até que perceberam que ela não representava uma ameaça direta para o portal. Logo a nave que tinha sido o lar deles nas duas últimas semanas flutuava acima de suas cabeças. A mesma porta se abriu no ventre dela, e eles usaram a potência que restava nos propulsores para entrar. Depois que a gravidade e a atmosfera foram restauradas, Mason correu até a ponte de comando com Merrin e Tom, vestindo a armadura roubada no caminho.

Quando voltou à ponte de comando, o portal continuava inteiro.

MASON REASSUMIU O COMANDO DA *Egito* a tempo de ver o fim do mundo.

Ele estava na ponte ao lado daquela que era provavelmente a primeira turma de cadetes a ir ao combate, a pilotar a própria nave. Se isso já tinha acontecido antes, nada constava nos manuais da Academia I.

O portal rodopiante não estava simplesmente flutuando no espaço; agora, parecia avançar com determinação.

Na direção da Terra.

O terminal de comunicações não parava de emitir chiados: ordens dadas, ordens recebidas. Todas eram obrigatórias, e enchiam a ponte de comando da *Egito* com seu ruído. A maioria dos feixes de partículas do ComET tinha superaquecido, e o portal não estava mais sob ataque, com exceção dos disparos feitos pelas naves que tinham usado suas armas com mais inteligência.

– O que fazemos agora, capitão? – foi a pergunta feita por mais de um cadete.

“Vamos assistir”, ele pensou em dizer. “Assistir ao nosso fracasso. Assistir ao fim.” Afinal, que diferença faria àquela altura?

Já tinha ficado claro que o portal não seria destruído. Assim sendo, não havia nada a fazer senão assistir.

O guerreiro dentro dele pareceu recusar essa opção; a parte dele que ele desejava que crescesse à medida que ficasse mais velho. Não se pode assistir a tudo passivamente; é preciso lutar. Até o fim, como os soldados das histórias antigas. Era isso que um soldado de verdade *fazia*.

Então, era uma pena que Mason sentisse tamanha vontade de se deitar. Talvez até adormecer, bem ali na ponte de comando.

– Mason – sussurrou Jeremy.

Ele estava bem a seu lado. Tom também observava tudo, assim como Merrin. Todos pareciam olhar para ele justamente para não terem de olhar para o portal.

Mason saiu do transe, pois os outros ainda contavam com ele. Se não fosse por isso, dificilmente teria recuperado o ímpeto de agir.

O portal continuava a se mover: um aro giratório que eles só conseguiam enxergar porque os sistemas da *Egito* o destacavam na imagem. O computador da ponte de comando mostrava o portal com um forte realce vermelho, não muito diferente da cor do sangue fresco. De acordo com os números exibidos na redoma, o portal era mais fino do que um fio de cabelo.

“Atacar, atacar”, gritavam vozes no sistema de comunicação. “Façam alguma coisa; atirem, disparem todas as armas, ataquem com tudo que tiverem à disposição.” As ordens vindas do sistema de comunicação tinham se convertido em apelo. “Por favor, ajudem-nos”, era o que pareciam dizer.

– Ordens? – disse Tom finalmente.

Merrin estava à espera nos controles de pilotagem, com as mãos nos botões, de prontidão. Tinha o corpo voltado para o capitão, aguardando ordens, os olhos semicerrados. Demonstrava uma força que Mason invejava.

Merrin olhou para ele e fez um discreto aceno com a cabeça. Mason sabia o significado daquilo: “Estou com você”.

– Esperem – disse Mason. Ele sentia uma forte pressão atrás dos olhos, e não era a primeira vez. As palavras saíram automaticamente. – Estamos afastados da frota. Se atacarmos o portal, seremos destruídos. Esperem.

Ninguém contestou.

Talvez fosse uma jogada covarde, mas era inteligente. O portal não seria destruído e, como capitão, Mason não entregaria sua tripulação à morte certa a não ser que houvesse uma chance de sucesso, ainda que mínima. Essa era a responsabilidade dele.

Foi o que ele disse a si mesmo.

QUANDO O PORTAL FINALMENTE CHEGOU à Terra, o planeta azul desapareceu de uma hora para a outra. O portal girou cada vez mais rápido, de acordo com o computador, até dobrar o tecido espacial, e pelo imenso aro era possível ver estrelas diferentes. Estrelas que o computador não reconheceu. Havia um Sol brilhando quente dentro do aro, um corpo celeste menor e amarelado que não parecia muito diferente da estrela do sistema solar de Mason.

O portal passou pela Terra mais rápido do que ele pensou ser possível. Por mais absurdo que fosse, aquilo o fez pensar em algo que vira certa vez, algo

terrível, quando assistira a um vídeo sobre aspectos folclóricos do século XX. O assunto era algo que chamavam de tourada. Homens provocavam um touro com panos coloridos. Os touros corriam na direção dos panos em lugar de perseguir os homens, que os agitavam por sobre a cabeça dos animais, rapidamente reassumindo suas posições enquanto o touro dava meia-volta. Era tudo muito rápido. Tão rápido quanto o portal parecia ser agora. O aro passou pela Terra, girando mais rápido do que nunca, e então foi desativado, e as estrelas que ele conhecia voltaram, mas a Terra tinha sumido.

O SISTEMA DE COMUNICAÇÃO ESTAVA agora em silêncio. Ninguém dizia mais nada, e até os tremistas tinham parado de atacar. As duas frotas se afastavam no espaço que antes correspondera à órbita terrestre. Agora, havia apenas o vazio escuro do espaço profundo, sem nenhuma característica que o distinguísse.

– Havia um Sol... – disse Tom, lentamente. – Do outro lado do portal.

Ninguém disse nada. Merrin tirou as mãos dos controles e deixou-as pender ao lado do corpo.

– Havia um Sol – disse Tom outra vez – Não sei para onde levaram a Terra, mas havia um Sol lá. Eles não depositaram o planeta no frio escuro do espaço profundo.

– Não importa – replicou Stellan, aflito. – Os cálculos necessários têm de ser muito precisos. Seria virtualmente impossível mudar a posição de um planeta e, ao mesmo tempo, conservar inalteradas todas as condições na superfície.

– É exatamente o que pretendíamos fazer com Nori-Azul – falou Jeremy.

– Nesse caso é diferente – disse Merrin. – Nori-Azul não está repleto de vida inteligente. Se o ComET errasse nos cálculos, seria possível reposicionar o planeta. Por mais que houvesse consequências climáticas adversas na superfície, valeria a pena correr o risco de roubar o planeta.

Mason se sentiu cansado ao ouvir a conversa. Que diferença fazia se havia ou não um Sol do outro lado do portal? Era quase como se todos estivessem em choque, ou ainda não tivessem compreendido exatamente o que ocorrera diante de seus olhos. A Terra não estava mais no sistema solar, e eles não tinham ideia de qual havia sido o destino do planeta.

O portal começou a encolher, uma lenta inversão do processo de expansão que eles tinham tentado desesperadamente deter.

O combate foi retomado. Num instante, o espaço parecia imóvel e morto, repleto de centenas de naves inertes, algumas inteiras, outras em pedaços, e ainda outras com marcas de explosões. No instante seguinte, o vácuo estava vivo,

cortado por chamas de todas as cores. Feixes e esferas de luz eram trocados num quadrante do qual a Terra não fazia mais parte.

As naves do ComET eram identificadas pelo computador na ponte de comando, que mostrava seus nomes em etiquetas transparentes exibidas na redoma. Mason e os demais observaram enquanto a *SS Quênia* explodia entre duas outras naves, a *SS Paraguai* e a *SS Nova Zelândia*, que se afastavam lentamente, avariadas, emitindo no espaço parte de sua atmosfera interna em jatos gasosos. De tão longe, Mason não conseguia ver os corpos que as naves depositavam no espaço, saídos dos buracos em seu casco, mas sabia que os cadáveres estavam ali.

Os tremistas também tinham baixas. Os propulsores laterais de um Isolador pararam de funcionar, e a gigantesca nave se chocou de lado contra duas naves *Falcão*, que explodiram em esferas verdes, destruindo também o Isolador.

– Capitão – falou a voz de um cadete às costas dele.

Mason não sabia quem era. Ele tinha de tomar uma decisão, ou eles seriam os próximos. Tinha de conduzir sua tripulação à segurança. Não havia honra no suicídio, e não havia humilhação em se retirar para lutar outro dia.

No segundo seguinte, ele descobriu que não precisaria contrariar nenhuma ordem, pois fora dado o comando para a retirada. A mensagem chegou como um texto verde exibido na parte inferior da redoma:

TODAS AS NAVES, RETORNAR À ESTAÇÃO *OLIMPO*.

Seguida por:

PROTEJAM SEUS PORTAIS. NÃO ATAQUEM OS TREMISTAS.

– Finalmente – disse Tom, cuja voz parecia atordoada, ou letárgica. Como se sentisse muito frio, ou tivesse acabado de acordar de um sono profundo. – Devemos ir à *Olimpo*, sem dúvida. Lá estaremos a salvo.

Era bem possível que ele estivesse em estado de choque. Será que Mason estava em choque? Talvez. Ele não sabia como descobrir ao certo. Nada parecia real, e isso era tudo o que ele podia afirmar. Suas mãos pareciam um tanto amortecidas.

Em uníssono, o restante da frota do ComET começou a atravessar os portais. Mas a tecnologia era lenta demais. Os tremistas conseguiam atingir os portais com seus lasers, transformando-os em pedaços rodopiantes de metal,

incandescentes como brasas, e deixando as naves isoladas até que pudessem lançar novos portais. Enquanto Mason assistia (ele tinha a impressão de ter feito apenas isso: assistir passivamente, pelos últimos mil anos), um imenso Isolador se aproximou da *SS Japão* e sugou a nave inteira para dentro do seu compartimento de carga, deixando seu portal hiperespacial girando no vazio.

– Capitão – disse Merrin, a voz calma, trazendo-o de volta à realidade.

Mason respondeu com um aceno positivo. Aquela luta estava perdida, e eles tinham suas ordens.

– Lance um novo portal – ele falou. – Vamos nos encontrar com o restante da frota na estação *Olimpo*.

Alguns dos cadetes deixaram escapar suspiros de alívio, voltando a se concentrar nos seus respectivos painéis de comando.

Até que a superfície da redoma piscou, e a imagem do pai de Tom, o vice-almirante Bruce Renner, surgiu na tela.

O VICE-ALMIRANTE NÃO PARECIA ESTAR em seu melhor estado.

– Graças a Deus vocês estão bem – disse ele de imediato.

Seu rosto era parecido com o de Tom, olhos e cabelos escuros, com uma barba curta e grisalha. Mas esta estava agora cheia de sangue, que tinha escorrido de um imenso corte acima da sobrancelha direita. Além disso, o nariz estava quebrado, roxo e torto. Atrás dele, alguma coisa cuspiu faíscas laranja e brancas numa cascata brilhante.

– Onde está sua mãe? – disse ele, olhando para Tom, que manuseava o controle de armas. – O que você...?

Não demorou até que ele percebesse. O lábio inferior de Bruce Renner tremeu, e ele cerrou o maxilar. Em seguida, acenou com a cabeça.

A cabeça de Tom pendeu, pesada, e seu corpo estava imóvel.

O vice-almirante olhou então para Mason.

– É você quem está no comando? – Sua voz parecia de aço, como era a da mãe de Tom.

– Sim, senhor – respondeu Mason.

– Não há mais oficiais a bordo da nave?

– Apenas o comandante Lockwood – respondeu Tom subitamente, a voz aparentando normalidade –, mas ele está ferido. Muito ferido.

O vice-almirante levou alguns segundos para processar aquela informação, sem nenhuma expressão no rosto. Pela redoma, Mason via a batalha prosseguir. Explosões silenciosas, de todas as cores imagináveis. Mas um número cada vez maior de naves do ComET conseguia escapar. Não demoraria até que os tremistas reparassem na *Egito* no limiar do campo de batalha.

– Nossa nave foi abordada, pai – disse Tom. – Os tremistas levaram todos, ou os mataram, e nós nos escondemos.

– Recuperamos a nave, senhor – disse Merrin.

– Percebi – respondeu o vice-almirante. – Muito bem. Mas não quero que se encontrem com o restante da frota na estação *Olimpo*. Suas ordens são viajar até

uma base remota e aguardar. Algum lugar pequeno o bastante para que os tremistas não saibam da sua presença. Entendido?

O imenso portal já estava na metade do processo de contração para a forma cúbica, encolhendo-se como uma aranha agonizante. Em breve, estaria pronto para o transporte.

– Negativo, senhor – falou Mason sem pensar. Alguns cadetes engasgaram, surpresos, mas o que o vice-almirante poderia fazer? Jogar Mason na prisão da nave? – Reunir-se na estação *Olimpo* é um erro. Os tremistas vão levar o portal para Nori-Azul e roubá-lo também. Temos que detê-los.

Em vez de repreendê-lo, o vice-almirante ficou mais uma vez sem expressão. Ele aparentava muito cansaço. Seus olhos pareciam acumular lágrimas que ainda não estavam prontas para rolar.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, o vice-almirante acenou com a cabeça:

– A ordem para nos reunirmos na estação veio do próprio almirante Shahbazian. Não posso ignorá-la.

– Não podemos deixar que eles fiquem com os dois planetas – disse Mason, sentindo uma súbita leveza.

Um cadete jamais desobedecia uma ordem. Um cadete *jamais* desobedecia uma ordem dada por um almirante.

A tripulação da *Egito* trocou murmúrios entre si, concordando; os demais cadetes estavam com ele. Era estranho: o espetáculo do desaparecimento da Terra deveria ter acabado com o moral deles, mas, em vez disso, parecia tê-los fortalecido. Não tinham mais nada a perder. Mason estava pronto para lutar pelo que restava da humanidade, pelos bilhões de vidas que estavam agora perdidas no espaço, talvez morrendo de frio naquele exato momento. Mason estava pronto.

– Está consciente da missão da *Egito*? – disse o vice-almirante, usando seu tom de voz de militar de alta patente.

– Não inteiramente, senhor – respondeu Mason.

– A *Egito* trazia o portal, mas transportava também a trava. – Atrás do vice-almirante, as faíscas continuavam a cair. Mason ouvia passos, e um alarme soava no fundo. O vice-almirante encontrava-se na *SS Rússia*, que estava sendo abandonada pela tripulação. – A trava era o complemento experimental do portal. Se este fosse roubado, a trava poderia ser usada num planeta para fixá-lo em sua posição. Quem é a inteligência artificial da sua nave?

– Elizabeth, senhor – disse Elizabeth.

– Olá, Elizabeth – disse o vice-almirante, a voz calma. – Conceda aos cadetes o acesso à trava.

– Acesso concedido.

– Instalem a trava na superfície de Nori-Azul – disse ele. O vice-almirante olhava agora para o filho. – Os tremistas conseguirão decifrar seu sinal, mas, até lá, ganharemos o tempo necessário para levar toda a frota ao sistema. – Ele pareceu subitamente inseguro. – Consegue fazer isso? Filho?

– Conseguiremos, senhor – disseram Mason e Tom, juntos.

– Sua mãe ficaria orgulhosa – respondeu Bruce Renner. – Eu me orgulho de você. Orgulho-me de todos vocês. Não são mais cadetes, e sim alguns dos melhores soldados do ComET. Agora partam, antes que seja tarde de...

A transmissão foi interrompida.

– Elizabeth! – gritou Tom. – Onde está a *SS Rússia*?

Ela destacou na redoma a nave do vice-almirante.

– Intacta, imediato Renner. A transmissão foi interrompida por...

E então a voz *dela* também sumiu.

A redoma piscou mais uma vez, e em seguida o rei tremista surgiu na tela, segurando Susan Stark a seu lado, pressionando contra a têmpora dela uma garra a laser.

– SUSAN! – GRITOU MASON.

Ele não conseguiu se conter. Os olhos da irmã estavam roxos, e um deles parecia tão inchado que ela mal conseguiu abri-lo. Mas ela conseguiu sorrir ao ver Mason. Um sorriso normal, como se não fosse refém daquela que deveria ser a criatura mais mortífera da galáxia.

– Olá, irmãozinho – disse ela.

E aquelas foram as palavras mais doces que Mason já tinha ouvido. Ele jurou a si mesmo que, mais tarde, prometeria a Susan que jamais voltaria a fazer brincadeiras infantis com ela, jamais. Ao menos, não faria mais brincadeiras que a prejudicassem.

A máscara escura e oval que ocultava o rosto do rei parecia flutuar ao lado dela, pronta para sugá-la para um buraco negro.

– Mason Stark – disse o rei, a voz metálica abafada pela máscara, mas sem perder a clareza.

– Sim – respondeu Mason.

Ele uniu as mãos atrás do corpo e as apertou; eram a única parte dele que tremia naquele momento. Susan estava em perigo, mas ao menos estava *viva*, continuava respirando e seu coração ainda batia. Naquele instante, a terrível derrota sofrida pareceu insignificante; Mason sabia que não devia se sentir daquela maneira, já que o dever primário de um soldado do ComET era defender o ComET, mas ele não se importou com isso.

– Vou tornar as coisas fáceis e simples para você – disse o rei. – Você vai me entregar a garota Merrin Solace, ou esta será a última vez que vai ver sua irmã viva.

Ele falava como se Merrin não estivesse sentada bem diante da tela, impossível de ser ignorada.

Mason estava prestes a responder, embora não soubesse exatamente o que dizer. Com certeza, diria alguma coisa. Mas, antes disso, Merrin girou a cadeira lentamente, ficando de costas para a tela, e articulou os lábios devagar para o

capitão, para que Mason pudesse lê-los...

A palavra era “refém”.

– Não, por favor – disse ela imediatamente em seguida, em voz alta, num tom de desespero fingido. Mas a agonia dela parecia bem real.

“Refém”, ela tinha sugerido. O rei estava se esforçando muito para ter a filha de volta e, obviamente, ainda a considerava importante.

– Onde está a Terra? – Tom exigiu saber.

Mason sentiu um súbito constrangimento. Estava preocupado com a vida da irmã, quando o planeta inteiro estava em jogo. Mas ele sabia que exigir a devolução da Terra não seria o suficiente e, por isso, que razão haveria para fazer tal pedido? Mesmo que o rei se mostrasse disposto a trocar o planeta pela vida da filha, o gigantesco portal hiperespacial continuava se contraindo, e ninguém tinha ideia de onde a Terra estava agora.

Mas Mason precisava agir rápido, ou a artimanha fracassaria. Ele assumiu uma expressão agressiva e marchou até o posto assumido por Merrin, prontamente agarrando-a pelo pescoço e arrancando-a da cadeira. Ela entendeu o plano dele e fingiu se debater em suas mãos, sem de fato resistir. Então, contrariando todos os seus instintos, ele apontou o canhão fotônico para a cabeça de Merrin, imitando o rei. Seu estômago revirava, e o suor brotou de sua testa. Dessa vez, seria *impossível* não vomitar.

A tripulação trocava agora murmúrios silenciosos, obviamente demonstrando certa confusão, mas sem saber o que fazer a respeito. Tom reparava atentamente em Mason com o canto dos olhos, mas não parecia surpreso; era bem possível que, do lugar onde estava, tivesse conseguido ler os lábios de Merrin.

A máscara do rei impedia que Mason tivesse uma ideia da reação dele. Susan mantinha a mesma expressão de antes, principalmente porque seu rosto estava inchado demais para mudar: apenas os lábios se abriram um pouco.

Mason foi o primeiro a falar:

– Ninguém vai voltar a encostar na capitã Stark – disse ele. Era estranho que a chamasse daquela maneira; Mason também era o capitão Stark – Como pode ver, tenho algo que quero trocar pela vida dela. – Aquelas palavras soavam engraçadas na boca dele, como uma tentativa de se expressar como um adulto. Mas ele precisava mostrar ao rei que falava sério.

– Tem coragem de ameaçar um dos seus? – disse o rei, depois de uma pausa que pareceu durar um minuto.

– Creio que foi o que acabei de fazer – respondeu Mason.

– Por favor... – disse Merrin com a voz fraca, como se sufocada pelas mãos

de Mason.

Ele queria pedir desculpas, por mais que fosse tudo ideia dela. Foi preciso pressionar o canhão fotônico contra sua têmpera para disfarçar a própria tremedeira. As desculpas ficariam para mais tarde. Era tudo encenação, mas, mesmo assim, bastaria um pouco de pressão no gatilho para acabar com a vida de Merrin. Mason quis arremessar o canhão fotônico para longe. Preferia segurar uma brasa nas mãos.

– Uma troca, então – disse o rei.

Susan balançou a cabeça discretamente. É claro que ela seria contra a ideia de colocar algum dos cadetes em contato com o rei ou com qualquer membro de sua tripulação. Mas Mason jamais poderia deixá-la para trás. Era impossível despedir-se e desligar a tela da redoma.

– Em território neutro – acrescentou Mason prontamente.

Ele jamais aceitaria um encontro na nave *Falcão* do rei achando que o deixariam sair vivo. De jeito nenhum.

O rei inclinou a cabeça levemente, como se estudasse Mason do outro lado da tela. Este manteve a postura, ignorando o suor. A espera pela resposta pareceu durar uma eternidade. Na ponte de comando, ninguém emitia som nenhum.

– Na superfície de Nori-Azul – disse Mason.

O único território neutro possível, imaginou Mason.

A troca serviria como cortina de fumaça: se a *Égito* fosse até lá para uma troca de prisioneiros, ninguém suspeitaria da trapa. Eles teriam apenas que instalá-la antes que a nave *Falcão* chegasse.

– Que seja – falou o rei.

A cabeça de Susan desabou.

– Mason, não vá – disse ela.

O rei a ignorou e acrescentou:

– Se me trair, jovem capitão, a morte dela será um milhão de vezes pior. Farei com que sofra durante anos.

Mason sentiu um gosto metálico no fundo da garganta.

– Pode confiar em mim – disse ele.

A TELA DA REDOMA SE apagou, revelando novamente a escuridão do espaço, pela qual vagavam imensas carcaças metálicas de naves chamuscadas, algumas ainda incandescentes, apesar da ausência de oxigênio. A frota tremista desaparecia, e saltando para a velocidade da luz, usando uma tecnologia que os engenheiros do ComET ainda tentavam reproduzir, sem sucesso. As naves pareciam estrelas cadentes, linhas brancas e brilhantes que sumiam tão rápido quanto apareciam. Na distância, o computador identificou a nave *Falcão* do rei; ela manobrava e se preparava para viajar mais rápido do que a luz.

O portal hiperespacial lhes daria algum tempo em Nori-Azul, mas a nave *Falcão* não estaria longe.

Mason tirou a mão do pescoço de Merrin, que o esfregou. Ele sentiu o rosto em chamas, envergonhado apesar de tudo não passar de fingimento. Ela respondeu com um leve soco no ombro dele.

– Bom trabalho. Quase pensei que você não fosse entender.

Mason abriu um sorriso e, em seguida, permitiu-se rir. O riso explodiu de dentro dele, uma mistura de alívio e estresse.

Ele parou de rir quando um cadete do terceiro ano que monitorava uma das telas do perímetro da ponte de comando à sua direita perguntou:

– Em nome de Zeus, que acordo foi esse?

Era um rapaz chamado Kale, Mason lembrava-se vagamente. Naquele momento, o capitão estava um pouco confuso.

Outro disse:

– É mesmo, não entendi nada. O que está havendo?

Mason não pretendia se dirigir a todos e dizer: “Ei, sabem a moça que está pilotando a nave? Além de tremista, ela também é a filha do rei. Mas isso não é motivo para perderem a confiança nela!” Em vez disso, ele respondeu:

– Tripulação, são informações sigilosas. Mantenham o foco.

– E quanto à Terra? – indagou Kale.

Mason se surpreendeu ao saber a resposta.

– Os tremistas são espertos – disse Mason. – Mais do que nós, pelo visto. Isso significa que eles não destruiriam nosso planeta simplesmente. Se fizessem algo assim, responderíamos com todo o nosso poder de fogo. Se descobrissemos onde fica o mundo natal dos tremistas, eles sabem que poderíamos contaminá-lo com poucos núcleos dos reatores de nossas naves. Então, qual seria o plano deles?

Foi Tom quem respondeu, com a voz determinada.

– Vão usar o planeta como refém. Vão usá-lo, e não destruí-lo. Não consigo imaginar uma moeda de troca mais valiosa na galáxia.

– Nem eu – disse Mason, sorrindo para ele.

Eles precisavam acreditar naquilo. A Terra estava a salvo. Caso contrário, que motivo teriam para lutar?

– Mantenham o foco – repetiu Mason, incorporando à sua voz toda a autoridade que havia em seu ser.

Afinal, os cadetes eram membros do ComET e, depois de resmungar um pouco, voltaram ao trabalho.

MERRIN AFASTOU A NAVE UM pouco mais daquela que costumava ser a órbita da Terra, e Mason pediu um portal de hiperespaço. Restavam poucos portais na nave, já que não houvera tempo para recolher aqueles que tinham sido usados. Isso significava que precisavam fazer cada salto valer o máximo possível. Seria necessário um salto até Nori-Azul e, com sorte, outro para sair de lá. Talvez fizessem mais alguns saltos para evitar os tremistas.

Enquanto o portal se expandia, Mason perguntou a Elizabeth onde a trava tinha sido guardada. Ela ficava num pequeno compartimento de carga próximo ao alojamento da tripulação. Bem pensado. Mason esperava que a trava ficasse a estibordo, perto da seção de engenharia, onde esse tipo de coisa costumava ser guardado. Se os cadetes tivessem fracassado em retomar a nave, no entanto, os tremistas levariam muito mais tempo para encontrá-la.

Mason levou Tom, Stellan e Jeremy com ele, depois que Elizabeth recomendou que houvesse quatro cadetes para transportar a trava.

– Vire à direita, capitão – disse Elizabeth, enquanto os quatro marchavam

pelo corredor.

Mason reparou em como a nave parecia vazia. Todos entraram num elevador e desceram dois andares, quando Elizabeth disse para se dirigirem ao que parecia ser uma antiga porta que levaria a uma sala qualquer: um escritório, ou o alojamento pessoal de algum dos tripulantes.

Mas a porta estava trancada, e Elizabeth precisou de dez segundos para conseguir abri-la.

– Devem ser várias fechaduras sobrepostas – disse Tom em voz baixa, como se falasse consigo mesmo.

Quando a porta finalmente se abriu, Mason viu que ela tinha quase trinta centímetros de espessura. Não se tratava de uma porta comum.

A sala era pequena, com o formato de um cubo. Mason já estava farto de cubos. À esquerda e à direita, as paredes dispunham de armários individuais pesados, oito de cada lado. Na parede oposta, quatro grandes mochilas pendiam de ganchos. E, no meio do chão, eles viram a trava.

Agora Mason entendia por que eram necessárias quatro pessoas para transportá-la. A trava era formada por quatro partes separadas. Havia quatro cilindros de pé, formando os cantos de um quadrado imaginário. Como os pontos cardeais de uma antiga bússola. Cada um tinha pouco mais de meio metro de altura e era espesso o bastante para ser carregado como uma bola, próxima do peito. O tamanho era perfeito para as mochilas.

– Vamos preparar as mochilas – disse Mason, e foi o que os quatro fizeram, apanhando os cilindros, colocando-os em segurança nas bolsas e fechando o zíper.

Cada um dos cilindros era bastante pesado, de alta densidade, e Mason sabia que carregá-los por muito tempo seria um problema. Suas costas pareceram ranger quando ele pôs a alça da mochila nos ombros.

– Como fazemos para ativar a trava, Elizabeth? – indagou Tom.

– Os cilindros devem ser dispostos na mesma posição – respondeu Elizabeth.

– A trava deve ser ativada por conta própria, assim que seus sensores identificarem a superfície de Nori-Azul.

– *Deve ser?* – perguntou Stellan.

Ele estava nervoso, pálido e suando frio. Talvez por ser esperto o bastante para saber que Mason o escolheria para a equipe encarregada de levar a trava à superfície.

– Como sabem – respondeu Elizabeth, sem emoção na voz –, a trava é um assunto altamente confidencial, e não conheço os detalhes de seu funcionamento.

– Brilhante – murmurou Mason, e os quatro levaram as mochilas pesadas para a ponte de comando.

Quando chegaram lá, Mason devolveu o comando a Jeremy.

Jeremy quase fez uma careta... quase. Mason sabia que ele preferiria estar na superfície com eles, no meio da agitação, mas, se tudo corresse como esperado, não haveria muita emoção. Mason precisava dele na nave, por mais que o alegrasse ter Jeremy protegendo seu flanco.

– Entendido – disse Jeremy em voz baixa. – Vou cuidar de tudo.

Mason acenou para Merrin, que se juntou ao grupo, composto também por Tom e Stellan.

Merrin se queixou ao colocar a mochila nas costas.

– Minha nossa! O que tem aqui dentro? Ósmio?

Ela não parecia muito frustrada com o rumo que as coisas estavam tomando. Ou talvez fosse uma especialista em fingir que estava calma. É claro que Mason não iria devolvê-la ao pai, e ela sem dúvida sabia disso, mas era inevitável a proximidade com o rei e seus Rhadgasts.

Enquanto Tom e Stellan escolhiam substitutos para seus postos na ponte de comando, Mason puxou Merrin para um canto.

– Tudo bem? – perguntou ele.

Ela ergueu uma das sobrancelhas roxas e deu de ombros.

– Por acaso não parece bem?

– Você parece ótima. Quero dizer, parece bem. Mas quero ter certeza. Não posso imaginar como... Bem, se quiser conversar... Ou se precisar conversar...

– Não estou preocupada com o meu passado no momento.

Talvez fosse imaginação, mas Mason achou que a voz dela estava trêmula.

– Só quero ter certeza de que você está bem – disse ele. – É só isso. Podemos conversar sobre o que você quiser.

– Você me conhece – disse ela. – Sou um bom soldado.

Não era exatamente uma resposta, mas Mason entendeu que ela manteria o controle. A parte dele que era apenas o amigo de Merrin, e não o capitão, sofria. “O pai dela é o rei dos nossos inimigos.” Ele pensava naquelas palavras e ainda tinha dificuldade em acreditar. “O pai dela é o responsável pela morte dos que ela conheceu como seus pais.”

Mason morreria antes de deixar que aquilo se tornasse um problema entre os dois. Ela não era responsável por nada daquilo. Nem um pouco.

Merrin apertou seu ombro levemente antes que ele pudesse dizer algo, e foi ver como Willa estava se saindo com os controles de pilotagem.

Vinte segundos mais tarde, os quatro corriam tão rápido quanto possível de volta aos transportes. Fizeram uma rápida parada numa das galerias menores para beber água e ingerir algumas barras de proteínas. Não havia tempo para um cochilo, mas a comida lhes daria um pouco mais de energia. Tinham a sensação de estar combatendo há semanas, mas na verdade não se passara nem mesmo um dia inteiro.

– Quería que o cozinheiro ainda estivesse aqui – reclamou Stellan.

– Não gosta de papelão? – disse Tom. – Centenas de anos de engenharia humana e essas barras ainda têm um gosto horrível.

– Pelo menos a água é decente – acrescentou Mason, abrindo a última garrafa.

Partiram em seguida.

Mason mostrou-se aliviado ao lembrar que a área de embarque dos transportes ficava perto, porque carregar sua parte da trava dava a sensação de que havia formigas rastejando pelos ombros. Ninguém falou durante o trajeto, para poupar o fôlego. Mason e Tom comeram outra barra e dividiram a última garrafa de água.

Foi somente quando chegaram à porta da área de embarque mais próxima que Mason se voltou para eles e disse:

– Preciso de vocês todos. Vocês são os melhores. Mas, se preferirem ficar na nave, essa é sua última chance de dizer isso. Não sei como será a missão na superfície, nem se a *Egito* poderá ficar em órbita por tempo suficiente para que possamos retornar.

Mason imaginou todos vivendo o resto da vida em Nori-Azul, construindo casas nas árvores e aprendendo a caçar as criaturas que habitavam as florestas. Se tivessem sorte, encontrariam uma base abandonada dos tremistas ou do ComET, onde poderiam se abrigar.

Stellan ergueu a mão.

– Eu gostaria de... – e perdeu a linha de raciocínio.

– Ora, vamos – disse Merrin, jogando o cabelo para trás dos ombros, como se indignada. – Até parece que eu perderia a melhor parte.

Talvez fingir que não tinha medo fosse a maneira dela de lidar com a situação, assim como Mason fingia ser corajoso.

Tom não disse nada, mas nem precisava. A ordem viera de seu pai, e Mason imaginou que não seria capaz de impedi-lo de ir nem que tentasse. Coisa que ele jamais faria. Tom tinha perdido a mãe poucas horas atrás, mas se mantinha firme. Se Mason tivesse assistido a Susan despencar daquela passarela, será que

continuaría sendo um bom soldado? Ainda estaria cumprindo seu dever? “Não sei”, pensou ele.

Stellan abaixou a mão e suspirou.

– Está bem... Contem comigo.

Mason digitou o código que abria a porta. Através da parede translúcida à esquerda, ele viu a sala vazia e se lembrou do momento seguinte ao da abertura da superfície. Naquele instante, soubera que tudo o que podia fazer era dar o melhor de si. E era o que pretendia fazer outra vez.

O transporte era uma nave modelo *Dragão*, o que significava que era veloz. Era como se alguém tivesse colado dois imensos triângulos um sobre o outro, enchendo-os de ar em seguida e expandindo-os em formas convexas, ligadas nos três ângulos. Como um balão cheio pela metade. A nave os esperava no meio do terminal de embarque.

Mason abriu a escotilha traseira e os quatro entraram no pequeno compartimento de carga, que não passava de dois bancos virados um para o outro, com vários equipamentos que poderiam ser necessários durante um passeio por um planeta estranho. Mason foi até a cadeira do piloto, que ficava diante de uma fina janela curva que circundava toda a metade superior do transporte, proporcionando 360 graus de visibilidade.

Tom ativou os sistemas e deu início ao aquecimento dos motores. Stellan guardou as mochilas que continham a trava. Merrin veio até a cabine, cuja porta se abria para a parte de trás da nave, e tirou a luva de Rhadgast.

– Não quero isso – disse ela, entregando a luva a Mason.

Mason tomou a luva dela, tocando acidentalmente no dorso de sua mão, que estava seca e quente. Ela mordida o lábio inferior.

– Por quê? – disse ele.

– Prefiro um canhão fotônico. A luva me dá uma sensação estranha. É como se... – Ela fez uma pausa abrupta.

– Como se o quê? – perguntou Mason.

Ele podia sentir um perfume estranho no cabelo dela, algo em que nunca tinha reparado antes.

Tom fingia não prestar atenção. Os motores do transporte começaram a esquentar, transformando seu grave e gutural “buuuuuurrrrrrrrr” num agudo “eeeeeeeee”.

– Como se quisesse se juntar à outra luva – disse ela.

Mason olhou para sua mão direita e para a luva que ele segurava agora com a mão esquerda. A luva que Merrin tirara tinha se expandido, mas ele sabia que a

peça se ajustaria se ele a colocasse, chegando até a altura do ombro, como se feita sob medida. O material parecia ser um tipo de borracha de alto atrito, mas fina o bastante para que ele pudesse usar os dedos para fazer movimentos precisos.

– Tem certeza? – disse Mason.

Parecia egoísmo usar as duas luvas, mas Tom não pediu para ficar com uma delas e, sinceramente, o capitão queria as duas. Desejava todo o poder de um Rhadgast.

Merrin deu um tapinha no ombro dele.

– Tenho. – Então, ela desapareceu no compartimento de trás, e Mason a ouviu ajustando o cinto que a prendia ao banco.

A voz de Jeremy soou no sistema de comunicação do transporte:

– Estamos agora orbitando Nori-Azul.

– Obrigado, Jer – respondeu Tom, informando o computador sobre a posição atual deles.

O sistema calcularia a trajetória precisa para a entrada na atmosfera do planeta, o rumo que levaria à menor resistência atmosférica possível. Se errassem o ângulo de ataque, seriam transformados em cinzas num instante.

– Está pronto? – Mason perguntou a Tom.

– Claro que não – respondeu Tom. Do assento do copiloto, ele abriu o sistema de navegação.

Mason tirou a parte da armadura que cobria a mão e o braço esquerdos, colocando em seguida a outra luva de Rhadgast. Num instante, esta encolheu até ajustar-se perfeitamente, chegando à altura do ombro. Seu corpo estava exausto, mas as mãos e os antebraços pareciam... fortes. Ao usar as duas luvas, ele se sentiu bem de uma maneira inexplicável. Olhou para as próprias palmas, mexendo os dedos e sentindo a eletricidade que elas continham. Aquela força estava à espera do seu comando.

– Nem eu me sinto pronto – foi a resposta em voz baixa.

– Mas vamos em frente mesmo assim. Área de decolagem pronta – disse Tom.

– Pronto – respondeu Mason.

– Prontos – falaram Stellan e Merrin da parte de trás da nave.

Mason apertou o grande botão vermelho no teto, e a superfície se abriu num instante: onde antes havia uma sólida placa de metal surgiu sob eles no segundo seguinte a escuridão do espaço, com a grande esfera chamada Nori-Azul bem diante deles.

O ar saiu com força do compartimento, levando com ele o transporte, e os quatro cadetes despencaram na direção do planeta, carregando juntos a última esperança da humanidade.

OS COMPENSADORES DE GRAVIDADE AMORTECERAM as forças que agiam sobre o corpo deles, mas ainda assim Mason conseguia sentir o quanto viajavam rápido. Assim que se afastaram da *Egito*, Mason usou os controles à sua esquerda para fazer a nave alcançar velocidade máxima. Em questão de segundos, eles viajavam a uma pequena fração da velocidade da luz. O motor duplo do transporte modelo *Dragão* parecia gritar, mas as vibrações produzidas eram mínimas. O grande planeta verde ficou cada vez maior. Quase não havia nuvens, apenas uma vastidão verde.

Então, eles chegaram à atmosfera. As janelas ficaram subitamente opacas, encobertas por chamas laranja e vermelhas. Mason diminuiu a potência dos propulsores e o ar-condicionado foi ativado, produzindo um forte zumbido. O vento frio o atingiu no rosto, mas, do peito para baixo, o calor era intenso.

Usou o manche para frear na descida, com a intenção de planar por alguns milhares de quilômetros, mas os controles escaparam de suas mãos. Agarrou o manche novamente, o coração na boca, porém não conseguia estabilizar a altitude. O transporte estava num acentuado mergulho vertical, por isso o fogo do lado de fora se apagou e Mason pôde ver as árvores. Uma floresta se espalhava em todas as direções, perdendo-se de vista no horizonte.

– Suba a nave! – gritou Tom.

– Estou tentando! – Ele puxava o manche com toda a força, mas a nave continuava na trajetória atual, em pleno mergulho. – Elizabeth, controle o transporte!

Nenhuma resposta. A nave se endireitou subitamente, jogando Mason contra o encosto, então inclinou-se de forma acentuada para a direita, produzindo uma força tão poderosa que, se os compensadores não estivessem ligados, todos teriam sido esmagados e mortos em seus lugares.

– Elizabeth! – gritou Mason novamente.

O transporte terminou de virar até ficar apontado no sentido oposto, rumando para o hemisfério sul, que antes recebera o nome de floresta sul. Era uma parte

do planeta que o ComET não tinha nem começado a mapear. Alguns soldados chamavam a região de selva. A nave acelerou por conta própria, até estarem avançando por sobre as árvores numa velocidade catorze vezes mais rápida do que a do som.

– O que você está *fazendo*? – indagou Merrin do compartimento de trás. – Stellan acaba de vomitar.

Mason olhou por sobre o ombro: Merrin tinha os olhos arregalados e, atrás dela, pela janela, era possível ver uma espécie de cicatriz na floresta, provocada pela passagem deles, como a marola criada por um navio.

– Não estou fazendo nada – respondeu Mason com toda a calma que conseguiu demonstrar.

Por um segundo, ele pensou em usar as luvas para dar um choque nos controles do transporte, mas chegou à conclusão de que aquela seria a pior decisão possível. Se a nave fosse desligada, mergulhariam nas árvores com a velocidade sutil de 25 mil quilômetros por hora.

Cinco segundos mais tarde, os motores começaram a perder força, e a velocidade da nave caiu rapidamente. As árvores deixaram de ser um borrão verde, tornando-se mais distintas. Dois segundos depois, planavam a confortáveis trezentos quilômetros por hora. Não restava dúvida de que o transporte não estava apresentando defeito: havia alguém controlando tudo remotamente.

Tom foi o primeiro a ver o edifício.

– Vejam!

Adiante, à distância, uma construção alta e estreita se fez visível. No início, Mason pensou que fosse uma instalação do ComET, mas não: as bases do ComET eram baixas e se misturavam aos arredores, para que assim se tornasse mais fácil ocultá-las dos batedores tremistas. Além disso, eles já estavam muito ao sul do território explorado.

Logo a nave planava ao lado do prédio, e Mason pôde vê-lo com clareza.

Era algum tipo de antigo arranha-céu. Estava todo rachado, e havia pedaços da construção espalhados por uma clareira na floresta. Como se um gigante tivesse dado um soco no prédio e feito em migalhas a parte superior. Ainda sem responder aos comandos de Mason, o transporte desceu algumas dezenas de metros pela clareira, passando entre duas partes arruinadas do edifício. O arranha-céu não era gigante, ao menos para os padrões da Terra. Se sua forma fosse reconstituída, ele pareceria mais algo construído no século XXI ou XXII, antes de as novas cidades terem sido erguidas sobre as antigas. O prédio era feito de algum tipo de metal prateado que destoava por completo do ambiente da

floresta. A superfície metálica era recortada no padrão de uma construção de tijolos que refletia a luz do sol azul. Com leveza, o transporte pousou na grama.

O sistema de comunicação do transporte indicava a chegada de uma transmissão vinda da base do ComET ao norte, mas Mason não podia responder. O sistema não respondia. Com um lamento, o transporte foi desligado, deixando-os com o ruído do metal. Do chão, as árvores pareciam imensas, disputando a altura com o arranha-céu e bloqueando boa parte da luz. Lá embaixo, parecia o crepúsculo.

– O que houve? – perguntou Tom.

– Não tenho ideia – respondeu Mason.

Tom tentou abrir um mapa da região, mas, naquele exato instante, a nave foi *totalmente* desligada, deixando-os quase no escuro, com exceção de umas poucas luzes vermelhas de apoio inseridas no chão e no teto.

Mason tentou ligar os motores, mas o transporte não respondia.

– Estou com um mau pressentimento – disse Merrin.

– É, eu também – acrescentou Stellan.

– Acho que é hora de sairmos – falou Mason. Eles ainda não tinham um plano. Ele tinha que tapear o rei e conseguir que ele devolvesse sua irmã, e ao mesmo tempo conservar Merrin a seu lado... E isso era tudo o que sabia. Talvez levar Merrin até lá tivesse sido uma má ideia; se fracassassem, ela seria capturada. Mas, se a missão desse errado e ela não estivesse na superfície de Nori-Azul, ainda teria uma chance. “Agora é tarde”, pensou Mason.

O jovem capitão se sentiu mais leve ao caminhar rumo à rampa de saída do transporte, um dos efeitos da massa e da gravidade de Nori-Azul, que eram inferiores às da Terra. Ele baixou a rampa, e o ar entrou na nave trazendo o cheiro da selva. Era doce, pesado e úmido, um pouco fresco, e logo chegou ao fundo de sua garganta. Ele desceu pela rampa e se viu perto de um dos pedaços do arranha-céu. O metal parecia antigo, coberto pela sujeira e desgastado pelo tempo. Muito tempo.

Aquilo contrariava tudo que Mason sabia: Nori-Azul não deveria ter espécies inteligentes, mas o edifício não tinha se construído sozinho, e ele duvidava muito de que pertencesse ao ComET ou aos tremistas, a não ser que soubessem da presença de Nori-Azul desde muito antes.

Os equivalentes de pássaros e insetos em Nori-Azul faziam barulhos estranhos nas árvores ao redor do grupo, uma espécie de gorjear em escalas do qual era impossível distinguir sons individuais. Aquilo o deixou em alerta. Ele se lembrou de uma aula do curso Fauna das Colônias do ComET. Mason e os

colegas do quarto ano tinham visto imagens de criaturas barulhentas parecidas com morcegos que saltavam de galho em galho, vivendo em árvores que agitavam os galhos contra o chão por reflexo, para afastar bípedes peludos que gostavam de morder as raízes macias. Lembrou-se de um pássaro que nada tinha de pássaro: era do tamanho de uma libélula gorda, mas parecia uma miniatura de gato doméstico com pequenas asas nas costas. No vídeo, os animais alienígenas eram graciosos, mas ele logo ficou sabendo que poderiam matá-lo.

Agora que estava no planeta, Mason percebeu que não gostava de lá; Nori-Azul lhe dava arrepios. Preferia o deque de uma nave da frota, sem dúvida.

Mas havia um trabalho a ser feito.

– Vamos montar a trava e cair fora daqui – disse Mason.

Os quatro voltaram para dentro, apanharam as mochilas e saíram mais uma vez. Correram pela floresta, mantendo o arranha-céu à direita. No brilho do dia, o prédio parecia dourado, e não prateado. Sem toda aquela sujeira ancestral, talvez o edifício fosse majestoso. Mason parou no limiar das árvores, onde o verde acima de suas cabeças era tão espesso que bloqueava quase toda a luz. As copas balançavam acima dele, mas Mason não sabia se era efeito do vento ou se aquela vegetação podia se mexer sozinha.

“Mantenha o foco.” A nave do rei chegaria em breve, se é que já não estava em órbita, e Mason queria que sua equipe estivesse longe da trava àquela altura. Restava esperar que o transporte ainda pudesse ser utilizado.

Com os pés, Mason afastou raízes mortas e plantas menores, e os quatro puseram no chão os cilindros, posicionando-os da mesma maneira como os haviam encontrado na *Egito*.

– O seu e o de Mason estão muito próximos – disse Stellan a Tom depois de um instante.

Tom fez uma pequena correção na posição do cilindro.

– Agora ficou muito longe – disse Stellan.

– Estou tentando...

CLIC-psss. Os cilindros se acenderam como antes, emitindo um zumbido grave. A trava fora ativada.

– Foi fácil – disse Merrin.

– Ei, geniozinho – falou Tom a Stellan –, tem alguma teoria para explicar aquela torre?

– Raça alienígena extinta há milênios – respondeu Stellan sem titubear. – Não há outra explicação possível, a não ser que tenhamos viajado no tempo, o que é impossível. Portanto, não há explicação.

Teorias não poderiam ajudá-los naquele momento. O arranha-céu era uma distração, mas Mason não podia ignorar o fato de o transporte os ter levado até lá por conta própria. Como era possível algo assim? Será que Elizabeth tinha escolhido aquele local antecipadamente sem avisar?

Mason tocou na pele sob a orelha para abrir um canal de comunicação com a *Egito*.

– Ei, Jeremy, como estão as coisas na ponte de comando?

– Tudo bem. Nenhuma surpresa.

– Mantenha-me informado – respondeu Mason. – Tudo bem com a Elizabeth?

– Acho que sim. O que quer dizer?

– Posso falar com ela?

Houve uma pausa. Depois se ouviu:

– É, parece que ela não responde, mas continua funcionando; todos os sistemas estão normais.

Aquilo deixou Mason arrepiado dentro do traje tremista. Mas era preciso ignorar o destino de Elizabeth no momento, ao menos até deixarem o planeta. A nave *Falcão* ainda não tinha chegado e, por isso, havia tempo. E a curiosidade tomava conta dele.

– Ligue os motores do transporte – disse o capitão a Tom.

– Por favor? – corrigiu Tom.

– Ligue os motores do transporte, por favor – repetiu Mason, apesar de ser tecnicamente seu superior. Ao menos naquele momento.

– Espere, aonde pensa que vai? – perguntou Tom.

Mason caminhava na direção do prédio. Do ângulo em que estava, era possível ver a porta no andar térreo. O arranha-céu era imenso, mas a porta era mínima, mais parecendo uma abertura retangular vertical que emoldurava a escuridão interior.

– Preciso saber por que fomos trazidos para cá – disse Mason.

– Pensando bem, acho que Stellan pode cuidar dos motores do transporte – falou Tom. – Vou com você.

– Eu adoraria cuidar dos motores do transporte! – disse Stellan, correndo para a rampa de embarque.

Mason olhou para Merrin, que ergueu as sobrancelhas roxas.

– Vamos investigar.

Se a estrutura continuasse estável do lado de dentro, talvez eles pudessem usar a construção contra o rei: atrair os tremistas para lá e salvar Susan na

escuridão, ou algo do tipo. De todo modo, eles precisavam de algo que lhes desse vantagem. Se a troca ocorresse em campo aberto, Mason tinha o pressentimento de que acabariam todos fazendo uma visita à nave do rei.

Os três se aproximaram da torre, assumindo uma formação triangular com Mason à frente, suficientemente distantes um do outro para não formarem um alvo único e fácil. Mason mantinha as mãos a postos; sentia a energia percorrendo os braços até as palmas, provocando cócegas. O gorjeio de vida ao redor deles começou a ficar mais distante conforme avançavam, como se abafado pela torre. O barulho tinha quase sumido quando se viram a três metros das paredes antigas, desaparecendo de vez no momento em que essa distância caiu para um metro e meio. Era como se tivessem atravessado um tipo de escudo que mantinha o som do lado de fora.

Mason deu meia-volta; às costas deles, tudo parecia bem. Da cabine da nave, Stellan acenou para o grupo. Merrin respondeu com outro aceno.

– Estranho – disse Tom.

A entrada estava agora bem diante deles, repleta de sombras. Mason engoliu em seco e lembrou a si mesmo de que já tinha chegado até lá. Então, entrou na torre e os amigos o seguiram.

Ele não estava pronto para o que veria do lado de dentro.

COLUNAS SE ERGUIAM AO REDOR deles, desaparecendo na escuridão acima. Tudo era sujo e marcado pelo tempo. Mas o ar parecia fresco, não abafado. Mason tinha a impressão de que a torre inteira era apenas uma única sala com um pé-direito incrivelmente alto.

– Ali – sussurrou Tom. – Bem adiante.

Tom apontou para um único pilar no horizonte. Era apenas um metro mais alto do que Mason. Em cima dele, havia uma esfera de um preto imaculado, como se alguém tivesse mergulhado uma bola de basquete na tinta mais escura que se pudesse imaginar.

– Cheguem mais perto – disse uma voz, preenchendo toda a torre. Preenchendo a *mente* de Mason.

Era impossível saber se aquilo não era fruto de sua imaginação, até Merrin dizer:

– Ah, claro, pois não.

Mas a voz não parecia hostil; não havia maldade nela. Era como um convite. A esfera no pilar começou a brilhar.

– Mais perto, por favor. Não me façam ir até vocês – tornou a dizer a voz.

– Será que Stellan precisa de ajuda na nave? – indagou Tom.

Mason pensou a mesma coisa. Talvez Stellan precisasse da ajuda de *todos* eles, e talvez fosse melhor ir ajudá-lo agora, imediatamente.

– Ora, pelas barbas de Zeus, não vou mordê-los! – disse a voz.

Num piscar de olhos, a esfera flutuava quase meio metro acima do pilar. Na superfície, havia a imagem perfeita de um coração vermelho e brilhante. Este batia lentamente.

– Estão vendo? Eu amo vocês.

A voz vinha da esfera.

Mason decidiu correr o risco e começou a caminhar na direção dela. Depois de percorrerem a metade da distância, o coração se transformou em letras bem definidas que diziam “OBRIGADO!” num amarelo néon. Era como se houvesse

uma tela de vídeo revestindo a esfera, como a casca de uma laranja.

– Faz tanto tempo que espero a chegada de vocês que, se lhes contasse quantos anos foram, vocês diriam que estou falando uma mentira – disse a esfera. Agora, ela mostrava diferentes cenas da floresta ao redor deles, o céu e em seguida o mesmo coração batendo, além de um rosto sorridente.

– Quantos anos? – perguntou Mason.

– Talvez eu tenha me esquecido. Mas... deixem para lá. Não há tempo. Tenho de lhes dizer algo e, em seguida, preciso que partam. Os inimigos estão perto.

– O quê... – começou Tom.

– Pare! – disse a esfera. – Quero dizer, pare, por favor. Meu nome é Criança. Sou uma criação do Povo, os últimos habitantes desse lugar que vocês chamam de Nori-Azul. Sou o tipo de inteligência que chamam de artificial. Tenho mais poder do que seriam capazes de imaginar.

Um dedo frio cutucava a lombar de Mason. O jeito de falar daquela Criança...

– O Povo faria vocês, humanos e tremistas, parecerem idiotas completos – disse a Criança, e a tela mostrou o rosto de um homem rindo.

– Você nos trouxe aqui – disse Mason, entendendo isso ao mesmo tempo que o dizia.

– É claro – respondeu a Criança. – Vocês são o primeiro sinal.

Mason quase perguntou o que a esfera queria dizer, mas não quis levar uma bronca.

– Obrigado por não fazer essa pergunta – disse a Criança. – Vi sua nave em órbita e decidi que era chegado o momento de revelar a verdade. Afinal, vocês podem levar de uma só vez a verdade a ambos os lados simultaneamente. São a união entre humanos e tremistas.

Ela se referia a Merrin. Uma cadete tremista no ComET.

Mas que verdade seria essa? Mason sentia o estômago revirar. Quase preferia não saber. Ou talvez fosse melhor saber *imediatamente*, para acabar com tudo de uma vez. O medo lhe trouxe um gosto amargo à boca.

– Vou falar de maneira clara – disse a Criança. – Não confio nos tremistas, nem nos humanos. Ambos se tornaram autocratrados com o tempo. Os dois preferem usar a força em benefício próprio, e não para defender a paz. Mas olhei dentro de seus corações jovens, e sei que podem trazer um fim para esta guerra.

O coração voltou, pulsando alegre na superfície da esfera.

Naquele instante, o sistema de comunicação sob a orelha de Mason registrou

uma chamada.

Era Jeremy. Ele parecia sem fôlego.

– ... por toda parte. Mason, está ouvindo? Tenho que partir. Os tremistas chegaram em grande número no sistema. Não é apenas a nave *Falcão* do rei; parece que são *todos* eles. Tentarei voltar. Cuide-se até lá, parceiro.

Antes que Mason pudesse responder, a chamada foi desconectada.

Os outros não tinham ouvido.

– A *Egito* teve de deixar o sistema – contou-lhes Mason, engolindo em seco. – Os tremistas chegaram.

– Então, *ouçam* – disse a Criança, antes que os outros pudessem responder –, esta é a verdade que levarão ao povo de vocês.

EM VEZ DE LHES DIZER ALGO, a Criança concedeu a eles o entendimento. Num instante, eles nada sabiam. Então, ela emitiu estreitos feixes de luz em direção a seus olhos. Mason fechou os dele com força e afastou o rosto, mas os feixes encontraram suas íris, venceram suas pálpebras e chegaram diretamente a seu cérebro.

No instante seguinte, eles sabiam de tudo.

Humanos e tremistas não eram espécies totalmente diferentes. Não tinham evoluído em planetas diversos.

Ambos vinham de Nori-Azul.

Ambos eram filhos do Povo.

No auge da civilização do Povo, uma guerra eclodiu, como costuma ocorrer com as guerras. Mas, naquela época, o Povo possuía tecnologias que nem mesmo os tremistas seriam capazes de compreender. Prosperaram por tanto tempo que, no decorrer dos cinquenta mil anos anteriores, acabaram evoluindo em duas espécies diferentes. A nova espécie era conhecida como Bestial, criaturas selvagens extremamente fortes e de sentidos aguçados. Era como se parte do Povo tivesse chegado ao ápice de sua evolução e, em seguida, começado a reverter para a forma animal. Aqueles do Povo que não tinham sido afetados se tornaram os Filhos de Adão, iguais ao que sempre tinham sido, fisicamente mais fracos que os Bestiais, embora mais inteligentes do que eles.

Conforme os Bestiais começaram a sobrepujar seus antigos irmãos, um grande grupo de Filhos de Adão escapou de Nori-Azul a bordo de duas naves.

Eles se dividiram para garantir a própria sobrevivência. Uma das naves foi para o planeta hoje conhecido como Terra, e a outra rumou para o atual planeta natal dos tremistas.

Tudo isso ocorrera há alguns milhões de anos, aproximadamente.

Mas os Bestiais continuavam vivos.

Esperando sob a superfície de Nori-Azul.

Esperando até que os Filhos de Adão voltassem para casa, proporcionando a

eles novas presas das quais poderiam se alimentar.

PARA MASON, OS BESTIAIS PARECIAM ser mais animais do que criaturas sapientes.

Mas a história contada pela Criança fazia sentido. Ao menos explicava o motivo de humanos e tremistas serem tão parecidos entre si. Não fosse o cabelo roxo e a pele quase translúcida, Merrin tinha a aparência de um ser humano. E as semelhanças não eram apenas físicas. Ambas as raças tinham arruinado os próprios planetas. Ambas ansiavam pela oportunidade de pôr as mãos num outro planeta para arruiná-lo. Era essa a razão de todo o conflito.

– Restou algum Filho de Adão? – perguntou Mason, rompendo o silêncio.

– Apenas seus descendentes. Apenas vocês. A raça original se perdeu. Ouçam atentamente. – Um ponto de exclamação, verde e muito luminoso, apareceu na esfera. – Como sentinela derradeira do Povo, recebi a incumbência de preservar a história deles, de modo a transmiti-la àqueles que viessem a Nori-Azul. Criei um livro que contém todas essas informações.

A esfera mostrava agora a imagem de dentes afiados e cenas frenéticas de violência que eram rápidas demais para serem processadas por Mason.

– Os Bestiais esperam impacientemente, presos no subterrâneo por um campo de estase extremamente poderoso criado pelos Filhos de Adão. Construíram suas cidades em imensas cavernas, escondidas tanto dos humanos quanto dos tremistas. E estão observando tudo. Sabem que vocês estão aqui. E, ainda que não possam me ferir diretamente, sabem que vocês três estão em posição de levar a verdade a ambos os lados. Se a presença dos Bestiais for revelada antes de o planeta ser colonizado por um dos dois lados, eles ficarão em desvantagem. Seu plano é atacar depois que os novos ocupantes se sentirem à vontade no novo planeta. Se puderem, vão devorar esta verdade.

Mason sentiu um calafrio. “Devorar.”

– Espere – disse Merrin. – Por que não os mantemos no subterrâneo, simplesmente?

– Ahhh – disse a Criança.

– O que houve? – falou Mason. – Diga!

– Bem, eu trouxe os três aqui porque acredito em vocês. Mas também porque minha reserva de energia está se esgotando e, em breve, não poderei mais manter o campo em funcionamento. Faça isso há muito tempo, sabem?

– Quanto tempo ainda temos? – perguntou Mason, sentindo o coração acelerar.

– Dezenove minutos. Na verdade, dezoito minutos e 47 segundos.

Mason não sabia se ria ou chorava. Ficou ali parado, com a sensação de ter levado um tapa no rosto.

– Sua idiota! – disse Tom. – Trouxe-nos aqui e agora diz que eles estão atrás *de nós*, sendo que não sabiam de nossa presença meia hora atrás? Como se não bastasse, estão prestes a se libertar pela primeira vez em milhões de anos?

– Exato – respondeu a Criança, sem demonstrar nenhum tipo de remorso.

– Oh – disse Tom. – Bem, acho que não devia ter feito isso.

– Não disse que seria fácil – respondeu a Criança, mostrando novamente o coração pulsante. – Mas sei que todos vocês têm muita coragem. Caso contrário, não estariam aqui. Vasculhem as profundezas de si mesmos e vão encontrar a força necessária.

“Falar é fácil”, pensou Mason.

– Agora venham – disse a Criança. – Antes que seja tarde demais.

A CRIANÇA SAIU FLUTUANDO DO pilar e começou a se afastar lentamente.

Merrin começou a seguir a esfera, mas Tom disse:

– Tenho minhas dúvidas quanto a esse plano. E não digo isso por estar com medo. Quero dizer, é claro que estou com medo, mas é porque não sou bobo. Porém, não é esse o motivo da minha inquietação.

Mason também tinha dúvidas, mas sabia perceber quando havia uma escolha possível e quando não havia. Dessa vez, não existia opção. Tudo era incrível demais para ser apenas um truque e, se fosse uma cilada, ele não conseguia entender como funcionaria. Isso significava que devia ser verdade, e agora o destino de ambas as raças dependia deles.

Assim, seguiram a Criança, mantendo certa distância. A esfera flutuou até os fundos da torre, e uma mão aparecia na superfície de tempos em tempos, chamando-os para avançar. No fim do caminho, havia um túnel sinuoso que virava à esquerda, descendo numa espécie de espiral. O percurso estava iluminado, porém Mason não entendia como: a luz era ambiente, mas não havia fonte luminosa aparente.

– Um pouco mais rápido, por favor – insistiu a Criança, acelerando o ritmo. Os cadetes começaram a correr, descendo cada vez mais rápido, e completaram dez voltas na espiral, depois vinte. Mason não tinha ideia do quanto eles já tinham descido.

Em algum ponto entre as voltas de números trinta a quarenta na espiral, o túnel chegou ao fim, dando numa grande caverna. Aquilo fez Mason se lembrar dos grandes estádios na Terra, apesar das paredes de pedra bruta. No centro da caverna, havia um pilar semelhante ao da Criança. Só que nesse pilar havia um livro.

– Apanhem-no! – disse a Criança.

Mason correu na direção do pilar e, na escuridão do outro extremo da caverna, viu algo. Uma passagem para outro túnel. Ele diminuiu a velocidade.

– Eles não conseguem entrar! – disse a Criança. – Rápi...

Um rugido feroz interrompeu a esfera. Outros dois se seguiram, mais altos que os anteriores. Então, Mason ouviu o som de garras contra a pedra e de dentes rangendo. Todos vinham da escuridão do outro lado do túnel.

Tom parou onde estava, e Merrin diminuiu a velocidade. Mason correu mais, porque sabia que, quanto antes chegasse ao livro, mais cedo eles poderiam sair dali.

– Os Bestiais tentam, mas não conseguem atravessar – disse a Criança. – Garanto a vocês. Eles gostam de tentar, mas o Povo tomou cuidado para que eu pudesse proteger o conhecimento deles, e é isso o que faço. E continuarei fazendo, ao menos por mais alguns minutos!

Mason tinha chegado ao livro. Este já estava aberto, repousando sobre a lombada. Era imenso, maior do que qualquer outro livro que Mason já tivesse visto. Na verdade, levá-lo para longe dali seria um problema. O livro parecia encadernado em ouro.

– Toque-o – disse a Criança.

Mason obedeceu. Então, tudo mudou.

NO INTERVALO DE POUCOS SEGUNDOS, o livro transferiu a Mason toda a história do Povo. Ele sentia as novas informações dentro do cérebro como um imenso peso na cabeça. Naquele momento, esse conhecimento era como uma caixa trancada, quase estourando de tão cheia, tão pesada que ele sentiu a cabeça pender e os olhos se encherem de lágrimas. Sentia um estranho zumbido no crânio, parecido com a eletricidade que emanava das luvas, mas aquilo o deixava mais distraído.

– Calma, calma – disse a Criança. – Não tente ver tudo de uma só vez.

Era conhecimento demais. Mason não queria abrir a porta para tantas informações, pois tinha a sensação de que tudo aquilo desabararia sobre sua cabeça.

– Leve a história com você. Compartilhe-a com os outros. Mas não tente olhar para ela até estar num lugar seguro. Um lugar onde possa dormir.

Mason respondeu com um aceno positivo.

– O que você fez com ele? – Merrin exigiu saber.

Do túnel, os uivos aumentavam de intensidade. Uivos, rugidos e ruídos ofegantes. Mason podia ouvir a respiração dos Bestiais.

– Mason Stark é agora o canal vivo do livro, o mensageiro que vai levar a paz aos descendentes dos Filhos de Adão.

– Ah – disse Tom. – Isso é tudo?

– O livro deve permanecer aqui, para o caso de fracassarem.

Àquela altura, a cabeça de Mason já estava melhor, mas ele sentia o conhecimento dentro de si. Entendeu o que a Criança queria dizer com *fracassar*. Se Mason morresse, outro canal vivo seria necessário.

– Agora vão – disse a Criança. – Voltem pelo túnel, voltem para sua nave, voltem para sua frota. Levem a verdade a todos, antes que não haja mais nada para salvar. Vão!

Eles partiram.

Subiram o túnel, tão rápido quanto suas pernas conseguiam carregá-los.

Conforme os uivos dos Bestiais ficavam distantes, Mason ouvia o sangue martelar seus tímpanos. A jornada de volta foi rápida demais; ele ainda não queria chegar à superfície, onde teriam que seguir lutando e correndo. Mason só conseguia pensar nas informações em sua cabeça, na verdade insana que poderia mudar tudo. Subitamente, temeu por sua vida, por motivos inteiramente novos.

Avançaram correndo pelo salão principal, passando pelo pilar da Criança, e atravessaram a porta para chegar à luz do dia, encoberta pelas árvores. Foi nesse momento que uma chamada se fez ouvir pelo sistema de comunicação sob a orelha de Mason e, a julgar pela reação de Merrin e Tom, ele compreendeu que os dois também tinham recebido o recado.

– Aqui é o vice-almirante Renner transmitindo para todas as frequências. A força tremista está agora no sistema. Não disparem com armas pesadas. Os tremistas estão dentro da atmosfera, imaginando que não usaremos armas pesadas contra eles por medo de contaminar o planeta logo abaixo. O portal...

Surgiu no céu um clarão fortíssimo, e a voz do vice-almirante foi interrompida brevemente pela estática, seguida por uma tosse seca. A palavra *portal* deixou Mason arrepiado.

Agora era possível ver o portal, expandindo-se na atmosfera. Era apenas um pequeno ponto distante, do tamanho de um grão de poeira. Os tremistas tinham começado seu segundo roubo planetário naquele dia.

– Precisamos deter o portal – disse o vice-almirante com uma voz já derrotada, na qual restava apenas um vestígio de determinação. – A estação *Olimpo* está a caminho. Esperamos que ela os faça correr como... – A mensagem foi interrompida outra vez.

O portal crescia, mais uma vez parecido com uma aranha de milhares de pernas. Se os tremistas levassem Nori-Azul, tudo estaria acabado. Não haveria mais lugar para os humanos. E os tremistas sem dúvida correriam um grande risco caso se instalassem em Nori-Azul: os Bestiais os devorariam e, possivelmente, usariam sua tecnologia para se espalhar pela galáxia.

Ele sentiu o comunicador chamar duas vezes, o que significava que a mensagem era somente para ele.

– Stark – disse o vice-almirante –, ativou a trava?

– Sim, senhor – respondeu Mason. Tom olhou para ele, sem entender.

– Ótimo.

Ele não disse mais nada.

– Temos que impedir isso – disse Mason, frustrado.

A mesma frustração que ele via agora no rosto de Merrin e nos olhos de

Tom.

Mas não bastava que tudo estivesse contra eles. Quando estavam prestes a correr para o transporte, a nave *Falcão* do rei surgiu por sobre as árvores, os sistemas de armas já emitindo uma forte luz verde.

ELES CORRERAM MESMO ASSIM. MASON correu mais rápido do que nunca, ignorando o chão que parecia grudar em seus pés a cada passo, a grama alta que se enrolava nos seus tornozelos, ameaçando derrubá-lo, como se o planeta inteiro estivesse alinhado com os Bestiais. Como se Nori-Azul dissesse: “Seu lugar não é aqui. Vá embora”. Ou “Seu lugar não é aqui, mas jamais conseguirão partir”.

Eles não tiveram chance. Mason gritou quando viu a *Falcão* disparar o primeiro laser verde. Percebeu Stellan na janela, acenando para eles. Viu o transporte se preparando para decolar, agora que a Criança queria que partissem. Mas a *Falcão* não atirou para matar: o objetivo era imobilizá-los. Os motores de trás do transporte explodiram num jato de chamas azuis e prateadas. Um dos motores inferiores emitiu um gemido agudo e explodiu em seguida, jogando o restante do transporte pelos ares e quase fazendo a nave capotar. O transporte caiu no chão com força, soltando fumaça e faíscas, completamente inutilizado. Stellan saiu pela janela poucos segundos depois, aparentemente bem.

Agora, eles estavam presos num planeta cheio de monstros que queriam matá-los. Monstros no subsolo e monstros recém-chegados pelo ar. Mason quis gritar outra vez. Nas histórias, os heróis sempre eram favorecidos por alguma circunstância; sempre havia um pouco de sorte. Independente das adversidades, acabavam encontrando uma maneira de vencer. Mason se perguntou quantos candidatos a herói tinham fracassado por não terem contado com a sorte, sem jamais serem mencionados novamente.

Além de estarem presos no planeta e de haver a aproximação da *Falcão* do rei, a trava estava a cerca de cem metros de sua posição, na floresta. Se os tremistas tivessem como rastrear a trava, ela seria destruída antes mesmo do que Mason esperava.

A nave *Falcão* pairou sobre a clareira, sem pressa, como um predador que caça sua presa. Com ela tão perto do chão, Mason via o quanto era imensa, ocupando mais da metade da clareira e projetando uma grande sombra no chão.

– Vamos, temos que preparar nossa defesa – disse Mason.

Os outros acenaram positivamente (ninguém o questionou), e todos partiram juntos em direção ao transporte. Talvez o melhor fosse levar o inimigo para a floresta na tentativa de despistá-los, já que o rei estava de fato atrás de Merrin, mas nenhum deles pretendia deixar Stellan para trás. Essa possibilidade só passou pela cabeça de Mason por um breve instante, e a ideia o deixou enojado.

Quando chegaram aos restos da nave, os tremistas desciam por cabos presos à *Falcão*, em número suficiente para acabar com todos eles. Mason lembrou que tinha as luvas do Rhadgast e, portanto, ainda não estava completamente indefeso.

Stellan esperava por eles na porta de trás, entreaberta, da qual saía fumaça. Mason prendeu a respiração ao entrar, pois não queria inalar os gases quentes e acres que saíam dos motores arruinados. Juntos, Mason e Tom fecharam a porta, sem conseguir isolá-los completamente dentro dos restos do transporte. Se o destino deles era se tornarem prisioneiros de guerra, os tremistas teriam que lutar por isso. E, se conseguissem distraí-los o bastante, a trava sobreviveria por mais algum tempo.

Pela parte dianteira da janela, observaram a *Falcão* pousar na clareira, entre os destroços do arranha-céu. Os segmentos desabaram como troncos podres de árvores, formando nuvens de poeira prateada.

“Ajude-nos, Criança”, pensou Mason. Não houve resposta.

Mason percebeu um tremor quase inaudível, vindo de algum lugar. Talvez viesse de baixo de seus pés. Deviam ser vibrações subterrâneas provocadas pelo pouso da *Falcão*. Quanto tempo tinha se passado desde que a Criança os alertara sobre o campo de estase? Dez minutos? Quinze? Mason não fazia ideia.

– Temos de fazer alguma coisa! – disse Tom.

– Quais são as defesas do transporte? – perguntou Merrin.

Stellan, ao contrário, transpirava nos controles, as mãos trêmulas.

Tom abriu um compartimento no chão e tirou de lá novos canhões fotônicos. Entregou um deles a Stellan, que respirou fundo e segurou a arma.

Subitamente, Mason ouviu uma voz: “Você é um Rhadgast agora, por isso, bata palmas.”

Bater palmas? Não importava. Àquela altura, Mason tentaria qualquer coisa.

Então, as luvas faiscaram com luz roxa. No instante seguinte, Mason segurava uma espada de eletricidade feita de uma luz tão roxa quanto os olhos de Merrin.

OS OUTROS CONGELARAM ONDE ESTAVAM.

A lâmina parecia sólida. Se fechasse os olhos, poderia acreditar que tinha nas mãos algum tipo de barra ultraleve. Mas Mason sentia o cheiro do ar quente e ouvia o zumbido da eletricidade. Ele agitou a espada para os lados, e esta continuava parecendo sólida.

Afastou a mão esquerda e a espada continuou lá. Abriu a mão direita e ela sumiu imediatamente, restando um fio de fumaça, única prova de sua existência.

– *Legal* – disse Tom.

– Como você... – começou Stellan.

Merrin apenas sorria, os cantos dos lábios levemente curvados para cima. A espada não iria salvá-los, e Mason tinha consciência disso, mas poderia ser aquele toque de sorte no qual ele tinha acabado de pensar. Talvez aquilo desequilibrasse a luta em favor deles.

Ele tremia ao pensar nas novas possibilidades. Pela janela, viram o rei caminhando em sua direção, protegido por um pequeno grupo de tremistas com máscaras espelhadas. A máscara oval e escura do rei parecia absorver a luz ao redor, criando sombras a partir do nada.

– Traga a espada de volta – disse Tom.

Mason bateu palmas novamente e a lâmina voltou. Ele sentia o poder percorrendo seus braços, como se as luvas lhe dessem algum tipo de força que não lhe pertencia inteiramente.

O tremor sob os pés deles ficou mais intenso, coisa que não fazia sentido. A nave *Falcão* deveria ter desligado os motores, e não os mantido em potência total. Talvez imaginassem que logo teriam Merrin consigo e não fizessem planos de permanecer na superfície.

– Lá vêm eles – disse Stellan, fazendo sua contribuição.

Pelos 360 graus da janela, Mason viu um grande número de tremistas formando uma fila atrás da porta que eles tinham acabado de fechar. Imaginou brevemente rasgar todos os inimigos com um golpe da espada de energia, mas

sabia que tudo não passava de imaginação. Era a fantasia de um garoto, e não de um soldado. Ainda assim, se alguém tentasse levar Merrin, acabaria perdendo um braço antes de conseguir.

Tudo aconteceu muito rápido. Quatro tremistas abriram um buraco na porta com os raios de suas garras a laser, reduzindo-a a uma poça de metal derretido em questão de segundos. Antes de a fumaça se dissipar, o rei entrou, as botas cor de sangue pisoteando o metal quente. A fumaça ocupava o espaço deixado pela passagem dele, parecendo emanar de suas costas como se ele fosse um demônio do inferno.

Mason ergueu a espada.

– Impressionante – completou o rei.

Em seguida, ele estendeu o braço, agarrou a espada e a espremeu nas mãos.

A espada desapareceu, apagando-se como se nunca tivesse existido.

– Mas não impressionante o bastante – disse o rei.

Em seguida, Tom disparou seu canhão fotônico, e o rei absorveu o tiro com sua inacreditável armadura, imediatamente respondendo com uma rasteira que derrubou o rapaz no chão. Ele caiu com força, perdendo o fôlego.

Mason bateu palmas outra vez, mas, quando a espada se formou, o rei acertou nele um poderoso soco no peito, e o jovem capitão caiu ao lado de Tom. O rei pôs a bota no peito de Mason, e estava tudo acabado. Ele não conseguia respirar, não lhe restava sequer uma molécula de oxigênio, e compreendeu que iria sufocar. Não havia como se salvar. Mason percebeu o sangue pulsando atrás dos olhos e sentiu espasmos nos pulmões, que não encontravam espaço para inspirar.

Então, o rei afastou a bota, e Mason ficou ofegante ao lado de Tom, enquanto ele se ajoelhava diante de Merrin.

– Minha princesa – disse ele. – Nunca foi minha intenção que tudo acontecesse assim. Permita-me explicar.

– Você acabou com um planeta inteiro, Alteza – disse Stellan com a voz absolutamente calma. – Não há explicação para isso.

Ele ainda tinha seu canhão fotônico, mas, inteligente, segurava-o apontado para baixo, não para o rei.

O rosto do rei estava tão inexpressivo quanto sempre estivera.

– Não fiz nada parecido com isso.

– *Não quero saber* de suas explicações – disse Merrin. – Não me interessam as minhas origens.

– Você precisa saber – replicou o rei.

– Já disse que não quero saber. Não importa o lado no qual comecei; agora estou do lado certo.

Suas palavras demonstravam força, mas os olhos estavam um pouco marejados, como se ela estivesse contendo as lágrimas.

O tremor aumentava, a ponto de o rei olhar ao redor no transporte, como se tentasse entender de onde vinha aquele barulho grave. Os tremistas voltaram ao lado de fora para investigar.

Mason sentiu algo estranho (talvez uma ponta de esperança) quando o rei disse que não tinha feito nada parecido com aquilo; que não tinha acabado com um planeta inteiro. Era talvez apenas uma negativa vazia, mas poderia também significar algo mais: que a Terra não estava de fato perdida.

Mason pensou em se levantar, bater palmas e atacar o rei com a espada, mas este agarrou uma de suas mãos e apertou de novo o corpo dele contra o chão, sem muita força, apenas para imobilizá-lo.

Subitamente, o rei se aproximou de Merrin.

– Vou ajudá-la a entender – disse ele.

O monarca a segurou contra o peito, como um pai faria com a própria filha. Então, levou-a para fora do transporte, deixando os três jovens para trás.

Mas eles não ficaram sozinhos por muito tempo.

Mason tinha acabado de se levantar e ajudava Tom a se colocar de pé, quando quatro Rhadgasts entraram.

ESTAVA TUDO ACABADO. AGORA MASON tinha certeza disso.

Talvez eles nunca tivessem contado com uma chance real de vencer, e todos os seus esforços fossem apenas tentativas de retardar o inevitável. Talvez, num universo paralelo, alguma encarnação de Mason Stark conseguisse derrotar os tremistas e mostrar-lhes a verdade a tempo. Ele desejava ser essa encarnação de si mesmo.

– Você não tem o direito de usar isso – disparou um dos Rhadgasts.

Mason olhou para baixo: continuava usando a armadura que tinha roubado de um tremista, cuja superfície oleosa parecia alternar sua cor entre o roxo e o preto. Era tão natural usá-la, tão fácil, que Mason conseguia senti-la quando fechava os olhos.

– Nem isso – disse outro inimigo, dando um passo adiante para tomar as luvas de Mason.

Mas o fato de estar tudo acabado não significava que ele não podia lutar. Bateu palmas sem nenhum aviso, e a espada retornou imediatamente, faiscante e quente, com seu brilho roxo. Os Rhadgasts não se afastaram como ele imaginou; em vez disso, os quatro bateram palmas ao mesmo tempo, e agora havia cinco lâminas luminosas naquele espaço apertado. Mas foi necessário um instante para que batessem palmas: apenas meio segundo, porém o suficiente para que Mason brandisse sua espada horizontalmente, da direita para a esquerda. Os Rhadgasts se esquivaram do golpe, e Mason logo mudou de direção, golpeando da esquerda para a direita. Dessa vez, ele encontrou a resistência de duas outras espadas, e o calor em suas luvas pareceu triplicar de intensidade, mas cerrou os dentes e empregou toda sua força na luta.

O que não foi suficiente.

Os dois Rhadgasts do meio o empurraram com força. Com isso, Mason caiu de costas, batendo as escápulas no chão, e a espada se apagou. Ele mexeu as mãos para bater palmas novamente, mas os inimigos já estavam em cima dele. Seguravam seus braços. Pensou em revidar com joelhadas, porém não o fez.

Não havia motivo para insistir, a não ser para aliviar a própria frustração. A primeira coisa que fizeram foi tirar dele as luvas. Romperam os lacres na altura dos ombros e as retiraram, deixando os braços dele nus.

Até um soldado sabe a diferença entre uma luta impossível e outra quase impossível. Quando estava de pé, a luta era quase impossível. Ele se lembrou de uma frase de um curso do segundo ano chamado Logística do Campo de Batalha: Viver para Combater em Outro Dia. Era uma sabedoria antiga, mas ele compreendeu o motivo de tal ensinamento ainda ser transmitido. “Viva para combater em outro dia”, disse a si mesmo.

Os quatro Rhadgasts levaram os três rapazes para fora da nave e os conduziram de volta para a meia-luz da clareira. As árvores balançavam com o vento, trazendo odores alienígenas para o olfato deles. Mason olhou para o céu, mas agora não conseguia ver o portal. Talvez tivesse se movido, ou quem sabe teria se expandido excessivamente, tornando-se muito fino para ser visto.

“Ao menos, ainda não encontraram a trava.”

À frente deles, o rei carregava Merrin sob a asa esquerda da nave *Falcão*, levando-a de volta à entrada na parte de trás. Mason torceu desesperadamente para que Susan ainda estivesse na nave. Ele não pretendia revelar isso a ninguém, mas precisava de um abraço.

– Vejam – disse Tom, a cabeça inclinada para trás.

Havia na voz dele um resquício de esperança.

Mason acompanhou o olhar dele na direção do céu, onde a estação *Olimpo* tinha surgido. Àquela distância, parecia ter a metade do tamanho da Lua. Na verdade, a estação espacial era um anel gigante com trinta quilômetros de diâmetro. Assemelhava-se ao pneu de uma bicicleta, com dúzias de raios reunidos num núcleo central. Os raios continham transportes ultravelozes, que levavam o pessoal do ComET de um lado a outro do anel em questão de minutos. Dizia-se que a população média da estação girava em torno de um milhão de pessoas. Nunca o ser humano havia construído algo tão grandioso. Era sem dúvida a melhor arma que tinham à disposição.

– Ainda há esperança – disse Stellan atrás deles.

É claro que ainda havia esperança: para a humanidade. Mas não para eles, na superfície do planeta. Talvez a estação *Olimpo* virasse o jogo com a ajuda da trava. Enquanto pensava nisso, Mason viu dois tremistas de máscara espelhada vindo da floresta na direção da trava.

– Mestre Gast – disse um dos tremistas ao Rhadgast que segurava o braço de Mason –, encontramos o dispositivo. Vamos destruí-lo imediatamente.

MASON JÁ TINHA ACEITADO O fracasso e, por isso, a notícia não o afetou mais do que um tapa gelado na nuca.

Mas o chão continuava a vibrar sob os pés deles.

– Não gosto disso – disse um dos Rhadgasts, porém ninguém respondeu. Ele tirou uma das botas do chão e a pôs de volta na superfície.

Os quatro Rhadgasts os conduziram até a parte de trás da nave *Falcão* e os fizeram subir uma rampa e passar por uma série de corredores até chegarem a uma porta tão grande que seria possível atravessá-la com o transporte que os trouxera ao planeta. Havia nessa porta imensa uma passagem menor, que se abriu quando se aproximaram.

– Espere – disse o Rhadgast que acompanhava Mason.

Ele se ajoelhou e começou a tirar dele os pedaços da armadura roubada. Estes se soltaram do corpo dele como a pele de uma serpente, despencando no chão ao redor. Por baixo, o jovem ainda usava o uniforme preto e justo do ComET, com as botas e tudo o mais. Foi boa a sensação de voltar a exibir aquele símbolo.

– Agora, entrem – falou o Rhadgast, com uma fraca luz violeta pulsando na máscara oval.

Os três rapazes passaram pela porta e entraram no imenso compartimento de carga que Mason vira anteriormente na nave *Falcão*, quando estivera lá com Susan, o mesmo que continha a tripulação que fora capturada na *Egito*. Imediatamente, procurou o rosto da irmã na multidão. A maioria dos tripulantes estava sentada ou deitada, de costas para a parede ou apoiada na lateral do corpo. Máscaras espelhadas os vigiavam percorrendo as fileiras, segurando as garras a laser perto do peito.

Todos pareciam muito *cansados*. A vontade de lutar tinha se esgotado, como também ocorrera com Mason. Ele queria se deitar ao lado deles. Os três seguiram andando, passando pelos tripulantes, que os reconheciam e acenavam com a cabeça ou lançavam a eles um olhar triste.

– Vocês se saíram muito bem – disse um imediato com o lábio inchado. – Estavam todos reclamando de vocês.

Tom sorriu, e Mason quis fazer o mesmo, mas não encontrou dentro dele nenhum motivo para tanto.

– Foram ótimos – falou uma voz feminina atrás deles. – São os cadetes mais corajosos da história do ComET.

Mason girou o corpo e se jogou nos braços de Susan, quase fazendo-a cair. Havia lágrimas nos olhos dele, mas ele não deixou que escorressem. Ela o abraçou com força e também tentou conter as lágrimas; o irmão a ouviu soluçar uma vez, depois outra. E Mason sentiu um buraco no uniforme dela, ao lado da coluna. Ela gemeu quando o dedo dele resvalou em sua pele, muito queimada e inchada.

– Desculpe – disse Mason, afastando a mão.

Ele se perguntou onde mais ela estaria ferida, mas sabia que a irmã não revelaria isso naquele momento. Talvez quando o perigo tivesse passado.

– Relatório – disse ela, afastando-se para olhar o rosto do irmão, sem poder esconder o largo e branco sorriso.

De certa forma, apesar de radiante, era um sorriso triste, e Mason sabia por quê. Eles tinham voltado a se encontrar, mas apenas por Mason ter sido capturado. O destino deles era mais incerto do que nunca.

Mason disse a ela tudo que pôde, usando a terminologia abreviada que o ComET empregava quando havia muita informação a ser transmitida, rapidamente e sem omitir nada.

O rosto dela permaneceu impassível, mesmo quando ele contou sobre a origem comum partilhada por humanos e tremistas. No meio do relato, uma patrulha tremista os obrigou a sair do corredor e, por isso, os dois se sentaram encostados à parede, como os demais prisioneiros.

Mason estava concluindo sua fala quando o teto mudou de opaco para transparente, convertendo-se numa claraboia que englobava o compartimento todo. Era possível ver o céu de Nori-Azul e a estação *Olimpo* rodopiando acima, disparando estreitos feixes de luz quase invisível. Uma guerra estava sendo travada lá em cima, usando todos os recursos de que o ComET dispunha.

A última esperança da humanidade.

Mas por que os tremistas tinham decidido permitir que eles assistissem àquele momento?

Subitamente, Mason compreendeu tudo, e a ideia o deixou desorientado. Os tremistas *queriam* que eles vissem tudo.

Porque o ComET estava prestes a ser derrotado para sempre.

Os demais prisioneiros assistiam a tudo em silêncio, como Mason. Viram quando outra estação espacial saiu do hiperespaço, bem ao lado da *Olimpo*. Tinha o dobro do tamanho desta, o que significava que a estação inimiga deveria ter no mínimo sessenta quilômetros de diâmetro. Os detalhes visíveis nas estações eram comparáveis, e Mason concluiu que deveriam estar à mesma distância deles. Era parecida com a *Olimpo* (circular), mas formada por vários círculos, um dentro do outro. Quatro círculos concêntricos. Era uma estação espacial tremista, que tinha sido mantida em segredo desde o início da guerra.

– Ora, *vamos* – disse Tom. – Será que nada vai dar certo para nós?

– Inacreditável – murmurou Stellan.

Mason quase foi dominado pelo desejo de rir descontroladamente: o dia tinha começado com um trote malsucedido e tinha chegado *àquele* ponto.

No segundo seguinte, as duas estações passaram a trocar disparos. O céu se iluminou. Os prisioneiros começaram a conversar em voz baixa, cada vez mais alto, ganhando força, até que alguém começou a berrar, um tremista acertou um soco na cara de um imediato e um sargento começou a correr, fugindo do raio de uma garra a laser. As máscaras espelhadas davam ordens exasperadas umas às outras.

O teto voltou a ficar opaco. Mason podia sentir a energia no compartimento: os prisioneiros estavam transformando a derrota na mentalidade de quem não tem nada a perder. A energia os contagiava, vaporizando o medo e substituindo o vazio deixado com a raiva. E daí que o inimigo tinha garras a laser? Era hora de lutar. Os tremistas jamais enxergariam a verdade de suas origens comuns; nunca entenderiam. Jamais haveria paz.

As duas raças gostavam demais da guerra.

Assim, Mason decidiu acender a fagulha.

Ele transmitiu a Susan a única informação que tinha omitido do relato que fizera. A única coisa que não quisera lhe dizer, porque não sabia o bastante. Não sabia qual tinha sido o destino da Terra, nem onde o planeta estava, nem quantos humanos tinham sobrevivido à viagem.

Mas decidiu contar à irmã mesmo assim.

– Susan.

Quando ela voltou a cabeça para ele, havia lágrimas escorrendo de seus olhos, mas sua expressão parecia determinada.

– Os tremistas levaram a Terra – disse Mason, quase engasgando com aquelas palavras. – Eles usaram o portal. Roubaram o planeta.

Os lábios dela se abriram, mas nenhuma palavra saiu de sua boca.

O grupo de prisioneiros à esquerda de Mason ouviu o que ele dissera e, como ele já esperava que ocorresse, ouviram-se muitos: “O que foi que ele disse? O que ele disse? É apenas um menino. Não, eu acredito nele. Ajudei a trazer o portal para dentro da nave. Ele existe mesmo. Não passa de um menino. O que ele disse? Aqueles malditos! Escória tremista. O que ele disse?”

Eles repetiram as palavras de Mason, de novo e de novo.

E o incêndio teve início.

MASON HAVIA USADO A VERDADE para unir os soldados, e tinha a sensação de ter feito algo maligno. Por um lado, aquilo lhes daria força. A raiva esmagaria o medo que sentiam. Por outro, alguns tripulantes morreriam. Era impossível evitar. Ele percebeu isso e sentiu um imenso peso nos ombros, ao lado de um arrependimento imediato. Queria jamais ter dito aquelas palavras, ou apenas tê-las sussurrado.

“Não”, pensou ele, “se ficarmos aqui, vamos morrer. É assim que tem de ser.”

Ele estava apenas confortando a si mesmo. Sabia que era tudo uma racionalização dos fatos.

A notícia se espalhou. Os soldados estavam de pé agora. As máscaras espelhadas tentaram derrubá-los com violência, mas os corações pareciam bombear chamas.

A vibração tinha voltado; Mason podia senti-la no piso da nave. Ou talvez a *Falcão* estivesse se preparando para a decolagem.

O que significava que eles tinham de vencer os tremistas *agora*.

Aparentemente, seus colegas pensavam o mesmo. Eles se levantaram de uma vez, parecendo uma onda que começava na parede e avançava para o meio. As máscaras espelhadas dispararam raios de energia verde a esmo, mas, enquanto Mason assistia, os inimigos foram dominados, perdendo as armas, e as armaduras quase foram insuficientes para protegê-los da fúria de tantos pés. Mason viu quando um soldado chutou uma daquelas máscaras na lateral do pescoço, arrancando o capacete. Se os soldados do ComET tinham ficado surpresos com a aparência do inimigo, não demonstraram nenhuma reação. Agora, o fogo ardia demais, e a onda de soldados esmagou os guardas remanescentes, tomando suas armas e disparando as garras a laser contra os corpos dos antigos donos.

Susan manteve os garotos perto da parede, para impedir que fossem atropelados enquanto a onda avançava para a grande porta. Alguém encontrou os

controles e a porta foi aberta, de modo que a onda chegou aos corredores emitindo um grito de guerra. Em sua cabeça, Mason viu o que ocorreria a seguir, e seria algo lindo. Os soldados do ComET fugiriam da nave e chegariam às florestas de Nori-Azul, onde as condições de luta seriam mais equilibradas: os humanos tinham sido treinados para o combate na selva, independentemente de terem armas à sua disposição.

Mas nada disso aconteceu.

“O campo de estase não existe mais”, sussurrou a Criança dentro da cabeça dele. “Tenha coragem.”

A vibração sob Mason cessou e, com um espasmo final, o chão embaixo da nave cedeu e a *Falcão* caiu num buraco.

MASON FLUTUOU POR DOIS SEGUNDOS, até os propulsores de aterrissagem da nave *Falcão* serem ativados, fazendo suas botas voltarem ao chão. Os propulsores amorteceram a queda com um movimento lateral, fazendo com que ele flexionasse os joelhos e caísse no chão. Golpes pesados ecoavam pela nave conforme era atingida por grandes rochas. A nave pousou com força, derrubando Mason e todos os demais. Ele sentiu o ombro latejar e experimentou na boca o gosto de sangue, com o qual já se familiarizara.

O corredor estava cheio de pessoas que tentavam ficar de pé. Algumas gemiam, mas a maioria se mantinha em silêncio, esforçando-se para não pisar em ninguém. Uma fumaça azul saía de uma tomada na parede.

– Você está bem? – disse Susan. Ela estava ao lado do irmão, segurando-o pelo braço.

– Tudo bem – respondeu ele, um pouco tonto, mas sem querer admiti-lo.

– O que aconteceu afinal? – perguntou alguém.

Atravessando o casco da nave, Mason ouviu um zumbido grave e cadenciado. Talvez fossem os motores voltando à vida.

– Continuem! – gritou uma voz, e a massa esfarrapada de homens e mulheres começou a avançar desordenadamente, apanhando mais companheiros no caminho.

Stellan ajudou Tom a se levantar e, em seguida, levou a mão a um corte que tinha na testa.

– Quem mandou entrar na torre alienígena misteriosa? – ele disse a Mason.

– Acho que preferia ter ficado por lá – respondeu Mason.

– Todos vocês, comigo – disse Susan, reunindo-os numa formação parecida com um quadrado.

Ela mantinha uma das mãos em Mason e outra em Stellan, guiando Tom com o grupo. Eles marcharam por cerca de trinta metros. A certa altura, um tremista apareceu, disparando uma rajada curta com a garra a laser, mas foi detido. Mason não viu como tudo ocorreu.

Então, a energia da nave foi cortada, e a escuridão ao redor deles foi absoluta. Mason teve de confiar cegamente em sua audição: o som pesado de pessoas respirando e de botas contra o chão.

– Mantenham a ordem! – gritou um soldado.

– Fiquem calmos – disse outro.

Susan apertou o braço do irmão com mais força, mas alguém veio da esquerda e trombou com ele, empurrando-o para um corredor lateral.

– Mason! – Os dedos de Susan o encontraram mais uma vez na escuridão.

– Thomas! – gritou Stellan no mesmo tom de voz.

Um cotovelo acertou Mason com força nas costelas, e ele dobrou o corpo, imaginando quantas pancadas ainda receberia até que o dia chegasse ao fim.

Em algum lugar à frente deles, ouviu-se um ranger metálico, seguido pelo surgimento de uma luz fraca, transformando as pessoas em vultos escuros que substituíram o uniforme negro. Os antigos prisioneiros saíram correndo da nave, comemorando, até que alguém gritou:

– Parem com isso! Assumam formação defensiva!

Os soldados obedeceram imediatamente.

Susan encontrou o irmão outra vez e, juntos, os dois acharam Tom e Stellan, que tinham sido espertos o bastante para não correr para fora. Enquanto Mason recuperava o fôlego, Susan os arrastou consigo, seguindo os soldados em direção à saída. Mas eles já estavam quinze metros atrás do grupo, a porta que conduzia à liberdade parecia distante, e Mason ouviu botas marchando pelos corredores laterais ao redor deles.

– Rápido – insistiu Susan.

Mason viu seu reflexo apagado num pequeno espelho oval cerca de dois metros acima do chão; agora que o grande grupo tinha passado, os tremistas saíam do esconderijo. A ponta de uma garra a laser acendeu sua luz verde no interior da nave, disparando em seguida por sobre o ombro de Mason, errando o alvo por alguns centímetros, mas quente o bastante para queimar seu pescoço. Os quatro deram um pique final na direção da saída, escapando pela escotilha traseira e quase trombando com um grupo de soldados que estavam parados ali fora. Muitos deles olhavam para cima, e Mason fez o mesmo.

Acima deles, havia um buraco irregular que, àquela distância, parecia ter o tamanho de um punho fechado. Ficava muito acima deles. Alguém riu, e o riso voltou aos ouvidos de Mason dois segundos depois. Estavam obviamente em algum tipo de caverna enorme, mas não era a mesma que continha o livro, a não ser que a nave *Falcão* tivesse caído diretamente sobre ela. Pelo buraco, alguns

raios de luz do sol conseguiam entrar, iluminando um pouco as pessoas, mas sem revelar muito da área ao redor delas. Com a poeira levantada pela aterrissagem da *Falcão*, o ar parecia tomado por um tipo de neblina.

Mason se lembrou do som que os Bestiais faziam. Aqueles terríveis sons inumanos. O barulho vinha de uma caverna adjacente e, se eles não estavam na caverna onde ficava o livro...

– Temos que levar todos de volta à nave – disse Mason.

– O quê? – Susan o encarou, uma das sobrancelhas arqueadas.

– Ele tem razão – disse Tom, e Stellan fez um aceno positivo com a cabeça.

Algum comandante gritava ordens, e os soldados formavam grupos para explorar a área ao redor.

– Os Bestiais... – disse Susan.

Mason respondeu com um aceno. A caverna não tinha desabado sozinha. Agora, a vibração que ele detectara fazia sentido. Os Bestiais deviam ter percebido o pouso da nave *Falcão* e, imediatamente, começaram a cavar o chão sob ela, até fazer a superfície ceder. Se havia algum sinal da escavação deles na parte de cima da caverna, tudo estava agora misturado às rochas caídas espalhadas em torno da *Falcão*. “E agora os Bestiais estão livres”, pensou Mason.

Foi então que ouviu o primeiro grito.

O GRITO FOI INTERROMPIDO IMEDIATAMENTE, sem durar mais que um segundo, e todos fizeram silêncio, tentando ouvir outros sinais, agachando-se um pouco conforme a poeira no ar os envolvia. Na escuridão, Mason viu um vulto passando. Era quase o vulto de um homem. Mas tinha duas vezes a altura de uma pessoa e duas vezes a largura do maior homem que ele já vira. Não era um ser humano.

Outro vulto surgiu à sua direita, totalmente silencioso e imóvel. O mesmo tamanho gigantesco.

– Voltem para a nave – sussurrou Susan, tão baixo que quase não se pôde ouvi-la.

Mason deu um passo para trás e seu calcanhar esmagou uma pequena pedra, fazendo um barulho que, em meio ao silêncio, pareceu alto como um tiro. Ele ouvia o sangue correndo nas próprias veias, o que tornava mais difícil escutar os ruídos ao redor. *Tum, tum, tum, tum*. O alerta automático vibrou em seu braço outra vez.

– Boa ideia – respondeu Tom, sussurrando também.

Os tremistas tinham saído da nave, mas não estavam combatendo. Tinham se misturado aos soldados do ComET. Todos olhavam para a escuridão em silêncio. À esquerda de Mason, um soldado do ComET mexia na garra a laser roubada. Subitamente, a ponta se acendeu numa fâisca verde, como uma tocha, iluminando a forma de um braço bem ao lado dele. Um braço imenso, musculoso e cheio de veias saltadas, com uma mão grande como uma panela, com garras nas pontas dos dedos. O braço envolveu o soldado pela cintura e o puxou para as sombras sem fazer nenhum barulho.

– Todos para a nave – comandou Mason, usando sua voz de capitão.

Os quatro começaram a recuar lentamente. Ainda havia perigo dentro da *Falcão*; se dessem com algum tremista, ninguém sabia o que aconteceria. Mas ficar do lado de fora não era uma opção. Uma máscara espelhada disparou sua garra a laser na escuridão, iluminando duas formas gigantescas. A rajada cortou o braço do Bestial mais próximo, e todos congelaram onde estavam quando o rugido do monstro preencheu a caverna. O som ecoou das paredes até parecer o grito de mais de uma dúzia daquelas criaturas.

Depois disso, todos começaram a disparar a esmo. Rajadas de garras a laser cruzaram a caverna, parecendo o zumbido de milhares de vespas iluminando a escuridão com um verde fosforescente. Sob o zumbido, Mason ouviu gritos abafados. O som de botas esperneando contra o chão fez com que ele se voltasse para a direita, a tempo de ver um par de pernas sendo arrastadas para a escuridão. Susan o puxava, mas ele não queria correr. Perguntou-se se haveria dentro dele algum conhecimento contido no livro que pudesse ajudá-los a vencer os monstros, mas lembrou-se do alerta da Criança. Ainda não era hora de investigar aquela sabedoria; era preciso esperar até que estivesse num lugar seguro. A torrente de informações poderia incapacitá-lo.

– Não vou repetir a ordem, soldado – disse Susan.

Aparentemente, ela tinha lhe dado alguma ordem. Era difícil ouvi-la em meio à cacofonia de armas e rugidos. Tom e Stellan já estavam na rampa, ajudando alguns soldados desorientados a entrar.

A irmã era um pouco mais forte do que ele e o puxou para trás, na direção da relativa segurança da *Falcão*. Mas, em vez de dar-lhe uma sensação de segurança, estar no interior da nave o fazia se sentir preso. A *Falcão* zumbia agora com a potência dos motores, mas nenhuma de suas armas disparava. A planta técnica daquele tipo de nave que ele estudara tanto tempo atrás veio-lhe à mente, e ele percebeu que a nave tinha poder suficiente para repelir os Bestiais sozinha. Mas ninguém estava comandando os canhões superiores. Será que os responsáveis tinham abandonado seus postos quando se tornou claro que os prisioneiros do ComET preparavam sua fuga?

Mason se livrou das mãos de Susan e correu. Suas pernas se mexiam o mais rápido possível, ignorando a dor no corpo e a voz da irmã a chamá-lo de volta. Ele imaginava o que estava ocorrendo do lado de fora. Logo os Bestiais passariam pelos defensores em pânico e subiriam a bordo. Era inevitável. Portanto, se os canhões mais potentes não comesçassem a disparar o quanto antes, Mason concluiu que ninguém voltaria a ver o céu.

Por isso, ele correu. Passou pelo corredor que ligava a parte de trás da nave

à dianteira. Passou correndo por duas máscaras espelhadas que apontaram as garras a laser para ele. Já havia quase dobrado uma curva quando ouviu as armas disparando.

Chegou à ponte de comando com os pulmões em chamas e encontrou a porta aberta. Sua pulsação tinha o dobro do ritmo normal. A ponte estava vazia e, por isso, ele entrou. O lugar parecia mais uma cabine: apenas dois assentos, um ao lado do outro, diante de um grande painel de instrumentos, em formato arredondado. Pela janela diante dele, Mason via apenas a escuridão. Mas as câmeras térmicas do painel revelavam tudo: pequenas formas humanoides dançando pela caverna, apontando suas armas para todos os lados.

Vultos maiores estavam mais afastados, encolhidos, alguns apoiados nas quatro patas, espreguiçando-se como os tigres que ele vira certa vez num zoológico de clones. Ele observou enquanto uma das formas felinas saltava de onde estava, agarrando um dos vultos menores e trazendo-o para os demais.

Mason não podia assistir.

Mas podia combater.

Ele se sentou na cadeira do lado direito, reservada para o copiloto e responsável pelos armamentos, e olhou para os controles. Não eram tão diferentes daqueles encontrados nas naves do ComET, e Mason concluiu que isso tinha algo a ver com a herança comum das duas espécies. Mas ele ainda não havia pensado muito naqueles controles desde que os conhecera na Academia I.

Por sorte, o canhão superior era manuseado por meio de uma única alavanca de controle. Mason a agarrou, fazendo com que esta se ativasse imediatamente, e uma nova tela verde surgiu no painel enquanto o canhão superior entrava em ação na parte de cima da nave.

O que se seguiu foi parecido com uma sessão de treinamento usando um canhão do ComET. Ele moveu a alavanca de controle, fez pontaria nos vultos maiores e disparou. O calor dos tiros fez a tela se iluminar de branco e, quando se dissipou, os Bestiais estavam espalhados. Corriam como uma alcateia voltando à entrada do túnel, onde havia ainda mais deles. O calor de tantos corpos fez a tela se acender, assim como ocorrera com os disparos. Ele atirou novamente, derrubando um dos monstregos e separando outro grupo deles. Era possível sentir o calor dos disparos através do casco da nave, uma vibração em sua coluna que não chegava a incomodar. Estava funcionando. Os Bestiais fugiam agora.

Em outra câmera, ele viu os tremistas e os soldados do ComET voltando à nave. Não estavam mais lutando entre si, e sim correndo lado a lado.

Mas nada daquilo adiantaria se os motores da nave não funcionassem. O fato

de terem ligado os motores não significava que poderiam sair voando dali, principalmente se a *Falcão* estivesse muito danificada. E o canhão estava ficando quente. Os Bestiais continuavam correndo pela caverna, desviando dos disparos, e ele sabia que dentro de vinte ou trinta segundos o canhão precisaria de algum tempo para esfriar. Mason não sabia quanto teria de esperar. Seus dedos suavam nos controles. Ele ainda não podia fechar a escotilha traseira, pois ainda havia gente subindo na nave, alguns deles trazendo companheiros feridos.

Mason reparou no grande botão roxo perto da parte superior do painel, num ponto de difícil acesso. Os engenheiros do ComET diziam que aquele botão servia para ligar os motores, mas nunca puderam confirmar isso. Aquele era um bom momento para descobrir se era verdade, pensou Mason. Apertou o botão.

O casco da nave tremeu, mas logo parou.

Os Bestiais estavam saindo pela entrada do túnel outra vez e, por isso, ele disparou mais duas vezes, enchendo a caverna com dois feixes incandescentes de luz. Sombras dançavam diante de suas retinas.

Ele apertou o botão novamente.

Dessa vez, os motores grunhiram, emitindo um ruído mais agudo do que antes. Seria um bom sinal? Será que estavam aquecendo? A alavanca de controle do canhão ficou vermelha na mão dele, e um alarme começou a soar. O canhão estava quente demais. Uma tela mostrava símbolos tremistas que pareciam uma contagem regressiva, mas era impossível saber quanto tempo levaria. Ele apertou o gatilho, porém nada aconteceu.

Os Bestiais pareciam perceber o que ocorria, porque imensos vultos começaram a deixar o túnel. Um deles saiu correndo à frente dos demais, galopando em direção à *Falcão*, onde os últimos soldados aguardavam para embarcar. O monstro iria apanhá-los; não havia tempo suficiente. Mason teria que fechar a porta para não correr o risco de deixar um dos Bestiais entrar na nave.

– Não é assim que se faz.

Mason deu um salto na cadeira e virou para o lado, os punhos prontos, vendo o rei tremista se acomodar no assento do piloto a seu lado.

MASON CONGELOU.

O rei o ignorou e apertou novamente o grande botão roxo. Ele o pressionou por dez segundos.

A *Falcão* ganhou vida.

Outra tela mostrava uma vista superior da nave; nela uma luz violeta pulsava, o que Mason imaginou ser algo positivo.

O Bestial mais adiantado estava agora a poucos segundos da nave, mas o rei apertou um botão e a escotilha traseira se fechou, fazendo o monstro se chocar contra o metal. Todos os que estavam vivos tinham conseguido voltar à nave. Com a imagem térmica, Mason viu os corpos inertes perdendo calor em torno da nave.

– Danos ao casco? – perguntou o rei.

Mason percebeu que o rei se dirigia a ele. Olhou para uma tela que seu corpo ocultava da visão do rei. O casco tinha sido danificado em dois pontos, mas essas áreas haviam sido isoladas automaticamente. Eles estavam prontos para o espaço.

– Nada grave – disse Mason.

O rei acenou com a cabeça. Os Bestiais deviam ter percebido que suas presas estavam fugindo, porque irromperam pela entrada do túnel todos ao mesmo tempo, como a água de uma represa danificada. Se fossem tão espertos quanto pareciam ser, saberiam que, se a nave escapasse, seu plano estaria arruinado. Os Bestiais chegariam ao conhecimento de ambas as raças, e ninguém voltaria a *Nori-Azul*, ao menos não antes de estarem preparados para lidar com os monstros. Mason percebia o desespero nos movimentos deles, que avançavam freneticamente. Dúzias de Bestiais estavam prestes a saltar sobre a *Falcão*. Em sua imaginação, Mason já podia vê-los agarrando-se às partes mais frágeis da nave, rasgando tudo com as garras.

– Temos de nos apressar – disse Mason, sentindo-se idiota por dizer algo tão óbvio.

– Sem dúvida.

Ali estavam os dois, trabalhando juntos para salvar suas espécies, mas Mason não deixava de se sentir inquieto. Era como um comichão no cérebro, e não era efeito do conhecimento que estava armazenado lá. O ser ao lado dele tinha *roubado* a Terra. Tinha arrancado o planeta do sistema solar. E poderia até ser o responsável pelo Primeiro Ataque, no qual seus pais haviam morrido. Talvez a ordem para atacar tivesse partido dele. Mason jamais poderia perdô-lo. Não queria ajudar o rei, nem que fosse para salvar as pessoas de quem ele gostava.

Com o canto dos olhos, Mason viu a garra a laser do rei no chão, onde ele devia tê-la depositado. Mason ainda não precisava dela; tinha de esperar até que o rei os levasse à segurança do espaço.

O rei puxou a alavanca de controle principal, e a *Falcão* se levantou na cratera com um gemido e uma série de tremores. Os Bestiais estavam perto agora, mas seu vulto térmico foi encoberto pelo calor branco dos motores da nave. O estômago de Mason foi jogado contra seu intestino com a força da subida. O rei pilotava com habilidade, tirando a nave do buraco em que esta tinha caído, e finalmente Mason pôde ver o céu outra vez. Estava anoitecendo, e o céu brilhava com a luz de estrelas desconhecidas. Eles tinham escapado dos Bestiais, e Mason jamais teria que voltar a vê-los enquanto estivesse vivo.

A *Falcão* cortou o céu com facilidade, o nariz apontado para cima, vencendo as camadas atmosféricas. Mason aproveitou a inclinação e saltou de seu assento, procurando os fundos da cabine. Ele apanhou a garra a laser e a preparou para disparar em dois segundos, enquanto o rei continuava com as mãos nos controles.

“Faça-o pagar”, pensou Mason.

“Faça-o pagar por todos na Terra. Faça-o pagar pela mãe e pelo papai.”

O rei não demonstrou nenhum incômodo; nem pareceu reparar nele.

Então, disse:

– A Terra está bem.

Mason não se moveu.

– Disse que a Terra está bem.

– Certo.

Foi a única coisa que ele conseguiu dizer. A *Falcão* encontrou uma turbulência atmosférica, e Mason quase perdeu o equilíbrio. Lentamente, caminhou de volta ao assento e se acomodou, mantendo a garra a laser longe o bastante para que o rei não pudesse recuperá-la sem que antes ele mesmo apertasse o gatilho. Então, pediu:

– Explique o que quer dizer.

– Levamos a Terra para o nosso sistema solar, exatamente como vocês planejavam fazer com Nori-Azul. A Terra tem agora um novo sol, o nosso sol. Nossa estrela é um pouco mais fria, mas seu planeta está mais perto dela, preservando as condições climáticas normais. Seus habitantes estão vivos e bem, e continuarão assim se o ComET aceitar nossos termos e se render.

Ele mantinha a Terra como refém. O planeta inteiro.

– Eles estão bem? – repetiu Mason.

– Sim. O ano ficou um pouco mais curto, o mesmo ocorreu com o dia, e temos observado marés erráticas por causa da ausência do seu satélite natural, mas nada que não possamos corrigir. Por isso, pare de apontar a garra a laser para mim.

Mason manteve a arma apontada para ele.

Eles já estavam quase fora da atmosfera; logo poderiam enxergar o espaço. Mason esperava que houvesse algo para ver; que as duas frotas ainda não tivessem se destruído mutuamente enquanto perdiam tempo naquela caverna.

– Devolva a Terra imediatamente – disse Mason.

– Temo que isso seja impossível no momento. Soube que sua estação espacial *Olimpo* destruiu o portal.

MASON SOUBE IMEDIATAMENTE O QUE devia fazer. A notícia de que a Terra continuaria nas mãos dos tremistas não tinha importância agora. Não havia nada que ele pudesse fazer quanto a isso e, na verdade, aquela situação já era esperada. Se o ComET chegasse perto de recuperar o portal, os tremistas certamente o destruiriam antes de entregá-lo ao inimigo. Era algo perigoso demais para existir.

Assim, já que o rei ia ser o responsável por controlar a Terra nos próximos anos, Mason quis ter certeza de que ele soubesse o que tinha nas mãos.

Estendeu o braço e tocou no ombro vermelho do rei. Apenas um toque simples. E, com um pensamento, uma energia estranha foi desencadeada do braço de Mason para o rei. Ele sentia algo escoando do seu cérebro, como uma eletricidade líquida. O rei pareceu ficar sem ar, tensionando o corpo no assento do piloto.

Num instante, eles se tornaram as duas únicas pessoas que sabiam da verdade a respeito de humanos e tremistas. Mason tomou o cuidado de dar a ele apenas o entendimento, e não a história. O rei ainda pilotava a *Falcão*, e Mason não queria incapacitá-lo. Bastava que compreendesse.

O rei relaxou o corpo no assento, deixando a cabeça inclinada para a frente, e em seguida balançou-a, como se quisesse clarear as ideias.

– O que você fez...? – perguntou ele, a voz branda.

– Mostrei-lhe a verdade.

– Impossível...

– Você sabe que não é.

O rei não disse mais nada, e Mason não conseguiu adivinhar o que o monarca estava pensando atrás da máscara.

– Talvez seja a hora de negociar um tratado – disse o rei.

Então eles chegaram ao espaço, e Mason viu que era tarde demais.

AMBAS AS FROTAS ESTAVAM AVARIADAS e espalhadas. Naves de todos os tamanhos vagavam pelo espaço, algumas escuras e mortas, outras com motores engasgados e escudos destruídos. As naves menores continuavam envolvidas em perseguições, mas a estação *Olimpo* e a estação espacial tremista se mostravam muito danificadas. Seções inteiras delas estavam em chamas, e as duas pareciam estar à deriva no espaço. Durante um longo momento, Mason e o rei nada disseram.

Então, Mason viu a *Egito* afastada da batalha. A nave estava intacta.

– O primeiro termo de um tratado é devolver minha tripulação à *Egito*.

O rei não disse nada.

Mason tentou outra vez.

– Você já tem a Terra. E, se eu não tivesse usado o canhão da nave, estaríamos todos mortos.

O rei continuou em silêncio por mais um momento, então acelerou os motores, conduzindo a *Falcão* por sob os escombros da batalha.

Mason tocou na pele sob a orelha.

– Jer?

Jeremy respondeu instantaneamente.

– Olá.

– Oi.

– Como estão as coisas?

– É uma longa história, mas estou voltando à nave a bordo da *Falcão* do rei. Deixe-nos atracar.

– Certo.

Noventa segundos mais tarde, a *Falcão* emparelhou com a *Egito* e os propulsores de estabilização foram ativados. As duas naves se beijaram com um choque metálico e surdo, atracando-se em seguida uma à outra. Durante esse procedimento, Mason e o rei estavam ocupados em canais de comunicação separados. O rei ordenava que suas forças recuassem e Mason falava com o

vice-almirante Renner.

– O planeta não serve para nós, senhor – disse Mason. – Não há motivo para guerrear. Veja onde estou.

Mason fez a câmera do painel mostrar uma imagem panorâmica da cabine, tomando o cuidado de apontá-la para o rei.

O vice-almirante engasgou.

– Pelo amor de tudo que é sagrado... – desabafou ele.

– Senhor?

– Esqueça. O restante de sua equipe está a salvo?

– Houve baixas. Mas todos os cadetes estão a salvo. Há muito para explicar, senhor, sei disso, mas é preciso ordenar um cessar-fogo. Imediatamente.

O rei olhou para a câmera, interrompendo a conversa em seu canal de comunicação.

– Faça isso, humano.

O vice-almirante suspirou fundo, os olhos calculistas como sempre.

– Entendido – concluiu ele.

O resultado foi instantâneo. O espaço se acalmou. Os enxames de caças lutando uns contra os outros se separaram, e cada nave voltou para seu respectivo lado. A batalha chegou ao fim, sem vencedores. Mason observou as naves sem vida à deriva por um momento, sabendo que as naves de resgate seriam lançadas em questão de minutos. Se o protocolo fosse seguido, cada nave sem vida tinha seções internas nas quais a tripulação podia aguardar o salvamento.

– O próximo ponto de um tratado é: todos os soldados do ComET voltarão comigo da sua nave para a minha.

O rei acenou com a cabeça afirmativamente.

– Isso inclui Merrin Solace.

– Vamos perguntar a ela o que prefere fazer.

Isso surpreendeu Mason, que ficou bastante desconfiado. É claro que Merrin escolheria ficar com o ComET... certo?

Mason também acenou com a cabeça e, juntos, eles andaram lado a lado até a escotilha, a mesma em que, horas antes, ele e a irmã tinham sido separados. Agora estariam juntos novamente. Isso já era uma espécie de vitória em si, mas não do tipo comparável à destruição que ele vira desde a última vez em que despertara.

Susan foi a primeira a aparecer, trazendo Tom e Stellan logo atrás de si. Merrin já estava lá; devia ter visto que as naves estavam se atracando e decidira se aproximar da saída. O que significava que ela não estava presa, outro bom

sinal.

Quando Mason chegou ao lado do rei, os dois grupos ficaram tensos. Vinte minutos atrás, humanos e tremistas eram inimigos mortais, e nem todos sabiam da verdade àquela altura.

– Obtivemos a paz – disse o rei, e Susan relaxou o maxilar, mas não muito.

Ver o irmão mais novo ao lado do rei era uma prova suficiente naquele momento, imaginou Mason, mas ainda assim ela não relaxou. Conduziu Stellan e Tom pelos ombros e guiou-os para o convés da *Egito*. Merrin continuava ao lado do pai.

– Vamos lá, Mason e Merrin – disse Susan.

– Este rapaz salvou nossas vidas – disse o rei à filha. – Se ficar comigo, farei de você uma embaixadora junto à humanidade. Poderá ver seus amigos e, ao mesmo tempo, ajudar a fazer com que as duas raças fiquem mais próximas de uma paz duradoura. Fique comigo. – O rei fez uma pausa, abaixando um pouco a cabeça. – Você é minha filha, Merrin. Não quero perdê-la outra vez. Permita que eu lhe mostre de onde você vem.

Merrin engoliu em seco.

Antes que pudesse responder, a voz de Jeremy se fez ouvir no sistema de som da nave.

– Atenção, todos os tripulantes. Encontrem um monitor externo.

Havia uma tela desse tipo na janela ao lado da escotilha. Todos observaram enquanto uma imagem aproximada da superfície de Nori-Azul era exibida.

– Estamos captando uma atividade sísmica intensa na superfície – disse ele. – Parece quase uma erupção.

Na tela, uma imensa parte da floresta se desfazia. Havia uma escala no canto dela, indicando que a seção exibida tinha cerca de 150 quilômetros. A floresta era sobretudo um grande tapete verde, e as árvores apareciam pequenas demais para serem vistas individualmente. Enquanto observavam, o chão começou a se desintegrar na parte central, e as árvores caíam dentro de algum tipo de buraco formado pela erosão do solo logo abaixo. O círculo aumentou e um número cada vez maior de árvores foram engolidas. O diâmetro não parava de aumentar, assumindo um formato oval, até o buraco se tornar uma imensa cratera escura.

– O que está havendo? – perguntou Susan, sem fôlego.

Ela não teve de esperar muito pela resposta. Do buraco, emergiu uma nave maior do que qualquer coisa que Mason já tivesse visto. Era tão extensa quanto a cavidade em si, ou seja, tinha quase 150 quilômetros de comprimento. Era

grande demais para ter um formato diferente dos contornos gerais de um triângulo. A nave deveria ter centenas e centenas de andares. Era escura como o espaço. Pedacos de terra do tamanho de montanhas caíram dela e se despedaçavam conforme ela saía da cratera e começava a subir.

Os Bestiais sabiam voar.

“Criança, por que não nos contou...”, pensou Mason. Ele não esperava receber uma resposta de tão longe.

Mas então a Criança respondeu com uma voz fraca: “Eu não sabia”.

A nave dos Bestiais ainda estava na atmosfera do planeta quando disparou um único laser branco na direção de duas naves que estavam próximas uma da outra: uma nave de suprimentos do ComET, avariada, e uma *Falcão* tremista que emitia gases verdes e roxos. Na tela, o disparo foi tão claro que Mason teve de fechar os olhos.

Quando a luz perdeu força, as duas naves tinham evaporado.

MASON TINHA DE FAZER UMA escolha. O pessoal do ComET que ainda estava no compartimento de carga precisaria de muito tempo para embarcar na *Egito*. Houve outro clarão e outras duas naves desapareceram, convertendo-se em poeira cósmica que reluzia no brilho azul da estrela local.

Era hora de abandonar aquele sistema amaldiçoado. O restante dos soldados do ComET teriam de esperar; não havia tempo para que todos embarcassem agora, caso contrário todos poderiam ser vaporizados de uma hora para outra.

Mason deu dois passos, agarrou o braço de Merrin e puxou-a para o convés da *Egito*.

– Sinto muito – ele disse ao rei –, preciso dela para pilotar a nave.

Ele apertou o botão que fechava a porta entre eles. Pela janela de vidro, viu a máscara negra do rei.

O rei não disse nada, limitando-se a se afastar. Talvez o monarca tivesse resistido mais se a nave dos Bestiais já não estivesse na estratosfera. Mason a estudou por mais alguns segundos. Uma comprida linha horizontal dividia a parte dianteira da nave, quase como dois lábios. A linha brilhava com uma luz vermelha opaca, como se o calor estivesse se intensificando dentro da nave. Aquilo fez Mason sentir ainda mais frio.

– Vamos sair daqui! – disse Susan, e os cinco correram pela seção intermediária da nave.

Quando chegaram à ponte, viram que esta tinha todos os postos ocupados.

O comandante Lockwood estava no painel de controle mais próximo. Suas queimaduras estavam cicatrizando, mas ele ainda estava ferido. Metade do seu rosto se mostrava cor de rosa, com uma pele nova, e um dos olhos parecia muito inchado. O que quer que os cadetes tivessem feito com ele parecia ter dado bons resultados.

Jeremy se levantou da cadeira de capitão.

– Finalmente! Já estou farto de ser capitão.

Lockwood estava tão fraco que apenas acenou para Mason.

Mason devolveu o aceno.

– Senhor?

– Não estou em boas condições, nem físicas nem mentais – disse Lockwood.

– O comando é seu.

Tom se juntou a Susan no comando das armas.

– Sistemas de armas totalmente em operação! – disse ele.

Merrin se sentou nos controles de pilotagem.

– A *Falcão* não está mais atracada conosco. Estamos livres.

Mason reassumiu sua cadeira.

A nave dos Bestiais estava agora no espaço. A tripulação não chegou a engasgar, mas todos murmuraram e suspiraram, estupefatos. Pela redoma da *Egito*, Mason viu a nave encobrir o Sol de Nori-Azul. As duas frotas foram imersas em sombras.

À direita da redoma, imagens do rei e do almirante Shahbazian surgiram lado a lado.

– Atenção, todas as naves na órbita de Nori-Azul – disse o almirante.

– Disparem à vontade – disseram ao mesmo tempo o rei e o almirante.

As sombras desapareceram quando centenas de lasers e feixes de partículas cortaram a escuridão...

... ricocheteando no casco da nave sem afetá-la. Cada raio e cada disparo feito contra a nave dos Bestiais ricocheteou numa trajetória diferente, e alguns retornaram para danificar as naves que haviam feito os disparos. Uma luz branca começou a brilhar sob a nave dos monstros, até surgirem dois feixes paralelos, mais ofuscantes do que qualquer estrela, que dançaram pelas duas frotas, dissolvendo as naves que eram tocadas pelo raio.

Então, a parte dianteira da nave dos Bestiais *se abriu*.

A linha brilhante que Mason vira antes revelou-se uma abertura entre duas metades, como uma grande boca. Um imenso par de mandíbulas cheias de fogo. A parte de baixo desceu, como a boca de um crocodilo, e se levantou duas vezes seguidas, rapidamente, engolindo dois pequenos caças que tinham se aproximado demais. Houve duas pequenas explosões e, em seguida, mais nada. Era como se a bocarra engolisse vaga-lumes. A nave maior *devorava* as naves menores, literalmente, e a grande boca era extensa o bastante para engolir ambas as estações espaciais de uma vez. Em alguma parte da ponte de comando, um cadete do primeiro ano começou a chorar.

O almirante se fez ouvir pelo sistema de comunicação:

– Evacuação total! Todas as naves do ComET, retirada seguindo direções

aleatórias! – disse ele, enquanto mais naves explodiam.

Havia muito poucas agora. Os cadetes transmitiam informações entre si, mas Mason quase não os escutava. Havia algo novo ocorrendo na tela. As duas estações espaciais tentavam fugir. Mas a nave dos Bestiais as mantinha no lugar com algum tipo de campo de força que prendia a ambas. Era um raio trator reluzente que mais parecia um laser, dividindo-se e envolvendo as duas estações. Mason entendeu o motivo em questão de segundos. Não havia por que destruir tantas refeições de uma só vez. As naves menores incomodavam e, provavelmente, não valeriam o esforço da captura, mas, se conseguissem isolar as duas estações espaciais, os monstros teriam milhares de corpos para alimentá-las.

Alguém lhe fazia uma pergunta.

– Devemos partir? Devemos partir? – disse Merrin.

Ela tinha girado a cadeira e estava de costas para os controles.

O espaço estava agora quase vazio; as naves que podiam fugir já o tinham feito. Restavam apenas os destroços. E a *Egito*.

E a *Falcão* do rei.

Nesse instante, o rei surgiu na redoma da nave do ComET. Ele não perdeu tempo.

– Parece que temos uma missão conjunta.

– Não restou ninguém – disse Mason, arrependendo-se imediatamente das próprias palavras.

O que a nave dos Bestiais estava fazendo para manter as estações paralisadas pareceu distrair os inimigos, que nem repararam nas duas naves restantes. Talvez ainda não houvesse força bastante para destruí-las naquele instante.

– *Nós* assumimos aqui – disse o rei. – E não pretendo deixar minha estação para trás. Diferentemente de vocês, do ComET. Meus cientistas acreditam que a nave dos Bestiais vai repelir os disparos de qualquer arma de energia, incluindo...

– Temos armas convencionais a bordo! – gritou Stellan, interrompendo o rei. Mason nunca tinha visto o amigo tão excitado, sem nenhum sinal de medo. – Temos torpedos que são armados com a energia do núcleo dos motores! Podemos dispará-los!

Muito arriscado, foi a primeira coisa que Mason pensou. A nave dos Bestiais era grande demais para ser danificada, ao que parecia. Mas será mesmo que ele deveria aceitar entregar as duas estações aos Bestiais? Todas aquelas vidas se perderiam, e a responsabilidade seria de Mason se ele desse a ordem para baterem em retirada. Eles tinham que tentar. Olhou para Susan, mas a irmã já

mexia no controle de armas, preparando os torpedos para disparar.

– Vou tentar distraí-los – disse o rei, a voz calma. – Não temos armas convencionais.

– Obrigado – respondeu Mason.

A imagem do rei desapareceu, e Merrin olhou para Mason por cima do ombro.

– Leve-nos para perto do inimigo – disse ele.

AS DUAS NAVES, QUE TINHAM começado como inimigas, agora avançavam juntas, tão rápido quanto seus motores eram capazes de levá-las. Mason olhou para o braço da cadeira e viu o medidor de velocidade acelerando tão rapidamente que era impossível lê-lo. Toda a tripulação mantinha a respiração presa enquanto a nave dos Bestiais ficava cada vez maior na redoma, até ser impossível ver outra coisa.

– Façam pontaria na fonte dos raios tratores! – gritou Mason, segurando os braços da cadeira. – Preparar para disparar todos os torpedos contra esse alvo.

Tom e Susan agiram rápido para se certificar de que cada um dos torpedos se dirigisse ao ponto certo. Talvez não pudessem danificar a nave toda, mas, se conseguissem afetar o raio trator, as estações espaciais ficariam livres para escapar.

A grande boca se abriu, com o interior repleto de labaredas. Mason via apenas o vermelho e o preto. Então, houve um clarão branco tão intenso que o feriu mesmo com os olhos fechados. “É o fim”, pensou ele. Mas a rajada não os acertou em cheio. Um alarme soou, informando que toda a parte que continha o alojamento da tripulação da *Egito* tinha se transformado em gás superaquecido. Mason mal pôde sentir a diferença, mas a nave pareceu subitamente fora de prumo, e os motores tinham dificuldade em compensar o desequilíbrio. Ouviu-se uma série de pancadas surdas conforme as portas de emergência se fechavam para isolar do espaço a seção intermediária da nave. Eles começaram a rodopiar fora de controle; as estrelas passavam pela redoma, seguidas pelas duas estações espaciais, seguidas novamente pela nave dos Bestiais. Nuvens de metal atomizado os envolviam: restos de todo o lado vaporizado da nave. Todos iriam morrer.

Mas não antes de destruir o raio trator.

A *Egito* fazia um zigue-zague da esquerda para a direita, mas mantinha seu centro apontado para a nave dos Bestiais. A voz de Merrin soou mais forte do que os múltiplos alarmes.

– Alvo estabilizado!

– Fogo! – gritou Mason.

Raios de luz azul foram disparados da parte inferior da ponte, deixando atrás de si o rastro típico dos motores de foguete. Eles viajaram rápido na direção de seu alvo, explodindo na parte inferior da grande boca e formando extensas esferas de chamas vermelhas e laranja que sumiram tão rápido quanto surgiram. Imediatamente, o raio trator bifurcado desapareceu.

Mason ativou o comunicador:

– *Olimpo*, vocês estão livres para voltar para casa!

Na parte inferior da nave dos Bestiais, a familiar luz branca começou a ficar mais intensa. Instintivamente, Mason abriu a tampa do braço direito da cadeira e bateu com força no grande botão vermelho. A redoma foi ejetada de imediato, afastando-se em alta velocidade do restante da nave. Se os cadetes não tivessem apertado os cintos, teriam sido jogados no chão. A *Egito* deixou de existir no momento seguinte, transformada em pó pelo raio branco, como ocorrera com tantas outras naves nos últimos dez minutos.

Mas o ângulo da ejeção tinha sido mal calculado. Em vez de mandar a redoma para longe da grande boca, eles estavam avançando diretamente para aquela mandíbula metálica. Mason viu o lado de dentro da garganta da nave, bem de perto, pela primeira e última vez. Dentro da boca, havia um fogo inacreditável. Ele via a carcaça fumegante de outras naves lá dentro, como pedaços de carne presos entre os dentes de um ser carnívoro. Mas eles tinham vencido: à direita, na parte do seu campo de visão que não era ocupada por uma grande boca fumegante, ele viu as duas estações espaciais se afastando rapidamente da nave dos Bestiais. A *Olimpo* já tinha preparado seu gigantesco portal hiperespacial.

Mason só podia torcer para que o rei conseguisse tirar sua *Falcão* de lá em segurança e, mais tarde, devolver a tripulação do ComET a seus camaradas. Ele olhou primeiro para Merrin, depois para Susan, e desejou que eles tivessem mais tempo. Queria dizer algo a elas; não sabia ao certo o quê. Queria dizer a Merrin que sentia muito; ela teria o restante da vida pela frente se ele não a tivesse puxado para dentro da *Egito*. Se não precisasse tanto dela.

A grande boca se fechava, e a mandíbula inferior subia num brilhante arco laranja.

Mason fechou os olhos.

MASON ABRIU OS OLHOS POUCO tempo depois, quando recuperou a consciência. Mais tarde, ele descobriria que a redoma não era equipada com amortecedores gravitacionais e, por isso, quando esta foi subitamente lançada a uma velocidade rápida demais para o corpo humano, todos na ponte de comando desmaiaram. Por sorte, ninguém morreu. Como resultado, dois cadetes haviam tido sangramento no globo ocular e outro quebrara o braço.

Durante os quinze segundos nos quais esteve inconsciente, Mason viu a história do Povo. O livro dentro de seu cérebro finalmente abriu suas páginas, e o nascimento e morte de uma civilização estavam agora em sua cabeça. Era muita coisa para se compreender de uma vez, ou quem sabe fosse demais para a mente humana, mas ele viu os problemas que o Povo enfrentara. Os mesmos desafios que os humanos tinham vivido nos últimos novecentos anos. Era tudo consequência da ganância, concluiu ele. O Povo quisera mais e mais, e foi preciso uma erupção solar para que eles recuperassem algum bom senso, ainda que à força. A superfície de Nori-Azul fora uma cidade. O planeta inteiro era uma cidade só. Mas a erupção solar reduzira tudo a meras montanhas de metal. Tudo que era eletrônico fora destruído. Foi então que os Bestiais se separaram de vez, constituindo uma raça à parte, e as lendas diziam que a erupção tinha sido responsável pela mutação dos Bestiais. O Povo quisera descobrir uma nova maneira de viver; ainda que seu planeta estivesse morto, havia sinais de que retornaria a seu estado puro e florestal. Os Bestiais não estavam preocupados em mudar, e por isso as duas espécies entraram em conflito.

Mason despertou antes que pudesse ver a guerra. Ele acordou com a sensação tranquilizadora de que, independentemente do que tivesse ocorrido entre as duas raças, Nori-Azul *tinha* voltado ao seu estado puro e florestal. E, por isso, havia se tornado o objeto de disputa entre duas raças guerreiras que lutavam pelo direito de destruí-lo novamente, mas isso parecia estar mudando. Ele tinha algum tipo de entendimento vago e profundo do fato de que o universo era cíclico. Mas talvez esse fosse seu lado humano: poderia haver no espaço

alienígenas que fossem realmente sábios, que tivessem aprendido com ciclos suficientes.

A primeira coisa que Mason viu foi o que havia do outro lado da redoma da *Egito*: estava olhando para a nave dos Bestiais, só que muito menor. Ele percebeu que a nave era menor porque estava muito longe. Atrás dele, a *Falcão* avançava com os propulsores à metade da potência, e seus motores brilhavam mais do que as estrelas. A redoma estava sendo rebocada.

Mas logo parou de ser puxada pela nave maior. Enquanto a atordoada tripulação recuperava a consciência, a redoma foi trazida para o compartimento de carga, onde o restante da tripulação da *Egito* estava à espera. A redoma passou pelo campo de força que separava a *Falcão* do espaço, raspando no chão até chegar ao meio do compartimento. Os soldados do ComET vieram correndo ao encontro dos companheiros, celebrando, batendo os punhos na redoma. Todos sorriam.

Susan espreguiçou e bocejou, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Havia seiscentas mil pessoas a bordo da estação *Olimpo* hoje, irmãozinho – disse ela.

Mason só conseguiu acenar com a cabeça; ele tremia.

Jeremy abriu as portas da parte de trás da redoma, e os cadetes saíram para serem recebidos nos ombros dos companheiros, que os carregaram pelo compartimento. Ninguém se importava com o fato de ainda estarem numa nave tremista. Era óbvio que as coisas tinham mudado. Ainda não se sabia ao certo como tudo seria, mas não restavam dúvidas de que uma mudança havia acontecido.

O rei chegou alguns minutos mais tarde e chamou Mason para a redoma. O monarca o ajudou a subir na lateral e o seguiu com um único salto, que o levou ao topo da estrutura. Os demais tremistas vieram ao compartimento, mas suas garras a laser estavam guardadas. Mason olhou diretamente para a cadeira do capitão, imaginando se algum dia voltaria a se sentar naquele assento.

– Temos um novo inimigo – começou o rei.

Ele e Mason explicaram a ambas as raças aquilo que o rapaz tinha aprendido com o livro. Enquanto falavam, comentários ecoavam pela multidão, que logo se calava.

– E quanto à Terra? – gritou alguém. Várias vozes repetiram a pergunta.

O rei ergueu as mãos para pedir silêncio.

– A Terra está em segurança, e será devolvida ao seu sistema solar quando um novo portal for criado. Ela é agora vizinha do nosso mundo natal. Um lugar

que todos vocês visitarão em breve, se quisermos encontrar uma maneira de deter essa nova ameaça.

Mason esperava uma nova rodada de comemorações; porém, na verdade, a mágoa entre as raças ainda era muito recente. Havia esperança, no entanto. As feridas começariam a cicatrizar, com sorte. Alguns bateram palmas, mas isso foi tudo.

Os soldados do ComET continuaram no compartimento de carga durante o resto da viagem. Susan o encontrou mais tarde, apertando seus ombros e inclinando-se para lhe dizer no ouvido:

– Mamãe e papai ficaram orgulhosos – disse ela.

Mason teve vontade de chorar novamente, mas não era o que um capitão faria. Em vez disso, apenas fez um aceno positivo com a cabeça.

A viagem foi longa e um pouco tediosa e, por isso, Mason reuniu os outros, levando-os de volta à redoma, onde eles ativaram Elizabeth mais uma vez e pediram que lhes preparasse simulações de batalha.

DUAS SEMANAS MAIS TARDE, FALTAVAM dois dias para o início da Academia II. Mas Mason estava longe de Marte: não se encontrava nem mesmo no sistema solar daquele planeta. Ele estava a bordo da estação espacial tremista que tinha ajudado a salvar. O nome dela era *Vontade*.

A cerimônia do tratado ocorreu na parte central, que consistia na recriação perfeita de um parque. Havia um lago com árvores de folhas verdes e azuis, e pássaros nos galhos. Formas escuras nadavam sob a superfície do lago, que era de um dourado que tendia ao rosa. Havia uma clareira em meio às árvores. O escuro do espaço era visível acima deles, separado por uma redoma bastante semelhante à da *Egito*. E, naquele espaço, Mason via dois planetas partilhando a mesma órbita. A Terra era a esfera azul cheia de nuvens, e o mundo natal dos tremistas, que eles chamavam de Skars, era a esfera amarelada, um pouco menor.

O almirante Shahbazian estava de um lado com seus acompanhantes, e o rei colocava-se do outro com as próprias companhias. O monarca não usava a máscara. Era o pai de Merrin, sem dúvida nenhuma. Cabelo roxo, pele claríssima. E olhos benevolentes, por mais surpreendente que fosse. No início, Mason não acreditou. Ele ainda usava a armadura cor de sangue. E o rei era acompanhado por quatro Rhadgasts. Mason teve a sensação de que o observavam o tempo todo.

Entre os dois grupos, havia um pedestal e, sobre este, três papéis e uma antiga pena, que esperavam pelos representantes de ambos os lados.

O almirante Shahbazian disse:

– Hoje assino este tratado na esperança de que nossas grandiosas raças possam trabalhar juntas contra o inimigo comum. Que possamos redescobrir nosso passado juntos e encontrar o elo que faz de nós irmãos.

Alguns fotógrafos acionaram suas câmeras. Uma transmissão em vídeo era exibida para ambos os planetas e para todas as naves sintonizadas naquela frequência.

O rei disse:

– Hoje assino este tratado pelos mesmos motivos.

Tom riu. Susan o cutucou. Mason também não pôde conter o sorriso.

– Com uma condição – disse o rei.

A brisa artificial do parque pareceu desaparecer, e não se ouviu nenhum ruído além daquele produzido pelas folhas ainda se agitando nos galhos.

– Qual é a condição? – disse Shahbazian

Mason pensava que já sabia qual seria a condição. Merrin estava bem a seu lado. Usava seu uniforme do ComET e tinha o cabelo roxo preso num rabo de cavalo. Ele segurou a mão dela, e ela apertou a dele antes que ele pudesse fazê-lo. A sensação era a de um cumprimento de despedida. Mason quase abriu a boca para dizer algo. “Espere.” Ou: “Não vá”. Mas ele não teve chance para fazer isso.

– Quero minha filha de volta – disse o rei.

Merrin se libertou da mão de Mason antes que o almirante pudesse dizer não. Ela deu um passo adiante e falou:

– Vou voltar.

Ninguém disse nada. Merrin caminhou na direção do pedestal, o ponto intermediário. Ela se voltou para o pessoal do ComET.

– Tenho que ir, mas vou voltar.

Foi então que Mason compreendeu o sacrifício dela. Sabia que a amiga provavelmente não queria ir, por mais que tivesse curiosidade a respeito do mundo do qual fora tirada. Mas, ao aceitar, ela mantinha o tratado vivo. Ao ir voluntariamente, mostrava que aquela era uma escolha sua. Ninguém poderia fazê-la ir ou ficar. Mason a admirou ainda mais naquele momento, e se perguntou se conseguiria ser forte o bastante para fazer o mesmo caso estivesse na posição dela. Esperava que sim.

Merrin Solace voltou para o lado do pai. A notícia de como ela tinha sido separada dos tremistas havia feito dela uma celebridade. Quando tinha dois anos, um soldado de elite do ComET chamado Howerdell a havia roubado da antiga nave *Falcão* do rei durante um ataque. Em vez de revelar quem ela era e usá-la, o almirante da época a tinha entregue a um casal, que deveria criá-la como sua própria filha. O casal, formado por um médico de alta patente e uma jovem tenente do ComET, aceitou a missão, pois já estava havia oito meses na lista de adoção. Depois, soube-se que Merrin e a família eram vigiados o tempo todo, e o ComEt pretendia usá-la quando chegasse o momento da resistência final da humanidade contra os tremistas. A última moeda de troca. Mason ficou surpreso

em ver que aquela notícia não tinha gerado mais simpatizantes com a causa dos tremistas. Merrin tentara entrar em contato com sua família após a batalha na órbita de Nori-Azul, para ouvir a versão deles, mas o ComET isolara sua mãe e seu pai em algum lugar.

Não restava mais nada a ser feito a não ser assinar o tratado. Em seguida, as duas partes se cumprimentaram, mas não houve celebração. Muito fora perdido, e o motivo para o tratado era sombrio demais.

– Tenho mais um pedido a fazer – disse o rei depois de cumprimentar Shahbazian.

– Qual é? – perguntou o almirante.

O rei olhou para Mason e ergueu uma das sobrancelhas.

– Meus Rhadgasts solicitaram que este jovem seja mandado à escola deles para receber treinamento. Dizem que ele tem o dom.

– Isso está fora de questão – disse Shahbazian, numa voz tão baixa que Mason só pôde ouvi-lo porque estava bem a seu lado. – Você já levou um de meus cadetes hoje.

O rei acenou com a cabeça.

– Eles ficarão decepcionados. Mas a oferta continua valendo, caso mude de ideia, jovem Stark

Mason ainda processava aquilo que fora dito. Um convite para treinar como Rhadgast? Ele tinha ouvido algo a respeito de uma escola e também de um dom. Pelo menos estaria ao lado de Merrin; ela não ficaria sozinha em Skars.

– Posso pensar a respeito... – começou Mason, mas o almirante já o conduzia de volta ao transporte.

– Espere! – disse uma voz diferente.

Mason deu meia-volta. Um dos Rhadgasts caminhava em sua direção, com o manto preto estendendo-se pelo chão atrás dele. Tinha nas mãos um par de luvas roxas. Elas pareciam encolhidas, mas Mason sabia que cresceriam. O Rhadgast se ajoelhou diante de Mason, que manteve a postura ereta e não piscou.

Ele colocou as luvas nas mãos de Mason e se inclinou para a frente. Mason sentiu o calor emanado pela máscara do tremista, o mesmo que transbordava por sob o manto.

– Venha nos procurar – sussurrou o Rhadgast em seu ouvido –, se quiser conhecer a verdade sobre seus pais.

O Rhadgast se levantou e se afastou antes que Mason conseguisse elaborar qualquer pensamento. Ele mal conseguia respirar. O almirante o arrastava para longe outra vez, e Mason tropeçava, segurando as luvas com firmeza numa das

mãos.

“A verdade sobre seus pais...”

Mason procuraria os Rhadgasts e, em seguida, descobriria a verdade. Disso ele tinha certeza.

– O que foi que o bruxo lhe disse, filho? – perguntou Shahbazian, sem muito tato.

Ele dirigia a Mason um olhar fixo e estreito.

– Não consegui ouvir direito – respondeu Mason.

O almirante grunhiu, mas não disse mais nada. Eles passaram pelos repórteres, que gravavam vídeos e gritavam perguntas:

– Mason! Mason Stark! Por que o Rhadgast lhe deu luvas? Qual é a sensação de ser um herói?

Mason os ignorou. Ele não era um herói, e sim um soldado.

Por sobre o ombro, viu Merrin assumindo uma postura nobre ao lado do monarca, seu pai. Sua melhor amiga acenou para ele e sorriu. Mason respondeu com um sorriso forçado. Esperava poder vê-la de novo, mas não sabia se isso seria possível.

Porém, de uma coisa tinha certeza: era hora de voltar para a escola.

Sua opinião é
muito importante!

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo "Assunto".

Conheça-nos
melhor em

vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr



[facebook.com/ladrosdeplaneta](https://www.facebook.com/ladrosdeplaneta)

Capa
Rosto
Créditos
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53